



APOCALIPSE

**A IRA DOS
JUSTOS**

MANEL LOUREIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

APOCALIPSE Z 03
A IRA DOS JUSTOS

MANEL LOUREIRO DOVAL

Tradução Sandra Martha Dolinsky

Editora Planeta

2011

Este é para Rita e meus pais, por sua paciência e amor infinito.
Obrigado por estarem sempre aí.

Se partires um dia rumo a Ítaca, faz votos de que teu caminho seja
longo e repleto de aventuras, repleto de saber.

K. Kaváfis, Ítaca

Como quase todas as coisas, começou por puro acaso. Aquele pedaço do oceano Atlântico havia muitos meses não testemunhava nada excepcional. Durante o último ano e meio, apenas duas baleias e um pouco de lixo flutuante haviam cruzado aquele espaço de mar, situado em um ponto intermediário entre a América e a Europa. Embora jamais houvesse se situado nas principais rotas de transporte marítimo, a ausência humana era mais notável que nunca. Nem um só barco, nem uma vela ou coluna de fumaça se vislumbrava no horizonte. Nada. Era como se o ser humano houvesse desaparecido da face da Terra. E, pensando bem, isso era exatamente o que havia acontecido.

Ou quase. Mas naquele ponto perdido no meio do mar não havia nada nem ninguém a quem aquilo importasse, ou que ao menos pudesse refletir sobre isso. Porém, continuavam acontecendo coisas ali. No início, foi um pequeno aumento de temperatura, apenas uns quatro ou cinco graus. O sol de agosto estivera aquecendo a superfície da água durante vários dias seguidos, provocando uma evaporação invisível, mas constante. Todas aquelas toneladas de vapor de água foram subindo rapidamente à atmosfera, tão rápido que, à medida que subiam, esfriavam a toda a velocidade, transformando-se em uma densa camada de nuvens. Ao mesmo tempo, a pressão atmosférica começou a cair rapidamente, enquanto nas áreas circundantes o vento, impulsionado pela diferença de pressão e pela rotação da Terra, começava a se mover em gigantescos círculos preguiçosos, que adquiriam cada vez maior velocidade.

Se algum meteorologista estivesse ali presente (coisa difícil, porque naquele momento restavam vivos apenas uns quarenta especialistas em clima no mundo todo, e quase todos eles estavam mais preocupados com a própria sobrevivência do que com curvas isobáricas), teria sido capaz de dizer que aquilo era uma célula de convecção de tempestade. Ou melhor, uma supercélula. E que as supercélulas eram extremamente raras tão ao norte.

Mas naquele pedaço de mar não havia nada, nem ninguém. Os satélites meteorológicos que deviam monitorar o oceano foram se apagando ou se chocando contra a atmosfera ao longo dos últimos meses por falta de manutenção, e as salas de controle na Terra estavam abandonadas. Por outro lado, não restava ninguém que pudesse dar o aviso.

Por isso, quando trinta horas depois aquela supercélula de convecção se transformou em um furacão de força três e começou a avançar rumo à costa africana, não houve nem uma única testemunha do nascimento daquele monstro atmosférico. E, devido a isso, ninguém pôde avisar os tripulantes de um pequeno veleiro

que navegava quatrocentas milhas para o leste de que o inferno estava prestes a cair sobre a cabeça deles.

— Que teremos hoje para comer? A pergunta saiu disparada da boca de Prit assim que ele pôs a cabeça dentro do camarote do Corinto Adivinhe — resmunguei com meio sorriso, voltando-me para observar a cara de meu colega de tripulação. Baixo, fibroso e em uma surpreendente condição física para quem estava mais perto dos quarenta que dos trinta, os intensos olhos azuis de Víktor Pritchenko me olhavam da porta que dava para o interior do veleiro, enquanto o vento revolia seu longo cabelo louro. O sol havia tostado a pele do antigo piloto de helicópteros ucraniano até lhe dar um espetacular tom acobreado que contrastava enormemente com seu louro e duro bigode. Não me diga que temos peixe outra vez gemeu Víktor. Estou farto dessa dieta de sardinha!

— E eu também — sorri —, mas temos que aproveitar que estamos atravessando uma boa zona de pesca. Não sabemos quanto vamos demorar para chegar a terra, nem quando tornaremos a ter algo comestível nadando por perto. Além do mais, você sabe que as reservas a bordo são para uma emergência. Vi o ucraniano lambe mentalmente os beiços pensando nas poucas latas de conservas empilhadas em um pequeno armário ao fundo do camarote, mas finalmente seu bom senso se impôs. Com um gemido, voltou-se e dirigiu-se de novo ao convés, resmungando em ucraniano uma ladainha de palavrões. Assim que apoiou os pés no primeiro degrau, uma enorme bola de pelo laranja pulou sobre ele como uma bala de canhão, fazendo-o tropeçar e cair ao chão. Os palavrões do ucraniano subiram um pouco de tom, enquanto ele tentava em vão pegar o inquieto gato persa que o observava divertido e brincalhão do alto de um beliche, mas não chegou a se irritar. Era necessário muito mais que isso para que o eslavo perdesse o controle. Prenda de uma vez esse maldito gato ou juro por Deus que um dia desses eu o jogo pela amurada! Não acredito respondi, sem tirar os olhos das cavalas recém-pescadas que estava limpando. Sei que no fundo você gosta dele; e além do mais, o gato não é meu.

Acho que Lúculo pensa que todos nós pertencemos a ele. Como para manifestar sua aprovação, Lúculo proferiu um longo e sonoro miado enquanto pulava do beliche e, em contorções felinas, vinha para mim, com a esperança de que aquelas entranhas de peixe acabassem em seu prato. Pritchenko por fim saiu da cabine e me deixou sozinho com meus pensamentos. Olhei para minhas mãos, cheias de bolhas e escamas de peixe, e deixei escapar um risinho amargo. Ainda me parecia incrível.

Apenas um ano e meio atrás, minha vida era totalmente diferente. Eu era um respeitado advogado que morava e trabalhava em Pontevedra, uma pequena cidade situada no noroeste da Espanha. Ali eu tinha minha vida, meus amigos, todo o meu maldito e encantador pequeno universo. Um pequeno-burguês trintão, alto, magro, bonito segundo diziam, e com todo o futuro aos meus pés. Um fruto brilhante da árvore do baby boom. Nascido com o rabo virado para a lua, como costumavam dizer em minha família. É verdade que meu pequeno universo também tinha suas goteiras. Minha mulher havia morrido em um acidente de trânsito estúpido (existe algum que não o seja?)

uns meses antes da pandemia, e eu havia levado muito tempo para sair do profundo buraco negro de depressão em que havia me enterrado, sem saber muito bem como.

Quando o Apocalipse eclodiu, eu estava começando a me recuperar depois de um ano desastroso, no qual o desespero havia apertado tanto meu pescoço que eu havia abandonado quase por completo o trabalho, os amigos e a família, agoniado pela culpa e por uma dor sem fim. Por que diabos deixei que ela dirigisse, em uma noite de cão como aquela? Durante aqueles meses alcoólicos e difusos eu vira tantas vezes o fundo da garrafa que chegara ao ponto de desejar ver de perto o fundo do cano de uma escopeta. Seria fácil, rápido e, se fosse bem feito, indolor. E então, chegou Lúculo. Aquele pequeno gato persa cor de laranja foi um presente de minha irmã, preocupada com minha descida aos infernos. Que diabos terá sido feito dela? Onde caralho estará? E, sem dúvida, havia acertado com

aquele presente, pois a necessidade de cuidados daquele gatinho me permitiu esquecer minha autocompaixão e seguir em frente. Mas essa é uma história velha demais.

A verdade é que os problemas de todo o mundo se tornaram pequenos durante aquele Natal de um ano e meio antes, quando as portas do inferno se abriram no Daguestão.

Tenho de reconhecer que eu, assim como a maioria dos habitantes do Ocidente, nem sequer havia ouvido falar daquela pequena república ex-soviética perdida no meio da Ásia central. Não sei se aquele pequeno país chegou a ter, em alguma ocasião, um maldito Ministério do Turismo, mas em caso afirmativo deveriam lhe dar um prêmio (póstumo), porque nas duas últimas semanas em que o planeta teve meios de comunicação o nome daquele pedaço de terra perdido no Cáucaso foi, sem dúvida, o mais repetido em todas as nações do globo. A história é conhecida; de fato, qualquer pessoa que ainda esteja viva neste planeta a conhece perfeitamente. Um grupo de malucos extremistas (Allah Akbar!) proveniente da Tchetchênia tenta assaltar um velho depósito de armas da época soviética com a intenção de conseguir material de guerra para sua jihad.

O assalto dá certo, mas o butim é um lixo. Em vez de AK-47, granadas, RPG e cinturões de munição, os mujahedins encontram um laboratório da época soviética meio abandonado, guardado por uma dúzia de soldados esquecidos, e cheio apenas de provetas, tubos de ensaio e alguns frigoríficos de alta segurança. O resultado é frustrante, e o líder tchetcheno, fulo da vida, ordena a seus homens que arrasem o lugar antes de ir, inclusive aqueles enormes frigoríficos com adesivos de advertência e cartazes em alfabeto cirílico cobrindo suas portas.

Essa é a última ordem que dá, e, sem dúvida alguma, a mais estúpida de todas. Menos de quinze minutos depois, ele e todos os seus homens estão infectados com o vírus TSJ, que dormia tranquilamente havia vinte e quatro anos no fundo de um matraz,

dentro daquela geladeira. Apenas quarenta e oito horas depois, o vírus já se espalha sem controle pelo Daguestão, e em apenas duas semanas por todo o mundo, de maneira incontrolável. A essa altura, o líder guerrilheiro do assalto já está morto (ou melhor, transformado em um não morto), de modo que não tem ciência de que com seu pequeno assalto desencadeou o Apocalipse sobre a face da Terra. A humanidade apagada do mapa por causa de um bando de pastores analfabetos que não souberam ler os cartazes de advertência em um frigorífico. Irônico. Ironia do caralho. Quando o TSJ se espalhou por todo o planeta, os acontecimentos se sucederam muito rapidamente. Aquele pequeno vírus liberado acidentalmente pelo guerrilheiro de nome desconhecido era um filho da puta da pior espécie. Não só era um vírus extremamente contagioso e letal, como também seu código genético estava programado para continuar se espalhando mesmo depois de ter eliminado seu receptor portador. Seu criador (pois o TSJ era um produto da mente humana) havia sido um dos melhores virologistas que a União Soviética fornecera. Embora estivesse morto e esquecido fazia pelo menos duas décadas, havia feito um trabalho brilhante de bioengenharia antes de morrer quando tentava fugir para o Ocidente por Berlim Ocidental. O TSJ havia sido seu legado científico mais brilhante, mas, infelizmente, ficara esquecido quando todo o projeto que dirigia fora submetido à inevitável purga posterior à sua morte. Todos os seus experimentos ficaram confinados naquelas geladeiras de segurança, à espera de uma posterior reavaliação, mas a pesada burocracia soviética primeiro e a queda da URSS mais tarde ajudaram a fazer que tudo aquilo se perdesse no esquecimento.

Até aquele dia. Para os infectados pelo TSJ não estava nada fácil. Primeiro, morriam em meio a violentas convulsões e terríveis dores, de uma virulência similar à do ebola, e se levantavam horas depois, quando já estavam clinicamente mortos, transformados em uma espécie de sonâmbulos agressivos que atacavam todo ser vivo que cruzasse seu caminho. Não mortos, assim a imprensa começou a chamá-los. Até que a imprensa deixou de existir, porque a maior

parte de seus integrantes havia engrossado a legião de infectados que rapidamente estava ocupando o mundo. Tudo aquilo me pegou como em um pesadelo. Quando me dei conta, estava envolvido em uma das incontáveis evacuações urbanas que ocorreram de forma simultânea, enquanto a ordem social se desfazia em pedaços e o caos se espalhava por todo o mundo como um incêndio por uma pradaria. Os meios de comunicação foram seguidos pelas telecomunicações, e, mais tarde, até as estruturas de governo começaram a entrar em colapso. No prazo de três semanas desde a chegada da infecção à Espanha, tudo estava acabado. Já não restava nenhuma ordem. Já não restava população. Dos bilhões de habitantes que ocupavam o mundo um mês antes, apenas um punhado de sobreviventes, uns poucos milhares, corriam daqui para lá tentando sobreviver, no meio de um mar de não mortos, passivos e não muito inteligentes, mas avassaladores por seu número. Estavam em todos os lugares, sem necessidade de comer nem de dormir, e para os sobreviventes só havia restado uma alternativa viável.

Fugir.

Mergulhei as cavalas estripadas em um balde com água do mar, mas deixei de lado as entranhas para o gato, em seu potinho de comida. Lúculo me observava com atenção felina, como se perguntando por que diabos eu estava demorando tanto para servi-lo. — Aqui está, senhor. — Acariciei suas costas enquanto ele se jogava sobre os restos do peixe. — Sei que não é exatamente Whiskas, mas pelo menos é alguma coisa, rapaz. Lúculo começou a mastigar ruidosamente, misturando estalos com gorjeios de satisfação. Enquanto observava o gato engolir as entranhas, não pude evitar que uma onda ácida me subisse do estômago à boca. Eu me apoiei em uma divisória enquanto a náusea passava. Já havia contemplado a morte terrível de muitas pessoas durante os últimos meses, e às vezes pequenas coisas cotidianas, como aquela, me provocavam um enorme mal-estar. Algo natural, se pensarmos que antes do Apocalipse o mais perto que eu havia estado de um ser morto fora

quando comprava chuletas no supermercado. Lúcuo levantou a vista de seu prato e me observou, levemente assustado pela cor pálida que minha pele havia adquirido. Sensatamente, decidiu não fazer nenhum comentário felino e se concentrou de novo em sua ração. Movimentando-me trabalhosamente no pequeno espaço da cabine, fui até o banheiro do Corinto II. Não havíamos tido tempo de fazer a aguada antes de zarpar, de modo que a água doce a bordo estava severamente racionada. Havíamos enchido o depósito do banheiro que utilizávamos para nos lavar com água salgada extraída diretamente do oceano. O sal corroeria todos os encanamentos do barco em poucos meses, mas eu tinha fé em que não teríamos que permanecer tanto tempo a bordo do barco. O resultado de duas semanas nos lavando com água salgada se via em nosso cabelo encrespado e nas auréolas de salitre que endureciam toda a nossa roupa. Lavei meu rosto várias vezes e me observei no espelho lascado do lavabo. Do outro lado me contemplava um homem moreno, de feições angulosas e uma densa mata de cabelo preto. Os olhos, profundos e escuros, estavam levemente injetados de sangue, resultado da falta de sono e de longas semanas de estresse. Ou talvez devesse dizer meses. Minha vida havia sido uma completa odisséia desde o momento em que eu me vira forçado a abandonar minha cidade por causa da expansão da pandemia. Primeiro, eu tinha fugido de barco para a cidade vizinha, Vigo, onde havia se formado a maior Área Segura da Galícia, simplesmente para descobrir que aquela era uma cidade arrasada. Após uma série de peripécias, havia feito amizade, nas ruínas da cidade, com Víktor Pritchenko, um ucraniano piloto de helicóptero contratado para combater incêndios florestais que havia ficado preso na Galícia por conta daquela catástrofe, a milhares de quilômetros de sua família e de seu lar.

Desde aquele momento, Víktor e eu havíamos sido inseparáveis. Sem sombra de dúvida, o fato de estarmos juntos tinha salvado nossa vida em mais de uma ocasião.

Começamos a agir como uma equipe, tentando abrir caminho pelas ruínas calcinadas e cheias de não mortos da cidade de Vigo, e depois, ao longo de toda a nossa agitada viagem de fuga da península Ibérica, que nos levou finalmente às ilhas Canárias. Descobrir que as ilhas Afortunadas haviam se transformado em um enorme acampamento de refugiados ao ar livre, ocupado por sobreviventes chegados de todo o mundo, com um racionamento e uma a repressão militar feroz, e ainda por cima à beira de uma guerra civil, tinha sido um duro golpe para nossas esperanças. Quando a situação se tornou insustentável e nossa vida começou a correr perigo, decidimos que procurar novos horizontes era a única e alternativa viável. As ilhas de Cabo Verde não ficavam excessivamente longe, e já antes do Apocalipse haviam sido um lugar remoto e pouco povoado. Confiávamos em que a infecção não houvesse chegado lá. Por deria ser um lugar maravilhoso para recomeçar nossa vida. E, além do mais, havia Lucía, claro. Saí do banheiro, deslizando por entre a mesa central e a base do o mastro que descia do convés até se incrustar no fundo da quilha do barco. A porta que dava para o camarote da proa estava entreaberta. Enfiei C a cabeça, tentando fazer o menor barulho possível.

Deitada na cama, Lucía dormia profundamente. Usava apenas um biquíni estampado de flores cor-de-rosa, e um de seus braços pendia, relaxado, de um lado da cama. Na mão ainda segurava uma velha revista de moda que devia ter saído da gráfica havia muito, muito tempo, mas que compunha quase toda a biblioteca a bordo, junto com um manual de navegação e meio jornal esportivo que o último proprietário do barco havia usado quase um milhão de anos antes para calçar uns tonéis na sentina. Lucía havia se juntado a nosso pequeno grupo poucos dias depois de Prit e eu termos nos conhecido. No caos que se originou quando se ordenou a evacuação dos principais núcleos de população, aquela garota havia sido separada de sua família.

Perdida e assustada, ela acabara se refugiando no porão de um hospital, onde havia sobrevivido entrincheirada até que Prit e eu

topamos com ela. Sem saber muito bem como, e antes que percebêssemos, nós nos apaixonamos profundamente, apesar de uma diferença de idade de quase quinze anos. Definitivamente, pensei com um meio sorriso, o mundo havia mudado muito. A maioria dessas mudanças tinha sido uma merda do tamanho de um porta-aviões, mas algumas coisas, como ter conhecido aquela garota, faziam que de vez em quando eu agradecesse profundamente pelo fato de aquele estúpido assalto do Daguestão ter acontecido. Porém, apesar de toda a desordem, de todo o caos, da morte e da devastação que haviam se abatido sobre o mundo por causa daquele maldito acidente, certas coisas não haviam mudado nem um tiquinho. Os homens continuavam sendo violentos, egoístas e perigosos, e quando a ocasião requeria continuavam sendo uns assassinos natos; mas também continuavam rindo, cantando, sonhando, chorando e, de quebra, se apaixonando. Principalmente quando se encontrava uma mulher como aquela. Era o tipo de mulher que, antes do Apocalipse, criaria um congestionamento com sua mera presença e faria que os homens com quem cruzasse virassem a cabeça. E agora também, eu me corrigi mentalmente, só que no mundo já não restavam muitos homens a quem poder impressionar. Alta, esbelta, com umas pernas intermináveis, uma cabeleira negra que emoldurava um rosto harmonioso de altos pômulos e dois brilhantes olhos verdes, tinha essa beleza provocante e sensual que costumam ter as mulheres quando abandonam a adolescência. Com apenas dezoito anos, com frequência me recordava uma pantera, principalmente quando se esticava preguiçosamente, como fazia naquele momento.

Tentando não a assustar, aproximei-me dela e beijei suavemente seu cabelo. Lucía gemeu em sonhos e se virou, com os olhos semicerrados. — Que foi? — perguntou com voz de sono. — Já é meu turno de guarda? — Não, linda — sussurrei, passando as mãos por suas longas pernas.

Lucía havia feito o último quarto da guarda noturna, e estava dormindo havia apenas quatro horas. Em tese, nós três devíamos

fazer o mesmo número de horas de guarda, mas Prit e eu sabíamos que Lucía estava no limite de sua resistência física, de modo que procurávamos poupar-lhe pelo menos duas horas cada um. Ela não era boba e percebia o que fazíamos, mas intimamente agradecia o gesto. O esgotamento estava passando a conta a todos nós, mas Prit e eu tínhamos mais reserva física, pelo menos por enquanto. Continue dormindo. Você ainda pode descansar pelo menos mais três horas antes de ter que subir ao convés. Por que tanto cheiro de peixe? perguntou de repente, franzindo o nariz.

Adivinhe qual é o menu de hoje?! — respondi meio envergonhado, tentando esconder minhas mãos cheias de escamas de peixe embaixo da colcha.

Brffgghhh. — Lucía se virou e cobriu a cabeça com o travesseiro. Bem nesse momento, o barco deu um chacoalhão quando uma onda um pouco mais alta bateu na lateral do casco. Pensei que se fôssemos ter uma tarde de mar agitado, e era melhor acabar com a comida o quanto antes, para ajudar Prit a ajeitar os cabos. — Enfim, já que pergunta — prossegui sem compaixão —, estava em dúvida entre fazer uns filés Wellington com redução de vinho do Porto e batatas assadas ou umas simples cavalas cozidas sem acompanhamento. Sei que, no fundo, Víktor e você são duas pessoas de gostos simples, de modo que me inclinei pelo menu mais leve e... Cale-se de uma vez ou farei que se cale de outro jeito! disse enlaçando suas mãos atrás de meu pescoço e me olhando fixamente com seus enormes olhos verdes.

Um novo chacoalhão me fez perder o equilíbrio, e caí sobre ela. Senti a pressão de seus seios em meu peito nu e o sabor morno de sua saliva quando me beijou durante alguns segundos que pareceram intermináveis. Algo começou a se agitar dentro de minhas calças, e, de repente, senti a temperatura daquela cabine subir vários graus.

— Talvez pudéssemos comer a sobremesa antes da refeição — sussurrei em seu ouvido, enquanto minha mão deslizava para o nó

da parte de cima de seu biquíni. Como resposta, ela arqueou as costas para facilitar a manobra, enquanto mordiscava meu pescoço. De repente, um novo golpe do mar sacudiu violentamente o casco do Corinto e, tão violentamente que nos fez rolar contra a parede de estibordo. Minhas costas bateram em um canto pontudo — cumprindo a velha norma marinha que diz que sempre que você for jogado de costas contra algo, vai acertar a única parte que pode machucar —, e por um momento não consegui respirar. — Você está bem? perguntou Lucía, tentando segurar a gargalhada que subia por sua garganta. Não pensei que fosse isso que quisesse dizer quando disse que... — Nem eu, acredite resmunguei, levando a mão à base das costas. Doía como se me houvessem cravado uma estaca na coluna. Que diabos Víktor está fazendo ali em cima? A voz urgente do ucraniano me respondeu antes que eu pudesse dizer qualquer coisa. — Venham aqui depressa! Precisam ver isto! Com um salto, abandonei a cama e corri para a portinhola que dava para o convés.

Ao atravessar a cozinha do barco, tive leve consciência de que a travessa onde estava o peixe havia caído ao chão e que Lúculo estava espreitando com olhos gulosos as cavalas estripadas que se moviam pelo chão de um lado para outro acompanhando as guinadas cada vez mais fortes que o barco dava. Decidi que esse era um assunto que podia esperar e voei pelas escadas até chegar ao convés. O espetáculo me deixou boquiaberto. A última vez que estivera fora da cabine havia sido duas horas antes, quando estava pescando as cavalas que naquele momento pulavam enlouquecidas pelo chão da cozinha. O céu, que então estava totalmente limpo, como todos os dias desde que havíamos saído de Tenerife, havia se transformado em um inquietante mosaico esbranquiçado. Sobre nossa cabeça passavam rapidamente retalhos de nuvens a meia altura, agrupando-se e se separando de forma enlouquecida. O 18 mar, que estava bastante tranquilo até pouco antes, começava a se cobrir de ondas de espuma, que batiam nas laterais do barco sem nenhuma ordem aparente. Mas, quando voltei a cabeça para barlavento, senti meu sangue desaparecer do rosto. Um enorme muro negro cruzava todo o horizonte até mais além de onde a vista

alcançava, iluminado a intervalos de poucos segundos pelo resplendor de dúzias de raios que não podíamos ver dali. Aquele monstro era muito maior que a maior tempestade que eu já havia visto em alto-mar. Deslizei até o timão e dei uma olhada no barômetro. Como havia suspeitado, a coluna de mercúrio estava incrivelmente baixa, e continuava descendo diante de meus olhos de uma maneira perfeitamente visível. Engoli em seco e por um instante desejei que tudo aquilo fosse só um pesadelo. Eu já ouvira falar de uma grande queda barométrica antes, mas jamais pensei que fosse ver uma pessoalmente.

E menos ainda naquelas circunstâncias, a centenas de milhas do porto mais próximo e em um barco velho e em mau estado.

Que caralho é esse, capitão? Aos olhos de Víktor, o fato de eu ter o título de patrão de embarcações de recreio me transformava automaticamente em um experiente marinheiro. O fato de aquele título só me habilitar a pilotar pequenas embarcações e de que, até então, eu jamais houvesse me afastado mais de três milhas da costa, não parecia lhe importar muito, mas eu estava aterrorizado. — Ainda não tenho certeza, Víktor — respondi, girando apressadamente o enrolador do spinnaker —, mas se for o que estou temendo, podemos estar com um problema bem grande. — Grande como? perguntou o ucraniano, me ajudando a recolher a vela.

— Víktor, isso é grave respondi baixinho, olhando-o muito sério. Lucía havia aparecido pela escotilha e nos ouvia com os olhos arregalados, observando o muro de nuvens que se deslocava velozmente em nossa direção. — Espero estar enganado, mas, se não estiver... pode ser que daqui a menos de duas horas estejamos mortos.

Se houvesse acontecido quando o mundo ainda era um lugar habitado por humanos, aquela supercélula que se deslocava rumo à costa africana teria sido submetida a um acompanhamento exaustivo pelo Centro de Controle de Furacões. Alguém teria pegado

a lista alfabética de nomes que se confeccionava no início de cada ano e teria procurado o que correspondia àquele furacão especificamente. Edna, teria lido. Não era um nome ruim. Fazia que o acompanhamento fosse mais fácil, e, além do mais, permitia que os noticiários da televisão dramatizassem um pouco sobre o furacão quando tocasse em terra, como se fosse uma personalidade errática, destrutiva e malvada, com vontade própria, em vez de um cúmulo de nuvens de baixa pressão. Mas não restava ninguém que pudesse fazer aquilo. Por isso, quando o Edna finalmente tocou em terra à altura de Casablanca, ninguém foi testemunha da devastação que causou na cidade, onde arrasou o pouco que restava em pé e enterrou milhares de não mortos nas ruínas.

E também não houve ninguém que fosse testemunha da fúria dez vezes maior que o Edna desatou duzentas milhas mar adentro. Ninguém, exceto três pessoas.

Cuidado, Viktor! Assim que pronunciei essas duas palavras, uma onda do tamanho de um edifício de dois andares caiu sobre o judiado casco do Corinto II, fazendo gemer todos os cabos, e o mastro se dobrou perigosamente para estibordo. A amurada ficou totalmente submersa na água, e por um instante tive certeza de que o barco ia virar e de que havia chegado nossa última hora. Sequei a água salgada que inundava meus olhos e tornei a olhar fixamente em direção à proa, para o lugar onde o pequeno ucraniano estava apenas dois segundos antes, tentando caçar uma escota que havia se soltado por causa do forte vento. No meio do turbilhão de ar e das rajadas de água que respingavam em todas as direções, encontrei a figura de Pritchenko, envolvido em um impermeável e preso a um cabo de segurança, tossindo e arfando como um cão se afogando. O golpe de mar o havia jogado contra o mastro com tanta sorte que o colete salva-vidas que usava tinha amortecido o golpe. Se a água o houvesse arrastado apenas quarenta centímetros para um lado ou outro do poste de fibra de carbono, possivelmente ele teria sido lançado por cima da amurada. — Você está bem?

Víktor, você está bem? Responda, caralho! — Juntei as mãos nas laterais da boca para que minha voz chegasse até meu amigo, mas o uivo do vento por entre os aparatos era tão selvagem que era impossível que o ucraniano me ouvisse, embora estivesse a apenas três metros de mim. Porém, deve ter adivinhado minha pergunta, porque com um gesto cansado levantou os dois braços acima da cabeça com os polegares estendidos.

O furacão estava nos açoitando sem misericórdia fazia seis horas, e para mim era um verdadeiro mistério o fato de não termos morrido afogados pelo menos uma dúzia de vezes ao longo de todo esse tempo. Aquele iate não havia sido projetado para aguentar rajadas de vento de tamanha força, nem mesmo quando era um veleiro novo recém-saído do estaleiro, e muito menos em seu atual estado. A primeira amostra de que as coisas não iam bem foi com duas horas de tempestade, quando a vela gônoa se rasgou com um rangido e se afastou voando no meio do vendaval como a capa esvoaçante de uma bruxa. A partir daquele momento, ficamos capeando o temporal com muito pouco pano no mastro, tentando ir sempre à frente das ondas que ameaçavam nos engolir a qualquer momento. Fazia muito tempo que eu havia perdido a noção do tempo.

Sentia os braços garrotados após tantas horas tentando segurar o timão. Nossa única possibilidade de sobrevivência era nos manter sempre na direção do vento e das ondas. O Corinto II havia se comportado admiravelmente bem até então, cavalgando as monstruosas ondas cada vez que uma delas, do tamanho de uma colina, nos pegava pela popa. Quando isso acontecia, o barco começava a subir lentamente pela superfície abaulada do mar até chegar à crista da onda, coroada por um remoinho de espuma suja. Nesse momento, todo o casco ficava exposto à ação do vento, o que fazia o veleiro avançar com rapidez até chegar à borda da crista. Então, em meio ao barulho ensurdecido produzido por milhares de toneladas de água se deslocando a toda a velocidade, o iate se precipitava pela outra face da onda, com a proa

apontando diretamente para o vão que se formava entre duas ondas. Ao chegar ali, cravava-se como uma faca na manteiga derretida, e por alguns segundos, mergulhado entre duas ondas gigantescas, o vento parava de soprar. Então, a onda seguinte levantava a popa do Corinto II e o ciclo recomeçava, várias vezes. Assim durante seis intermináveis horas.

Aquilo tinha apenas um final possível. Em algum momento, alguma onda traiçoeira viraria o barco alguns graus a bombordo ou a estibordo, deixando o veleiro atravessado no vale que se formava entre duas ondas. Quando a onda seguinte batesse no barco, faria inevitavelmente que virasse. Um estalo nefasto me devolveu à realidade. Ao longo da base do mastro surgira uma fina rachadura, da espessura da ponta de um lápis, que um segundo antes não estava ali. Atônito, vi que, cada vez que o barco alcançava a crista de uma onda, a rachadura se estendia e se alargava. Calculei mentalmente que na certa o mastro aguentaria somente alguns minutos antes de se partir por completo. — Prit! Prit! — gritei em desespero, enquanto apontava para o mastro fazendo grandes movimentos. — Os cabos! Temos que cortar todos os cabos imediatamente!

O ucraniano olhou para mim confuso de início, mas logo compreendeu a gravidade da situação. Se o mastro se quebrasse e caísse pela amurada, ainda ficaria preso ao resto da embarcação pelos grossos cabos de aço trançado que o mantinham em posição. Com o mastro e toda a aparelhagem fazendo lastro embaixo d'água, o Corinto II perderia toda a manobrabilidade, e morreríamos em poucos segundos. Prit não era um marinheiro nato, mas sem dúvida era um sujeito esperto. Sua rapidez de reflexos o havia mantido vivo enquanto bilhões de pessoas tinham falecido durante aquela loucura. Agindo com celeridade, prendeu o cabo de aço mais próximo e, com a ponta de sua faca, atacou os passadores e puxadores que o mantinham preso ao convés, tentando em vão liberar o cabo. As veias do pescoço do ucraniano se incharam, enquanto ele fazia alavanca com a lâmina da faca. Mesmo em meio

às rajadas de vento que me sacudiam de um lado para outro, pude ouvir o grunhido que soltou quando a ponta da faca se partiu e ficou presa no vão. — É inútil! — gritou, sacudindo sua faca inutilizada acima da cabeça. — Não consigo soltar essa maldita coisa! Fiquei gelado.

Estávamos mortos. Total e fodidamente mortos. Uma mão firme bateu em minhas costas. Sem soltar o timão, voltei-me e vi que Lucía havia subido ao convés. A jovem usava um salva-vidas de emergência, assim como nós, mas não estava equipada com o impermeável para tempestades. A chuva e as ondas que saltavam sobre a popa a haviam ensopado por completo nos poucos segundos que estava ali; porém, isso não parecia afetá-la em absoluto. Era evidente que tinha ouvido a conversa, e, apesar disso, em seus olhos brilhava uma férrea determinação de se manter viva. Vamos tentar com isto! — gritou em meu ouvido, estendendo-me um objeto longo e pesado com a mão livre. Peguei-o como pude. Era um dos dois fuzis de assalto HK que tínhamos a bordo. Percebi que sua ideia era boa, porém difícil de realizar. Mas também não tínhamos nada melhor para tentar. — Você vai ter que fazer! — Tossi, depois de engolir pelo menos um milhão de litros de água salgada da onda que acabava de inundar a popa do barco. Eu tenho que manter o rumo! Depois que soltar o cabo de aço da popa, passe o HK a Víktor para que ele faça o mesmo na proa! Lucía assentiu e se voltou para o suporte que estava colocado bem na amurada da popa, acima do timão. Nessa posição, o vento açoitava diretamente seu rosto, projetando uma chuva contínua de água salgada em seus olhos.

Calma, menina, calma murmurei, mais para mim que para ela. Estávamos no alto de uma imensa onda, no ponto de máxima exposição ao vento, e o mastro começava a soltar uns sons alarmantes. Pedacos inteiros de fibra de carbono estavam se soltando longitudinalmente, e a rachadura já tinha largura suficiente para se introduzir nela um dedo inteiro. Todos os cabos uivavam, levados além do limite máximo de tolerância estabelecido pelo fabricante, e tudo ameaçava desabar iminentemente. A balandra se

inclinou bruscamente enquanto cavalgava a crista da onda, capturada por uma rajada de especial intensidade, e com um rugido se precipitou pela encosta da água envolvida em uma cascata de espuma.

Durante apenas dois segundos o vento pareceu se acalmar de repente. O Corinto II, preso no vão entre duas imensas ondas de mais de trinta metros de altura, ficou a salvo do vento, e por um instante irreal tudo voltou à calma. Pude ouvir perfeitamente o dique-dique das gotas de água que caíam da eslinga, batendo no convés. Esse momento de calma era o que Lucía estava esperando. Com uma expressão tranquila, colocou o HK no ombro e, durante o tempo de uma inspiração, apontou para o suporte que segurava o cabo de aço da popa e apertou o gatilho. O HK, na posição automática, pareceu ganhar vida nas mãos da garota, que a duras penas conseguiu suportar o forte coice da arma. Um mosaico de buracos pretos surgiu no convés na popa do barco, enquanto uma chuva de pedaços de teca, fibra de vidro e metal quente nos banhava de cima a baixo. De repente, duas balas acertaram o ponto exato onde o cabo de aço se prendia ao casco do veleiro. Tudo aconteceu muito rápido. O grosso cabo de aço, carregado de tensão devido à enorme força que o vento fazia contra a vela, se partiu num dos lados como se fosse manteiga após o impacto da bala de 5,56 milímetros do HK e começou a desfiar diante dos nossos olhos. Cuidado! — tive tempo de gritar enquanto soltava as mãos do timão e empurrava Lucía para o chão. Caí sobre ela enquanto o cabo se partia atrás de mim com um estalo e saía disparado como uma chicotada. A ponta partida do cabo de aço passou pelo lugar que a cabeça de Lucía havia ocupado apenas segundos antes e se chocou com violência contra a portinhola, fazendo voar enormes farpas de teca e cacos de vidro.

Depois de arrebentar a porta, o cabo se levantou no ar, sacudindo-se como uma cobra enfurecida, e passou para o outro lado do mastro, onde rasgou parte da vela de tempestade que estava içada. Só nesse momento percebi que Víktor não tinha nenhuma possibilidade

de cortar o cabo de aço que estava na proa, mas o próprio furacão se encarregou de solucionar o problema. O barco havia subido de novo na crista de uma onda, e nesse instante uma rajada particularmente forte nos acertou pela popa.

O mastro, já debilitado após longas horas de luta, rendeu-se definitivamente. Com um estalo que me fez ranger os dentes, a rachadura do pau se abriu como uma boca escura e finalmente estourou, salpicando todo o convés com pedaços de fibra de carbono. Por um momento, fomos testemunhas de um espetáculo que poucos marinheiros tiveram oportunidade de ver e poder contar mais tarde.

O mastro do Corinto II se elevou no ar, sugado pela imensa força do furacão, com o cabo de aço da proa pendurado na ponta. Durante uns três ou quatro segundos se manteve no ar, na proa do barco, preso a ele pelo outro cabo de aço, como se fosse uma estranha pipa fabricada por um carpinteiro louco. De repente, com uma sacudida, o outro cabo se partiu na ponta e o mastro se afastou, em meio aos torvelinhos de chuva, até cair no mar, entre duas gigantescas ondas que nos ultrapassavam pela direita. Havíamos nos salvado por um fio. Mas a situação não tinha cara de que ia melhorar. É melhor entrarem! — gritei acima do vento. — Aqui em cima não podem fazer nada! O caralho! — reagiu Pritchenko, sem rodeios, ajudando-me a me levantar. Se eu tiver que me afogar, quero que seja ao ar livre, e não trancado dentro dessa banheira!

Prit... — Apertei os punhos, tentando me controlar. Era muito perigoso permanecer no convés, mas o ucraniano podia ser muito cabeça-dura quando cismava com alguma coisa. Entre de uma vez por todas! É perigoso ficar no convés! Está de sacanagem? Eu não saio daqui! Entre de uma vez, russo cabeça-dura! — Já disse que não! E sou ucraniano, não russo! Bem nesse momento, Lucía interrompeu a discussão pondo a cabeça pela porta destruída que dava acesso ao camarote. Só de olhar para ela, percebemos que algo não estava bem. — Há dois palmos de água dentro da cabine

— disse baixinho, tentando controlar o medo. — Estamos afundando.

Era o que faltava, pensei. O velho casco devia ter alguma microfissura depois de passar anos flutuando ao sol em algum esquecido porto de esportes. Em algum momento, após meses de dilatação e contração, uma bolhinha de ar escondida no meio das lâminas do casco havia feito puf e começava a abrir caminho por entre a fibra de vidro. Na tempestade, aquela fissura tinha decidido se emancipar sem aviso prévio, e a água estava se infiltrando por algum ponto abaixo da linha de flutuação. Eu não sabia a que velocidade, mas em questão de minutos, horas ou dias (depende do tamanho da rachadura; se você tivesse um pouco mais de experiência náutica, saberia, amador) o barco estaria irremediavelmente condenado.

Um barco sem mastro, com uma infiltração de água de tamanho desconhecido e no meio da pior tempestade que eu já havia visto em minha curta experiência náutica. De foder. Fabuloso. Quem precisava dos não mortos? Eu sozinho me bastava para arrastar para a morte não só a mim, mas a todos os que me cercavam. — É verdade, isso?

perguntou Prit, com voz gelada. — Estamos afundando? Não menti. É só água que entrou pelas claraboias quebradas. Mas, por via das dúvidas, você poderia acionar a bomba. Eu vou disse Lucía.

Segurei a mão de minha garota por um segundo. Pude ver medo em seus olhos, mas também uma serenidade enorme, filha do sofrimento constante ao longo dos últimos meses. Se fôssemos morrer, Lucía o faria com aprumo, olhando a morte nos olhos... E provavelmente cuspiendo-lhe na cara. Eu tinha que contar a verdade a Víktor. O barco podia ir a pique em questão de minutos, e o ucraniano tinha que saber. Voltei-me para ele, e antes que pudesse dizer qualquer coisa, meu velho companheiro adivinhou o que estava acontecendo só de olhar em meus olhos. Estamos fodidos, não é? Não respondi. Meu olhar havia ficado preso no horizonte, no

horrível caos onde a água e o céu se misturavam de maneira indistinguível. Eu havia perdido a noção do tempo fazia horas, mas devia ser cerca de meia-noite. As rajadas de espuma e as ondas não permitiam ver além de uns cem ou duzentos metros na escuridão; além do mais, o barco se sacudia de tal maneira que era quase impossível manter os olhos fixos em um ponto. Mas, por um instante, por um único e miserável instante, julguei ver algo não muito longe. Esfreguei os olhos e tentei localizar de novo aquela imagem.

Um instante depois, quando o mar nos fez cavalgar de novo sobre uma onda e elevou o Corinto II a uma considerável altura, vi de novo. Não havia a menor dúvida.

Menos de meia milha náutica a sota-vento brilhava uma luz verde.

Demorei um pouco para controlar o ritmo do meu coração, que de repente começara a bater descontroladamente. Aquela luz verde só podia significar uma coisa. Era incrível, totalmente incrível, mas... O que você tem? — perguntou Prit. — Parece que viu um fantasma!

— Diga-me o que está vendo ali! Apontei para o ponto do horizonte onde havia visto a luz. — Diga-me se está vendo uma luz verde. Uma luz verde? De que raios está...

— Cale-se! — interrompi com urgência. Espere um pouco... Agora... Ali! Está vendo? — Mas que... Caralho! Quero cair duro se isso não for uma luz! De onde diabos está saindo?

Isso só pode ser o sinal de estibordo de um navio! — respondi entusiasmado. — E, pela altura em que está, deve ser um navio bastante grande. Grande como?

— Não sei, mas muito maior que um iate meia-boca como este respondi, girando com cautela o timão, que mal respondia. O que vamos fazer? — interveio Lucía, de repente.

Sem fazer barulho, havia subido da cabine após ligar a bomba e segurava um ensopado e furioso Lúcuo no colo. Ouvira a conversa, e

de repente o medo havia dado lugar à esperança em seu rosto. — Por ora, navegar para a luz — respondi. — Quando estivermos mais perto, soltaremos um sinalizador de socorro, para que nos localizem, e depois teremos que achar um jeito de passar desta banheira meio podre àquele barco, no meio de uma tempestade, e sem nos afogarmos no caminho.

Não sabemos quem está nesse navio — observou Pritchenco, sombrio. — Pode ser alguma patrulha enviada de Tenerife para nos capturar, ou até mesmo um barco cheio de não mortos que esteja há meses navegando à deriva. — Um barco cheio de não mortos teria encalhado na costa há muito tempo — repliquei, tentando orientar a proa do Corinto II para a luz. — E francamente, Víktor, eu seria capaz até de subir de novo no Zaren Kibbish com sua tripulação de lunáticos armados e malucos para sair deste inferno salgado o quanto antes. O ucraniano riu baixinho e assentiu com a cabeça. Ele sabia que naquele momento nossa situação era desesperadora. Qualquer possibilidade de sobrevivência dependia, sem dúvida, de chegarmos àquele misterioso barco da luz verde e subirmos nele. O que acontecesse depois seria solucionado no caminho.

Passaram-se cinco intermináveis minutos. Cada vez que chegávamos à crista de uma onda, nossos olhos varriam o horizonte, tentando localizar a luz. Durante as primeiras ondas foi relativamente fácil, mas nos últimos cinco minutos havíamos perdido a referência por completo. Por um segundo, eu me perguntei se teríamos sonhado ou se era uma alucinação fruto do estresse. Outra ideia, muito mais assustadora, logo chegou para ocupar seu lugar. No meio daquele vendaval, era muito fácil que derivássemos a menos de dez metros daquele misterioso navio sem nem sequer vê-lo. O pior que podia acontecer era ver, de repente, a luz vermelha de bombordo do barco. Isso significaria que teríamos passado reto. E, com aquele vento e sem mastro, tentar dar a volta estava completamente descartado. De repente, uma enorme onda bateu na lateral do veleiro, varrendo todo o convés com uma camada de água negra

e gelada. Por um momento, o barco pareceu ficar imóvel na crista da onda seguinte, mas, quando começou a descer pela lateral, passou a dar um giro cada vez mais pronunciado. Íamos virar. Preparem-se para pular! — gritei com a garganta irritada pelo sal e o esforço. Porém, o giro parou de repente. O veleiro estava no fundo de um vale, entre duas ondas. A enorme crista que nos havia varrido se afastava no horizonte, e a onda gigante seguinte vinha para nós bramando, cada vez mais perto. A roda do timão girava enlouquecida, e o barco balançava de um lado para outro, sem ninguém que o pilotasse, mas o vento parecia ter parado como em um passe de mágica. — Que diabos está acontecendo? perguntou Prit. Não faço ideia. É como se estivéssemos no olho de um furacão, mas...

— Vejam ali! — A voz de Lucia soava tingida de espanto, e isso, mais que nada, fez o medo apertar forte o meu coração. Voltei-me para ver o que ela apontava com os olhos exorbitados e fiquei atônito. O céu estava preto, e a menos de vinte metros de nós a imensa proa de um petroleiro encobria todas as estrelas, vindo a toda a velocidade para cima do frágil casco do Corinto II. — Vai nos atropelar! Não podíamos fazer nada. O barco parecia pairar (e suspeitava que também estava sem timão), o motor auxiliar não tinha combustível e, além de tudo, não tínhamos tempo nem espaço para manobrar. O petroleiro era enorme, um desses gigantes de mais de trezentos metros de comprimento, tão comprido que da ponte de comando não se pode ver o convés de proa no meio de uma tempestade. E muito menos um pequeno barco de não mais de oito metros flutuando à deriva em sua trajetória. Não iam nos esmagar de propósito, simplesmente não nos haviam visto nem detectado. No meio daquele vendaval, éramos invisíveis para o radar. E mais ainda quando se é feito de fibra de carbono e não se tem nem sequer um mastro para refletir o sinal, ressaltou a parte sabichona de meu cérebro, que assistia, entre atônita e fascinada, às cenas finais de nossa vida.

As dimensões daquele colosso eram tão grandes que as cristas de água que erguia com sua quilha ao abrir o mar tinham o tamanho de pequenas colinas esverdeadas cobertas de espuma. Uma delas empurrou o casco maltratado do Corinto II e o chacoalhou como se fosse um galho jogado na correnteza. Estávamos tão perto do casco do petroleiro que eu podia ver os remendos, os amassados e as marcas de soldas que cobriam sua superfície.

Finalmente, com uma lentidão desesperadora, o veleiro, empurrado pelas últimas rajadas de vento e pela onda gerada pela quilha, virou o suficiente para evitar ser esmagado pelo petroleiro. Ainda tínhamos uma chance, mas era preciso agir depressa. Voltei-me para Víktor, que contemplava boquiaberto aquela enormidade que passava a menos de dois metros de nós. — Víktor, pegue a pistola sinalizadora e solte uma bengala para que nos vejam! O ucraniano saiu do estupor, abriu um compartimento e pegou a pistola sinalizadora. Ergueu-a acima da cabeça e apertou o gatilho. A bengala saiu em disparada, com um assobio, e, ao atingir a altura programada, explodiu em um brilhante feixe de luz vermelha que banhou tudo com uma cor espectral. Enquanto a bengala descia lentamente presa em seu paraquedas, corri para dentro do veleiro.

O que antes havia sido um charmoso camarote estava despedaçado. Uma camada de água coberta de óleo, restos de comida, cartas de navegação e papéis ocupavam todo o interior até a altura dos tornozelos. Lucía estava em um canto, com o gato no colo, e me olhava expectante. — Como vamos subir nisso? perguntou-me com uma calma impressionante. — Ainda não sei, mas temos que evitar que vão embora sem nos ver. Peguei um dos dois arpões que havia a bordo e o pendurei nas costas. Sem atender ao olhar incrédulo de Lucía, abri o compartimento das velas, procurando um cabo suficientemente forte. O lugar cheirava a algas podres e estava cheio de água gelada.

Eu suspeitava que a entrada da água estava muito próxima, mas não havia nada a fazer.

O arpão. Era rudimentar, mas teria que servir. O que é isso? — Um cabo-guia; ou, pelo menos, algo que se parece remotamente com isso respondi, voltando para o convés.

Nesse intervalo, o petroleiro já havia avançado quase até a metade de sua extensão. O tamanho daquele navio era tão grande que tinha a altura de um edifício de oito andares a partir da linha da água. Com uma montanha daquelas no meio, o veleiro ficava totalmente protegido do vento e da força das ondas que açoitavam o outro lado.

Pisquei surpreso ao ver que o Corinto II se balançava em um pequeno remanso de águas completamente tranquilas e sem o menor vento, tudo isso iluminado pela luz vermelha projetada pelas bengalas que Víktor soltava sem descanso. A poucos metros de distância, bem no limite de visão que as bengalas permitiam, o efeito de parapeito gerado pelo petroleiro acabava, e o mar voltava a se erguer com uma força de furacão. Só tínhamos uma chance. Levantei o arpão e o apontei para a amurada do petroleiro que ficava escondida na negrura da noite. Fiz uns cálculos mentais rápidos. Era o arpão mais potente que tínhamos, mas a distância que devia percorrer era muito longa, e ainda por cima na vertical. Também era preciso levar em conta o peso da corda e... Caralho, respire e atire. Se não conseguir enganchar esse cabo no petroleiro, podem se dar por mortos a vozinha pedante tornou a soar em minha cabeça. Se não for a tempestade, o efeito de sucção das hélices fará purê de vocês, você sabe, você sabe, e só tem esta chance... Cale-se de uma vez, espertinho do caralho! Balancei a cabeça e atirei. O virote saiu com um estalo, e o cabo amarrado em sua ponta começou a se desenrolar a toda a velocidade. Contei em silêncio: cinco metros, dez, quinze... Ao chegar a vinte e cinco metros, o cabo parou em seco. Trêmulo, peguei uma ponta e dei um puxão, suave de início e mais forte depois. O cabo não cedia. Estávamos enganchados no petroleiro. O molinete do spinnaker onde estava presa a outra ponta do cabo gemeu quando o veleiro deu um salto, arrastado pelo petroleiro, mas 33 aguentou

perfeitamente a investida. O Corinto II, como uma rêmora colada a uma baleia, começou a avançar paralelamente ao enorme navio, batendo com força no casco de aço quando a inércia nos levava contra o outro barco. Cada choque arrancava lâminas de fibra de carbono e fazia estalar toda a estrutura do veleiro. E, além do mais, eu não sabia como nem onde o virote havia se enganchado. Aquilo não aguentaria muito.

De repente, alguns fochos de luz dançaram sobre o convés arrasado do veleiro. Olhamos para cima e vimos que da amurada do petroleiro quatro ou cinco lanternas apontavam para nós. Estavam muito longe, e não conseguíamos ouvir as conversas, mas tenho certeza de que, fosse quem fosse que estivesse ali em cima, devia estar se perguntando naquele momento quem diabos éramos nós e como havíamos chegado até ali. Eu simplesmente torcia para que, pelo menos, não pensassem demais. Depois de dois intermináveis minutos, uma rede de abordagem se desenrolou pela lateral do petroleiro para permitir que subíssemos. Imaginei o esforço titânico que devia ter requerido transportar aquela pesada rede pelo convés do petroleiro, no meio da tempestade, que lá em cima devia estar açoitando em toda a sua plenitude. Fosse quem fosse, tinha interesse em que subíssemos a bordo, evidentemente. — Vamos subir, antes que mudem de ideia! — gritou Víktor, decidido. O ucraniano se agarrou à rede de abordagem e começou a subir com a agilidade de um macaco, sem olhar para trás. Lucia ajeitou Lúcuo em meus braços e, após me dar um alegre beijo na boca, segurou-se na rede e seguiu Pritchenco. Fiquei no convés do veleiro, com uma sensação estranha no estômago. A última vez que havia subido em um barco desconhecido foi no porto de Vigo, muitos meses antes, e a experiência não tinha sido muito gratificante. Pelo menos espero desta vez não ver o cano de uma arma assim que tocar o convés, pensei, enquanto colocava Lúcuo dentro da parte superior de meu impermeável e fechava bem os zíperes. Meu gato se remexeu dentro daquele saco improvisado até encontrar uma abertura por onde tirar a cabeça, bem ao lado do meu pescoço.

Com um último olhar, eu me despedi do veleiro e comecei a subir pela rede de abordagem, envolvido por um penetrante aroma de pelo de gato molhado. Só muitas horas depois, percebi que havíamos deixado toda a nossa bagagem a bordo da pequena balandra. Tanto fazia. Engatinhando como um Spiderman de quinta categoria por aquela rede de abordagem, também não poderia levar muita coisa comigo. Quando finalmente cheguei à amurada do petroleiro, aconteceram várias coisas simultaneamente. A primeira foi que o vento me acertou com tal força que quase caí de costas, em uma pirueta que teria sido necessariamente mortal. A segunda foi que dois braços fortes me pegaram e me ergueram a bordo, enquanto outras mãos cobriam minhas costas com uma manta, protegendo-me da chuva. E a terceira, e mais surpreendente, foi ver um elegante oficial de aspecto nórdico e um impecável sorriso esmaltado se aproximar de mim e me estender a mão. Vocês são os peixes mais estranhos que já pescamos, garanto disse-me em um inglês correto e acadêmico, com um sotaque que não fui capaz de identificar. Permitam-me que lhes dê as boas-vindas a bordo. Qual é o nome deste navio? Onde estamos? O oficial fez um gesto amplo com a mão, abarcando toda a superfície do petroleiro, enquanto a cortina de chuva nos ensopava sem parar. — Bem-vindos a bordo — disse com um sorriso. — Bem-vindos ao Ithaca.

Quando o Edna tocou em terra ao sul do Marrocos, começou a perder força rapidamente. Os violentos ventos se transformaram em rajadas fortes no início e em uma suave brisa depois de vinte e quatro horas. As nuvens, por sua vez, depois de ter descarregado um dilúvio sobre o oceano, transformaram-se em farrapos assim que chegaram à costa, e o sol de agosto tornou a cair a prumo sobre a superfície do mar. Menos de quarenta e oito horas depois de o Edna açoitar a costa, havia se transformado em uma inofensiva borrasca que atravessava o estreito de Gibraltar em direção ao Mediterrâneo central. Nós, evidentemente, não vimos nada disso.

Quando acordei, minha primeira reação foi segurar o HK que descansava ao lado de minha cama. Estava em um camarote desconhecido, pintado de azul-claro, e pela portinhola aberta entrava um luminoso fecho de luz. Meus dedos apalparam em vão durante um tempo, até que a bruma em minha cabeça se dissipou um pouco. O HK não estava ali, naturalmente. Havia ficado a bordo do veleiro, que com certeza a essa hora já devia estar no fundo do mar, afundado pela tempestade. Levantei-me rápido e imediatamente lamentei tê-lo feito. Cada músculo de meus braços e costas explodia de dor, por causa do esforço. Até meu pescoço estava totalmente tomado de câibras, e, quando tentei pegar uma garrafa de água na mesinha colocada ao lado da cama, tive que reunir toda a minha força de vontade para olhar na direção correta. Bebi com ansiedade uns instantes e, quando acabei, arrotei discretamente, satisfeito. Passei o olhar por aquele camarote. Era um quarto simples, de apenas três metros quadrados, com um pequeno armário ruado bem ao lado da porta, ao longo de uma das paredes, enquanto ,a outra ficava a cama que eu ocupava.

Na parede oposta à porta abriase a claraboia, por onde entrava uma luz suave; suave e aprazível denais para ser de uma tempestade. Aquilo respondia mais ou menos a uma das perguntas que eu tinha na cabeça. Sem dúvida, havia dormido por muito tempo, possivelmente mais de doze horas, a julgar pelo aspecto do céu que se via da cama. Não era de se estranhar, dado o esgotamento extremo com que havíamos subido a bordo do petroleiro. Eu recordava vagamente que dois corpulentos marinheiros haviam me levado quase carregado àquele quarto, e que Lucia havia me ajudado a tirar a roupa e a entrar na cama antes de se deitar em um colchão no chão. Essa era a resposta a minha outra pergunta. Efetivamente, ao meu lado, mas um pouco mais abaixo, Lucía dormia tranquilamente, com Lúculo esparramado em seu travesseiro e também mergulhado em um sono profundo. Não tive tempo de me perguntar onde estava Víktor, porque um sonoro ronco me indicou que o ucraniano dormia relaxado na cama superior do beliche, que eu havia tomado erradamente por uma só cama.

Pritchenko devia estar tão esgotado quanto eu quando subimos a bordo, mas havia se negado a se deitar até ter certeza de que Lucía e eu estávamos completamente secos e aquecidos, e que não havia nenhum perigo iminente espreitando no horizonte. Nosso anjo da guarda louro. Com uma careta de dor, tirei as pernas da cama, com cuidado para não pisar em Lucía, e me levantei. As agulhadas das cãibras quase me fizeram desistir, mas a curiosidade se impôs. Nas gavetas do armário havia alguns macacões amarelos, muito similares aos que o pessoal das plataformas petrolíferas usa. Como não vi nem o menor rastro de minha roupa, escolhi um daqueles macacões que me servisse e o vesti. No mesmo armário, encontrei três pares de botas. Calculei que eram mais ou menos de nosso número, de modo que imaginei que alguém devia tê-las deixado ali para que as usássemos. Uma vez vestido e calçado, fui até a porta, sem fazer barulho.

Só Lúculo acordou; observou-me um instante e, após concluir que não valia a pena interromper aquele suave sono para seguir seu amo, tornou a se enroscar sobre si mesmo, satisfeito. Ao chegar à porta, soltei um palavrão baixinho. Percebi que o mais provável era que estivéssemos trancados. Se tivessem o menor senso de prudência, eles nos manteriam ali dentro durante um período de quarentena suficientemente longo, até se assegurarem de que nenhum de nós era portador do vírus que havia transformado quase toda a humanidade em mortos ambulantes. Se de algo eu tinha certeza era de que só os mais hábeis, os mais afortunados e os mais prudentes haviam sobrevivido ao inferno, e aquela gente não tinha cara de ter nascido ontem. De qualquer maneira, eu tinha que tentar. Estendi a mão para a maçaneta e tentei girá-la. Com um dique suave, a lingueta se abriu e a porta girou com suavidade sobre as dobradiças. Fiquei atônito. A porta estava aberta. Aberta. Quase sem acreditar, pus a cabeça para fora. Era um corredor longo, com o teto coberto de encanamentos de diversas cores, espessuras e formas que serpeavam de forma caótica ao longo do corredor até onde a vista alcançava. De tantos em tantos metros abria-se uma porta, que eu desconfiava que levava a outros camarotes similares

ao que acabava de abandonar. O corredor estava bem iluminado e limpo, muito limpo. Um suave zumbido surgia das saídas do ar-condicionado, que mantinha o interior a uma temperatura fresca e agradável. Não fosse pela ausência de tapetes e porque as portas eram de metal reforçado, eu poderia ter pensado que estava dentro de um hotel. Enquanto avançava pelo corredor, uma sensação de mal-estar crescente me dominava. Aquilo não era normal. Nem fechaduras, nem guardas irascíveis, nem ninguém que nos ameaçasse com uma arma. Era bom demais para ser verdade. Aquela situação era tão estranha que mantinha todo o meu corpo em estado de tensão, pronto para enfrentar o que quer que pudesse encontrar. Por isso, quando uma porta se abriu de repente e surgiu um camareiro empurrando um carrinho, sobressaltei-me tão bruscamente que quase tivemos um infarto, os dois.

— Quem é você? Onde está todo mundo? — foi a única coisa que consegui balbuciar quando meu coração parou de ameaçar sair pela boca. — Signore, signore, non passa niente. Sei ai sicuro respondeu-me aquele marinheiro, um homem de meia-idade, de pouco cabelo e um lustroso bigodinho preto, enquanto também tentava recuperar o fôlego. — È a bordo dell'Ithaca, ricorda? Ele falava comigo em italiano, ou pelo menos era isso que aquela língua me parecia, mas podia ser corso, ou napolitano, ou vai saber o quê. Tentei resgatar o pouco italiano que sabia (e que havia aprendido em um maravilhoso e alcoólico — ano de Bolsa Erasmus em Bolonha, muito tempo atrás), mas ou meu sotaque não era o correto ou meu vocabulário estava enferrujado demais, porque não consegui que aquele homenzinho me entendesse.

Meu salto ao castelhano, ao português e ao inglês não foi muito mais afortunado. Desanimado, quando já pensava que teria que recorrer ao meu alemão fuleiro, ou ao ainda mais fuleiro russo (gentileza de Víktor, idioma no qual eu só sabia dizer uma réstia de palavras malsonantes relacionadas a sexo e álcool), outra pessoa apareceu inopinadamente atrás de mim. Vejo que já conheceu Enzo disse em inglês, com aquele leve sotaque que eu não conseguira

identificar. Voltei-me e vi que a voz era do mesmo oficial alto e louro que havia nos dado as boas-vindas na noite do furacão. Impecável e elegante, com um uniforme da marinha mercante que lhe caía como uma luva, reforçava ainda mais a sensação de irrealidade que me envolvia. Quase podia esperar que de uma hora para outra aquele oficial me convidasse para o jantar de gala na mesa do capitão. — Meu nome é Strangård, Gunnar Strangård. Sou o segundo-oficial deste navio, que é bem maior do que o que vocês traziam, se me permite a observação. Apresentou-se, estendendo a mão, limpa, com as unhas bem cortadas. Apresentei-me, então. Enquanto nos cumprimentávamos, senti-me envergonhado ao notar o contraste entre as asseadas extremidades do oficial e minhas próprias mãos, manchadas de graxa de motor, peixe e Deus sabia que coisas mais, com as unhas quebradas e enegrecidas após muitos meses de sobrevivência.

Enzo estava lhes levando o café da manhã justamente agora — apontou para o carrinho que o camareiro empurrava. O médico disse que dezoito horas de sono deviam ser suficientes, de modo que pensávamos em acordá-los. Se preferir voltar a seu camarote para se juntar a seus amigos, não há problema algum, mas o capitão me pediu que lhe transmitisse seu convite para tomar o café da manhã conosco na câmara dos oficiais. — Ficou em silêncio por um instante, observando minha cara de estupefação.

Se não tiver nenhum problema com isso, evidentemente. — Em absoluto, em absoluto — gaguejei, desconcertado. Depois de meses de brutalidade, violência, ameaças, fome e penúria, parecia que estava vivendo um sonho. Quanto mais cortês e educada se mostrava aquela gente comigo, mais atônito eu me sentia. — Será um verdadeiro prazer, acredite. Após nos despedirmos de Enzo e de seu aromático carrinho, segui o oficial pelo labiríntico interior do navio. — Quem são vocês? Aonde vamos? Que navio é este? — As perguntas se amontoavam em minha boca enquanto subíamos um lance de escadas e atravessávamos outro longo corredor. Às primeiras perguntas, prefiro que o capitão responda, se não se

importa disse o oficial, que pelo nome e sotaque sem dúvida era sueco ou norueguês. Quanto a este navio, vocês estão no Ithaca, um superpetroleiro de oitocentas mil toneladas de arqueação. Antes do dia do Juízo, pertencia a uma corporação grega. Agora, evidentemente acrescentou com um sorriso luminoso —, pertence à AC. Bem quando eu ia lhe perguntar que diabos era AC, o oficial Strangård abriu uma porta e entramos em uma sala ampla e luminosa, com uma longa mesa onde se encontravam meia dúzia de oficiais do navio tomando café, que ficaram em silêncio ao nos ver entrar. Atrás deles abria-se uma ampla varanda, de onde se via toda a extensão do petroleiro. Fiquei um instante fascinado com aquela vista. Aquele colosso tinha uma extensão enorme, com toda a certeza acima dos cento e cinquenta metros, e a proa vibrava na distância, envolvida em uma faixa de bruma. Um marinheiro pedalava tranquilamente sua bicicleta pela passarela do convés, por entre os imensos tubos retorcidos que intercomunicavam os tanques do navio. — Uma vista impressionante, não é? disse uma voz atrás de mini. Seu dono era um homem de uns cinquenta anos, de estatura normal e compleição robusta, com um cavanhaque branco recortado no meio de um rosto redondo, que combinava com uns luminosos olhos azuis, um tanto velados pela idade. — Sou o capitão Birley. Fico feliz por ter decidido nos acompanhar no café da manhã. Murmurei algo ininteligível como resposta, enquanto me sentava. De soslaio, vi que um marinheiro entrara na sala, atrás de outro camareiro. Da cintura do marinheiro pendia uma pesada pistola, que batia em sua coxa ao andar. Ele levava nas mãos uma tira de papel e um pote com um líquido ambarino. — Antes de mais nada, temos que cumprir um pequeno trâmite que espero não o incomode prosseguiu o capitão, sentando-se. — Por favor, precisamos que cuspa nessa tira de papel. Fiquei imóvel, pensando que não havia ouvido bem. Porém, o marinheiro da pistola se postou ao meu lado e colocou a tira de papel em cima da mesa, bem a minha frente. Não era questão de ofender meus anfitriões; além do mais, eu suspeitava que aquela pistola não era de enfeite, e que, se não cuspisse, a cortesia da qual havia desfrutado até então se acabaria muito rápido. Sentindo-me um pouco idiota, cuspi com

suavidade na tira de papel. O marinheiro se inclinou sobre a saliva e verteu umas gotas do frasco ambarino que levava na mão. Não aconteceu nada, pelo menos que eu notasse. Porém, devo ter me saído bem, pois o marinheiro assentiu com uma expressão satisfeita, e notei que todos os comensais sentados à mesa relaxavam de maneira perceptível. — Bem, está limpo, senhor náufrago misterioso — assentiu o capitão. — Agora, adoraria que me contasse sua história, por favor.

Café ou chá?

Discretamente, eu me belisquei. Parecia estar sonhando, caralho.

Entre uma xícara e outra de café, contei minhas vivências ao capitão, enquanto os demais oficiais mantinham uma animada conversa na mesa ao lado. Contei-lhe minha fuga da Europa, em meio a um mar de não mortos, como havia chegado às Canárias e como, devido à lotação e às más condições de vida, havíamos decidido sair dali rumo a Cabo Verde. Era uma versão edulcorada e parcial da realidade, mas imaginei que aquele homem não precisava saber todos os detalhes das experiências que havíamos vivido. Ser desconfiado era uma boa política, até que eu soubesse um pouco mais sobre meus interlocutores. — Bem, agora acho que é minha vez de perguntar. — Sorri, tentando parecer mais seguro do que realmente estava. — A quem temos que agradecer por ter salvado nossa vida? — A Nosso Senhor Jesus Cristo, naturalmente — respondeu o capitão Birley com uma expressão totalmente séria, enquanto nos levantávamos e nos aproximávamos da mesa dos suboficiais. — Foi Ele quem nos pôs em seu caminho.

Tudo o que acontece na Terra é obra Dele, e o fato de termos nos cruzado no meio de uma tempestade não é mais que um sinal de Deus, louvado seja Seu nome para sempre, amém. Um coro de "amém" ecoou em volta da mesa. Até o simpático oficial sueco (ou norueguês) Strangård aderiu, sério e circunspecto. Fiquei um tanto perplexo. Não esperava tal demonstração de fervor religioso. — Hum... Sim, claro, evidentemente. E a quem Deus pôs em meu

caminho, quero dizer, quem são vocês exatamente? — Formamos parte da AC, e estamos cruzando o Atlântico vindos da República Cristã de Gulfport, Mississípi. Estamos em uma missão divina, sabe? — AC? República., o quê? Missão divina? — Dizer que estava alucinando seria pouco. — Não quero parecer grosseiro, longe disso, mas, na verdade, não estou entendendo nada, senhor. — AC é a sigla de Army of Christ, naturalmente. É como o chamamos familiarmente, entende? — respondeu um oficial ruivo sentado a uma ponta da mesa.

Army of Christ. O Exército de Cristo. Ai, caralho. Onde diabos viemos parar? Quando ocorreram os sinais e Nosso Senhor decidiu castigar a iniquidade da raça humana o oficial ruivo havia se embalado a falar —, todos os pecadores, impuros, hedonistas e pagãos foram castigados pela ira do Senhor. Apenas os puros aos olhos do Altíssimo se livraram do mal da praga. Durante um tempo, vagamos sozinhos e perdidos pelo mundo, em meio às consequências do castigo divino e dos frutos do mal, mas logo sentimos o chamado. O olhar do marinheiro tinha um brilho peculiar. O sujeito acreditava piamente em todas as palavras que dizia. — O chamado?

O chamado do reverendo Greene, evidentemente — interveio outro oficial, um sujeito jovem, com espinhas no rosto e cara de dezoito anos recém-completados. — Foi ele quem nos reuniu em Gulfport, e criou o Refúgio. Ali seremos testemunhas, sem dúvida, do Segundo Advento de Cristo, todos os escolhidos pelo Senhor, naturalmente.

Um novo coro de "amém" e "aleluia" ecoou em volta da mesa. Eu não sabia se aqueles sujeitos estavam me tirando um sarro, se eram uns malucos religiosos ou se realmente aquela República Cristã de Gulfport era algo real. Decidi que seria melhor agir com discrição. Não gostaria de ter me livrado da morte por afogamento só para acabar chamuscado em um auto de fé por fazer uma piada de mau gosto sobre Jesus. Não valia a pena. — E esse reverendo Greene está aqui agora? — perguntei, como quem não quer nada. Ah, é evidente que não! — respondeu jovialmente Strangård. — Ele está

em Gulfport, cuidando para que tudo na cidade corra bem. É um homem muito ocupado. Não só tem que se encarregar da salvação de nossa alma, como também dirigir o destino de uma pequena cidade de 10 mil habitantes. E isso sem contar os hilotas, e os intocáveis, naturalmente. Assenti, como se entendesse toda aquela verborreia religiosa. Imaginei que, quando falava dos hilotas e intocáveis, se referia aos não mortos e a todos aqueles sobreviventes que, como eu, vagávamos pelo mundo, fora de seu Refúgio em Gulfport. Não pude deixar de perguntar:

— Então, eu... sou um hilota? Ah, é evidente que não — interveio de novo o capitão, para minha absoluta confusão. — Isso é algo que sabemos perfeitamente. A propósito, que religião professam você e seus amigos? A brusca mudança de conversa me deixou perplexo. Fiquei em silêncio durante alguns segundos, pensando a toda a velocidade.

Como teria sido útil a presença de Irmã Cecilia naquelas circunstâncias! — Vejamos, Lucía e eu somos cristãos. Católicos, quero dizer. Víktor é ucraniano, de modo que é ortodoxo, se não me engano. — Na verdade, eu nunca havia falado de religião com Lucía, e duvidava muito que Víktor Pritchenko acreditasse em algo mais que no próprio Víktor Pritchenko, mas aquela não era hora de dar demonstrações de fraqueza religiosa, de modo que apelei para uma mentira exorbitada. — Porém, procuramos officiar ritos conjuntos e rezamos os três reunidos várias vezes ao dia. Também damos graças a Deus por ter nos salvado da condenação. Isso é bom, muito bom. — O capitão Birley me deu abertamente tapinhas nas costas, enquanto o ambiente em volta da mesa se tornava muito mais descontraído. — Tenho certeza de que o reverendo Greene se alegrará muito ao vê-los em Gulfport quando chegarmos. Vocês são como o filho pródigo, tanto tempo perdidos na escuridão, longe da luz, e no meio da sujeira e impudicícia dos não mortos, mas finalmente o Senhor os pôs no caminho da Salvação. Hoje é um dia de regozijo! Uma nova explosão de aleluias sacudiu a mesa, enquanto muitos daqueles oficiais se levantavam para me abraçar ou

apertar minha mão. Eu correspondia com um sorriso, enquanto por dentro me perguntava onde diabos estava me metendo.

— Então — perguntei —, estamos indo para Gulfport? — Ah, ainda não disse Birley, servindo-me uma nova xícara de café. — Como disse, estamos cumprindo uma missão divina. O próprio Senhor se revelou ao reverendo e lhe indicou nosso destino.

— E qual é esse destino? — perguntei, sem realmente querer saber a resposta. — Vamos a caminho de Luba, na Guiné Equatorial — respondeu o capitão Birley com um eloquente sorriso. — É a Vontade de Deus.

O porto de Luba brilhava a pouco mais de seiscentos metros, torrando debaixo do violento sol africano; o Ithaca, após uma manobra de aproximação lenta e cautelosa, finalmente largou a âncora. Havíamos levado dois dias inteiros de navegação para chegar até somente quinze milhas de nosso destino, e mais um dia para percorrer esta última distância. O capitão Birley e toda a sua tripulação formavam um grupo de profissionais sérios e organizados. O Ithaca era um navio grande demais para simplesmente se aproximar da margem e fundear, muito menos sem a ajuda de um prático que conhecesse aquelas águas. Na ponte de comando, dispunham da última versão digitalizada das cartas marinhas da região, e ainda tinham a sorte de contar com um GPS, que, apesar da queda generalizada de satélites, parecia funcionar bastante bem. Mesmo assim, aqueles homens não deixavam nada ao acaso. Nesse mesmo dia, quando o sol ainda não tinha saído, haviam baixado uma lancha equipada com uma sonda por uma lateral do navio. Essa lancha avançava três milhas adiante do petroleiro, sondando cada metro da rota do gigante. O oficial Strangård (que por fim havia me confessado que era sueco, mas ainda não tinha me contado o que estava fazendo com aquela tropa de fundamentalistas religiosos do sul dos Estados Unidos) disse-me que tentavam evitar não só os possíveis abrolhos ou recifes, como também algum barco à deriva, que podia ter afundado no tempo transcorrido desde que as rotas comerciais haviam sido fechadas e bloqueasse nosso

caminho. Dadas as nossas dimensões e a pouca profundidade daquela região, um impacto podia ser catastrófico para nós. — Por que a lancha vai tão longe à frente? Por que simplesmente não usamos o sonar do navio? perguntou Pritchenko, que estava apoiado na amurada, ao meu lado. — É muito simples — respondeu o oficial ruivo, responsável por aquele turno da guarda, que estava ao nosso lado observando o mar de binóculo e ao mesmo tempo (suspeitava eu) nos submetendo a uma discreta vigilância. O Ithaca tem uma arqueação muito grande, de quase um milhão de toneladas. Estamos navegando a uma velocidade de doze nós, o que gera uma inércia enorme. Mesmo que o capitão ordenasse inverter as máquinas agora mesmo, o barco levaria quase vinte minutos para parar por completo, e nesse tempo percorreríamos várias milhas. Isto não é um carro, que pode ser freado a qualquer momento. Mesmo que parássemos as máquinas, esta besta continuaria navegando um bom tempo, como se tivesse vontade própria. Pritchenko respondeu com um grunhido, pegando seu binóculo e percorrendo a linha do porto. O ucraniano, desconfiado e resmungão por natureza, não gostava muito daquela gente, o que não se preocupava em esconder, apesar de — seguindo meu conselho — participar fervorosamente dos três ofícios religiosos celebrados diariamente a bordo como se fosse um sincero devoto. Eu tinha certeza de que Víktor havia rezado mais durante aqueles três dias que ao longo de toda a sua vida. Lucía e eu, evidentemente, fazíamos exatamente o mesmo, e todo mundo a bordo parecia adorar o fato de havermos nos juntado a sua rotina, à qual, por outro lado, havíamos sido convidados gentilmente, mas de uma maneira tão firme que ficava claro que não aceitariam um não como resposta. Víktor e Lucía também tiveram que passar pelo trâmite de cuspir na tira de papel, e o resultado parecia ter sido bom em ambos os casos, porque a tripulação os havia acolhido com o mesmo ar jovial e festivo que a mim. Meus amigos e eu havíamos comentado a natureza e o fervor religioso daquela gente, e eles estavam tão perdidos quanto eu.

A melhor teoria que tínhamos era que, posto que a maior parte da tripulação era originária do sul dos Estados Unidos, uma região imbuída de um profundo espírito religioso batista, aquele sentimento espiritual era a norma dominante no navio. Eu sabia que os antigos Estados Confederados eram o terreno preferido dos pregadores e do fervor religioso, mas também não tinha certeza de que aquela fosse a resposta. Todas as perguntas que havíamos feito acerca do misterioso reverendo Greene haviam ficado sem resposta. Todos nos diziam: "Quando chegarmos a Gulfport, vocês o conhecerão pessoalmente. O reverendo Greene é um ser maravilhoso, vocês vão ver". E não conseguíamos arrancar mais nada. O Ithaca havia parado as hélices já fazia um bom tempo, e havíamos feito as últimas milhas praticamente deixando-nos levar.

Quando ficamos em uma posição perpendicular a uma enorme estrutura de aço coroada por três torres, o capitão deu ordem de largar as âncoras. Em um mergulho, as gigantescas âncoras do navio afundaram no mar, e após alguns minutos as correntes se retesaram, o navio deu um pequeno alto para a frente e, finalmente, parou. Strangård voltou-se para o capitão Birley e o saudou com a mão no quepe. Manobra de ancoragem finalizada sem incidentes, senhor. Pron- tos para amarrar o navio. — Muito bem, Gunnar — respondeu Birley, enquanto seus olhos não perdiam um detalhe de nada do que acontecia a bordo de sua embarcação. Procedam às checagens e controles de segurança, e preparem tudo para o embarque da carga. O oficial sueco saudou de novo e saiu da ponte para cumprir as ordens. Tudo a bordo daquele navio parecia funcionar como o mecanismo de um relógio suíço. A "missão divina" que o reverendo Greene lhes havia mandado cumprir era muito mais prosaica do que eu pensava. Não estavam tentando levar a palavra do Senhor à África, nem distribuir alimentos aos sobreviventes que pudesse haver naquela costa condenada, nem nada que se pudesse associar normalmente com uma mensagem divina envolvida em luz, som de trombetas rasgando o céu e anjos e querubins revoando, enquanto uma voz tonitruante falava. Nada disso. Era muito mais simples: tínhamos que encher os tanques do Ithaca de petróleo. Quando o capitão Birley me contou, a pergunta

que lhe fiz era evidente. Por que raios têm que ir até a África para pegar petróleo? Por que não no Texas, ou no golfo do México, que ficam muito mais perto de Gulfport? — A rota terrestre até os campos petrolíferos do Texas é impraticável disse Birley. — Os filhos de Satã estão ainda aos milhões por todos os lados, as estradas estão arruinadas, e precisaríamos levar uma frota de caminhões até os poços, uma frota que não atenderia nem de longe nossas necessidades. Por outro lado, as plataformas do golfo do México estão inutilizadas por causa dos furacões e da falta de manutenção, de modo que a fonte de petróleo mais próxima e confiável é esta. Além do mais — acrescentou dando de ombros, como se aquilo explicasse tudo —, o reverendo Greene disse que essa é a vontade do Senhor. E, se o reverendo o diz, é porque sem dúvida tem que ser assim. Víktor e eu trocamos um significativo olhar ao ouvir aquilo, mas não dissemos nada (porém, tive que dar um enérgico e discreto pisão no pé do ucraniano, que já tinha uma resposta engenhosa na ponta da língua). Por ora, era melhor deixar para lá. De modo que ali estávamos, em Luba. Era uma pequena cidade de uns 7 mil habitantes, situada na ilha de Bioko (ilha que, na época da colônia espanhola, se chamava Fernando Poo). Aquela ilha teria sido outro recanto esquecido da África, não fosse por umas prospecções encomendadas pelo ditador Obiang nos anos 1980, que confirmaram que Bioko flutuava sobre um verdadeiro mar de petróleo. Ansiosos para pôr as mãos nos milhões que jaziam enterrados debaixo deles, os guinéus começaram a exploração quase imediatamente, com sucesso, mas as estruturas portuárias de Malabo, capital do país, logo mostraram ser insuficientes. Por isso, as multinacionais ocidentais que exploravam as jazidas decidiram criar um porto de águas profundas na pequena e próxima San Carlos, em Luba. Não se podia negar que a escolha do destino era muito acertada, o que me levou a pensar de novo no misterioso reverendo Greene. Estávamos ancorados em frente a uma charmosa cidade tropical, com instalações portuárias em muito bom estado, pelo menos até onde alcançávamos ver, e, além de tudo, o navio podia chegar muito perto das instalações petrolíferas. Também o fato de a cidade ter apenas sete mil habitantes antes do Apocalipse

contava a nosso favor. Isso significava que, com certeza, o número de não mortos com que teríamos que lidar seria muito menor que em qualquer outro grande porto com instalações petrolíferas. Sete mil; de qualquer maneira, ainda eram muitos. Demais. A lancha com o sonar havia voltado para perto do navio, mas não se colocara debaixo da cábrea para ser erguida de novo. Em vez disso, colocara-se paralelamente à proa do Ithaca, praticamente na outra ponta do barco, a mais de cem metros de distância. — Veja isso — murmurou Prit discretamente, dando-me uma cotovelada suave.

O ucraniano apontava para uma área do convés situada a uns cinquenta metros da proa. Naquele ponto, o emaranhado de encanamentos e válvulas era abruptamente interrompido por algo que eu não conseguia distinguir a olho nu. Foquei meu binóculo naquela estrutura. Era uma espécie de alambrado metálico de uns quatro metros de altura, coroado por um rolo de arame farpado. O alambrado corria de um lado do barco a outro, e não parecia ter nenhum tipo de porta ou passagem que ligasse um setor do navio ao outro. Para que você acha que é isso? perguntei. O que está pensando? — replicou Pritchenco. — Não faço ideia. Pode ser uma linha de defesa para o caso de os não mortos subirem a bordo, ou talvez seja para evitar um assalto pirata em alto-mar — aventurei. — Essa gente percorreu milhares de quilômetros até chegar aqui. Quem sabe como está a situação em outras partes do mundo.

Pois eu desconfio que tem algo a ver com aqueles sujeitos. O ucraniano tornou a apontar para a proa. De uma escotilha situada do outro lado do alambrado surgia uma série de figuras uniformizadas. Pelo binóculo vimos que umas três dezenas de pessoas iam saindo ordenadamente de dentro do navio. Todas usavam uniforme de combate do exército dos Estados Unidos e, pelo que podíamos ver, estavam fortemente armadas. Um sujeito negro, alto e musculoso, com a cabeça totalmente raspada e um dos braços cobertos por uma enorme tatuagem, parecia ser o líder. Rapidamente organizou aqueles homens em pequenos pelotões de cinco pessoas. À medida que os grupos ficavam prontos, desciam

por uma rede de abordagem muito parecida com a que havíamos usado para subir ao navio até a Zodiac, que balançava ritmicamente na lateral do petroleiro. Mais três lanchas haviam aparecido, com certeza descidas pelo outro lado, e esperavam sua vez de recolher ocupantes. Quando todas estavam lotadas, o capitão Birley deu uma ordem por rádio, e começaram a rumar para o cais, forrado de não mortos.

— Reparou nisso? — perguntou-me Prit, sempre observando a cena com seu binóculo.

— Claro que sim — respondi. — Esse cais está cheio de não mortos. Vai ser muito complicado abrir caminho.

— Não acredito que vão ter muitos problemas respondeu. — O que me chama a atenção é outra coisa. Não há um só branco em todo esse grupo de assalto. Olhei com mais atenção. O ucraniano tinha razão. Daqueles quarenta soldados, a maioria era de negros, índios, e alguns com jeito de serem mexicanos. Havia até dois asiáticos mirrados que contrastavam de maneira singular com o colosso negro que dirigia a operação. — Não vejo o que isso tem de peculiar — respondi, hesitante. — Antes do Apocalipse, o exército americano era composto por latinos e negros em sua maior parte. — Sim. E por um monte de brancos redneck que não tinham onde cair mortos em suas granjas e se alistavam — replicou Víktor. — Mas não vejo nem um só deles ali embaixo. Além do mais prosseguiu — se todos esses sujeitos são soldados profissionais, corto o bigode agora mesmo.

Eu me calei, sem saber muito bem o que responder. O olho conhecedor de Víktor, um ex-militar, era muito mais preciso que o meu para aquelas coisas, e além do mais, agora que ele estava falando, aquele grupo me transmitia uma sensação familiar, de algo que já havia visto antes. Eram como os grupos de defesa das Áreas Seguras, compostas por uma multidão heterogênea, sem instrução militar. Na Espanha, haviam sido obrigados a alistar qualquer pessoa que fosse capaz de empunhar uma arma, e, pelo visto, nos Estados

Unidos tiveram que fazer o mesmo. Mas não havia brancos ali. Era muito curioso.

Eu ia me voltar para Strangård para lhe perguntar tudo aquilo, mas as lanchas já haviam quase chegado ao porto e os soldados iam desembarcar. Segurei o binóculo e decidi não perder nenhum detalhe. Pelo menos uma vez, era agradável contemplar a situação de um lugar seguro, em vez de estar enfiado no meio da merda até o pescoço. Era reconfortante.

Como se houvesse lido meu pensamento, Víktor se voltou para mim e murmurou: "Pena que não tem pipoca", ou algo parecido. Não lhe dei muita bola porque a ação estava prestes a começar. A primeira lancha havia tocado em terra no cais onde estavam os depósitos de petróleo. Naquele ponto, havia apenas alguns não mortos, possivelmente não mais de trinta. Todos eram de raça negra, exceto um sujeito branco vestindo um uniforme rasgado da Repsol, que imaginei que fosse um dos técnicos responsáveis pela exploração. Três ou quatro não mortos usavam uniforme militar e um deles arrastava um fuzil de assalto amassado cuja correia havia se enroscado em sua perna. Aquele pobre-diabo devia estar arrastando o fuzil como um presidiário arrasta sua bola de ferro havia muitos meses, a julgar pelo estado da arma e de sua perna. A panturrilha estava tão rasgada que se via o branco do osso cada vez que ele se movimentava.

As outras duas lanchas tocaram em terra em outros pontos muito próximos, e seus ocupantes começaram a subir para o cais. Um dos soldados escorregou na escada e agitou os braços no ar de maneira cômica durante alguns segundos, tentando manter o equilíbrio. Por fim, caiu na água com um sonoro tchof, que se ouviu perfeitamente até no convés do barco.

Aquele som bastou para agitar os não mortos. No convés, tínhamos uma visão muito ampla do porto. Como se houvessem recebido uma ordem, centenas de cabeças putrefatas se voltaram de repente para a ponta do cais e começaram a andar para lá. Os soldados do cais,

que já haviam tirado o colega da água, não podiam ver a maré de não mortos que se avizinhava. Era assustadora. Esses porcos não deixam de nos surpreender, não é? comentou um dos oficiais apoiados na amurada. É como se esses podres tivessem um maldito poder de telecinesia, ou algo assim. Malditos filhos da puta! É telepatia, imbecil — replicou outra voz. E se o capitão o ouvir blasfemar assim, vai acabar vendo os não mortos de perto, de modo que cuidado com a língua. Enquanto os dois oficiais trocavam aquelas palavras, os soldados da margem já corriam pelo cais em pelotões de cinco unidades. Um dos grupos parou de repente e abriu fogo contra os primeiros não mortos que chegavam a sua altura. O matraquear de seus fuzis rompeu o silêncio da cidade. Aquilo devia ter sido ouvido a muitos quilômetros de distância.

A partir de agora, eles têm vinte minutos, segundo nossas estimativas. — Quem falava era Birley, o capitão, que havia se colocado silenciosamente ao meu lado.

— Estimativas?

— Sim. Com base em sua velocidade, no número estimado de não mortos e na extensão da cidade, calculamos que em vinte minutos haverá tantos desses filhos da mãe aí embaixo que nossos hilotas não poderão sair. De modo que é melhor se apressarem.

Olhei de novo com atenção. A primeira fila de não mortos havia caído como pinos de boliche sob o fogo de cobertura, mas continuavam chegando mais e mais. Um dos grupos de fogo, que estava um pouco mais avançado, corria o risco de ser cercado. O oficial no comando daquele grupo percebeu o risco que corriam e ordenou que retrocedessem lentamente para não ficarem isolados. Porém, já era tarde demais. Em volta deles já haviam se reunido uns trinta não mortos, já quase tocando-os. Um dos não mortos atacou com as mãos em garra o soldado que estava mais perto e acertou seu fuzil, arrancando-o de suas mãos. O soldado se safou e tentou pegar sua pistola, mas outro não morto aproveitou esse momento para se jogar sobre ele. Antes que alguém pudesse fazer alguma

coisa, o não morto cravou seus dentes no pescoço do soldado. O uivo que ele soltou foi tão lancinante que se ouviu até no convés do Ithaca. Com um giro de cabeça, o não morto arrancou um pedaço do pescoço um segundo antes de outro soldado lhe enfiar um tiro na cabeça. Porém, já era tarde para o primeiro sujeito. Caído no chão, o sangue brotava de sua carótida em jatos regulares, enquanto seu coração bombeava em um esforço inútil para levar sangue a seu cérebro. O grupo continuou retrocedendo, enquanto aquele pobre-diabo se esvaía lentamente, jogado no meio de uma poça de seu próprio sangue no fervente asfalto do porto de Luba. Naquele momento, o tiroteio era generalizado. Dois terços dos soldados estavam tentando montar uma barreira de contenção, enquanto o terço restante tentava conectar longas mangueiras a algumas bocas de bombas que saíam, enferrujadas, da ponta de um dos enormes tanques. Alguém em terra havia acendido um pequeno gerador portátil, com certeza para alimentar o sistema de bombeamento, e seu som penetrante, mais os tiros encadeados, geravam um estrondo que devia tornar impossível discernir o que era. Olhei desesperado para o outro lado do cais. Vindos de todas as ruas que davam para o porto, centenas de não mortos caminhavam lentamente rumo aos desprevenidos soldados, atraídos pelo barulho. — Vão massacrá-los! gritei, sem poder me conter. — Capitão Birleys, precisa tirá-los de lá logo! Mande-os voltar!

Birley deu de ombros, fazendo um gesto depreciativo com a mão. — Não se preocupe com eles disse, impassível. — São hilotas, e estão fazendo seu trabalho. Mas pode ser que tenha razão, podemos lhes dar uma mão. Será divertido. Culling! Senhor? Um dos mais jovens oficiais do barco postou-se ao lado do capitão. — Tragam os M24.

Vamos praticar um pouco de tiro ao alvo. Um murmúrio de excitação antecipada percorreu toda a amurada. Eu não sabia o que aquilo podia ter de divertido. Uns sete homens do grupo de desembarque já haviam sucumbido, e o círculo ia se fechando de maneira imperceptível. Três soldados já tinham mordidas superficiais nos braços e pernas. Embora não os impedissem de continuar lutando, aquelas feridas eram necessariamente fatais, dada a

natureza contagiosa dos não mortos. Porém, não baixavam os braços e continuavam se batendo com disciplina, de uma maneira admirável. Alguém arrastou pelo convés umas pesadas caixas metálicas. De dentro tiraram vários fuzis com mira telescópica, que foram distribuídos com celeridade. Houve empurrões, corridas apressadas e cotoveladas nada disfarçadas para poder pegar um dos fuzis. Alguns dos que ficaram de mãos vazias afastaram-se reclamando, enquanto outros se aproximaram, esperançosos, daqueles que haviam sido mais rápidos, tentando suborná-los para que lhes cedessem as armas, mesmo que só por um tempo. Víktor Pritchenko, como sempre, havia conseguido um deles como em um passe de mágica, sem ter que se mexer muito. Um Remington M24 murmurou, armando e desarmando o fuzil com mãos experientes. É uma arma de franco-atirador profissional. Eu me pergunto de onde nossos amigos petroleiros as tiraram. De repente, desatou-se a loucura naquela parte da amurada. Uma dúzia de fuzis Remington começou a atirar ao mesmo tempo na massa de não mortos que avançava gemendo pelo cais. Os tiros se sucediam em um stacatto contínuo, enquanto os atiradores engatilhavam as armas, apontavam cuidadosamente pela mira telescópica, atiravam e repetiam o processo mais uma vez. Cada alvo acertado era aclamado com um uivo de aprovação por parte dos espectadores, e eu poderia jurar que alguns deles faziam apostas sobre tal ou qual tiro. Apontei o binóculo para o porto. Àquela distância era quase impossível não acertar os não mortos que cambaleavam no cais. No tempo de um piscar de olhos, vi o ataque a três indivíduos que se moviam juntos. Dois deles foram atingidos pelas balas explosivas bem na cabeça, estourando em carne, osso e sangue coagulado. Porém, o terceiro foi alvejado no peito. O impacto lhe abriu um buraco do tamanho de um punho e o jogou três metros para trás. O não morto ficou caído no chão, com uma expressão de perplexidade no rosto, como se se perguntasse que caralho lhe havia acontecido e por que diabos estava deitado no chão, com algo parecido com o túnel da serra de Guadarrama aberto no meio de seu diafragma. Seria até divertido, não fosse porque todos aqueles pobres-diabos eram, ou haviam sido, pessoas. Quando vi estourarem a cabeça de uma

menina de não mais de sete anos, com o cabelo coberto de trancinhas, e os atiradores comemorarem com um rugido de alegria, parei de olhar, enojado. Uma coisa era matar aqueles seres em defesa própria, outra muito diferente era transformá-los em patos de parque de diversões e privá-los da pouca dignidade humana que lhes restava. A equipe de terra que havia subido na estrutura do tanque agitou de repente um sinalizador que exalava uma densa fumaça vermelha. Vários integrantes começaram a arrastar um cabo-guia, que, por sua vez, puxava uma tubulação mais grossa — já conectada ao tanque — para a lancha mais próxima. Com certa dificuldade conseguiram embarcar, e com um lento ronronar a lancha se aproximou do petroleiro. Quando o resto da equipe de terra (ou o que restava dela) percebeu que a ponta da tubulação já estava presa, começou a se retirar o mais ordenadamente possível para a margem. Da segurança do navio era fascinante assistir à estranha coreografia de vinte adultos, homens e mulheres, caminhando de costas com lentidão, enquanto arrastavam alguns companheiros feridos. No meio de todos eles, o musculoso sujeito negro erguia-se como um gigante, cobrindo a retirada. Não se podia negar que era um sujeito valente. Ele atirava ritmicamente com seu M16, até que, de repente, ficou sem munição. Os não mortos estavam perto demais para que ele tivesse tempo de recarregar, de modo que simplesmente segurou a arma pelo cano (que devia estar incandescente) e pôs-se a usá-la como um porrete para abrir caminho. Os oficiais brancos que estavam a bordo começaram a estimulá-lo como se estivessem vendo um jogo de futebol americano. O gigantão havia ficado isolado a uns trinta metros da orla. As lanchas haviam se separado alguns metros para evitar que os não mortos se lançassem sobre elas, mas uma das Zodiacs se mantinha ainda a pouca distância, para que aquele sujeito pudesse pular a bordo. Os soldados espremidos nas lanchas faziam-lhe gestos desesperados para estimulá-lo, mas o homem negro estava muito ocupado para lhes dar atenção. O M16 girava sobre sua cabeça como uma maça, com um assobio aterrador. A umas tantas voltas, acertava a cabeça de um não morto, provocando um som seco e quebradiço que deixava os cabelos

arrepiados. Não sei se aqueles golpes eram mortais ou não, mas com certeza serviam para abrir caminho, pois os afetados caíam como sacos diante dele. Em um instante viu-se cercado por três não mortos ao mesmo tempo. Enquanto abria a cabeça dos dois mais próximos com a culatra ensanguentada de sua arma, tirou o terceiro do caminho pelo expeditivo método de enfiar-lhe um pontapé no plexo solar, que deve ter quebrado pelo menos duas costelas. Os oficiais haviam parado de atirar com os fuzis de precisão e uivavam feito loucos, vendo aquele pobre-diabo lutar pela vida. — Que diabos estão fazendo? — Voltei-me para Viktor. — Por que não atiram para abrir caminho? Está claro que é porque não querem atirar, e se não quisermos ter problemas com eles acho que nós também não deveríamos — murmurou o ucraniano, pousando um profundo olhar reflexivo nos oficiais a bordo. Algo estava passando pela cabeça de Pritchenko, mas não pude adivinhar o que era. Eu estava muito alterado por causa de tudo aquilo. — Isso é um assassinato! — protestei.

56 Ninguém me deu a menor bola. O soldado negro prosseguiu abrindo caminho a pancadas até a margem. Por um momento, tive certeza de que ia conseguir. Faltavam apenas alguns metros até a beira do cais, e só dois não mortos se interpunham entre ele e a salvação. De repente, avançou sobre um deles com um tackle digno de uma defesa de futebol americano. O não morto saiu voando para a água e afundou. Pegou o outro pelo braço e o fez rodar sobre si mesmo, jogando-o contra um grupo próximo, onde caiu em uma confusão de braços, pernas e cabeças. Dei vivas entusiasmado, deixando-me levar pela emoção, mas de repente o grito morreu em minha garganta. O soldado havia dado um passo atrás para pegar impulso e pular na Zodiac, e esse maldito meio metro de retrocesso foi suficiente. Um dos não mortos caídos no chão esticou a mão e segurou com suas unhas quebradas e podres os cordões da bota do sujeito bem quando ele tomava impulso para pular. O soldado caiu pesadamente no cais, e dois não mortos caíram sobre ele. Um deles cravou seus dentes no bíceps do sujeito, deixando uma profunda marca sanguinolenta, enquanto o outro rasgava uma de

suas panturrilhas. Com um grunhido, o soldado chutou a cabeça do que mordida sua perna com a bota que lhe restava livre, enquanto acertava o outro não morto com um soco capaz de quebrar o pescoço de um búfalo. Arrastando-se, chegou até a beira do cais e deixou-se cair na água. Seu corpo afundou, e após um segundo de incerteza sua cabeça apareceu de novo, bem ao lado da Zodiac. Os soldados que se empilhavam na lancha puxaram-no para cima como puderam, deixando um rastro de sangue na lona da embarcação; a seguir, viraram e começaram a se aproximar lentamente do Ithaca. Era um crime monstruoso. Aquele homem estava condenado. Com aquelas duas mordidas, milhões de pequenos vírus do TSJ haviam entrado em seu organismo, e naquele exato momento deviam estar se replicando a toda a velocidade. Em poucas horas, aquele gigante seria mais um não morto, um dos grandes e perigosos, aliás. E tudo porque os sujeitos que riam e aplaudiam ao meu lado não estavam a fim de atirar para ajudá-lo a sair dali. Eu me sentia doente só de pensar.

— Vamos embora, Víktor — disse a Pritchenko com a voz abafada. Não aguento ficar nem mais um minuto aqui. Fico feliz por Lucía não estar no convés para ver isso.

Tudo isso é muito estranho — respondeu Viktor. — Um grupo de desembarque composto só por negros, sul-americanos e índios, sem um só branco entre eles, e os deixam morrer como insetos. Não tem nenhum sentido.

Nada tem sentido faz tempo. Sim, mas isso é muito estranho — insistiu o ucraniano com teimosia.

O pobre grupo de desembarque havia chegado à lateral do navio, e alguns marinheiros já estavam ligando as mangueiras aos tanques, enquanto os judiados soldados subiam pela rede de abordagem pendurada na lateral. Com algumas cábreas, fizeram descer macas até os botes para ajudar a subir aqueles que estavam mais gravemente feridos. Por um lado, era reconfortante ver que aqueles homens continuavam aplicando a máxima de não deixar ninguém

para trás, mas, por outro, era impossível não pensar no absurdo daquele gesto. Nenhum daqueles feridos tinha salvação. O TSJ os transformaria em não mortos poucos minutos depois de sua morte. De fato, alguns oficiais da ponte continuavam atirando na multidão do cais, mas apontando apenas para os soldados caídos do grupo de desembarque, que já haviam se levantado, transformados em não mortos, em uma versão macabra do "não deixar ninguém para trás". Víktor, os demais oficiais e eu nos retiramos da ponte, que tremulava sob o calor tropical do meio-dia, rumo ao salão interno, onde camareiros de uniforme branco, dirigidos por Enzo, estavam colocando um almoço de aspecto fabuloso. Aquilo era terrivelmente perturbador. Quando eu olhava por uma das janelas via os esgotados soldados sobreviventes, caídos no convés, livrando-se de seu pesado equipamento e passando garrafas de líquido de um para o outro, bebendo avidamente. Dentro do salão, os mesmos oficiais de uniforme azul que um instante antes estavam atirando indiscriminadamente na multidão do cais, e haviam deixado morrer sem mexer um dedo vários de seus homens, conversavam descontraidamente, fumando cigarros com um gim-tônica na mão e inclinando-se gentilmente quando Lucía passava entre eles. Enquanto isso, a apenas seiscentos metros, o cais de Luba continuava cheio de não mortos cambaleantes, que gemiam de maneira surda e monótona, inclusive acima do zumbido do ar-condicionado. Era como ter uma janela com vista para o inferno no seletto coquetel do clube de golfe. O capitão abriu caminho, cortês e sorridente, por entre os oficiais e se aproximou de nós. Ao chegar à nossa altura pegou a mão de Lucía e a beijou educadamente. — Senhorita, é um prazer que compartilhe conosco este simples aperitivo disse. Creio que falo em nome de todos os meus oficiais quando lhe digo que sua presença a bordo é certamente refrescante. Uma dama tão bela como a senhorita é uma alegria para os olhos. — Ao contrário do espetáculo de seus homens lá fora disse eu em tom cortante, o que me valeu um olhar de advertência por parte de Lucía e Víktor.

— Evidentemente, não é agradável, senhor respondeu impávido o capitão Birley —, mas deve levar em conta que estamos em uma luta entre as forças de Deus e as do Inferno, entre a Luz e a Escuridão. Em circunstâncias como estas, temos que deixar de lado certas convenções sociais, como a compaixão. — Mas são seus homens! — protestei. — A equipe de desembarque? — Birley deu de ombros. — São hilotas, gente de classe inferior, e além do mais todos eles são uns pecadores. Com seu esforço e sua vida, estão expiando seus pecados e conquistando um lugar na mesa do Senhor. Agora mesmo, os que caíram estão sentados no banquete infinito oferecido por nosso Senhor Jesus Cristo, muito maior e melhor que esta simples refeição. Tenho certeza de que isso não é nenhum problema... meu caro. Não deixei de notar a eloquente pausa que Birley havia deixado no final. Tinha que recolher velas.

Hum, não, evidente que não, capitão Birley. Estamos enormemente agradecidos ao senhor por sua hospitalidade, e entendemos perfeitamente sua maneira de agir. Seria uma pena descobrir que vocês não merecem esse status, acredite — respondeu Birley, deixando no ar ameaças implícitas. — Agora, se me permitem, tenho que mandar enviar uma mensagem por rádio a Gulfport para comunicar o sucesso de nossa operação. Se me dão licença... O capitão Birley foi para a sala de rádio, parando ocasionalmente para conversar com um ou outro grupo pelo caminho. O rumor das conversas e uma suave música clássica se misturavam com os gemidos dos não mortos do cais, criando uma atmosfera onírica. O que vocês acham de tudo isso? — perguntou Prit, dando um gole em sua bebida. — Não sei, mas não gosto replicou Lucia. Essa gente é tão formal, tão educada, tão.., porém, me dá calafrios. Alguma coisa não se encaixa.

Nesse momento, Strangård, o alto oficial sueco, passou ao nosso lado. Sem olhar para nós, com a vista perdida na multidão de não mortos do cais, colocou-se de tal maneira que obstruíamos a linha de visão dos demais ocupantes do salão. Qualquer um que o visse pensaria que estava distraído contemplando a multidão de

cadáveres de Luba, absorto em seus pensamentos. — Tenham cuidado murmurou entre dentes. Embora não pareça, Birley os está vigiando atentamente. O velho é muito desconfiado e com certeza deve estar preparando um relatório para entregar ao reverendo quando chegarmos. O gelo sob seus pés é muito fino neste instante, amigos. O que está acontecendo aqui? Quem são esses hilotas? O que vem a ser tudo isso? — perguntei, olhando fixamente para Lucía e obsequiando-a com um luminoso sorriso, como se aquela conversa não fosse tão angustiante.

Não podemos falar aqui. As paredes do navio têm ouvidos. Mas saibam que há mais gente que pensa que tudo isto é uma aberração. Quando chegarmos a Gulfport, acharei um jeito de falar com vocês. Então, explicarei tudo. Strangárd se afastou de nós, mergulhando em outro grupo. Depois de um momento o ouvi rir, junto com outros oficiais, quando alguém contava uma piada. Aquele condenado sueco sabia disfarçar muito bem. A pergunta era: quantos dentre o pessoal a bordo estavam disfarçando? E. por quê? Certamente, ao chegar a Gulfport, alguém teria que nos dar uma explicação. E que fosse satisfatória, ainda por cima.

Em quarenta e oito horas, os tanques do Ithaca estavam transbordando com mais de meio milhão de toneladas de excelente petróleo. Os marinheiros responsáveis pelas bombas soltaram as tubulações que nos conectavam à estação e, após fechá-las com umas camadas de borracha embreada, jogaram-nas ao mar presas a umas boias. Se um dia houvesse que voltar a Luba, bastaria pescar aquelas boias e conectá-las aos tanques. Era uma solução inteligente. Um leve tremor indicou que os motores do Ithaca estavam de novo em funcionamento. O petroleiro levantou as âncoras cobertas de limo negro e denso e começou a avançar muito lentamente para alto-mar. Antes de abandonar o porto, vários soldados que estavam situados do outro lado do alambrado, na proa (os hilotas... onde já ouvi esse maldito nome?), ergueram quatro féretros envolvidos em uma bandeira e, após dar uma salva de tiros no ar, lançaram-nos cerimoniosamente ao mar. O TSJ havia feito

estragos entre os feridos, como era de se esperar. O Ithaca ia ganhando velocidade à medida que se aproximava do mar aberto. O vento começava a refrescar e era cada vez mais incômodo. Na hora em que me voltei para entrar de novo no navio, fiquei petrificado, contemplando a proa. Esfreguei os olhos, estupefato. No meio de todos os soldados que saudavam cerimoniosamente os ataúdes que afundavam, estava o colosso negro que havia dirigido o grupo de desembarque. E apesar de ter sido mordido pelo menos duas vezes, o valentão tinha um aspecto excelente. E, evidentemente, não era um não morto.

Matem, matem todos, mesmo que seja no ventre de sua mãe! Ehrenburg Rádio Estação Hangeul 9 Wonsan, Coreia do Norte O tenente Jung Moon-Koh estava entediado. Estava havia mais de sete horas em seu turno, e como todos os dias desde mais de um ano sua tela refletia a mesma coisa que no dia anterior. Nada.

A Rádio Estação de Escuta Distante Hangeul 9 era o nono e maior posto de radioescuta de uma série de mais de cem estações distribuídas por toda a Coreia do Norte.

Aquela estação, como todas as demais da série, havia sido construída nos anos 1960, com o propósito de monitorar todas as conversas de rádio que pudessem cruzar a Coreia do Sul. Alguém havia convencido o Amado Líder Kim Il Sung de que seria uma boa estratégia defensiva saber o que tramavam os desapiedados capitalistas do Sul antes de iniciar seu ataque. E ouvir suas conversas de rádio, afirmara o entusiasta promotor da ideia, era a melhor maneira de saber. O que o audaz promotor da rede Hangeul não levou em conta foi que as conversas de rádio da Coreia do Sul já se contavam aos milhões nos anos 1960, em plena época de ascensão econômica do Tigre Asiático, muito mais, claro, que no território Juche da Coreia do Norte, onde o simples fato de possuir um rádio constituía um delito. Ouvir, classificar e traduzir todas as transmissões era virtualmente impossível, principalmente para os poucos recursos técnicos daquele país atrasado e empobrecido. De modo que aquela ideia, depois de dois anos de trabalho e um

investimento milionário, fora discretamente deixada de lado. Por sua vez, o pai dela tivera sua brilhante carreira militar truncada bruscamente por uma bala de calibre 9 mm. Assim se pagavam os fracassos no Paraíso dos Trabalhadores.

Durante mais de trinta anos as estações, em sua maior parte haviam ficado fechadas; apenas algumas se mantinham operacionais, para controlar as conversas da frota norte-americana que patrulhava o mar do Japão. Não que isso fosse muito útil, evidentemente, pois a maior parte das conversas navais era codificada, mas alguém havia decidido que se faria desse jeito, e a inércia de não fazer nada sem o conhecimento do Amado Líder era muito grande. E assim haviam ficado as coisas durante décadas. Até que chegou o Apocalipse. No início, as notícias que chegavam das embaixadas, distribuídas por todo o mundo, eram confusas. Sabia-se que algum tipo de doença havia se espalhado no Daguestão e estava se propagando à velocidade do fogo por metade do mundo, mas não estava claro de que se tratava. Não faltou quem afirmasse que tudo aquilo não era mais que uma cortina de fumaça destinada a mascarar um iminente ataque do Sul contra o Norte, e, de fato, a proverbial paranoia do regime norte-coreano ativou todas as suas linhas de defesa. O nível de alerta do Exército Popular foi elevado ao máximo, e as já fechadas fronteiras do país foram lacradas. E aquela neurose, por mais ridículo que pareça, foi o que salvou a Coreia do Norte.

Quando a pandemia ficou totalmente fora de controle, a Coreia do Norte já estava entrincheirada, como estivera durante os últimos cinquenta anos. No início, as notícias do exterior só chegavam por meio das embaixadas, mas logo foram caindo em um hermético silêncio, à medida que a pandemia ia tomando um país após o outro.

As últimas mensagens, em todos os casos, haviam sido pedidos urgentes de evacuação, mas foram sistematicamente ignoradas. Naquela época já estava claro que o TSJ era altamente infeccioso e, o que era ainda pior, suas consequências eram devastadoras. No momento em que o TSJ finalmente chegou à Coreia do Sul, o caos se espalhou pelo país vizinho no prazo de três semanas. Seul se

transformou em uma cidade maldita em apenas cinco dias, e o resto das cidades não tiveram melhor sorte.

Os soldados e marines das bases americanas, seguindo um plano prefixado, tentaram abrir caminho até o mar com uma caravana blindada, que teve que desbravar a ferro e fogo cada quilômetro. Porém, em algum ponto entre Seul e o porto de Ulsan a caravana desapareceu, como se houvesse sido engolida pela terra. Ter escolhido como ponto de evacuação uma cidade de mais de um milhão de pessoas havia sido uma decisão nefasta. Nem um só dos mais de cinquenta mil soldados americanos destacados na Coreia do Sul sobreviveu. À medida que ondas de refugiados fugiam para a fronteira com o Norte, a situação foi se tornando mais desesperadora. O Politburo (Birô Político), após uma curta reunião, decidiu com frieza que todos aqueles cidadãos do Sul não tinham direito a desfrutar da segurança oferecida pela Coreia do Norte, de modo que as fronteiras, simplesmente, permaneceram fechadas.

Já antes do Apocalipse, a linha que separava as duas Coreias era possivelmente um dos lugares mais herméticos e ferreamente defendidos do mundo. A Guerra da Coreia, que havia terminado em 1953 (embora em nenhum momento se houvesse firmado a paz, fato pelo qual, tecnicamente, os dois países continuavam em guerra), havia deixado a península coreana dividida em dois. Ao longo do paralelo 38, aproximadamente, corria a Zona Desmilitarizada, uma faixa de terra de 238 quilômetros de extensão e 4 quilômetros de largura que separava os dois países. Ao longo dessa linha, e apesar de seu nome, existiam milhares de muros, alambrados, campos de minas, bunkers e posições defensivas que tornavam praticamente impossível que alguém os atravessasse. De modo que, quando centenas de milhares de civis aterrorizados chegaram às fronteiras, encontraram as portas fechadas. Um bom exemplo foi o que aconteceu na Área de Segurança Compartilhada de Panmunjon, possivelmente um dos lugares mais fotografados de toda a Coreia. Mais de 90 mil pessoas se reuniram ali em pouco mais de vinte e quatro horas lutando para

escapar do inferno, e a seguir tentaram negociar seu passe. Mas só obtiveram silêncio.

Pouco a pouco, a multidão foi se exaltando, mas civis desarmados e assustados não eram rivais para unidades militares perfeitamente equipadas e organizadas. As ameaças do início foram se transformando em rogos à medida que passavam as horas. Mas a única coisa que conseguiram em troca foi o silêncio mais absoluto e atroz.

Os soldados do Norte, em suas posições, calavam e esperavam. Até os alto-falantes de propaganda, que passaram cinquenta anos transmitindo publicidade de maneira obsessiva, estavam em silêncio. Finalmente, certa noite chegaram os primeiros não mortos. O caos se desatou e a multidão se jogou contra a fronteira, fugindo na escuridão das sombras ensanguentadas que literalmente arrancavam famílias inteiras dos carros onde haviam se refugiado para se proteger do frio da noite. Então, os soldados começaram a atirar. Na manhã seguinte, milhares de cadáveres se empilhavam nas ruínas da Área de Segurança Compartilhada. A única maneira de distinguir os que haviam sido civis dos não mortos era a bala na cabeça destes últimos, sem exceção. E ao fundo, fora do alcance das metralhadoras, dezenas de milhares de não mortos se balançavam, em transe, dando os primeiros passos de sua não vida.

Nem uma única pessoa, viva ou morta, conseguiu cruzar a linha naqueles dias. As defensas, preparadas para o assalto de um exército, eram muito poderosas até mesmo para uma maré de não mortos. Durante algumas semanas, grupos errantes de não mortos se aproximaram da linha, mas ou caíam em campos de minas ou se enganchavam nos alambrados, ou eram abatidos dos ninhos de metralhadoras. Por ar ou por mar, ninguém também pôde atravessar. A cinco ou seis pequenas aldeias de pescadores chegaram barcos carregados de refugiados, mas as autoridades os bombardearam antes que chegassem a terra. Em um dos casos, o responsável local, incapaz de assassinar a sangue-frio mais de seiscentas crianças, permitiu que aportassem. Em menos de três horas, um

destacamento do exército chegou à aldeia para solucionar aquele erro. E, de quebra, por precaução, eliminaram também os 6 mil habitantes da cidade. O Amado Líder Kim Jong II havia decidido ser implacável, e o Exército Popular cumpria as ordens sem fazer perguntas. Não faltou quem tentasse fazer isso por sua conta, sozinho ou em pequenos grupos que, a bordo de veleiros, tocavam em terra ao norte da linha de demarcação. Porém, em um país fechado para o exterior havia mais de cinquenta anos, destacavam-se como pulgas em um lençol branco, e eram logo detidos. Aquilo significava sua morte, e normalmente também a da pessoa ou pessoas que os haviam localizado e detido. Os Esquadrões Patrióticos de Limpeza e Contenção (como se chamavam os grupos volantes que vigiavam a fronteira) atiraram milhares de cartuchos durante aquelas semanas convulsas. Todo o cuidado era pouco. Por fim, a situação foi se normalizando.

Os grupos de não mortos que se aproximavam da fronteira, cada vez mais reduzidos e esporádicos, eram facilmente eliminados. Evidentemente, restavam na Coreia do Sul milhões de não mortos, mas estavam quase todos muito longe daquela fronteira maldita. Além do mais, estavam muito ocupados caçando os poucos sobreviventes que haviam restado no Sul. E assim se escreveu a História. Graças à paranoia de Kim Jong e seu regime, e por uma incrível volta do destino, a Coreia do Norte foi o único país da Terra que sobreviveu ao Apocalipse sem que nenhum de seus cidadãos se transformasse em não morto dentro de suas fronteiras. O atrasado regime comunista transformou-se, de repente, não só em uma das nações mais avançadas da terra, como também na única nação sobrevivente. Mas eles sabiam, ou pelo menos suspeitavam, que devia haver mais gente ali fora. Outros países deviam ter sobrevivido, ou pelo menos parte deles. E era imprescindível saber quem eram e onde estavam. O problema era como descobrir.

Ironicamente, embora estivessem seguros atrás de seus muros, eram prisioneiros dentro de suas fronteiras. Não que isso importasse muito, naturalmente, pois todos os cidadãos da Coreia do Norte

vinham sendo prisioneiros havia meio século. De fato, a maior parte da população seguira sua vida diária, sem nem sequer saber da existência dos não mortos e da queda da civilização. Mas o Politburo precisava saber. E então, alguém se lembrou da esquecida e empoeirada rede Han geul. Se restavam sobreviventes organizados, tinham que se comunicar de alguma maneira, e Hangeul podia detectar transmissões de rádio ou micro-ondas em qualquer lugar do globo terrestre.

O que antes havia sido algo inútil, devido ao excesso de sinais no ar, de repente se transformava no instrumento perfeito. E a rede tinha sido ativada de novo. O tenente Jung não sabia nada disso, evidentemente. Um ano e meio antes, tiraram-no no meio da noite de um quartel próximo à fronteira chinesa e o levaram para uma escola de telecomunicações, onde lhe ministraram um curso acelerado de três meses antes de destiná-lo à Estação 9. E não passava um só dia sem que Jung se perguntasse se tudo aquilo não seria um castigo por alguma falta que havia cometido. Certamente, o trabalho na Estação 9 era qualquer coisa menos divertido. Em longos turnos de dez horas, os operadores permaneciam diante de suas telas, com os fones colocados no ouvido a maior parte do tempo, tentando detectar algum sinal no radioespaço. Porém, a única coisa que se captava eram estática e interferências, principalmente.

Haviam localizado um total de 1.156 sinais de rádio estáveis em todo o mundo. A maioria pertencia a estações que funcionavam no modo automático e que continuavam transmitindo uma mensagem gravada sem parar. Muitas eram estações meteorológicas que transmitiam seu informe diário, e outras, como a do Aeroporto de Los Rodeos em Tenerife ou a do Museu Nacional de Arte de Copenhague, eram sinais organizados de grupos de sobreviventes, mas sem a intervenção de nenhum ser vivo em sua manutenção. Haviam até localizado uma emissora de música country situada em algum lugar do Tennessee, que graças a um poderoso gerador de

emergência, continuava a emitir música no automaticamente quase dois anos depois de seu último funcionário ter morrido.

O que realmente interessava eram as outras, as dos poucos assentamentos humanos que permaneciam em pé. Mas a maioria eram sinais de pequenos grupos, miseráveis e isolados, ou de ilhas que ameaçavam afundar no caos e na fome, como Tenerife, lugares que não tinham o menor interesse para o Politburo. Com certeza devia haver muitas mais, mas de uma intensidade tão fraca que nem sequer as enormes orelhas da rede Hangeul podiam captá-las. Mas tinham certeza de que devia haver algum outro bom assentamento no exterior, e isso era o que lhes interessava. E, evidentemente, as anomalias. Jung se espreguiçou e, após tirar os fones, passou a mão pelo cabelo cortado à máquina um. Discretamente, deu uma olhada em volta. O capitão responsável por sua seção havia saído um pouco (Jung suspeitava que era para poder beber escondido) e tinha deixado os dois tenentes sozinhos na cavernosa sala da Estação 9. — Ei, Park! Park! — Jung puxou a manga do soldado postado ao seu lado, outro tenente que dividia com ele um dos aparelhos de escuta e varredura.

— O que é? Se o capitão Kim vir que não estamos controlando o espectro da escuta, vamos nos ferrar! — Não se preocupe — replicou Jung. — O capitão teve seu habitual ataque de sede do meio da tarde. — Os dois jovens riram. — E só deve voltar em meia hora. Acho que podemos fazer uma pequena pausa para fumar um cigarro. — E a escuta? — perguntou Park, hesitante, apontando para o equipamento de varredura de sinal com a mão, seguindo com os olhos o maço de cigarros chineses que o sorridente Jung segurava. — Vamos continuar escutando replicou Jung. — Mas pelos altofalantes, otário. Jung apertou uma tecla do equipamento de escuta, uma relíquia da era soviética, cheia de válvulas e luzes, e de repente toda a sala se encheu com o som de fundo da estática, a mesma que os dois jovens soldados escutavam havia horas.

Viu? — disse Jung, acendendo dois cigarros ao mesmo tempo. — Podemos ficar fumando e conversando e ao mesmo tempo

cumprindo nosso dever. É simples quando você sabe se organizar. Se o capitão nos pegar... Park continuava se queixando, mas a possibilidade de fumar um cigarro era tentadora demais para dizer não. Nos últimos tempos era cada vez mais difícil arranjar cigarros, e ninguém sabia explicar muito bem por quê. Só se encontravam marcas nacionais, ásperas e de gosto ruim. A Coreia do Norte mantinha relações comerciais com pouquíssimas nações, e a China era uma delas. Os cigarros chineses, muito melhores, eram uma verdadeira raridade e se compravam a preço de ouro no mercado negro. Isso não era um problema para Jung, cujo pai tinha um cargo intermediário de certa importância. Onde arranjou esse maço? perguntou Park, com os olhos brilhantes. É um presente de meu pai, mas o velho deve estar ficando mão-de-vaca, porque disse para eu o fazer durar o máximo, pois não sabe quando vai poder arranjar mais. Fez um gesto desdenhoso, exalando fumaça. — Como se fosse tão complicado para ele ir à China e voltar com alguns pacotes! Park ficou olhando para o maço em silêncio, desfrutando a fumaça do cigarro. Uma parte de sua mente se perguntava por quantas provisões poderia trocar aquele maço no mercado negro e se daria um jeito de enviá-las a seus pais, uns pobres camponeses do oeste do país. O problema era que Jung jamais lhe daria o maço. Seu colega era um bom garoto, mas de uma família do Partido, e não podia entender as privações e a fome que uma simples família de camponeses podia passar. — Faz tempo que seu pai não vai à China? perguntou. — Pois é, agora que você está falando... antes ia a cada três ou quatro meses, mas acho que não vai desde... Caralho, faz muito tempo! Não havia parado para pensar.

É estranho... Não é a única coisa estranha — disse Park, após um instante de silêncio. — Não parou para pensar como é estranho nosso trabalho? Quero dizer, o que fazemos aqui, escutando o nada o tempo todo? — Ora, homem, o que nos disseram no curso respondeu Jung, desenhando um gesto vago no ar. — Captamos os sinais dos imperialistas para poder acertá-los com contundência na hora em que... Sinais? — interrompeu Park. — Que sinais? Estamos aqui há sete meses e tudo o que captamos são essas transmissões

automáticas, em idiomas que não entendemos, e uma estúpida emissora de música ianque. De resto, nada. Sei que é uma idiotice, mas é como se não restasse ninguém vivo fora daqui. Está dizendo isso para me assustar. — Jung arregalou os olhos, dando uma profunda tragada em seu cigarro. — Estou falando totalmente sério — respondeu Park. — Tudo isto é muito estranho. Acho que estamos sozinhos, Jung. Acho que todo mundo morreu, e que só restamos nós. Jung disse mentalmente a si mesmo que era a última vez que dividia um cigarro com aquele Parka agourento. As coisas que dizia eram realmente estranhas e, além do mais, o estavam assustando.

Talvez o que precisasse era um pouco mais de ortodoxia Juche — Sabe de uma coisa? — começou a dizer. — Acho que seu problema é...

Mas Jung não pôde prosseguir, porque nesse momento os alto-falantes da Rádio Estação de Escuta Hangeul 9 começaram a soar a todo o volume:

— ...Aqui Ithaca, chamando Gulfport, aqui Ithaca chamando Gulfport, a operação foi um sucesso. Voltamos para casa... (interferência)... com meio milhão de toneladas de petróleo. Gulfport, respondam, câmbio... Aqui Ithaca chamando... A porta da sala se abriu de repente, e o capitão Kim entrou a toda a velocidade, com os olhos exorbitados, tão assustado com o sinal de rádio que nem sequer notou a indisciplina de seus subordinados, em pé ao lado de seus postos e com um cigarro na mão. Kim era capitão, dentre outras coisas, por suas noções básicas de inglês, o idioma dos malditos imperialistas. Entre as interferências ouvira perfeitamente a palavra "petróleo". E sabia o que tinha que fazer. — Gravem o sinal ordenou a seus homens. — Alguém lá de cima tem que ouvir isso.

Duas horas depois, um carro oficial percorria as ruas desertas de Pyongyang, capital da Coreia do Norte. Sentado no banco de trás, o coronel Hong Jae-Chol olhava distraidamente pela janela, enquanto o veículo o levava a toda a velocidade para o Ministério de Defesa.

Pyongyang se estendia à sua volta como sempre, grandiosa, linda e triste. O veículo cruzava nesse momento uma das pontes sobre o rio Taedong pela pista reservada à frota do Partido. Aquilo era totalmente desnecessário, porque não haviam cruzado com mais de meia dúzia de carros e caminhões em todo o trajeto. Ninguém tinha veículo particular na Coreia do Norte.

Ao passar por baixo da sombra do absurdo triângulo inacabado do hotel Ryugyong, reparou que as poucas pessoas com quem cruzavam tinham um aspecto mais desolado que o habitual. Em uma viela, pareceu-lhe ver fugazmente duas pessoas revirando uma lata de lixo. Hong sabia que a fome andara castigando o país desde os anos 1990, mas nunca até então havia visto os habitantes da capital, funcionários do Partido em sua maior parte, passar privações. Aqueles sinais, certamente, não eram bons.

O coronel Hong pertencia ao reduzido e exclusivo grupo de oficiais norte-coreanos que sabia que o Apocalipse havia caído sobre a face da Terra. De uns quarenta e cinco anos, alto para a média do país, musculoso, as primeiras manchas grisalhas começavam a aparecer em seu cabelo preto. Fervoroso seguidor da ideologia Juche, havia sido membro dos esquadrões volantes encarregados de eliminar os poucos temerários que haviam conseguido cruzar a linha de demarcação que separava o Sul do Norte, e até a fronteira com a China. Se alguém quisesse saber como o coronel era realmente, muito poucos poderiam responder com certeza, pois quase ninguém o conhecia a fundo. Por um lado, seus colegas da escola de oficiais diriam que Hong era um sujeito experiente, maníaco e cumpridor dos seus deveres, mas muito reservado e silencioso. Os que haviam servido sob seu comando, por sua vez, afirmariam que era um filho da mãe sem entranhas, capaz de acabar com você para cumprir ordens. Os que haviam sido obrigados a enfrentá-lo não diriam nada, pelo simples motivo de que estavam mortos. Mas todos concordariam, sem dúvida, que Hong era um militar disciplinado. Se o mandassem pular de uma janela do último andar do Ministério de Defesa, ele o faria sem perguntar duas

vezes e com uma expressão imperturbável no rosto. O dever em primeiro lugar. O carro parou em frente à porta do ministério, e um assistente correu para lhe abrir a porta. Hong saiu do carro e se endireitou. Ainda não fazia muito frio, mas as neves do inverno logo apareceriam. Em pouco mais de cinco semanas teria que trocar o leve casaco de verão que usava pelo de inverno. Perguntava-se que efeito teria o frio extremo nas criaturas do outro lado da fronteira. O ano anterior pareceu não os afetar muito, mas depois das mudanças que haviam visto neles nesse verão, talvez... Coronel Hong? — Um comandante que usava o enorme quepe regulamentar do Exército Popular postou-se diante dele. — Eu mesmo — murmurou Hong. Era um homem de poucas palavras e além do mais, inconscientemente, olhava para as pessoas praticamente sem pestanejar. Tem olhos de morto, diziam às suas costas. Seu olhar carente de emoção costumava deixar seus interlocutores muito nervosos, e aquele pobre comandante não foi uma exceção. — Por favor, senhor, siga-me — gaguejou, nervoso. — Estão esperando-o no gabinete do ministro. O ministro em pessoa.

Aquilo era novo. Hong se livrou do quepe e do casaco ao entrar no edifício, perguntando-se por que motivo o haviam chamado ali. Não voltara à capital desde que seu grupo de assalto havia terminado as tarefas de limpeza na zona sul do mar do Japão. Havia sido um trabalho sujo, mas necessário. Pior o daquelas seiscentas crianças. Mas o que havia de fazer? Ele não se iludia. Sabia que ter dirigido aquela operação o havia transformado em uma carta marcada. Mesmo em meio ao horror do Apocalipse, se um dia vazasse o que havia feito naquela aldeia, as pessoas o olhariam com espanto. E, além do mais, ele sabia QUEM havia dado a ordem direta dos massacres, e por que a havia dado, de modo que sua presença era duplamente incômoda para seus superiores. Então, quando, após alguns meses de silêncio e abandono em um acampamento isolado, o chamaram naquela manhã, imaginou que algo grande ia acontecer. Hong não tinha certeza, pois não era um homem muito imaginativo, mas supunha que até o fim do dia ganharia uma medalha ou uma bala na nuca. Surpreendeu a si mesmo ao notar

que qualquer uma das duas possibilidades lhe era indiferente. — Espere aqui, por favor. Já venho buscá-lo. O assistente o deixou sozinho na sala e dirigiu-se ao gabinete do ministro. Hong olhou pela janela, ausente. A cidade, cinza, semi-vazia e com o inconfundível toque arquitetônico do Bloco do Leste, estendia-se até o horizonte. Tentou imaginar como seria caminhar por uma Pyongyang cheia daqueles não mortos, mas não conseguiu. Definitivamente, Hong era um homem com pouca imaginação. — Por favor, siga-me.

— O assistente havia reaparecido pela outra porta. Dando uma última olhada em seu uniforme, para ter certeza de que tudo estava em ordem e impoluto, Hong entrou na sala. O vice-marechal Kim Yong-Chun, ministro de Defesa da República dos Trabalhadores da Coreia do Norte, esperava-o sentado à cabeceira de uma longa mesa de reunião. Sentados ao seu lado estavam três homens, todos eles uniformizados, a quem Hong não conhecia. Com uma vaga inquietude, notou que ele era o militar de menor patente entre os presentes na sala.

Coronel, sente-se, por favor convidou o ministro, gentilmente, enquanto um ajudante lhe entregava um grosso dossiê. — Permita-me que lhe apresente os generais Kim, Chong e Li. Fazem parte da equipe assessora de nosso Amado Líder Kim Jong Il para esta... situação especial. Hong se sentou sem prestar muita atenção nos nomes. Era evidente que aqueles homens só estavam ali como testemunhas da reunião, para dar fé do que se dissesse e das respostas correspondentes. O que quer que tivessem que lhe dizer seria dito pelo ministro, de modo que aqueles generais não importavam, apesar de sua patente. Portanto, limitou-se a assentir com a cabeça e cravou seu olhar sem pestanejar no ministro. — Permitam-me que lhes apresente nosso homem começou o ministro. O coronel Hong é um membro destacado e experimentado das forças especiais. Antes desta situação "especial", já tinha um vasto currículo: participou de três incursões ao sul da linha de demarcação e de outra nas costas do Japão, e em todas as suas

missões atuou com verdadeiro espírito revolucionário.

Sinceramente, creio que é a pessoa indicada para este delicado assunto que... Hong se deixou levar por seus pensamentos. Como tudo aquilo soava bonito dito em volta de uma mesa, em um confortável gabinete. A verdade era que cada uma daquelas incursões fora das fronteiras havia sido um inferno regado a sangue. As três da Coreia do Sul haviam tido como objetivo realizar operações de espionagem e sabotagem, e na última delas havia voltado com uma bala na mão que o fizera perder metade de dois dedos. Aquela ferida ainda doía de vez em quando. A missão do Japão tinha sido muito mais suja e obscura. O objetivo era sequestrar cidadãos japoneses para levá-los à Coreia e poder usá-los como instrutores de idioma e costumes nas escolas de espionagem. Aquela missão quase havia acabado em fiasco. Dos seis indivíduos capturados, três homens e três mulheres, segundo as ordens, só tinha conseguido levar consigo os homens. Uma das mulheres começara a gemer quando uma patrulha japonesa passava muito perto e ele fora obrigado a estrangulá-la com suas próprias mãos. As outras duas haviam ficado nervosas ao ver aquilo, de modo que as tinha degolado, para evitar problemas. E, embora ele não soubesse, não havia pestanejado nem uma única vez enquanto fazia tudo aquilo.

O dever em primeiro lugar. ...e isso nos leva à situação atual e ao que nos reuniu hoje aqui concluiu o ministro, abrindo o dossiê que haviam colocado à sua frente.

Aí vamos nós, pensou Hong. Hoje, às três e meia da tarde, hora local, a rede de detecção de sinais Hangeul captou um sinal de rádio de dois minutos e vinte segundos de duração. O sinal, que repetiu a mesma mensagem várias vezes, foi transmitido em inglês. Vocês receberam uma transcrição completa da mensagem em sua cópia do relatório.

Durante alguns segundos, ouviu-se na sala o som de folhas de papel. Então, o ministro coreano prosseguiu dizendo: — O sinal provinha de um ponto situado a poucas milhas da costa africana. Era

transmitido por um navio norte-americano. Militar? perguntou, alarmado, um dos generais. — Não, o navio é civil, um petroleiro, pelo conteúdo da mensagem. — Existe a possibilidade de que esteja sendo escoltado? — perguntou outro general, que pela idade tinha jeito de ter, no mínimo, lutado na Idade Média.

— Não sabemos, mas também isso não é importante — respondeu o ministro, virando uma folha. — Está muito longe para ser alcançado por qualquer navio da Marinha Popular, e além do mais também não haveria tempo para interceptá-lo. E por que íamos querer interceptá-lo? perguntou Hong, cautelosamente. Era a primeira vez que falava desde que começara a reunião, e todos os olhares se voltaram para ele. Em um segundo, porém, desviaram-se. Os olhos carentes de vida do coronel eram muito inóspitos para se olhar por muito tempo. O ministro pigarreou, constrangido, olhando alternadamente para cada general. O mais velho de todos assentiu levemente com a cabeça.

O ministro Kim reuniu coragem e olhou diretamente nos olhos de Hong.

— Coronel, a situação é complicada. Apesar dos sábios e sempre atinados conselhos de nosso Amado Líder, estamos chegando a um ponto crítico. O desencadeamento do Apocalipse nos afetou muito menos que a todos os decadentes imperialistas em volta, inclusive nossos vizinhos do Sul. Graças às sábias medidas de Kim Hong, nem um só desses monstros ultrapassou nossas fronteiras, e a doença não se espalhou pela Coreia do Norte. Nesse sentido, estamos a salvo. A mesma verborreia de sempre, mas nem uma palavra sobre o verdadeiro problema. Uma maneira muito burocrática de tirar o seu da reta, pensou Hong, e decidiu ser mais direto. — E qual é o problema, então? perguntou Hong. É que, infelizmente, não estamos sozinhos no mundo. Apesar de nossa política oficial ter sido a autarquia durante todos estes anos, quero dizer, fabricar nós mesmos todos os nossos produtos de consumo e explorar apenas nossos próprios recursos, há determinadas coisas nas quais, porém e apesar de todos os nossos esforços —, ainda estamos longe de

ser completamente autossuficientes. Hong cruzou as mãos em cima da mesa, lentamente. Sabia-se que o sistema estava falhando e que as carências eram gigantescas. A Coreia do Norte era um país eminentemente rural havia décadas e quando se sucediam vários anos de colheitas ruins, a fome era espantosa. Anos atrás, haviam até sido obrigados a aceitar a humilhante ajuda norte-americana, em forma de grãos e medicamentos, para superar a ameaça de morte por inanição de regiões inteiras do país. Aquilo tinha salvado milhões de vidas, mas, para pessoas como Hong, havia representado uma afronta mortal e uma vergonha difícil de suportar. O coronel era um Juche convicto e acreditava firmemente que a Coreia do Norte devia se manter por si mesma e permanecer alheia às influências imperialistas do exterior.

— E daí? — disse, sem alterar sua expressão. — Camarada ministro, acredito que podemos viver perfeitamente sem cigarros chineses ou cervejas japonesas de contrabando.

Sem dúvida, coronel. Mas, sem petróleo, estaremos de joelhos em menos de três meses. O petróleo. O maldito petróleo. É isso, claro. — Entendo — disse lentamente, assimilando a informação. — É muito ruim a situação? O ministro tornou a olhar nervosamente para o general mais velho, que novamente sacudiu a cabeça de forma quase imperceptível. Fazia Hong pensar em uma tartaruga; uma tartaruga imensamente velha, feia e calva. É catastrófica. O abastecimento de petróleo da República Popular da Coreia era algo feito exclusivamente por nossos camaradas da China. Desde que o Apocalipse eclodiu, não recebemos nem uma gota. — Os chineses cortaram o abastecimento?

— Não exatamente — respondeu o ministro, com a voz meio trêmula. Então, o quê? — Acreditamos que não reste absolutamente ninguém vivo na China, afora algum grupo disperso. Independentemente dos não mortos, as zonas industriais, onde ficavam os depósitos e as refinarias, foram arrasadas quando Pequim tentou conter a praga com explosões termonucleares. Não podemos obter nada dali. Para quanto tempo ainda temos? A

indústria pesada está praticamente paralisada, e a indústria leve está funcionando somente a um quarto de sua capacidade. O combustível está totalmente racionado, até mesmo no Exército Popular, e estamos economizando para o inverno, mas, mesmo assim, não será suficiente. Coronel, em três meses, no máximo, teremos acabado com nossas reservas. Neste inverno, muita gente morrerá de frio. — É prioritário capturar esse navio e sua tripulação, coronel. — Hong se voltou para o velho general Tartaruga, que era quem havia falado com voz quebradiça. O ancião prosseguiu:

— Temos que descobrir em que porto conseguem o petróleo e pô-lo sob o controle do Exército Popular o quanto antes.

Se obtivermos uma fonte constante e confiável de petróleo, coronel interveio o ministro , a situação mudará radicalmente. Não só garantiríamos a viabilidade da República da Coreia, como também teríamos o impulso necessário para o plano que nosso Amado Líder traçou. Com petróleo, seremos invencíveis. — Invencíveis?

— Pense bem, coronel. Não resta nenhum país como tal no mundo, apenas a Coreia do Norte sobreviveu ao Apocalipse. O ministro falava com a voz entrecortada pela emoção. — Quando tivermos garantida uma fonte de combustível que mova nossos navios, tanques e aviões, conquistar o mundo inteiro será brincadeira de criança. Esses pequenos restos de sobreviventes assustados e dispersos que estão por aqui e por ali, agarrados aos restos de uma bandeira, não seriam rivais para nossas gloriosas forças. É o Destino Manifesto de nosso Amado Líder, coronel... Espalhar o Juche por todo o mundo! O camarada Kim Jong pode ser o primeiro governante do mundo todo, um mundo todo unido sob a ideologia Juche, no qual nós, coreanos, seremos a força dirigente! Os três generais sentados à mesa começaram a bater no tampo ruidosamente para aplaudir as palavras do ministro, que arfava, vermelho de satisfação. Hong notou os olhares entusiasmados dos militares. O plano era ambicioso, mas, se desse certo, as implicações seriam assombrosas. Pela primeira vez na história, existia apenas uma potência no mundo, e era a Coreia do Norte. Kim Hong II tinha

a possibilidade de conseguir aquilo que Alexandre, Gêngis Khan, César, Napoleão ou Hitler apenas puderam sonhar. Ser o dono do mundo. O amo total da Terra. — Coronel, sua missão é servir de ponta de lança. Pela transmissão, sabemos para onde esse navio se dirige. Vai para Gulfport, uma pequena cidade situada no Sul dos Estados Unidos. O senhor e um grupo seletivo de trezentos homens irão de avião até lá e capturarão esse navio e sua tripulação, ou pelo menos descobrirão o petróleo — Cumprirei minhas ordens, camarada ministro, mas acho que estão esquecendo uma coisa — disse o coronel, escolhendo suas palavras com muita cautela. Os não mortos.

Eles estão por todo lado, bilhões deles. Nem sequer o Exército Popular pode acabar com essas criaturas. Como pretende conquistar o mundo com esses seres andando por todos os lugares? Um novo olhar entre o ministro e o general ancião. Um novo assentimento deste.

Coronel — disse lentamente o ministro Kim, com um sorriso de satisfação —, a verdade é que esses seres, esses não mortos, não têm muito tempo. — Como? — Hong, estupefato, pestanejou pela primeira vez em toda a reunião.

— Os não mortos — Kim sorriu — estão morrendo. Todos eles.

Lúculo! Venha aqui imediatamente! Maldito gato! Lucía bufou furiosa, tentando pela enésima vez pegar o enorme persa que a observava com um brilho divertido nos olhos. Durante a primeira semana a bordo do Ithaca, Lúculo havia se transformado em um dos passageiros mais populares. Muito poucos gatos haviam sobrevivido em todo o mundo, e os oficiais e marinheiros do navio haviam ficado seduzidos de imediato pelo encanto felino daquele pequeno sacana cor de laranja. Durante dias, Lúculo havia passeado com inteira liberdade por todo o navio (ao menos pela metade traseira, pois a parte dianteira a dos hilotas estava totalmente isolada), até que, três dias atrás, Enzo o havia surpreendido dentro do camarote do capitão, deitado em seu paletó de gala... depois de uma longa

excursão pela sala de máquinas, que havia deixado seu lustroso pelo laranja coberto por uma grossa — e pegajosa camada de óleo de motor. Nem é preciso dizer que uma generosa quantidade desse óleo havia impregnado profundamente o paletó, algo que não havia agradado muito a Enzo... nem a Birley, naturalmente. A partir desse dia, e por ordem direta de um irritado Birley, Lúculo estava com seus movimentos "restritos", e Lucia tinha que velar pelo cumprimento disso. E tudo estivera bem até apenas dez minutos antes. — Vamos, Lúculo. — Lucía tentou de novo, dessa vez com agrados. Tirou do bolso uma barrinha de carne e a agitou tentadoramente de forma que o gato a visse. Venha comigo, lindinho, vamos... Lúculo, evidentemente, fez o que faria todo gato diante de uma oferta como essa. Voltou-se, deu um pulo e, após trotar alguns metros pelo convés, subiu em uma claraboia, fora do alcance de Lucía. Definitivamente, aquela brincadeira era genial. Ele estava adorando. Lucía suspirou, desanimada.

A tarde havia se fechado, e tudo indicava que ia começar a chover a qualquer momento. A última coisa que queria era ficar andando pelo convés atrás do gato quando o dilúvio caísse. — Venha, Lúculo, seja bonzinho, ande... Enquanto dizia isso, foi se aproximando lentamente do gato persa, mas, cada vez que o fazia, Lúculo simplesmente se afastava alguns metros e a esperava, travesso. Lucía nunca tivera um gato e não sabia que, quando um desses pequenos felinos não quer ser pego, é impossível pegá-lo.

Se simplesmente houvesse fingido desinteresse e ido embora, Lúculo teria saído trotando atrás dela, mas Lucía desconhecia esse extremo, de modo que lentamente foi cruzando toda a extensão do navio atrás do pequeno animal laranja, até que finalmente chegou ao alambrado da proa. Peguei, filho da mãe murmurou Lucía ao encurralar Lúculo no alambrado.

O gato, ao perceber que a brincadeira havia acabado, revirou-se de um lado para outro, tentando desesperadamente encontrar uma saída. Então, entre dois apertados rolos de arame farpado, viu um buraco. Não era muito grande, tinha apenas o tamanho exato para

que um gato com certo sobrepeso pudesse passar por ele. Aquele dia estava sendo o mais divertido em muito tempo. Como um raio, Lúculo passou pela fenda do alambrado, deixando um bom punhado de pelos laranja para trás. Lucía fez um último gesto desesperado para pegá-lo, mas mal pôde roçar seu rabo. Frustrada, deu um pontapé em uma tubulação, soltando palavrões dignos do melhor caminhoneiro.

— E agora, o que vamos fazer, Lúculo? Vou dizer a seu dono que se encarregue de você, maldito gat... Lucía ficou calada de repente. Um homem havia aparecido em uma das escotilhas do convés de proa, do outro lado do alambrado, e após acender um cigarro caminhava com tranquilidade para o gato com as mãos nos bolsos. O homem, de uns trinta anos, usava o uniforme de camuflagem regulamentar do exército americano e mancava levemente.

Ao chegar à altura de Lúculo, agachou-se e passou a mão pelo lombo do animal, que imediatamente começou a ronronar de satisfação, esticando-se o máximo que seus tendões lhe permitiam. O gato havia decidido que por aquele dia bastava de correr. O soldado segurou Lúculo no colo e se aproximou do alambrado, coçando as orelhas do bichano. Procurou um vão na rede farpada e com muito cuidado passou o gato, até depositá-lo no colo de Lucía. Ela o observou fixamente. Era alto, muito moreno, quase cetrino, de cabelo preto e profundos olhos castanhos. Era evidente que tinha sangue indígena, apache ou asteca, o mais provável. Por isso, Lucía ficou muito surpresa ao ler "Dobzhansky" na etiqueta da lapela do uniforme. Muito obrigada... há, senhor Dobzhansky. Se não fosse pelo senhor, nunca teria pegado este safado.

O homem ficou paralisado por um momento e de repente começou a rir. Era um riso fresco, saudável, libertador. Olhou para Lucía com um ar divertido e jogou o cigarro no chão. — Meu nome é Carlos, Carlos Mendoza — disse em espanhol com um forte sotaque mexicano. — Esse Dobzhansky, do uniforme, não sei quem é. Recebi-o assim que cheguei a Gulfport, de modo que imagino que o maldito louro que usava este uniforme antes já deve estar há muito tempo morto

ou passeando como essas malditas almas penadas, se me permite a expressão. Mas quem é a senhorita? Meu nome é Lucía, e venho da Espanha — murmurou a jovem com um fio de voz, hipnotizada diante do olhar profundo do soldado. — Nosso navio naufragou na tempestade, e a tripulação do Ithaca nos resgatou, e então eu estava seguindo Lúculo, que havia fugido, mas não me obedecia, e então... De repente Lucía percebeu que estava murmurando incoerências, como ocorria sempre que ficava nervosa. Amaldiçoou-se internamente. — O que aconteceu com sua perna? — perguntou bruscamente, para mudar de assunto. — Está mancando. — Isto? replicou o mexicano, sem dar importância. — Foi outro dia, quando descemos no porto para conectar essas mangueiras. Não é nada.

Um não morto o feriu? — Lucia deu um passo para trás, inconscientemente.

— Sim, mas não é nada, senhorita. Em duas semanas, no máximo, estará cicatrizado. Foi uma mordida muito superficial. O filho da mãe me atacou por trás enquanto eu estava atirando. Nem o vi chegar. Por sorte, não tinha metade da mandíbula, de modo que a dentada não foi muito profunda. Lucía ficou olhando para ele, alucinada.

Sabia que o vírus TSJ era terrivelmente infeccioso, havia visto os infectados se transformarem em não mortos em questão de minutos, e ali estava aquele homem, tão satisfeito diante dela, comentando que um maldito não morto o havia mordido com a mesma naturalidade de quem diz: "Ah, você não vai acreditar! Sabe quem vi no supermercado?".

— Você é imune? O TSJ não o afeta? Isso é incrível! O soldado voltou a rir, dessa vez com um riso mais amargo. Tinha uma voz profunda que fez Lucía recordar Benicio del Toro. — Ah, claro que não, senhorita. Bem que eu gostaria. A verdade é que não existe ninguém imune ao TSJ. Ninguém. Esse vírus é um filho da mãe da pior espécie, você sabe. Uma vez que o pega, ferra você para o resto da vida.

— Então, como diabos... — começou a perguntar Lucía, mas nesse momento ouviu uma voz atrás de si.

— Senhorita, por favor, afaste-se da cerca. E você, maldito hilota, faça a mesma coisa. A mais de dois metros do alambrado, como já sabe. Não nos obrigue a pedir duas vezes, ou faremos suas tripas saírem pelas costas. Mexa-se!

Lucía se voltou. Dois marinheiros do Ithaca e um dos oficiais de impoluto uniforme azul naval estavam em pé, embrulhados em capas de chuva e armados com fuzis M16. Estavam com as armas destravadas, e Lucía notou que, embora não apontassem para o soldado, estavam com o dedo no gatilho. Carlos Mendoza levantou os braços lentamente e se afastou do alambrado caminhando para trás, sem tirar os olhos dos marinheiros nem um segundo. Sua expressão era uma mistura de orgulho, desprezo e angústia. — Não se preocupem. — Do modo como pronunciava, soava "preocupeem". — Não toquei nela, nem nela nem no maldito gato. Só estávamos conversando, nada mais. — É verdade isso? — O oficial olhava para o mexicano com uma expressão inescrutável no rosto. Não tocou em vocês? Não — mentiu Lucía, sem saber muito bem por que fazia isso. — Não tocou em nenhum dos dois.

Bem, volte para a popa, por favor, e não se aproxime desta área sem nos comunicar primeiro. Esses homens são criminosos perigosos, gente da pior espécie. — Até logo, Lucía — despediu-se o soldado, abrindo uma garrafa de bolso e dando um trago. — Não se esqueça de Carlos Mendoza. Se precisar de mim, diga que você é dos Justos. Quem sabe, talvez voltemos a nos encontrar.

Os Justos? Do que está... — Mas o homem já havia se voltado e penetrava de novo nas entranhas do navio. Lucía voltou lentamente para a popa, acariciando Lúculo, enquanto as primeiras gotas da tempestade caíam no convés com um som surdo, batendo no metal quente. Sua cabeça era um torvelinho. Uma parte de sua mente trabalhava a toda a velocidade, pensando na estranha conversa que acabava de ter. Aquele homem não era imune, porém o vírus não

parecia afetá-lo. Aquilo não tinha nenhum sentido. Ela vira lançarem ao mar vários soldados feridos, depois de uma simples cerimônia. O TSJ os havia matado. Porém, aquele homem e o gigantão negro de braço tatuado continuavam passeando por ali, como se nada houvesse, apesar de terem sido infectados. Pelo menos aparentemente, claro. Por outro lado, não conseguia apagar de sua mente o sorriso descarado daquele homem e o brilho desafiante em seus olhos. E quanto mais pensava neles, mais atraentes lhe pareciam.

O reverendo Greene nunca havia sido um homem atraente, mas naquela manhã a expressão avinagrada de seu rosto não ajudava a melhorar o conjunto. De uns setenta anos, baixinho, seco, com as primeiras manchas de idade cobrindo a pele apergaminhada, usava seu eterno terno cinza com fivela de prata na gola e um chapéu Stetson na cabeça, como todos os dias havia quarenta anos. Mas o reverendo não estava feliz. Embora o sermão da oração da manhã (Louvado seja o Senhor Jesus Cristo para sempre, amém, aleluia!) houvesse sido particularmente inspirado, sabia que alguma coisa não andava bem. Ou melhor, seu joelho sentia que algo não estava bem. E seu joelho sempre tinha razão. Uns toscos que haviam bebido muita cerveja e não gostavam de sua presença o haviam quebrado em Waynesboro, Virgínia, no ano de 1974. Não que houvesse sido uma lesão excessivamente grave. Era uma ruptura muito comum em atletas, bailarinos, escaladores... e vítimas de um bando de bêbados enfurecidos. A maioria das pessoas que sofre uma lesão nessa articulação costuma se recuperar, sem complicações, em poucas semanas. Alguns ficam lesados pelo resto da vida, mas outros (Louvado seja o Senhor, amém, aleluia!) não sofrem sequelas de nenhum tipo. Ao se curar, alguns descobrem que, como em um passe de mágica, esse joelho machucado se transformou em um infalível detector da mudança do tempo e são capazes de adivinhar, com várias horas de antecedência, que esse maravilhoso e primaveril dia vai dar lugar a uma tarde de raios e trovões.

O caso do reverendo Greene havia sido levemente diferente. Após cinco longas semanas em um hospital do condado de Rockbridge (julgara que era mais prudente cair fora de Waynesboro enquanto ainda lhe restava algum pedaço inteiro), finalmente teve alta. Quando saiu à rua pela primeira vez, notou que seu joelho começava a doer, no início com uma pulsação suave e longa, que foi se tornando cada vez mais acelerada e dolorosa à medida que o tempo passava. Quando achava que ia morrer de dor e já estava pensando em voltar ao hospital, aconteceu tudo aquilo. Dois homens encapuzados saíram de uma joalheria da calçada da frente atirando a torto e a direito, enquanto o alarme disparava, com um som terrível. Um sujeito bastante velho, armado com uma escopeta (provavelmente o dono, pensou Greene), saiu da loja atrás dos bandidos. Estivera sob a mira deles até esse instante, mas em um momento de descuido havia acionado o alarme da joalheria, que encobria qualquer outro som. Naquele instante, estava no meio da rua com um rifle que parecia feito para caçar bisões africanos, no mínimo. — Venham aqui, FILHOS DA PUTA! — O homem uivava, apoiando o rifle no ombro e apontando para os bandidos, que fugiam. NINGUÉM vai me foder! Quando atirou, o coice da arma o jogou meio metro para trás, mas o velho tornou a correr o ferrolho do rifle e atirou de novo. De repente, surgiu nas costas de um dos bandidos uma enorme flor vermelha que espirrava sangue de maneira arritmica.

O homem caiu no chão bem quando seu companheiro se voltou e apontou um revólver para o velho. O que tinha na mão parecia um brinquedo infantil comparado com o rifle de caça do joalheiro, mas àquela distância dava no mesmo. O primeiro tiro entrou por um flanco do velho, ao passo que o segundo atravessou seu olho direito, matando-o no ato. Em um último gesto reflexo, o cérebro do joalheiro havia mandado a seu dedo indicador a ordem de apertar o gatilho, e embora seu dono já estivesse morto, o dedo obedeceu. A bala saiu, jogando o corpo maltrapilho do velho dois metros para trás, enquanto a cabeça do bandido se transformava em algo parecido com um pote de geleia de amora, espirrando em todas as

direções. Não haviam se passado mais de dez segundos desde que tudo começara. A rua ficou em silêncio, exceto pelo maldito alarme, que não parava de tocar. Cheirava a pólvora queimada, sangue e merda.

Greene, que durante todo o tiroteio permanecera em pé, colado a uma parede, começou a andar cautelosamente, afastando-se dos corpos caídos na calçada. As primeiras sirenes da polícia já se ouviam ao longe. Só nesse instante ele percebeu que o joelho havia parado de doer. E ainda por cima sentia-se melhor que nunca. Não deu maior importância ao fato, nem sequer quando em Gainsville, na semana seguinte, seu joelho começou a latejar de novo com força, exatamente uma hora antes de um caminhão articulado passar por um semáforo fechado no cruzamento onde Greene estava tomando uma xícara de café, enquanto pensava no que fazer com os últimos vinte e sete dólares que tinha no bolso. Aquele caminhão levou pela frente um Chevrolet com uma família de cinco membros. Morreram todos, inclusive o motorista do caminhão.

Nesse exato momento, o maldito joelho parou de latejar, aparentemente satisfeito com as mortes que havia visto tão de perto. No início, ele pensou que não era mais que uma maldita coincidência. Porém, a experiência foi se repetindo várias vezes, onde quer que estivesse, independentemente do que estivesse fazendo. Começava como uma pulsação suave, que ia se transformando em uma dor surda e quente à medida que a hora se aproximava. Às vezes, bastava que se afastasse do lugar em que estava para que a dor fosse diminuindo, até desaparecer. Se no dia seguinte consultasse os jornais ou a televisão, descobriria que o lugar onde estivera quando seu joelho começara a pulsar havia sido palco de algum acidente terrível ou de algum crime impressionante. Sempre, não importa o que acontecesse, havia derramamento de sangue.

Em outras ocasiões, porém, sucumbia a uma fascinação mórbida. Quando começava a sentir a pulsação, punha-se a caminhar, inquieto, seguindo a direção que indicava aquele joelho macabro,

guiando-se pela intensidade da dor como um morcego se guiaria pelo som, até que sentia que a pontada era tão forte que estava prestes a desmaiar. Então, escondia-se e esperava. E sempre acabava acontecendo alguma coisa. Ao longo dos trinta e cinco anos anteriores ele havia sido testemunha de pelo menos quinze acidentes de trânsito, dezenove assassinatos, uma decapitação acidental e dois estupros que acabaram em morte. E, para sua surpresa, havia se regozijado em todas aquelas ocasiões (mas jamais o reconheceria, nem mesmo diante do próprio Deus). Com o passar dos anos fora se formando na mente do reverendo Greene uma estranha imagem de si mesmo. Ele acabara aceitando que aquela estranha capacidade de visão que possuía era um dom concedido pelo Senhor (Louvado seja para sempre Seu nome, amém, aleluia!). Podia sentir o Mal. Mais importante ainda, podia antecipar a chegada do Mal. Isso o transformava, sem dúvida alguma, em um Profeta, em um Escolhido do Senhor. E se podia profetizar a chegada do mal... isso não o transformava em um arauto para quando ocorresse a inevitável chegada do Anticristo à Terra? Seus sermões mudaram radicalmente. Greene, sétimo filho de agricultores semianalfabetos do Alabama, nunca tivera estudos. Pegara a estrada para pregar a palavra do Senhor porque havia sentido o chamado. Ou melhor, porque assim evitava as surras de um pai alcoólatra e uma mãe com princípio de esquizofrenia. Apesar de ter um verbo incendiário, seu conhecimento das Sagradas Escrituras era bastante deficiente. E isso, para um pregador ambulante no Cinturão Bíblico, não era o melhor cartão de visitas.

Mas ser o arauto do Apocalipse mudava tudo. Sua mensagem se tornou febril, quase obsessiva. O Senhor ia castigar a iniquidade de seus filhos desgarrados. A impiedade, a sodomia, os democratas, os negros, os judeus, os hispânicos, os muçulmanos, os comunistas, a música tecno, tudo cabia no enorme caldeirão de bruxo em que Greene cozinhava suas pregações. Todas essas coisas eram horríveis e desagradáveis aos olhos do Senhor, tudo aquilo que se afastasse dos bons e velhos princípios do Sul. A chegada de um negro (um maldito negro, indignava-se Greene) à Casa Branca não era mais

que uma prova da decadência e depravação em que o mundo afundava. E o Senhor (Louvado para sempre seja Seu nome, aleluia, amém!) estava enfurecido e pronto para desencadear sua justa ira. E então, um dia, começou a Dor. A pulsação de seu joelho se tornou rítmica e intensa, de uma forma que Greene jamais havia experimentado em quase quarenta anos. No início, pensou que um crime especialmente terrível estivesse prestes a ocorrer. Esperou durante alguns dias, expectante, mas nada acontecia, embora a pulsação continuasse aumentando de intensidade. Começou a consumir Vicodin como se fosse bala, mas a dor não passava. Incapaz de aguentar aquela tensão, decidiu que não seria testemunha do que quer que aquela pulsação anunciasse. Então, no meio da noite, desmontou a tenda que utilizava para seus sermões, colocou-a no teto de seu motor home e fugiu para o Sul. Mas afastar-se não adiantou nada. A Dor o seguia como um cão fiel a seu dono. Fosse aonde fosse, durante quinze dias a Dor ficou colada a ele, como os restos de merda que ficam colados no sapato. Foram dias confusos, nos quais Greene, quase delirando, dirigia meio inconsciente seu enorme motor home rumo ao Sul, de maneira instintiva. Se houvesse sintonizado algo que não fossem emissoras cristãs, teria sabido que uma pandemia viral estava se espalhando por todo o mundo e que já havia aterrissado nos Estados Unidos. Por isso, quando chegou a Gulfport, Mississípi, o reverendo Greene não tinha nem ideia de que o Apocalipse que se supunha ele devia anunciar já havia começado duas semanas atrás. Mas ficou sabendo de outra coisa.

Assim que chegou à cidade, seu joelho parou de latejar. A dor desapareceu. Por completo.

Aquilo era, sem dúvida, um sinal que devia significar alguma coisa, mas quando chegou a Gulfport estavam acontecendo muitas coisas simultaneamente. A Guarda Nacional estava tentando evacuar todos os moradores da cidade para a Área Segura que havia se formado na vizinha Biloxi. Dos setenta mil habitantes de Gulfport, dois terços já haviam ido embora, de maneira caótica e desordenada, e

os que restavam estavam muito atarefados recolhendo seus pertences para ir embora. Por isso, quando o velho motor home de segunda mão de Greene entrou pela estrada principal da pequena cidade, quase ninguém notou sua presença.

Greene viu claramente. Aquela era a ocasião para a qual estava predestinado, pela qual estivera esperando durante tanto tempo. O Fim dos Dias estava chegando, mas ele sabia onde os Justos deviam se refugiar. Ele sabia qual era o lugar que estaria a salvo da ira do Senhor. Ali onde a Dor não podia chegar. Greene instalou sua barraca na saída da cidade, na estrada que ligava Gulfport a Biloxi, e imediatamente subiu a seu púlpito. Pela primeira vez em muitos anos, sentia uma corrente de energia que agitava todo o seu corpo como uma descarga elétrica. Seus músculos nem sequer doeram enquanto levantava o poste da tenda, porque sentia arder dentro de si a chama do Senhor.

— Ouçam-me! Prestem atenção, boa gente de Gulfport! Não fujam daqui, pois vocês nada têm a temer! Este lugar está santificado pelo Senhor e a pestilência não chegará!

A pestilência NÃO CHEGARÁ! Continuou se esgoelando durante horas, embora só conseguisse que duas dúzias de curiosos, ou pessoas esgotadas demais para seguir caminho, parassem junto a sua tenda para ouvir seu sermão. Mas então o Senhor decidiu ajudá-lo, e fez Stanley Morgan cruzar seu caminho. Stanley Morgan, conhecido pelos moradores como o Velho Stan, era prefeito de Gulfport, ininterruptamente, havia quase vinte anos. Branco, anglo-saxão, protestante e republicano até os ossos, Stan achava que só havia um jeito correto de fazer as coisas: o seu.

Por isso, quando um elegante coronel do corpo dos marines, com sotaque de Rhode Island e ar do Norte, havia parado diante de sua mesa para lhe dizer que tinha que evacuar toda a população de Gulfport para a Área Segura de Biloxi em quarenta e oito horas, Stan tivera que reunir todo o seu auto-controle para não lhe dar um soco que arrebatasse os dentes brancos daquele sujeito. Ninguém

dava ordens a Stan Morgan, muito menos um coronelzinho metido. Evacuar sua cidade? Uma ova! Gulfport havia resistido ao passar de mil e uma emergências, entre elas vários furacões (o último deles, o Katrina, em 2005, havia deixado metade da cidade em ruínas), e jamais havia sido evacuada por completo. E Stan queria ser recordado por uma biblioteca com seu nome, ou um parque. Eu mereço, caralho. E isso seria impossível se passasse para a história como o prefeito que teve que evacuar sua amada cidade. De modo que fez tudo o que pôde para fingir que cumpria as ordens de evacuação, mas sem realmente mexer um dedo, com um olho nos militares e outro na televisão, onde podia ver ao vivo o mundo inteiro desmoronar em questão de horas. Mas, assim como ele via, centenas de moradores observavam, pela CNN, os não mortos irem se espalhando como uma mancha de óleo por todo o país, e o pânico correndo solto. Dezenas de famílias carregaram apressadamente seus pertences nos próprios carros e pegaram a estrada em direção a Biloxi, onde a mídia informava que ficava a Área Segura mais próxima. Naturalmente, não havendo uma evacuação organizada, a única coisa que conseguiram fazer foi congestionar rapidamente a Interestadual 10, que ligava as duas cidades. Dezenas de milhares de pessoas ficaram presas em um enorme engarrafamento, que se transformaria, em poucas horas, no palco de uma carnificina de dimensões descomunais. Mas naquele momento ninguém suspeitava que os não mortos estivessem tão perto. Stan reuniu toda a sua força de vontade para impedir que seus munícipes fossem embora, mas aquilo não era tão simples quanto convencê-los de que as carroças da Feira da Abóbora da Cidade deviam medir dois metros a mais. O pânico havia bloqueado qualquer sombra de racionalidade. Argumentou, raciocinou, rogou e amaldiçoou, mas a maior parte das pessoas, assustada e temendo a iminente chegada dos não mortos, simplesmente dizia: "Sinto muito, Stan, de verdade, mas é que..." e entrava no carro sem olhar para trás.

Até que o destino pôs em seu caminho aquele pregador meio maluco, que debaixo de uma barraca mal montada se esgoelava à

beira da estrada. E então Stan teve uma ideia.

O homem da barraca tinha pinta de ser um desses pregadores ambulantes que tanto abundavam na região, que viviam da caridade, dos donativos e suspeitava dos falsos milagres. Naquele momento, estava gritando algo sobre o Fim dos Dias (um argumento bastante comum no Manual do Pregador, aliás), mas realmente interessante era o que acrescentava a seguir. Gulfport. Gulfport era segura. De fato, era o único lugar seguro em milhares de quilômetros. Gulfport. Sua cidade. De modo que, sem pensar duas vezes, subiu no encardido tablado do pregador e lhe estendeu a mão. — Boa tarde, reverendo disse, mostrando seu sorriso de tubarão, que o havia ajudado a fechar muitos negócios imobiliários. Sou Stan Morgan, prefeito de Gulfport, e acredito que Deus o pôs em meu caminho. Menos de duas horas depois, a pequena barraca mal montada do reverendo Greene havia desaparecido e em seu lugar erguia-se uma enorme e moderna tenda com capacidade para mais de quatrocentas pessoas, da qual os empregados de Stan haviam retirado apressadamente os cartazes de Promoções Imobiliárias Morgan. Debaixo dela, com um equipamento de som que podia competir com o do estádio local dos Gulfport Merlins (de fato, era o equipamento de som dos Merlins), o reverendo Greene, com Stan Morgan ao seu lado, fazia que fosse impossível avançar pela interestadual sem reparar nele. A combinação do magnético discurso de Greene com a impressionante imagem de Stan Morgan, um homem conhecido por todos os moradores, fez que os veículos começassem a parar; primeiro dois carros, depois três ou quatro caminhonetes, e em pouco menos de meia hora, uma pequena multidão se congregava sob a tenda, onde Greene se esgoelava anunciando que Gulfport era o único lugar seguro em todo o Mississippi. O ser humano, como bem sabia Stan, possui uma natureza gregária. Tende a fazer o que a maioria faz. E ao ver aquela multidão parada embaixo da tenda plantada no acostamento da estrada, os moradores de Gulfport começaram a fazer exatamente isso. Parar e ouvir. Stan aproveitava a ocasião para circular entre os moradores, em quem as palavras de Greene

pareciam ter o mesmo efeito que uma carícia suave no lombo de um cão aterrorizado. Subitamente, a histeria coletiva foi se apaziguando, e aqueles que antes não eram capazes de ver além da fuga para a Área Segura de Biloxi de repente estavam prontos para ouvir Stan de novo. — É um homem santo — sussurrava Stan, apertando mãos e distribuindo palmadas nas costas. — Atravessou mais de três estados nessa maldita van, cercado de milhões desses seres, e não sofreu nem um arranhão. Realmente tem que ser abençoado pelo Senhor. E as pessoas, assustadas, começaram a olhar o reverendo com outros olhos, literalmente bebendo suas palavras. Depois de semanas de intenso terror, quando as únicas notícias que chegavam eram de morte, devastação e daquela misteriosa praga de não mortos se aproximando, o verbo incendiário de Greene falando de salvação e segurança em sua própria casa era música para seus ouvidos. E assim, pela primeira vez em quase quarenta anos, graças ao Apocalipse, o reverendo Josiah Greene se encontrou diante de uma congregação disposta a ouvi-lo com fervor. E durante muitos meses foi feliz.

Até que, naquela manhã, bem quando o Ithaca entrava no porto, em meio ao estrondo de sirenes enlouquecidas, seu joelho começou a latejar de novo. Muito fraco, é verdade, mas aquela pulsação era inconfundível. E, de repente, o reverendo Greene sentiu medo.

Lucía! Viktor! Venham ver isto! Não acredito!

Quando o Ithaca entrou no porto de Gulfport, não pude conter um grito de espanto. O navio navegava muito lentamente pelo canal de entrada do cais, arrastado por dois pequenos rebocadores que respiravam de forma fatigante enormes baforadas de fumaça enquanto puxavam o colosso para seu atracadouro definitivo. De cada barco saíam enormes jatos de água para os lados, celebrando a chegada do petroleiro. Nas margens, as pessoas se aglomeravam, saudando e agitando os braços, enquanto pelo bulevar circulava uma carreata, com pessoas nas janelas dos carros, tocando a buzina. Dava a sensação de que a loucura havia se apossado daquela tranquila cidade. E não é para menos, pensei. Com todo o

petróleo que o Ithaca levava dentro de seus tanques, a população teria combustível suficiente para aguentar pelo menos mais um ano. Ou talvez um pouco menos, principalmente se continuassem usando aqueles enormes Hummers pretos, que tinham jeito de consumir baldes de combustível. Justamente uma caravana de seis veículos desse tipo se aproximava a toda a velocidade do cais, com um carro patrulha abrindo caminho por entre a multidão alvoroçada que se aglomerava na rua. Com inquietude, notei que os dois últimos veículos eram a versão militar do Hummer, sem portas, e que escoltavam um clássico ônibus escolar americano. Dentro de cada Hummer, estava um grupo de homens armados com fuzis de assalto e usando um bracelete verde no braço direito.

— Missão cumprida disse o capitão Birley com satisfação, observando o cais e acendendo seu cachimbo. Graças à bênção de Deus Nosso Senhor Todo-Poderoso, atravessamos metade do mundo e voltamos para casa sem sofrer um arranhão. Bendito seja o reverendo Greene e bendito seja este navio, não é? Quase respondi que a meia dúzia de homens que havia morrido no porto de Luba e os outros quatro que naquele momento já eram comida de peixe no fundo do oceano possivelmente não concordariam com sua definição de "voltar sem um arranhão", mas mordi a língua. A cautela havia nos mantido vivos até esse momento, e essa me parecia a política mais prudente. Quem vem nessa caravana? perguntou Lucia, apontando para a coluna de veículos que já havia parado ao pé do cais onde íamos atracar. — É o reverendo Greene? Ah, não bufou Birley. — É a Guarda Verde do reverendo. São os responsáveis pela manutenção da paz e da ordem do Senhor na cidade. Vêm até o Ithaca para levar essa corja amontoada na proa. E acredite, senhorita, no momento em que o último chicano fedido abandonar meu navio, eu me sentirei muito melhor. — Ei, não fale assim dessa gente! A voz de Lucia vibrava com uma nota de cólera que me surpreendeu. Essa gente arriscou a vida para poder encher de petróleo seu maldito navio. Sem eles, sua viagem teria sido um completo fracasso. Além do mais, que diabos importa se são chicanos, negros ou esquimós? Esses comentários são repugnantes.

O capitão Birley ficou contemplando Lucía durante um longo tempo. A expressão de seus olhos era ameaçadora; observava a garota como se não a houvesse visto até então e ela tivesse se materializado em um passe de mágica na ponte de seu navio. Quando falou, ele o fez arrastando as palavras e com um tom gélido na voz. — Cuidado com o que diz, mocinha. Seria uma pena ter que dar uma surra em uma garotinha tão encantadora como você. Você é mulher, e evidentemente não sabe o que diz, mas os homens responsáveis por você deveriam mantê-la mais educada, se me permite a observação.

— Mas quem você pensa que é, imbecil? A ira de Lucía explodiu, incontrolável. Felizmente, estava tão irritada que seus insultos eram em espanhol, idioma que Birley desconhecia. — Racista engomadinho do caralho, imbecil, animal, machista! — Lucía, controle-se — sussurrei em seu ouvido, segurando-a. Se eu não o houvesse feito, não tenho a menor dúvida de que ela teria pulado em Birley e arrancado seus olhos com as próprias mãos. — Você ouviu o que ele disse? Ouviu o que disse dessa gente? Se é assim que ele pensa, esse sujeito é um doente! Lucía se debatia em meus braços, tentando se soltar. — Concordo plenamente com você, mas ouça. Ouça! Não sei quem diabos é essa gente, e está claro que, se a cor de nossa pele não fosse branca, íamos acabar como carne de canhão disse eu, segurando sua cabeça para que me olhasse nos olhos. — Mas essa gente nos salvou, estamos longe de qualquer lugar que possamos chamar de lar e nossa vida depende da vontade deles. Então, por favor, procure fingir um pouco e desculpe-se com o capitão. Lucía cuspiu um suspiro de fúria e se soltou de meus braços. Encolerizada, afastou-se a grandes passos para o outro lado da ponte, cruzando com um surpreso Pritchenko, que ficou olhando para ela, atônito. O que aconteceu? perguntou o ucraniano. — Parecia um tigre siberiano irritado.

— Acredite, Víktor, um tigre siberiano é um gatinho comparado com Lucía neste momento. Voltei-me para Birley, que havia contemplado toda a cena em silêncio, e me desculpei. Desculpe a reação de

Lucía, capitão Birley. Ela é jovem e impulsiva, e, além do mais, acho que não está se sentindo muito bem.

— Ah, não se preocupe, jovem amigo — disse Birley, fazendo um gesto despreocupado com a mão. — Afinal de contas, é apenas uma mulher. Sua opinião não tem maior importância, e, além do mais, todo mundo sabe que o caráter feminino é muito instável, principalmente "naqueles dias". Não é verdade? Mantenha a rédea curta, amigo, rédea curta, ouça o que eu digo.

Birley concluiu sua frase com uma gargalhada, dando-me tapinhas nas costas. Sorri aliviado ao vê que o quase enfrentamento havia sido abortado. Viveríamos para ver mais um dia. Mas não pude evitar sentir-me sujo e miserável. Enquanto isso, o Ithaca já havia se aproximado do cais, e com alguns enormes cabos da espessura da cintura de um homem prenderam-no firmemente aos cunhos do terminal. Um grupo de operários estendeu duas passarelas para descer para terra, uma na popa e outra na proa. O ônibus escolar e os dois Hummers militares pararam em frente à escada de proa. Parte do grupo de homens que estavam a bordo dos Hummers desceu e formou um círculo em volta dos veículos. Enquanto isso, outro grupo subiu a bordo do Ithaca, e com gritos secos, xingamentos e pontapés obrigou os soldados da proa a formar uma compacta massa humana. Era surpreendente ver aqueles homens que haviam se batido com tanta coragem e arrojo no porto de Luba se comportarem de repente como um bando de ovelhas assustadas. Ou melhor, resignadas. No meio do grupo destacava-se o gigantão negro que havia liderado o ataque, e mesmo dali pude distinguir a ira brilhando em seus olhos. Se olhar matasse, pelo menos meia dúzia dos sujeitos de bracelete verde teria caído fulminada ali mesmo. Porém, ele se limitava simplesmente a isso, a olhar. Quando os homens de bracelete verde começaram a levá-los para a passarela, o gigante abaixou a cabeça como os outros e se juntou ao grupo que marchava.

Uma vez em terra, um dos guardas verdes fazia deslizar um detector de metais por todo o corpo deles, sem dúvida para se certificar de

que não tinham nenhuma arma escondida nas roupas. Outro guarda lhes entregava uma garrafinha de água e um terceiro ticava uma lista à medida que iam entrando no ônibus. — Está entendendo alguma coisa, Víktor? — Não faço ideia — respondeu meu amigo. — Mas se de algo tenho certeza é de que esses mexicanos seriam capazes de fazer picadinho dos guardas em um piscar de olhos. Porém, lá estão, como ovelhas a caminho do matadouro.

É surpreendente, não? A voz de Strangård, o oficial sueco, de repente soou atrás de nós, assustando-nos; pelo menos a mim. Eu duvidava muito que Víktor não houvesse percebido que alguém havia se aproximado por trás. O ucraniano tinha olhos nas costas. Quem é essa gente? — perguntou Víktor, com voz seca, apontando para os guardas verdes. Eles? — Strangård olhou discretamente para ambos os lados, para se certificar de que ninguém mais nos ouvia antes de continuar falando. — São lixo. Escória.

Gente ruim. Ex-presidiários, quase todos eles. Se quiserem um conselho, procurem não cruzar seu caminho. E se por infelicidade o fizerem, tentem não os irritar demais. Batem primeiro e perguntam depois. Mas são a autoridade aqui. Ou melhor, são o exército particular do reverendo, e cumprem fielmente suas ordens. Além do mais, a maior parte da população de Gulfport os adora. Sentem que eles é que lhes permitem viver em paz e segurança. Assenti como se compreendesse, mas aquilo não tinha nenhum sentido para mim. Observei atentamente aqueles homens. Todos eles eram corpulentos, com o tipo de musculatura que delata muitas horas levantando pesos.

A maioria usava calças militares e camiseta branca, com a faixa verde envolvendo um dos bíceps. Todos tinham a cabeça raspada, e alguns, barbas com corte de aspecto sinistro. — Parece que o tatuador fez um preço por pacote — comentou Pritchenko, sarcástico, apontando discretamente para os mais próximos. Não havia nem um só deles que não tivesse alguma parte do corpo coberta de tatuagens. Suásticas alternavam-se com teias de aranha, caveiras e inscrições em letras góticas. Um deles tinha a frase

"White Pride" tatuada na parte de trás da cabeça. Um calafrio percorreu minhas costas. Orgulho Branco. Aqueles sujeitos armados, de bracelete verde, eram da Nação Ariana. Os supremacistas brancos do fundo do poço social da América. A Nação Ariana, um grupo racista que fazia a Ku Klux Klan parecer o Clube da Tolerância. Estavam envolvidos em extorsão, narcotráfico, assassinatos e tráfico de armas. Nem uma única cadeia do sistema prisional federal americano se livrava de seu grupo da Nação Ariana. E em Gulfport eram a lei. Aquilo estava cada vez pior.

Três deles subiam naquele momento pela passarela de popa, em nossa direção. Encabeçava o grupo um gigantão louro de espectrais olhos azuis, de uns quarenta anos. Aquele indivíduo tinha uma águia de prata presa no bracelete verde, e sua camiseta branca começava a ficar apertada no abdome, sinal de uma incipiente barriga de cerveja. Uma suástica preta se via no pescoço, e em cada nó dos dedos ele tinha uma letra tatuada. Quando fechava os punhos e os juntava, lia-se "HATE JEWS". Um verdadeiro anjinho. Ao chegar à nossa altura, parou com as mãos na cintura à nossa frente e nos olhou de cima a baixo com atenção, parando sem pressa no corpo de Lucía, que instintivamente cruzou os braços e baixou a cabeça. Aquele sujeito era intimidador. — Então, esses são os peixes que Birley trouxe de alto-mar disse, sem se dirigir a ninguém especificamente. — Quando me disseram que falavam espanhol, pensei que fossem algumas dessas merdinhas mexicanas, mas vocês não têm pinta de chicanos. O de bigodes tem até um ar ariano, apesar de ser tão baixinho. Como é que falam o idioma dos panchos, amigos? — Europeus. Somos europeus. — Antecipei-me, antes que um dos meus companheiros pudesse abrir a boca. Ele é ucraniano, e nós viemos da Galícia. Lá também se fala espanhol. Eu duvidava que o gigantão tatuado soubesse localizar a Ucrânia em um mapa, e possivelmente era a primeira vez que ouvia falar de um lugar chamado Galícia, mas aquela explicação pareceu-lhe bastar. — Não importa de onde venham, desde que sejam brancos, cristãos e não encham o saco do reverendo Greene — disse, dando de ombros. — Eu sou Malachy Grapes e dirijo a Guarda Verde do

reverendo. Velamos para que a boa gente branca de Gulfport possa viver em paz e tranquilidade. Se vocês se comportarem segundo as regras, terão todo tipo de comodidade. Se decidirem o contrário, então teremos um problema. Preferi não perguntar que tipo de problema poderíamos ter, mas podia imaginar. Grapes, enquanto isso, havia cravado seus olhos em Pritchenko, que lhe devolveia o olhar tranquilamente, sem arredar. O gigantão aproximou seu rosto do de Víktor até que seus narizes praticamente se tocaram, mas o ucraniano nem sequer pestanejou. Ora, vejo que temos um galinho por aqui — murmurou Malachy Grapes com voz ameaçadora. Quer ter problemas comigo, anão? — Um coro de risos cúmplices se elevou dos outros dois cabeças-raspadas que o acompanhavam. Víktor inspirou profundamente, puxando um pigarro do fundo da garganta. Por um segundo, pensei, horrorizado, que ele ia cuspir um ranho verde na cara daquele sujeito, mas por fim o ucraniano se limitou a arrotar suavemente.

— Esses negros e chicanos que você tanto despreza arriscaram a pele de maneira admirável, sabia? — respondeu o ucraniano com o mesmo tom de voz que usaria se estivesse falando do tempo. Aliás, nesse ônibus aí embaixo há dois sujeitos que, se o pegassem sem sua escolta, poderiam deixar sua bunda branca como a bandeira do Japão, de modo que acho que seria muito prudente de sua parte não os insultar gratuitamente quando estiverem por perto. E não, não quero ter problemas com você, amigo... por ora. O tempo pareceu parar por um segundo. A cara de Grapes ficou de várias cores, mas por fim ele soltou uma gargalhada e se afastou de Víktor.

— Tenho que reconhecer que você tem colhões, anão. Mas é melhor não brincar comigo ou com meus homens. Hoje é seu dia de boas-vindas e não deve ter problemas, mas nem sempre serei tão paciente. Agora vamos. O reverendo nos espera. Seguimos o grupo de guardas verdes pela passarela até o cais. Não tínhamos nenhuma bagagem para levar, além de um Lúculo incontrolável, feliz de estar de novo em terra após tantos dias no mar, um lugar que claramente não fora projetado para um gato. Strangárd, o oficial sueco, nos

acompanhava como "link", segundo indicou enquanto se sentava ao nosso lado na parte de trás de um dos Hummers. O capitão Birley estava muito ocupado encarregando-se da manobra de atracação, e o reverendo queria ouvir em primeira mão a história de nosso resgate por parte de um dos membros da tripulação. Era o segundo oficial a bordo, de modo que lhe coubera a missão. Enquanto os Hummers arrancavam em meio a um rugido de motores, eu me alegrei muito por ele ir conosco.

Ele era o único amigo que tínhamos ali. Pelo menos, algo parecido com um amigo. E alguma coisa me dizia que nas próximas horas íamos precisar de toda a ajuda possível.

Gulfport sempre fora uma cidade pequena, quase um subúrbio ao lado de Biloxi. Poucas vezes havia saído nos noticiários nacionais, e, para dizer a verdade, não é que se destacasse muito no grandioso estado do Mississípi (O estado da Magnólia, volte sempre!), mas seus moradores estavam imensamente orgulhosos de sua cidade por três coisas: os Marlins, sua Feira da Abóbora e por ser uma das bases permanentes dos Sea Bees. Os Sea Bees faziam parte do Corpo de Engenheiros do Exército dos Estados Unidos desde os anos 1940. Haviam ganhado o apelido por conta do trabalho titânico que tinham realizado na Segunda Guerra Mundial, montando, praticamente do nada, bases e pistas de aterrissagem, em qualquer atol do Pacífico onde fosse necessário, até derrotar o Japão. Após a guerra, o corpo continuara crescendo e dotando-se de mais e melhores recursos, até se transformar em uma das unidades mais curiosas do exército americano. Seus homens possivelmente jamais ganhariam um concurso de tiro (de fato, a maioria nem saberia segurar direito um rifle), porém, eram capazes de montar a infraestrutura que fosse necessária em qualquer lugar do mundo. E Gulfport era seu lar. Quando a praga se espalhou, metade do pessoal da base estava no Afeganistão organizando uma rota de abastecimento até Cabul. Planejou-se sua repatriação urgente, mas escasseavam lugares nos aviões naquele momento, e as unidades de

combate, na situação de o mundo inteiro afundar no caos, tinham preferência.

A verdade é que os aviões que deviam ir buscá-los jamais decolaram. Se restava algum deles vivo, com certeza estaria perdido em uma montanha afegã, fugindo dos talibãs, dos não mortos ou, o mais provável, das duas coisas. A outra metade foi deslocada, em caráter urgente, para as principais cidades do país, para colaborar na construção apressada da infraestrutura das Áreas Seguras. E não seria necessária muita imaginação para adivinhar qual havia sido seu triste destino. De modo que, quando Stan Morgan, prefeito de Gulfport, se associou àquele pregador encardido que se esgoelava na periferia da cidade, na base dos Sea Bees de Gulfport, restavam apenas duas dúzias de militares responsáveis pela manutenção. Porém, havia material, enormes montanhas de material, acumulado pacientemente por décadas. Stan Morgan podia ser um sujeito teimoso e ambicioso (além de sistematicamente infiel a sua mulher havia mais de vinte anos e curiosamente afeito a fotos de crianças asiáticas menores de treze anos), mas, principalmente, era um sujeito esperto e engenhoso. Quando voltou da Guerra do Vietnã, pobre como um rato, viu a oportunidade que o incipiente mercado imobiliário representava. Promoções Imobiliárias Morgan foi seu passo seguinte, e em menos de dois anos havia se transformado em um dos moradores mais ricos de Gulfport. Quando Stan viu, pelo hesitante sinal da CNN, que os não mortos estavam começando a arrasar as Áreas Seguras, percebeu que a única possibilidade de proteger sua cidade não era defendê-la a tiros, como se fazia no resto do país, mas criar um obstáculo em volta dela, um obstáculo tão grande e formidável que nem sequer uma maré de não mortos pudesse atravessá-lo. E então lembrou-se dos depósitos dos Sea Bees. O resto foi fácil. Não havia ninguém nos armazéns militares, e milhares de toneladas de aço e cimento esperavam pacientemente que alguém os usasse. Desde a devastação causada pelo Katrina, os Sea Bees haviam tido tempo para pensar num modo de evitar que os rios transbordassem e as inundações arrasassem de novo campos e cidades. Seus engenheiros haviam desenvolvido um

engenhoso sistema para criar diques de contenção à base de varinhas de metal e cimento Portland modificado. Chamava-se Unidade Móvel de Criação de Diques de Contenção Autofabricados. Os soldados da base, mais irreverentes, batizaram-na de Cagamuros. O Cagamuros era um monstro horrível, um veículo que parecia fruto de uma noite de loucuras entre um caminhão caçamba e uma locomotiva. Podia fabricar um módulo de cimento de três metros de altura por dois metros e meio de comprimento no impressionante tempo de quinze minutos, e o melhor era que o muro já saía meio endurecido. Menos de vinte e quatro horas depois de ter sido depositado em seu lugar pelo Cagamuros, o módulo era uma parede de cimento rochosa e dura, como tivesse sido colocada ali havia anos. E na base de Gulfport existiam nada menos que vinte Cagamuros. Os operários de Stan, trabalhadores com muitos anos de experiência em construção, não demoraram mais de seis horas a aprender a manejar aqueles monstros (com a impagável ajuda dos manuais e de um dos técnicos que felizmente ainda permanecia na base), e em mais seis os vinte Cagamuros estavam traçando um enorme perímetro de aço e cimento em volta de toda a cidade.

Assim, em apenas setenta e duas horas, Gulfport estava totalmente cercada por uma sólida muralha de concreto de três metros de altura, totalmente infranqueável para qualquer não morto. Era tosca, feia, cinza e parecia a irmã bastarda do Muro de Berlim, mas cumpria perfeitamente sua missão: vivos dentro e não mortos fora. E esse, para Stan Morgan, era o objetivo. Além do Muro, os habitantes de Gulfport contavam com vários fatores adicionais que ajudavam a defender sua vida. O sul de Mississípi não era um lugar excessivamente habitado, e embora a região fosse bastante plana, muitas partes estavam cobertas por pântanos e lodaçais tão impenetráveis que nem mesmo um não morto com muita força de vontade poderia cruzá-los. Strangård ia nos explicando tudo isso enquanto os Hummers percorriam as ruas da cidade a toda a velocidade. A bandeirola verde que ondulava no capô do carro que abria a marcha parecia nos dotar de um poder especial para evitar

as normas de trânsito, pois não diminuíamos a velocidade nem mesmo quando passávamos por um cruzamento, apesar de haver bastante trânsito. Quase não podíamos acreditar no que víamos. A cidade tinha um aspecto normal, extraordinariamente tranquilo e próspero. As pessoas passeavam pelas ruas, limpas e arrumadas, e quando se cruzavam paravam para se cumprimentar e conversar, rindo e brincando como se o inferno jamais houvesse caído sobre a Terra. As lojas estavam abertas, os jardins limpos e cuidados e, para minha surpresa, até os cafés e restaurantes estavam funcionando com total normalidade. Tudo era limpo, impecável, bonito e perfeito. Exceto pelo pequeno detalhe de que só se viam pessoas de raça branca, não importa para onde se olhasse. — Isto... parece... balbuciei, tentando digerir a cena. — É incrível, não é? — disse Strangård com um meio sorriso.

— É como o cenário de um seriado de tevê. Este lugar já era um bairro residencial branco de qualidade antes do Apocalipse, mas agora o é mais que nunca. A maioria das pessoas que vocês veem é de aposentados, profissionais liberais com suas famílias ou divorciados ricos que fugiam da vida estressante de Biloxi para vir morar aqui e que tiveram a sorte de assistir à derrocada final do lado bom dessa parede de cimento. Franziu a expressão em uma careta. — E agora são o germe da sociedade do futuro. Engraçado, não é? Se era engraçado, eu não conseguia achar graça. Todas as pessoas que eu via, jovens, adultos e velhos, tinham um aspecto próspero, saudável de gente bem alimentada, a anos-luz do aspecto famélico e depauperado dos sobreviventes de Tenerife. Claro que em Gulfport não devia haver mais de trinta mil pessoas, chutando alto, ao passo que em Tenerife amontoavam-se vários milhões de refugiados chegados de toda a Europa, que haviam levado a capacidade de abastecimento da ilha ao limite.

Mas não era só isso. Todas aquelas pessoas tinham um aspecto descontraído e displicente, muito longe do espírito fatalista e atemorizado que tinham aqueles que haviam enfrentado pessoalmente a fome, a destruição e os não mortos durante algum

tempo. Tinham cara de gente de bem, que havia dado um jeito para continuar dentro de sua Arcádia feliz enquanto o resto do planeta escorria pelo ralo de Satanás. — Há uma coisa que não entendo — eu disse. — Como é possível que essa gente tão... tão... clássica tenha aceitado como guardiões da lei e da ordem esses sujeitos durões? Apontei para Malachy Grapes e um de seus acompanhantes, que estavam sentados no banco da frente, envolvidos em uma nuvem de fumaça de cigarro. Parecem ex-presidiários. — São ex-presidiários respondeu Strangard, baixando a voz de novo. — Todos eles, velhos inquilinos do Centro de Segurança Máxima de Parchman.

— E que raios estão fazendo aqui? perguntou Lucía. Ainda estava irritada comigo, e não havia me dirigido a palavra nem uma só vez desde que saíramos do navio. Iam a caminho de Biloxi, para trabalhar como mão de obra grátis no acomodamento de milhares de refugiados. Por algum erro administrativo, quatro ônibus lotados com esses sujeitos acabaram em Gulfport. Quando chegaram, ninguém sabia muito bem o que fazer com eles, e os motoristas dos ônibus, por sua vez, não se importavam nem um pouco com o que lhes acontecesse. Queriam apenas deixar seu carregamento aqui e sair voando o quanto antes rumo à Área Segura de Biloxi. Simplesmente fecharam os veículos, deixaram as chaves no gabinete do chefe de polícia e saíram correndo. Os presos passaram vinte e quatro horas trancados nos ônibus, estacionados debaixo do sol na esplanada de carga do porto. Os sujeitos da Nação Ariana eram mais numerosos e estavam mais organizados que o restante dos presos, por isso, quando abriram as portas, só eles desceram. Os outros ficaram presos lá dentro para sempre. — Foram assassinados? — perguntou Lucía. Strangãrd não respondeu, limitando-se a olhar pela janela, claramente envergonhado. — Isso explica como chegaram até aqui, mas não por que são soldados de Greene — insisti.

Malachy Grapes, sentado no banco da frente, deu uma tragada em seu cigarro, enquanto um sorriso feroz despontava em seu rosto. Ah,

ele recordava perfeitamente como havia sido aquele dia...

Gulfport, dois anos antes Guardas! Guardas! Onde caralho se meteram?! Está um calor infernal aqui dentro, de foder! Enquanto vociferava, o preso batia na grade que separava o banco do motorista da parte traseira do veículo. Seus gritos se misturavam ao barulho criado por mais quarenta indivíduos, que gritavam, batiam nas janelas do ônibus e xingavam de todos os modos possíveis. Estavam parados havia quase um dia inteiro naquela maldita esplanada, e o calor quase os enlouquecia. Durante as primeiras horas, os guardas haviam se dado ao trabalho de lhes levar água e até alguma comida, mas já fazia horas desde a última vez que tinham aparecido por ali, e a situação estava se tornando cada vez mais explosiva à medida que o tempo passava.

Um dos presos, um sujeito gordo de pele avermelhada, havia morrido duas horas antes, de um ataque cardíaco, e seu corpo fora jogado na parte de trás do veículo.

O preso que estava acorrentado a ele, um negro com cara de arruaceiro, de repente perdera a pose de sujeito durão e choramingava sem parar, puxando inutilmente a corrente que o mantinha preso ao cadáver do gordo, que começava a inchar devido ao calor. — Ajudem-me a me soltar, caralho — suplicava. — Ajudem-me, por favor.

Esse sujeito vai explodir e me contagiar com essa maldita coisa. Não quero morrer! Ajudem-me, por favor!

Malachy Grapes, sentado várias filas mais adiante, fez um gesto de desprezo. Poderia facilmente ter soltado aquele negro, se quisesse, cortando a mão do gordo com a faca que escondia debaixo de seu uniforme laranja de presidiário, mas não se mexeu. Uma, porque desprezava aquele sujeito, como a todos de sua raça, e outra, porque guardava a faca para uma ocasião melhor. O Dia da Caça estava prestes a começar. Haviam-nos tirado de Parchman no dia anterior, junto com os demais presos, e após rodarem durante várias horas deixaram-nos abandonados naquela esplanada. Grapes

sabia que não era uma transferência. Na cadeia se sabia de tudo (ainda mais quando se era o líder do grupo local da Nação Ariana); além do mais, nunca ouvira falar de uma transferência que afetasse todos os presos de uma penitenciária. Naquele ônibus havia uns quinze da Nação Ariana. O resto eram negros do bando dos Creeps, alguns chicanos e dois sujeitos asiáticos, um deles o gordo polinésio que acabava de explodir e apodrecia no fundo do ônibus. Grapes acreditava que a composição do restante dos ônibus fosse mais ou menos a mesma. De sua janela podia ver mais três veículos estacionados organizadamente ao lado do seu. Os presos dentro daqueles veículos estavam na mesma situação que eles, ou até pior. Embora os guardas tentassem impedir, havia muitas formas de se comunicar dentro da cadeia, quando se sabia como fazê-lo. Sem guardas para vigiar, e dentro de ônibus estacionados lado a lado, era baba. Tinham apenas que gritar um pouco alto. De modo que, ao longo das últimas horas, foram amadurecendo um plano. Era a ocasião perfeita para um Dia da Caça, de modo que Malachy deu as instruções oportunas, que logo voaram para os outros ônibus. Quando começamos, Malachy? — Seth Fretzen, o preso sentado do outro lado do corredor, inclinou-se para ele com olhos ansiosos. Daqui a pouco, Seth, daqui a pouco — murmurou Grapes entre dentes.

Um líquido esbranquiçado começara a escorrer pelo canto dos lábios do gordo morto, e o arruaceiro acorrentado ao cadáver teve um ataque de histeria.

— Esse filho da puta vai explodir! Soltem-meeeeeeee! SOLTEM-ME, caralho! Um preso quis se levantar para lhe dar uma mão, mas estava acorrentado a um Nação Ariana, que aproveitou o momento para dar um puxão na corrente que os unia. O preso caiu no chão em uma confusão de elos, e de repente rolou uma briga descomunal na parte de trás do ônibus.

Agora disse Malachy Grapes simplesmente. — Vamos lá. Seth Fretzen acendeu um pedaço de papel com um fósforo que escondia e sacudiu a chama de cima para baixo, ao lado da janela gradeada.

No ônibus ao lado, alguém recebeu o sinal e fez o mesmo para o seguinte. Grapes não esperou que a chama se apagasse para começar o Dia da Caça. Com um gesto fulgurante, deslizou a faca caseira pela manga e acertou uma punhalada no pescoço do porto-riquenho que estava sentado ao seu lado. O sujeito, pego de surpresa, só teve tempo de arregalar os olhos e soltar um gorgolejo abafado, sufocado em seu próprio sangue. Seth Fretzen, enquanto isso, havia pegado sua corrente e estava estrangulando o colega de banco, um negro da Costa Oeste que arrastava o "r" ao falar. O sujeito se debateu durante alguns segundos, mas estava perdido. Quando Seth o soltou, seus braços caíram inertes, como se fossem recheados de serragem. Malachy voltou-se para ajudar na parte de trás do ônibus, mas seus rapazes já haviam controlado a situação. Eram maioria dentro daquele ônibus, estavam armados e além do mais contavam com o fator surpresa, de modo que acabaram com o resto dos presos em menos de um minuto, sem esforço. Só um dos seus homens tinha um corte profundo no braço, causado por sua própria faca ao cortar o pescoço de outro preso. Com o corpo cheio de adrenalina, rugiram, parabenizaram-se e cuspiram nos corpos caídos. Depois, simplesmente se sentaram para esperar. Apenas duas horas depois Malachy Grapes pensou, pela primeira vez, que talvez não houvesse sido uma boa ideia acabar com os negros e chicanos. Normalmente, em uma situação assim, mal se tinha tempo de se desfazer da arma homicida antes que os guardas chegassem.

Porém, ali, não havia aparecido ninguém. E os corpos começavam a feder.

Grapes esmagou com a mão uma mosca gulosa que havia pousado em seu pescoço. Sua mente trabalhava a toda a velocidade, bolando um plano alternativo, quando de repente alguém abriu a porta do ônibus. Instantaneamente, os quinze cabeças-raspadas começaram a vociferar insultos contra os guardas, mas sua voz foi se calando pouco a pouco, até que se fez um pesado silêncio dentro do veículo. Em vez dos guardas armados com o equipamento antimotim que esperavam, do outro lado da grade havia um homenzinho de uns

sessenta anos usando um terno e um enorme chapéu Stetson na cabeça. O homem segurava uma Bíblia nas mãos e observava o cenário de carnificina com uma expressão inescrutável no rosto. Esse filho da mãe está rezando, pensou Grapes, ao ver que os lábios do ancião se moviam sem emitir som nenhum. Por fim, o homem do chapéu esfregou distraidamente o joelho direito, tirou um monte de chaves do bolso e dirigiu-se para a porta. De súbito parou, como se de repente houvesse se lembrado de alguma coisa. — Vocês são homens tementes à ira de Deus? — perguntou. Grapes balançou a cabeça, duvidando se havia ouvido direito. — Como, reverendo?

— respondeu, perguntando-se se tudo aquilo não seria uma alucinação devida ao calor. Perguntei se são homens tementes à ira de Deus replicou Greene, pacientemente. Grapes se levantou, e o corpo do porto-riquenho caiu a seus pés, como um pesado fardo. Fez um gesto amplo que abarcava todo o ônibus e voltou-se novamente para o homenzinho do outro lado da grade. — Reverendo, olhe à sua volta. Nós somos a maldita ira de Deus. Por algum motivo, aquela resposta pareceu agradar ao ancião, que assentiu satisfeito.

— Vejo que limpam este veículo da escória e da iniquidade. Esses homens de raças bastardas e inferiores não têm lugar na Nova Jerusalém. Sua voz tinha um tom hipnótico, que fazia até que os arianos mais arrogantes permanecessem calados escutando-o. — Mas a verdadeira maldade está aí fora, pronta para cair sobre este recanto protegido por Deus. Por isso, eu lhes pergunto: querem que eu os liberte para serem o instrumento da ira do Senhor?

— Seremos o que quiser, reverendo, mas tire-nos deste maldito ônibus de uma vez.

— Muito bem. — O rosto de Greene se iluminou como se houvesse encontrado a solução de um enigma especialmente difícil. — Mas, antes, vamos rezar para iluminar suas almas. Ajoelhem-se. — O que esse maluco está falando? — perguntou Seth com brusquidão. — Cale-se. — A voz de Grapes era cortante, enquanto seus olhos permaneciam fixos em Greene, incapazes de se afastar do pregador. Façam o que ele diz. Ajoelhem-se e rezem. Quem não obedecer, terá os dentes arrancados pelo cu a pontapés. Obedientes, os integrantes da Nação Ariana se ajoelharam e começaram a rezar, acompanhando as orações que Greene sussurrava, com os olhos fechados e os braços levantados para o céu. Uma expressão de êxtase deformava seu rosto.

Ao fim da oração, Greene abriu a porta com o pesado molho de chaves que encontrara na delegacia. Depois, começou a caminhar pelo corredor, abrindo os grilhões dos presos. Enquanto caminhava,

passava por cima dos corpos encharcados de sangue dos réus assassinados como se não fossem mais que montes de lixo. Cada vez que libertava um dos arianos, oferecia-lhe sua Bíblia para que a beijasse, enquanto colocava as mãos sobre sua cabeça. Grapes teve que se agachar para que o pequeno reverendo pudesse apoiar sua mão sobre sua calva. No momento em que Greene o tocou, Grapes sentiu uma corrente elétrica sacudi-lo dos pés à cabeça. Suspirou, surpreso, arregalando os olhos e olhando fixamente para Greene. Teve que se apoiar no banco para não cair. Os olhos do reverendo eram um poço negro cheio de fogo. No meio das labaredas, Grapes julgou adivinhar centelhas de loucura, mas tudo estava sepultado em uma escuridão malvada e asfixiante, tão densa que Malachy Grapes teria jurado que se podia tocar. Havia algo aterrador naquele reverendo, mas ao mesmo tempo a força escura que se aninhava ali transmitia a sensação mais atrativa que Grapes já havia experimentado. Na cadeia, conhecera alguns dos homens mais loucos, cruéis e malvados que se poderia imaginar, mas eram nada comparados à energia que irradiava aquilo que estava dentro dos olhos do reverendo. Grapes o compreendeu, temeu-o, e a partir desse mesmo momento ficou completamente enfeitiçado por aquele poder. Fosse o que fosse, ele o amava. — Com quem temos que acabar, reverendo? — perguntou respeitosamente.

— Sigam-me e lhes mostrarei-- replicou Greene, descendo do ônibus e arrastando levemente a perna direita. Grapes o observou, surpreso. Teria jurado que o pregador não mancava quando havia entrado no veículo. Do lado de fora, Grapes descobriu que o resto dos seus homens já estavam sendo libertados dos veículos. No total, eram quarenta e quatro arianos que se concentravam na esplanada, piscando e olhando em volta como se não pudessem acreditar que estavam ao ar livre, sem correntes, muros nem guardas que os vigiassem. Uma van estava estacionada em frente a eles. Nas laterais, lia-se a inscrição SERVIÇOS MUNICIPAIS GULFPORT A cidade que olha para o mar com alegria!

Junto a ela se encontravam duas pessoas. Uma era um sujeito alto e corpulento, com o aspecto das pessoas acostumadas a ser obedecidas sem discussão. O outro era um xerife de uns cinquenta anos, baixinho, meio barrigudo, com uma careca incipiente, que parecia extremamente nervoso. Não é para menos, pensou Grapes. Com certeza está pensando que caralho faria se de repente decidíssemos ficar agressivos. Mas ali ninguém ia ficar agressivo. O reverendo dissera que precisava deles para acabar com alguém. E, naquele momento, Grapes mataria sua própria mãe só para poder ver mais uma vez a força obscura que dormia no olhar daquele homem. — Não sei se isso é uma boa ideia, reverendo Greene — disse o sujeito alto com pinta de importante. Greene. Ele se chama Greene. — É uma revelação do Senhor em pessoa, prefeito Morgan. Deus me disse que Gulfport estaria a salvo como a Nova Jerusalém, e agora me disse que esses pecadores fazem parte de seu plano divino — replicou o reverendo, muito seguro de si, pegando Grapes pelo ombro e aproximando-o de si. — Este homem que se chama... — Malachy Grapes — Grapes ouviu-se dizer. A voz do reverendo parecia exercer o mesmo feitiço no prefeito Morgan que nele mesmo. Malachy. — Greene mastigou o nome bíblico pausadamente. — Ele é um soldado de Cristo e acabará com esses seres sem problemas. Não sei se é uma boa ideia armar esses sujeitos... — A voz do xerife soou de repente, queixosa, enquanto ele torcia as mãos com nervosismo.

Gulfport sempre havia sido um lugar tranquilo, afastado das grandes cidades. A pior coisa que seus agentes haviam tido que enfrentar fora um ou outro adolescente travesso ou um bêbado teimoso, e a expectativa de ter quarenta arruaceiros armados com fuzis de assalto circulando pela cidade não lhe inspirava muita confiança.

E menos ainda levando em conta que só restavam ele e um assistente na delegacia para enfrentá-los caso as coisas não andassem bem. Mas o reverendo parecia tão seguro...

E, desde que ele havia chegado, a verdade era que as coisas andavam maravilhosamente bem, enquanto no resto do mundo tudo

parecia ter ido para o caralho. Até que, naquela manhã, o bairro de Bluefont, ao sul da cidade, havia sido invadido de repente por aqueles seres. Stan Morgan olhou durante alguns segundos para o enorme ariano e tomou uma decisão.

— Nesta van há fuzis de assalto e munição. A cinco minutos daqui há um bairro da cidade com problemas. Surgiram cerca de quinze desses seres e não sabemos como estão os moradores. Vocês têm que entrar lá, liquidar esses monstros e tirar minha gente. Serão capazes? —perguntou. Como resposta, Grapes abriu a porta traseira da van, tirou um M16 e um carregador e, com a destreza própria de alguém com muita prática, carregou-o e engatilhou-o em um abrir e fechar de olhos. — Não sei quem são esses sujeitos disse —, mas lhe dou minha palavra de que esta noite estarão jantando com Satanás. Grapes distribuiu as armas entre seus homens. No fundo da van havia uma lona verde amassada que algum operário tinha deixado ali abandonada. Em um arroubo de inspiração, Grapes tirou-a e começou a rasgá-la em tiras. Amarrou uma delas em seu bíceps e passou o resto a seus rapazes, que imediatamente o imitaram. — Se somos os soldados de Deus do reverendo Greene, nada melhor que uma faixa verde, não acha? disse, com um sorriso ladino. Greene assentiu, satisfeito, mas para Stan Morgan aquela ideia desceu como um trago amargo.

Não gostava de perder a iniciativa, e tinha a sensação de que o estavam deixando de lado. — Não quero nem uma queixa dos moradores. Nada de roubar, saquear ou destruir.

Simplesmente acabem com esses monstros e voltem aqui. Combinado? Como quiser, patrão — murmurou Grapes em tom irônico, fazendo um gesto para reunir seus homens.

— Vamos, rapazes! Temos que chutar algumas bundas! Menos de dez minutos depois estavam na entrada do bairro de Bluefont. A urbanização, composta por umas trezentas casas, ficava do outro lado de um profundo canal que desaguava nas marismas próximas, e só podia ser atravessado por duas pontes. A do lado sul, onde se

encontravam, estava guardada pelo ajudante do xerife, um rapaz com pinta de ter saído do colégio na semana anterior e por um punhado de cinquentões armados com fuzis de caça, com cara de quem está prestes a cagar nas calças. — Os não mortos entraram pela ponte norte — disse um deles. — O Muro ainda não está fechado desse lado, e eles entraram. Ted Krumble e seus rapazes deviam estar vigiando a ponte, mas não sei que diabos aconteceu. Estamos chamando pelo rádio há uma hora e não respondem. Ouvimos tiros e uma explosão, mas não sabemos de mais nada. Grapes assentiu, circunspecto. — Quem são esses... como os chamaram? Não mortos?— perguntou. Os demais olharam para ele alucinados.

Constrangido, Malachy lhes explicou que não chegavam muitos jornais à cadeia, e ele não tinha nem ideia do que estava acontecendo. Rapidamente informaram-no de tudo. O ariano digeriu a informação com tranquilidade. Não que não acreditasse naqueles velhos assustados, mas tinha certeza de que a coisa não era para tanto. Se eram só sujeitos com raiva, ou algo do tipo, não teriam nenhum problema. Não havia nada que não se curasse com uma injeção de chumbo de sete gramas.

— Dizem pelo rádio que se deve atirar na cabeça — disse um dos moradores com voz assustada.

— Vou me lembrar de seu conselho — replicou Grapes, enquanto atravessava a ponte a passo ligeiro, seguido de seus homens. Ao chegar do outro lado logo percebeu que alguma coisa não andava bem. Bluefont era uma típica urbanização de periferia americana, formada por uma série de casas com jardim, onde os brancos ricos iam morar assim que tinham oportunidade. Mas, à medida que avançavam, não se via ninguém nas ruas. Em uma calçada, um cortador de grama tombado de lado continuava funcionando. A cestinha havia se soltado e a grama recém-cortada se espalhava pela calçada ao compasso de uma suave brisa.

pequeno Subaru estava parado no meio da rua, com o motor ligado e todas as portas abertas. Grapes se aproximou com cuidado e colocou o braço dentro do carro. Girou a chave de contato e desligou o motor. O silêncio que se seguiu foi realmente aterrador. Só se ouviam alguns vagos gemidos, provenientes de algum lugar ao norte, a pouca distância. — Trent, leve Bonder, Kim e mais três e cubram essas casas. Os outros, formem grupos de três e vão entrando de casa em casa para se assegurar de que estão vazias. Se alguém roubar alguma coisa, nem que seja uma caneta, vou lhe arrancar os colhões a dentadas. Fui claro?

Os arianos assentiram, obedientes, e dividiram-se em grupos. Grapes continuou avançando pelo meio da rua, com todos os sentidos em alerta. Atrás dele caminhavam mais três arianos, Seth Fretzen, um sujeito pequeno e silencioso chamado Crupps e um gordo de barba que chamavam de Sweet Pussy, só Deus sabia por quê. Ao passar diante de uma casa, parou de repente. A porta estava aberta, só encostada, e havia uma poça de sangue fresco no chão. No batente da porta alguém havia deixado a marca de uma mão encharcada de sangue ao se apoiar. Uma gota escorria lentamente da mancha, traçando um sinuoso caminho na madeira branca. Alguma coisa caiu no chão dentro da casa, despedaçando-se. Grapes olhou para seus homens e indicou que caminhassem colados a ele em direção à entrada. Subiu os degraus lentamente, tentando não fazer barulho, mas eles rangeram de leve. Ao chegar à porta, empurrou-a com o cano de seu M16. Lá dentro estava escuro e fresco. Dali ele podia ver um saguão que dava para uma sala ao fundo. Do lado direito, uma escada para o andar superior. As manchas de sangue salpicavam vários degraus, e quem quer que fosse fora arrastando com seu corpo todos os quadros pendurados na parede da escada, pois estavam no chão, espatifados. Com gestos, indicou a Seth e Crupps que subissem as escadas. Ele, com Sweet Pussy em seus calcanhares, atravessou o saguão e entrou na sala.

Era uma sala que dizia aos quatro ventos: "Olhe para mim, meu dono é um sujeito podre de rico". Os móveis eram da melhor qualidade, e havia um sofá que parecia ter sido planejado para acomodar uma dúzia de pessoas, pelo menos. Na parede, uma tevê monstruosa, e os tapetes eram tão grossos que se uma moeda caísse neles se perderia para sempre. Sweet Pussy puxou a manga de Grapes e apontou para o chão. Em um canto, ao lado de um enorme aparador, um vaso estava despedaçado. Aquilo devia ser o que haviam ouvido cair quando passavam pela frente da casa.

Alguma coisa soou dentro da cozinha. Evitando pisar nos pedaços quebrados do vaso, Grapes foi se aproximando lentamente da porta. E ali parou, atônito. Uma garota de vinte e poucos anos, alta, magra, de corpo escultural, usando apenas com urna minúscula tanga, balançava-se no meio do aposento, com o olhar perdido. Está totalmente chapada, foi a primeira coisa que Grapes pensou, tentando afastar o olhar dos seios operados da garota. O cabelo louro e liso caía sobre a metade de seu rosto, ocultando sua expressão, e ela não parecia ter notado que os dois homens haviam entrado ali. Alguma coisa não está certa aqui. Seu cérebro lançava sinais de alarme para todo lado, mas ele não conseguia localizar a peça que não se encaixava. Sweet Pussy entrou atrás dele e, ao ver a garota nua, arregalou os olhos. — Caralho! Olá, linda!

— exclamou, enquanto se aproximava da garota. Você viu, Grapes? Que par de... Tudo aconteceu em uma fração de segundo. Sweet Pussy esticou a mão para os peitos da garota (estão cobertos de veias, de veias estouradas) com um brilho luxurioso no olhar. A garota levantou a cabeça (os olhos, os olhos estão mortos, caralho), e antes que ele tivesse tempo de reagir cravou os dentes no pescoço de Sweet Pussy. O bandido soltou um rugido de surpresa, afastando a garota com um empurrão. Com a culatra da arma, bateu na cabeça dela, arrebatando sua boca. Grapes observou, fascinado, que em vez de cair como um pedaço de chumbo, a garota voava de novo para cima de Sweet Pussy, como se nada houvesse acontecido. Para Sweet Pussy, as coisas se

complicaram a seguir. Ele tentou acertar a garota de novo, mas a mordida havia cortado sua carótida, e, embora ele ainda não soubesse, seu cérebro já estava morrendo por falta de irrigação. Tonto, deu um golpe frouxo e desviado, mas não pôde evitar que a garota se jogasse de novo para cima dele. Ambos rolaram pelo chão, arrastando na queda uma montanha de pratos, que se quebraram com estrondo. Com um empurrão, conseguiu afastá-la alguns metros e atirou na garota com seu M16. As balas de ponta oca estouraram ao impacto contra o corpo da garota, abrindo um enorme buraco em seu abdome. O impulso do tiro a projetou contra a parede com violência. Seu corpo bateu com força e foi escorregando lentamente, enquanto seus intestinos começavam a se espalhar. — Grapes... — gorgolejou Sweet Pussy no chão, levando a mão ao pescoço. — Grapes... preciso... de ajuda. Grapes o observou, sabendo que estava condenado. O sangue brotava em jatos regulares, enquanto seu coração continuava bombeando sem parar, tentando alimentar um cérebro que morria irreparavelmente. A luz da vida fugia dos olhos de Sweet Pussy, mas Grapes não lhe prestou atenção. Porque a garota nua havia se levantado de novo! Com um gemido ininteligível, começou a caminhar para ele cambaleante, pisando nos restos de pratos quebrados, enquanto seus pés se enroscavam em uma fileira de intestinos que não paravam de sair de seu abdome.

Grapes ergueu sua arma e atirou na cabeça da garota. A testa dela se abriu como uma laranja podre, e na parede às suas costas surgiu de repente um enorme grafite de sangue e ossos pulverizados. Só então a garota caiu no chão, definitivamente morta. Levante-se de novo agora se puder, vadia. — Grapes se aproximou da garota com precaução e lhe deu um pontapé nas nádegas. Seus tiros haviam lhe arrancado a parte superior da cabeça. Estava morta, bem morta. De repente, ouviu um barulho atrás de si. Sweet Pussy estava se levantando com dificuldade, agitando os braços como um bêbado depois de escorregar. Grapes se voltou e quase caiu de costas pelo que viu. O pescoço do ex-presidiário estava rasgado e seu macacão laranja de preso, totalmente ensopado de seu próprio sangue. Mas o

pior era que a pele de Sweet Pussy estava se cobrindo de milhares de pequenas veias estouradas que não paravam de se espalhar por todo o seu rosto.

— Ei, Sweet Pussy — disse Grapes, notando um tremor desconhecido em sua voz—, você está com uma cara realmente ruim, amigo. Acho que deve ir dar uma olhada nessa ferida... Sweet Pussy não respondeu. Em vez disso, levantou a cabeça e olhou diretamente para Grapes. Tinha a mesma expressão ausente de vida que a garota.

Com um grunhido surdo jogou-se sobre Grapes, mas tropeçou em uma das pernas da jovem e caiu no chão, acabando de destruir os pratos que ainda não haviam se quebrado.

Agora ele é como ela. São como vampiros, ou algo do tipo. A mente de Grapes funcionava a toda a velocidade enquanto ele levantava de novo sua arma. A menos de um metro não podia errar, e deu três tiros bem colocados no peito e no coração de Sweet Pussy. O ariano (ou o que restava dele) se levantou de novo, como se em vez de três tiros Grapes lhe houvesse jogado beijos. — Está morto! Tem que estar morto, caralho! — gritou Malachy Grapes, sentindo medo pela primeira vez desde que havia entrado no reformatório, aos dezesseis anos. Com o sabor amargo do pânico na boca, colocou o rifle no modo de disparo automático, e com o cano a menos de vinte centímetros do rosto de Sweet Pussy abriu fogo de novo. O rosto de Sweet Pussy simplesmente desapareceu em uma massa de gelatina vermelha. Ele caiu para trás com força e desabou sobre o corpo da garota, parando definitivamente de se mexer. Todo o aposento cheirava a sangue e pólvora. Grapes se apoiou no aparador, tremendo. Não é possível, não é possível, dizia-se sem parar. Então, ouviu tiros no andar de cima da casa e uma explosão distante, três ou quatro ruas mais além. De repente, Malachy Grapes percebeu que chutar aquelas bundas ia ser bem mais difícil do que havia imaginado.

Seis horas depois, trir sangue se reuniram na entrada da ponte sul. Haviam limpado Bluetont, mas a experiência tinha sido cara e terrível. O reverendo Greene os esperava com um sorriso radiante, e os moradores ali presentes olhavam para eles com algo próximo da veneração. Seus rapazes haviam salvado Bluefont. Os rapazes de Greene haviam salvado Gulfport. Realmente, o reverendo tinha que ser alguém especial. Alguém abençoado por Deus. Enquanto Grapes se aproximava do reverendo, cansado e coberto de restos de sangue, perguntou-se se haveria lugar para ele e seus homens ali. Mas, de repente, teve consciência de que lá fora devia ser pior, muito pior. E o olhar de Greene (esse olhar, essa incrível força negra) o impactou com uma violência quase física, que o fez abrir a boca tentando respirar. Foi nesse momento que Malachy Grapes percebeu que havia encontrado seu lugar no mundo. E era um lugar incrivelmente divertido.

— Reverendo, eles já chegaram. — Susan Compton, sua secretária particular, entrou rebolando sobre suas curtas pernas. Cinquentona, era rechonchuda, míope e mais feia que um dragão, mas era imensamente eficiente e mantinha o gabinete da prefeitura em ordem com mão férrea havia dezesseis anos.

— Mande-os entrar, Susan respondeu Greene contornando sua mesa e se sentando na enorme poltrona que um dia pertencera a Stari Morgan (que Deus o tenha em sua Glória, amém, aleluia). O antigo prefeito de Gulfport havia tido o bom gosto de morrer de um vulgar infarto uma semana depois de nomear Greene seu primeiro conselheiro.

entregando a cidade ao reverendo em bandeja de prata. Seu joelho estivera latejando intermitentemente durante o dia todo, mas a intensidade da dor havia aumentado um grau. A porta se abriu de novo, e um grupo de cinco pessoas entrou atrás da senhora Compton. Abriando a marcha estava Malachy Grapes, braço direito, seguido de Strangård, aquele marinheiro sueco que chegara a Gulfport depois de uma tumultuada viagem da Virgínia, onde o Apocalipse o havia surpreendido. Mas o mais interessante eram as

tres pessoas que entraram imediatamente atrás. O grupo era encabeçado por um indivíduo alto e magro, de cabelo preto alvoroçado e uma expressão desconfiada no rosto. Era seguido por um sujeito louro, de farto bigode sob estranhos olhos azuis. Mas o melhor do trio era, sem dúvida, a garota que fechava a comitiva, alta, jovem, muito bonita, com um enorme gato laranja cochilando nos braços.

E o mais importante: os três eram brancos. Bem-vindos, meus filhos, a esta Nova Jerusalém! Bem-vindos a Gulfport, lar dos Justos, fortaleza do Senhor e ponto de partida do iminente Segundo Advento de Cristo! — O reverendo se aproximou e impôs as mãos. A expressão dos recém-chegados era confusa diante daquela recepção, mas ficaram quietos. — Foi uma viagem muito longa até aqui replicou o sujeito alto e moreno.

— Quero ouvir essa história de seus próprios lábios, mas antes gostaria que o oficial Strangård me contasse como Deus os pôs no caminho da Salvação. — O reverendo fez um sinal a Strangård para que se aproximasse, e com a outra mão indicou discretamente a Grapes que abandonasse o aposento. Que tua mão direita não saiba o que faz tua esquerda, disse o Senhor. O oficial sueco começou a relatar como, no meio de uma tempestade, haviam visto umas bengalas de emergência muito próximo ao Ithaca e lhe contou o subsequente resgate. Strangård narrava as coisas de uma maneira ordenada, seca e eficiente, de um modo muito profissional. Quando concluiu seu relato, relaxou levemente e esperou com paciência que o reverendo fizesse alguma pergunta. Para Greene era o suficiente. Tinha certeza de que o relatório que o capitão Birley lhe passaria mais tarde concordaria plenamente com o do sueco, mas era melhor estar totalmente seguro. "Tenha olhos em todos os lugares e ouvidos em mais partes ainda." Não era da Bíblia, mas seu pai sempre lhe dizia isso, e era um dos poucos ensinamentos aproveitáveis daquele louco bêbado. — Já é suficiente, caro Strangård.

Greene o pegou pelo braço e o acompanhou até a porta. — Não quero lhe tomar mais tempo. Tenho certeza de que o capitão Birley precisa de sua inestimável ajuda para a descarga do Ithaca. O sueco protestou, mas Greene foi inflexível. Quando ficaram sozinhos no gabinete, ele convidou os três náufragos a se sentar. — Bem, agora podem começar — disse, reclinando-se na cadeira.

O sujeito alto e moreno, que segundo dizia era advogado antes do Apocalipse, conduzia o relato. De vez em quando, o louro baixinho acrescentava algo, e a garota se limitava a assentir, acariciando o gato com ar distraído.

- ...Então chegamos a Tenerife — dizia o advogado naquele momento. Foi uma surpresa descobrir que a ilha estava cheia de refugiados procedentes de toda a Europa, que... Cheia de refugiados? Greene pulou feito uma mola ao ouvir aquilo. — Que quer dizer com cheia? Não havia não mortos na ilha?

— Não, a ilha estava a salvo, como Gulfport, mas as condições eram muito mais penosas. Toda aquela multidão consumia quantidades enormes de recursos, e havia uma grande carestia, mas mesmo assim se podia viver com certa dignidade. E não havia ninguém aplicando leis de pureza racial, ao estilo de Hitler — acrescentou secamente a garota, com um olhar ofendido. O advogado lançou um olhar de advertência para a garota, mas Greene não prestou atenção nisso. Sua mente funcionava a toda a velocidade.

Uma ilha cheia de refugiados! Havia outro lugar além de Gulfport que sobrevivera ao Apocalipse! Um suor frio percorreu suas costas. Se existiam outros pontos onde os humanos ainda resistiam, isso significava que Gulfport poderia não ser a Nova Jerusalém. Eles não eram os únicos cordeiros salvos do sacrifício pelo Senhor. Então...

se não eram os únicos... Não, isso era impossível. Ele era o Profeta. Ele era o salvador dos Justos. Todo o mundo em Gulfport acreditava e respeitava aquela ideia, que ele havia repetido sem parar ao longo de seus sermões diários. E essa convicção era o que fazia que ninguém discutisse seu papel de líder da comunidade. Se

as pessoas de Gulfport soubessem que havia mais lugares assim, alguém poderia pensar que sua salvação não dependia apenas da intervenção divina por meio do reverendo.

E isso acarretaria, inevitavelmente, que em algum momento alguém questionasse a liderança de Greene. E pensasse que talvez suas ideias não fossem Revelações do Senhor.

Isso não era possível. Não podia ser possível.

O advogado concluiu seu relato. Greene os olhou em silêncio durante alguns instantes, e finalmente se inclinou para eles com um sorriso enorme no rosto.

— Irmãos, irmãos! Vocês são como o filho pródigo. Caminharam pelo longo vale das sombras, mas finalmente estão no lugar do leite e do mel, onde o cervo e o leão dormem à mesma sombra. Não tenham dúvida de que, de agora em diante, a República Cristã de Gulfport será seu novo lar.

— Nós lhe agradecemos enormemente, reverendo — disse o advogado com uma expressão aliviada no rosto. — Evidentemente, estamos dispostos a ajudar no que for preciso. Se houver algo que possamos fazer... Pois sim, meu filho — replicou Greene —, tenho que lhes pedir um imenso favor.

Qual é? Tenho que lhes pedir que não contem a ninguém sua história. E quando digo a ninguém, quero dizer a absolutamente ninguém. Já a contaram a alguém? O capitão Birley sabe — replicou o advogado, após pensar um pouco. — Mas só ele. Agora que está dizendo, nenhum oficial a bordo perguntou nada. Não havia percebido até agora. Bom trabalho, Birley, pensou o reverendo Greene, você sabe o que lhe convém. E também sabe manter seus homens na linha. Agora entendo por que esse maldito sueco queria ficar a todo custo. Bom — prosseguiu Greene estalando a língua, alinhavando uma desculpa. — Isso é bom. Preciso que mantenham sigilo por um simples motivo. Se as boas e piedosas pessoas de Gulfport souberem que há necessitados em Tenerife, ou do outro

lado do mundo, insistirão em fazer uma expedição até lá, até que resgatemos todos da escuridão e do pecado. — Compreendo — disse o advogado. Uma luz de alarme havia se acendido em seus olhos.

Greene, acostumado às mentiras e meias verdades, não deixou passar despercebida a leve hesitação do advogado e os olhares nervosos que trocaram entre si. Estavam lhe escondendo alguma coisa. Não querem saber de Tanerife, ou como diabos se chame esse lugar, pensou. Estavam fugindo dali quando encontraram o Ithaca. Estão com medo. — Os bondosos habitantes de Gulfport empreenderiam a viagem mesmo correndo o risco de perecer na tentativa, pois são fiéis seguidores de Cristo. — O reverendo abriu os braços, como se abarcasse uma multidão imaginária. — Mas são meu rebanho, e hei de velar por todos eles. Não posso permitir que enfrentem uma missão suicida para trazer aqui, à segurança de Gulfport, toda essa gente. Por isso peço seu silêncio. Compreendem, não é? — Evidentemente, reverendo — apressou-se a responder o advogado. — Pode contar conosco, nossos lábios estão selados. Mas as pessoas têm direito de saber que há mais sobreviventes pelo mundo! — protestou a garota, indignada. Se não souberem, no final das contas seriam como prisioneiros desta cidade! Toda essa gente, esses hilotas, têm direito de decidir se querem viver em outro lugar, e não como comuns presidiários! Lucía, acho que não é momento para isso — interrompeu o advogado, firme. O reverendo nos pediu um favor, apenas um favor em troca de sua hospitalidade, e acho que devemos isso a ele. Lucía abriu a boca para acrescentar mais alguma coisa, mas, ao ver a expressão severa do advogado, pensou duas vezes e se calou. Começou a acariciar o gato com tanta força que ele, surpreso, deu um miado de protesto. A tensão entre eles era evidente. — Minha filha, minha filha — interrompeu-os Greene, com voz piedosa —, deixe-me contar-lhe uma história. Há muito tempo, na época dos gregos, existia uma cidade chamada Esparta. Evidentemente, eram todos uns idólatras ímpios que adoravam falsos deuses de barro e estavam longe da luz de Nosso Senhor.

Porém, em muitos aspectos eram uma sociedade admirável. Os espartanos viviam cercados de inimigos que queriam vê-los mortos a todo custo, assim como acontece conosco hoje em dia. Por isso, para sobreviver, criaram uma casta, e os chamaram de hilotas, que se encarregavam de cultivar seus campos, cuidar de seu gado e lhes fornecer todas as coisas materiais que necessitavam para que eles, os espartanos, pudessem dedicar-se única e exclusivamente a defender suas muralhas. Nós fazemos o mesmo aqui, e justamente por isso temos nossos hilotas.

E quem decide se uma pessoa é hilota ou não? perguntou Lucía, com um fio de voz. Deus nosso Senhor, evidentemente replicou Greene, realmente surpreso. Adão e Eva eram brancos, como os Apóstolos, como Moisés e todos os profetas que aparecem na Bíblia. Foi Deus quem decidiu assim. As demais raças ou são misturas bastardas, como esses sujos chicanos, ou são fruto direto do pecado, como os negros. Por isso levam a marca em sua pele. Permitindo-lhes viver sob nossa santa proteção, estamos lhes fazendo um favor, pois assim podem expiar suas culpas. Lucía fez um esforço titânico para controlar a resposta afiada que se formava em sua boca. O ucraniano, por sua vez, mexeu-se incomodado na cadeira. Apenas o advogado mantinha uma expressão impenetrável no rosto, sem deixar transparecer a menor emoção. Reverendo — começou a dizer, tentando controlar seu tom de voz —, de onde nós viemos, esse jeito de pensar seria muito malvisto. Espero que entenda... — Não! — interrompeu Greene, firme, dando um forte tapa na mesa. As coisas são assim, e não há nada a discutir! Por causa da negligência, da tolerância e do hedonismo, Deus castigou a raça humana! Há anos venho anunciando que isso ia acontecer, e não me deram ouvidos! Não me deram bola, entende? Não me deram bola, e então foi tarde demais! Eu tenho razão! Eu sou o Profeta! Greene se levantara e gesticulava ao falar, com olhos febris. O laço em sua gola estava desfeito, e ele soltava minúsculas partículas de saliva ao falar. Por conviver com maricas, comunistas, negros, índios e chicanos! Por aceitar um negro como presidente deste país! Deus desatou sua ira, e enquanto não retomarmos o reto

caminho não se dará seu Segundo Advento! Se não aceitarem essa verdade, não haverá lugar em Gulfport para vocês! Greene desabou em sua cadeira, arfando. Pegou uma jarra de água e serviu-se com mão trêmula. Ao beber, derramou algumas gotas no peito.

E então? — perguntou. Qual é sua resposta? Qual é seu lado do Muro?

Nós... — começou a dizer o ucraniano. Nós aceitamos sua hospitalidade e suas normas, reverendo Greene — interrompeu-o rapidamente o advogado. Seremos bons habitantes de Gulfport, prometemos. — Mas isso é... — interveio Lucía, mas calou-se de imediato. O advogado a olhava com um eloquente cale-se de uma vez escrito nos olhos.

É sua mulher? perguntou o reverendo. — É minha companheira, sim, mas não vejo... — É melhor que aprenda a controlá-la o quanto antes, caro amigo. "Porque não permito que a mulher ensine, nem que exerça domínio sobre o homem; ela deve estar em silêncio", Timóteo, 2:11 — recitou de cor o reverendo Greene, acariciando sua Bíblia. — O próprio Senhor nos aponta qual é o lugar das mulheres. São mães e esposas, mas não têm capacidade para dar opinião, nem para tomar decisões. Seu cérebro não foi feito para pensar, como é evidente. Não se preocupe, reverendo, ela aprenderá a controlar sua língua respondeu o advogado, olhando expressivamente para Lucía. Ela, vermelha de fúria e humilhada, mantinha a cabeça baixa e acariciava com força o gato, que miava incomodado. Bem, nesse caso, creio que já acabamos. A senhora Compton lhes mostrará sua nova casa quando saírem. Há bastante espaço livre em Gulfport, e acredito que, quando virem onde vão morar, ficarão...

A porta se abriu de repente, interrompendo o reverendo. E agora, o que é?, ruminou Greene. Aquela estava sendo uma reunião muito mais difícil do que havia pensado. Malachy Grapes permanecia em pé na porta, com aspecto nervoso. O ariano se balançava inquieto sobre seus pés, como se estivesse com uma vontade urgente de

urinar. — O que houve, Malachy? — perguntou Greene, sem se incomodar em disfarçar o tom contrariado de sua voz. Todo mundo sabia que ninguém devia interromper o reverendo, salvo por motivo de força maior. São os hilotas do Ithaca, reverendo. Estamos com problemas. Um grupo de chicanos se nega a aceitar o pagamento combinado. Estão exigindo algo, mas não faço ideia do que dizem. Não falam inglês, só essa língua de merda, o espanhol. Grapes levou a mão à boca. Desculpe minha linguagem, reverendo. — Como se atrevem! O reverendo se levantou e apontou seu dedo caloso a Grapes. Dê-lhes uma lição! Acabe com eles! Mate metade deles para que aprendam qual é seu lugar! — Não! — gritou Lucía de repente. O advogado e o ucraniano se voltaram para ela, surpresos com a nota de paixão que tremia em sua voz. — Não os mate, reverendo, eu lhe peço! Cale-se, menina! cortou o reverendo. Grapes, já sabe o que tem que fazer. — Como ordenar, reverendo. O ariano se voltou para sair da sala, mas nesse momento o advogado se levantou. E você, o que quer agora, pensou Greene. — Espere um momento, reverendo. Eu falo espanhol perfeitamente. De fato, é minha língua nativa. Se me permitir falar com eles, talvez possa saber o que estão pedindo, e assim evitaríamos um derramamento desnecessário de sangue. Greene se sentou, meditando nas palavras do advogado. Tinham centenas de hilotas e eram facilmente substituíveis, mas a situação entre eles já era bastante explosiva. Uma purga não ajudaria a acalmar os ânimos, e ele não podia correr o risco de enfrentar uma rebelião aberta. Não naquele momento. — Muito bem — assentiu, colocando o chapéu. Venha comigo. Sua mulher e seu amigo podem se dirigir a seu novo lar. A senhora Compton os acompanhará. E, sem mais palavra, saiu da sala. O advogado trocou umas palavras apressadas com seus acompanhantes, cheias de gesticulações enfurecidas, mas Greene estava muito irritado para prestar atenção nesse detalhe. Que resolva em casa seus próprios problemas. Eu tenho que resolver os meus agora.

Grapes os esperava na porta da prefeitura, ao volante do Hummer, com o motor ligado. O reverendo sentou-se no banco de trás, enquanto o espigado advogado se sentava no da frente. Seguiram

para o norte durante alguns minutos, em um silêncio total, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos. Quando finalmente chegaram, o Hummer parou junto a uma ponte que cruzava um largo canal. As duas margens do braço d'água estavam cercadas por um alto muro de cimento coberto de arame farpado. Na ponte, ao lado de uma placa enferrujada coberta de buracos de bala que dizia: "Bem-vindos a Bluefont!", erguia-se uma enorme torre de aço com holofotes na parte superior, que recordava uma barbacã medieval. No alto da atalaia, dois arianos, atrás de suas metralhadoras M60, cobriam a porta de aço que fechava a ponte. Do outro lado da porta, um grupo de uns cinquenta hilotas gritava e gesticulava, jogando pedras e garrafas vazias na torre. Nenhum deles estava armado, pois os hilotas tinham o acesso às armas restrito aos limites de Gulfport. Bem, meu filho disse Greene, saindo do veículo. — Esta é sua oportunidade. Mostre-me o que você sabe fazer. O advogado saiu do Hummer e caminhou para a pesada porta de aço. Um ariano parado na parte baixa abriu uma portinhola para que ele passasse. Assim que atravessou a porta, fechou-a rapidamente atrás de si.

Os hilotas situados do outro lado da ponte foram ficando em silêncio ao ver a figura inquieta do advogado. Respirando fundo, caminhou até eles, aparentando mais segurança do que realmente sentia. Olá a todos cumprimentou em espanhol. Venho em nome do reverendo Greene. O que está acontecendo aqui? Um sujeito alto e moreno, de uniforme militar onde se lia "Dobzhansky" no bolso superior direito, adiantou-se ao grupo. — Sou Carlos Mendoza — disse em tom desafiador. — Quem é você, e o que quer? — Sou a pessoa que pode evitar que os sujeitos aí atrás — levantou o braço e apontou para os dois arianos das metralhadoras — eliminem todos vocês em menos de um minuto, a não ser que me digam que diabos querem. Esse Greene tem jeito de ser suficientemente louco para mandar abrir fogo, e falta muito pouco para que ele faça isso, de modo que torno a perguntar: o que está acontecendo aqui? — Ele nos enganou! rugiu uma voz na multidão. — Prometeram dez litros por pessoa, e só nos deram três! Um coro de vozes começou a protestar em uníssono, apoiando aquelas palavras. O homem chamado Carlos

Mendoza fez um gesto para que se calassem. Quando conseguiu, voltou-se de novo para o advogado. Você já ouviu — disse. — Eles nos devem sete litros de Cladoxpan por pessoa, para todos os que estavam no Ithaca. Diga a seu reverendo que, enquanto não nos der o que nos pertence, não pretendemos sair daqui. — Cladoxpan? — perguntou o advogado, confuso. — O que é isso? Uma bebida?

A cara de Mendoza se transformou com a surpresa de ouvir aquilo. — Está debochando de mim? Como pode não saber o que é Cladoxpan? De onde você saiu? Espere um pouco...

Você é um dos naufragos que o Ithaca resgatou em alto-mar? O advogado assentiu, inquieto. O outro, ao ver sua expressão, soltou uma gargalhada lúgubre. Esses cagões são tão covardes que nem sequer se atrevem a vir pessoalmente a este lado do muro. Mandam um pobre imbecil que nem sabe do que está falando. No way! — Se me contar do que estamos falando, talvez eu possa ajudar — respondeu o advogado com calma. — De outro modo, será impossível. — O Cladoxpan é um medicamento — esclareceu o outro pacientemente, como se falasse com uma criança. — Mantém as concentrações de TSJ em níveis muito baixos e nos permite continuar vivendo como pessoas. Todos nós estamos infectados por esse maldito vírus, e se não bebermos pelo menos meio litro dessa solução por dia, estaremos fodidos. Entende agora, garoto branco? O advogado respirou fundo, pensativo. — Ou seja, é como um paliativo, não? Quer dizer, esse Cladoxpan não elimina o TSJ, mas o enfraquece o suficiente para que não faça efeito.

— Vejo que você é esperto — disse Mendoza com voz amarga. É algo parecido com a insulina para os diabéticos. Enquanto o consumirmos, tudo estará bem, mas se pararmos de ingeri-lo, então... acabou. E esse filho da mãe nos deve sete litros por pessoa! Ele nos prometeu dez litros se fôssemos nesse maldito navio, e nós cumprimos nossa parte! Agora é a vez dele! — Como vocês se infectaram? perguntou o advogado, curioso, sem dar atenção às demandas de Mendoza.

— E como você acha que foi, babaca? — replicou Mendoza, arregaçando uma das mangas de seu uniforme. No ombro, tinha uma enorme cicatriz de algo que não podia ser outra coisa senão uma mordida humana. Faltava até parte da massa muscular. — Diga a seu reverendo cagão que, se não nos der o que nos deve, não vamos sair daqui.

Entendido? O advogado assentiu e se afastou lentamente rumo ao portão de aço sobre a ponte. Já de volta, caminhou em direção a Greene, que o esperava impaciente perto do veículo. Ao seu lado, Malachy Grapesdava ordens a um grupo de arianos fortemente armados que estavam se encarando na torre.

— E então, o que querem? — perguntou o reverendo. — Dizem que o senhor lhes deve sete litros por pessoa de algo chamado Cladoxpan. Dizem que lhes prometeu isso em troca de sua participação na operação de Luba. E também dizem que, enquanto não lhes der os sete litros, não sairão dali. O reverendo corou subitamente, irado. Seu lábio inferior começou a tremer, incontrolável. — Mas quem eles pensam que são? Bando de hispânicos sujos e fedidos! Vou matar todos eles! Vou acabar com eles! Vou fazer a ira do Senhor castigá-los a sangue e fogo! Não pretendo permitir tamanha insolência!

— Espere, reverendo — interrompeu o advogado. — Não acho que seja uma boa ideia. Matá-los não resolverá o problema, e Gulfport perderá um monte de homens valiosos em troca de nada. Eu vi pessoalmente como lutavam no porto de Luba, e posso lhe garantir que são verdadeiros heróis. Se os matar, levará muito tempo para treinar outros homens que sejam tão bons quanto estes, e a cidade ficará sem um bom grupo de hilotas. De repente acrescentou, como se fosse fruto de uma inspiração repentina: Além do mais, seria uma ofensa a Deus destruir de forma tão estúpida uma ferramenta tão útil como a que Ele pôs em suas mãos, reverendo. Não me dê lições, garoto, foi o primeiro pensamento do reverendo Greene. Porém, soube apreciar a validade do argumento daquele homem. Talvez não fosse má ideia, afinal de contas. Muito bem concordou, ameaçador.

Mas só lhes daremos cinco litros por pessoa. Nem um litro a mais. E isso não é negociável. Ou aceitam isso, ou mandarei minha Guarda Verde exterminá-los sem contemplação. Serei como o vinhateiro arrancando a erva daninha de suas videiras. — Dizendo isso, entrou de novo no Hummer, sem olhar para mais ninguém. Satisfeito, o advogado correu de novo para o outro lado do Muro, onde os hilotas o esperavam, expectantes. Ao chegar, transmitiu-lhes a oferta do reverendo Greene em poucas palavras. Os hilotas discutiram durante alguns segundos, com gestos grosseiros, e finalmente aceitaram.

Ok — disse Mendoza. Diga a seu reverendo Greene que aceitamos. Mas isso não acabou.

O advogado assentiu, aliviado. Enquanto se afastava, ouviu Mendoza chama-lo às suas costas.

Aproveitando o mexicano ainda permanecia no mesmo lugar, com um sorriso orgulhoso no rosto —, mande lembranças a Lucía da parte de Carlos Mendoza. Diga-lhe que me lembro dela com muito carinho e que espero poder vê-la em breve. Sua visita será bem-vinda. Dito isso, afastou-se, deixando o advogado com uma expressão confusa e um remoinho de sentimentos inquietos se agitando em seu coração.

Quando um dos homens de Grapes me deixou em frente à casa que nos haviam designado, já era quase noite fechada em Gulfport. Uma leve garoa caía, desenhando estranhas formas nas poças de luz dos postes. Estava frio, e eu sentia a chuva penetrar em meus ossos, mas uma sensação ainda mais fria me inundava por dentro. Eu estava sujo, cansado e emocionalmente esgotado, mas ainda assim enrolei um tempo, evitando entrar. Estava tentando retardar o inevitável. Eu me sentia sem ânimo para o enfrentamento que me esperava lá dentro. Finalmente, subi os degraus da entrada e entrei em meu novo lar. Era uma típica casa de subúrbio, de dois andares, gramado em frente à porta, pórtico de madeira e garagem ao lado. O interior era acolhedor e amplo, com um mobiliário meio elegante,

meio brega e fuleiro. Em uma parede, uma enorme foto emoldurada de Charlton Heston dirigindo-se a uma multidão da Associação Nacional do Rifle e segurando uma arma acima da cabeça. — Finalmente chegou — disse Víktor Pritchenko, aparecendo na porta da cozinha. — Estávamos preocupados com você. Onde esteve? — É muito complicado para explicar, Víktor respondi. Só sei que esta tarde evitei que morressem pelo menos cinquenta pessoas pelas mãos desses lunáticos religiosos. — Bem, pelo menos hoje fez algo direito — respondeu o ucraniano com uma nota de tristeza na voz. — É melhor falar com Lucía. Ela está muito irritada com você.

Suspirei, desanimado. Era evidente que eu não poderia evitar aquela conversa até o dia seguinte, como era minha intenção. — Vou falar com ela. — Dei-lhe uma palmada no ombro. Não se preocupe, meu velho. Entrei na sala. Lucía estava sentada em um sofá macio, e o gato brincava com um par de meias a seus pés. Tinha um livro no colo, mas não havia lido nem as primeiras páginas. Sua expressão se endureceu ao me ver.

Já chegou — disse com uma voz gelada. — Sim — respondi, enquanto me sentava no outro sofá. — Estive na prefeitura com Greene até meia hora atrás. Quanto antes lhe contar, melhor. Ele me convidou para fazer parte da equipe de governo de Gulfport. — Como? — Lucía me contemplou, atônita. — Ele precisa de alguém que possa servir de intermediário com os hilotas que vivem em Bluefont. É um bairro residencial separado por arame farpado, do outro lado do rio, mas fica dentro do perímetro do Muro. Mais da metade dessa gente é de origem hispânica, mas não há ninguém deste lado de Gulfport que fale castelhano, de modo que ele acha que sou o homem indicado. — Deve ter dito que não, evidentemente. Respirei fundo. Aí vai. Aceitei o cargo. Começo amanhã. Posso saber que diabos há com você? Como pôde? Lucía, hoje salvei a vida de um monte de gente disse eu. — Embora não me importasse que um deles levasse um tiro ali mesmo. E fiz isso justamente pelo que lhe disse. Se eu ocupar esse cargo, terei a

oportunidade de velar pelos interesses dos hilotas, de melhorar suas condições de vida. — Velar por eles? E em que condições? Vai conseguir que esse pregador pirado o ouça e eles deixem de ser cidadãos de segunda? Que deixem de ser os únicos a arriscar a pele? — Ainda não sei — respondi. — Mas tenho certeza de que vai me ocorrer um jeito.

Eu não conseguia lhe confessar que, naquela tarde, enquanto evitava um massacre na ponte que levava ao gueto de Bluefont, uma velha sensação de euforia que não sentia havia anos voltara a percorrer meu corpo. Antes do Apocalipse, eu era um advogado de prestígio, capaz de fechar acordos impossíveis e de negociar condições extremas. Aquele sentimento de invencibilidade, de poder conseguir quase qualquer coisa simplesmente argumentando, era como uma droga tão forte e poderosa que havia sido meu principal motor durante anos. Mas, um dia, chegaram os não mortos, e tudo aquilo desapareceu de repente. Desde então, eu me arrastava por metade do mundo, sobrevivendo por milagre e descobrindo, amargamente, que todos os meus conhecimentos e habilidades dialéticas não serviam absolutamente para nada naquela nova sociedade em ruínas. E de repente, naquela tarde, a velha magia voltara a fluir. Eu havia conseguido de novo. Pela primeira vez em muito tempo me senti realmente útil no meio de toda aquela devastação. Mas eu sabia que Lucía não entenderia nada daquilo, ou, pelo menos, não seria capaz de aceitar naquele momento. Ela estava muito irritada com o reverendo Greene, com a horrorosa sociedade racista de Gulfport e, principalmente, comigo. Eu tinha que tentar argumentar com ela.

— Lucía, para o bem ou para o mal, estamos aqui. Temos que tentar nos encaixar o melhor possível neste lugar. — Por quê? — Porque não sei se Gulfport vai ser nosso lar definitivo ou não, mas tenho certeza de que vamos passar pelo menos um tempo nesta cidade. E também sei que, se tivéssemos que partir, íamos passar muitos maus bocados lá fora.

— Pode ser — Lucía segurou minhas mãos e olhou em meus olhos, suplicante —, mas conseguiríamos, como sempre. Este lugar está doente, essa gente está doente, e você sabe. Gulfport não é nosso lugar, nós não somos como eles. Vamos embora daqui hoje mesmo, nós três.

— E para onde iríamos? perguntei. — Não podemos sair daqui e simplesmente começar a andar sem rumo. Estamos na América, maldição, e isto é enorme. Há milhões de não mortos ali fora. Não há mais remédio senão ficarmos aqui. Então, se vamos ficar, vamos enfrentar Greene e seus desvarios! — E como quer que o enfrentemos? Ele nos ofereceu sua hospitalidade! Salvou nossa vida! Devemos isso a ele!

Não lhe devemos nada! Você está cego? Não viu como tratam essa gente? — E você não viu como está o mundo fora deste lugar? explodi, furioso, voltando-me para ela.

Já não teve doses suficientes de sangue, morte e destruição? Não está cansada de dormir todas as noites com um olho aberto, de passar frio, medo e penúria? Não está farta de andar fugindo constantemente de um lugar para outro há dois anos? Não vê que este é um lugar bom e seguro para viver? Estão nos oferecendo sua hospitalidade, e você cospe em seus olhos, caralho! A que preço, essa hospitalidade? Ao preço de viver em uma espécie de pequena África do Sul do apartheid? Ao preço de ver maltratarem os hilotas? — Saíam verdadeiras labaredas dos olhos de Lucía.

Ao preço de podermos continuar vivos! — gritei, fora de mim. — De podermos ter um futuro! — Eu não quero esse futuro — respondeu Lucía, com os olhos brilhantes.

Estava prestes a começar a chorar. — Não assim. Pois não temos alternativa. — Levantei-me do sofá e abri os braços.

— Olhe à sua volta! Não temos nada! Até a roupa que usamos é um presente, pelo amor de Deus! Temos nós três — replicou Lucía. — Víktor, você e eu. Ao que parece, você tem mais alguém respondi,

irritado e dominado pelo ciúme. — Um tal de Carlos Mendoza mandou um "oi" para você. Não precisou nem chegar a Gulfport para arranjar admiradores.

Lucía empalideceu, e seus olhos se reduziram a duas brasas incandescentes. Eu me arrependi imediatamente de ter feito aquele comentário.

Era injusto com Lucía, não vinha ao caso e era um tanto cruel, mas eu estava cansado e irritadiço, e, além do mais, intimamente me sentia terrivelmente sujo por estar entrando no jogo do reverendo Greene. O problema das palavras é que, uma vez lançadas, já não há força humana capaz de fazê-las voltar. — Pelo menos Carlos Mendoza tem dignidade suficiente para desprezar Greene na cara — disse ela bem devagar. Ele não tem que se preocupar em manter a salvo uma mulher, um gato e um russo louco respondi com acrimônia. Com a mulher, não precisa se preocupar mais respondeu Lucía altiva. A partir de agora, cuidarei de mim mesma. Levantou-se, evitando olhar para mim, pegou o gato do chão, e após lhe dar um beijo enorme na testa, colocou-o em meu colo. Depois, sem olhar para trás, saiu da sala batendo a porta.

Lúculo olhou para mim surpreso. A cara do gato persa estava úmida das lágrimas de Lucía. E eu me senti totalmente infeliz.

O coronel Hong se espreguiçou, com uma dor surda palpitando em sua cabeça. O Iliúchin-62 não era exatamente o mais confortável dos aviões desenhados pelo homem, e sua versão militar, menos ainda. O barulho dos motores se infiltrava pela fuselagem e tornava recomendável usar fones protetores para os ouvidos durante toda a viagem. O único jeito de poder manter uma conversa era aos gritos, e mesmo assim era complicado. Depois de quase treze horas de voo, o coronel sentia como se alguém houvesse lhe enfiado dois quilos de algodão por pressão pelas orelhas. Levantou-se para esticar as pernas e arejar um pouco a cabeça. Ao ficar em pé, a pasta que estava sobre seus joelhos escorregou e caiu ao chão. Hong se inclinou para recolhê-la e a guardou cuidadosamente em

uma maleta de aço com duas fechaduras. Dentro daquela maleta havia um envelope que abrira assim que entrou no aparelho, com as instruções detalhadas da operação e uma caixa com pastilhas de cianureto que devia distribuir a todos os seus homens ao aterrissar.

Além disso, havia aquele relatório, evidentemente. Não lhe haviam permitido levar uma cópia, pois estava qualificado como sendo de Alto Sigilo. Não podiam arriscar que caísse em mãos erradas, ou, pior ainda, nas mãos do inimigo imperialista ianque. Mas Hong não podia tirá-lo da cabeça, enquanto caminhava lentamente pelo corredor central do avião, para a cabine dos pilotos. "Os não mortos estão morrendo", dissera o ministro de Defesa na reunião. Era muito estranho, e Hong no início pensou que não havia ouvido bem. Mas os demais generais sentados à mesa não mexeram nem um fio de cabelo quando o ministro repetira aquilo. Ou seja, devia ser verdade.

No início, pensou que haviam descoberto alguma maneira de acabar com eles. "Não é isso", respondera o ministro, com ar contrito. "Não existe nada no mundo capaz de matar algo que já está morto. E todas as tentativas que fizemos para desenvolver um antídoto ou vacina contra o vírus TSJ foram totalmente inúteis. É um prodígio da engenharia genética. Porém, o próprio sucesso do vírus se transformou em sua fraqueza." E então lhe entregara aquela pasta, onde se liam as palavras "Alto Sigilo".

Hong havia passado a meia hora seguinte lendo e aprendendo mais sobre o TSJ. Ao que tudo indicava, o vírus era uma mutação de laboratório do vírus ebola, ao qual haviam acrescentado elementos próprios de outras cepas. Embora sua velocidade de propagação fosse enorme e a capacidade de contágio, altíssima (havam documentado alguns casos de pessoas infectadas até pelo simples contato com a saliva de um não morto), o TSJ tinha um ponto fraco, que era simplesmente o fato de que havia sido muito bom fazendo seu trabalho. Os pesquisadores que tinham redigido o relatório estimavam que não restavam mais de trinta milhões de habitantes em todo o planeta, vinte e três milhões dos quais estavam dentro das fronteiras da Coreia do Norte. O TSJ havia sido capaz de apagar

do mundo dos vivos mais de seis bilhões de seres humanos em menos de trinta dias de pandemia. Isso, para um vírus, era um sucesso total.

O problema para o TSJ surgiu quando acabaram os humanos, seus agentes portadores naturais. Fora de um organismo, o TSJ sobrevivia apenas alguns minutos antes de ficar reduzido a uma sopa de proteínas. Pois o TSJ havia colonizado o corpo de praticamente todos os seus portadores potenciais, estava virtualmente preso dentro dos não mortos. Não podia sair deles, nem pular para outro portador.

O corpo dos não mortos não tinha circulação sanguínea, nem respiração, apenas um pouco de atividade elétrica e neuronal. O TSJ, de maneira hábil, inibia a ação das bactérias responsáveis pela putrefação, mantendo os corpos mortos em um estado de conservação similar ao que teriam dentro de um congelador. Poderia permanecer daquela maneira durante anos, ou séculos, esperando pacientemente o momento de pular sobre qualquer outro possível hóspede. Mas então a natureza, em uma guinada cruel, tornou as coisas ainda mais difíceis. Porque embora o TSJ anulasse a ação das bactérias, não podia fazer nada contra os fungos.

E os fungos, uma das estruturas pluricelulares mais antigas da criação, encontraram de repente bilhões de não mortos vagando pelo mundo, um caldo de cultura perfeito para ser colonizado. Enormes pedaços de carne ambulante preparados para se transformar em seu novo lar.

O relatório que Hong leu incluía dezenas de fotos de não mortos em diversos estados de invasão por fungos. Mais de setenta por cento das infecções haviam se produzido no prazo das quatro primeiras semanas da pandemia, de modo que a maior parte dos não mortos tinha mais ou menos o mesmo tempo. No início, as colônias de fungos não eram evidentes, apenas umas pequenas pelugens douradas ou esverdeadas no canto da boca, ou nas órbitas dos olhos. Porém, à medida que os meses iam se passando, as colônias

prosperavam e se expandiam. Hong recordava com horror algumas imagens de não mortos tão cobertos de fungos que pareciam seres monstruosos saídos de algum pesadelo. O relatório calculava que no prazo aproximado de dois anos, a maior parte dos não mortos estaria tão consumida pelos fungos que simplesmente desmoronaria sob seu próprio peso. Depois, simplesmente continuariam apodrecendo onde houvessem caído, até ficarem reduzidos a um monte de ossos amarelados. Em menos de quatro anos prosseguia o relatório — não restaria nem um único não morto sobre a face da Terra.

E então, será nossa oportunidade, compreendeu Hong. Sem não mortos no cenário, o mundo inteiro ia acabar ficando aos pés da República Popular da Coreia do Norte.

Os seis milhões de sobreviventes que o relatório calculava que viviam dispersos pelo planeta não representariam um rival sério para o Exército Popular. Tinham apenas que aguentar quatro anos. Mas, sem petróleo, não conseguiriam. Seria irônico haver vencido os não mortos para acabar morrendo de fome.

Hong passou ao lado de um soldado profundamente adormecido, cujos fones de proteção haviam escorregado para o pescoço. Com cuidado para não o acordar, recolocou-os no lugar e seguiu avançando até a cabine. Seus homens o temiam, evidentemente, mas também sabiam apreciar que era o melhor oficial sob o qual podiam estar, que cuidaria deles com zelo. O coronel havia se permitido o luxo de escolher pessoalmente os quase trezentos soldados que compunham sua companhia, e por isso apenas os melhores e mais preparados participavam daquela expedição.

Hong sabia que o seguiriam até as portas do inferno, se necessário. Ao chegar à cabine, abriu a porta sem bater e entrou.

Quando fechou a portinhola atrás de si, viu-se mergulhado em um agradável e prazeroso silêncio. Hong descobriu que a cabine estava

convenientemente isolada. Era evidente que os russos sabiam quais eram as prioridades ao desenhar o Iliúchin nos anos 1970. Coronel.

— O piloto do avião voltou-se e cumprimentou Hong, que se sentou no banco vazio do navegador. Apenas um dos seis II-62 m que compunham a expedição levava um navegador.

Os demais aparelhos se limitavam a seguir o guia em seu caminho rumo à Costa Oeste dos Estados Unidos .

Aquele era um vôo só de ida. Nenhum avião de transporte da Força Aérea da Coreia do Norte tinha autonomia suficiente para levá-los até o território dos Estados Unidos e depois voltar, de modo que a presença dos demais navegadores era supérflua. O abastecimento no ar também estava descartado, de modo que a única possibilidade séria consistia em um voo de um só sentido. Evidentemente, havia a remota possibilidade de localizar, em algum lugar, combustível suficiente para reabastecer os aviões para a viagem de volta.

Estudaram essa opção durante semanas, mas por fim a haviam descartado. A informação de que dispunham era muito precária e fragmentada, e a maior parte havia sido obtida meses ou anos antes da pandemia. Embora soubessem onde estavam os depósitos mais próximos a seu objetivo, desconheciam por completo em que estado se encontravam., se é que ainda estavam ali. Enfim, era muito arriscado confiar o retorno da expedição a um abastecimento incerto, de modo que o coronel havia traçado um plano alternativo, mas muito mais arriscado. Quanto falta para chegarmos? — perguntou Hong. Estaremos sobre nosso destino primário em menos de uma hora. Depois, em vinte minutos poderíamos voar aos destinos dois, três e quatro. O destino número cinco., bem, meu coronel — O piloto engoliu em seco antes de prosseguir. — Estamos com pouco combustível. Hong assentiu, enquanto fazia uns cálculos mentais. O II-62 era o avião de maior autonomia de que o exército norte-coreano dispunha, e só tinha capacidade para levá-los até a Costa Oeste dos Estados Unidos. O plano consistia em aterrissar em algum aeroporto da região cuja

pista não estivesse obstruída ou ocupada por não mortos, e daí em diante ele e seus homens teriam que abrir caminho por seus próprios meios. Quando Hong ouvira o plano pela primeira vez, ficara indignado. O que estavam lhe pedindo era, basicamente, que atravessasse os Estados Unidos de costa a costa sem nenhum tipo de apoio. — Isso é uma insensatez, com todo o respeito! — exclamara. Nem sequer sabemos em que estado se encontram as estradas! Será dirigir às cegas durante milhares de quilômetros, por um território infestado. — Sabemos disso, coronel — respondera pacientemente um dos generais.

— Vamos fazer algo mais prático — propôs Hong. — Vamos carregar de combustível até a boca o reservatório de dois aviões e, quando aterrissarmos, poderemos transferir esse combustível aos tanques. Assim, poderemos voar até Gulfport sem precisar arriscar a vida, e seria muito mais rápido. — Isso é impossível, coronel — respondeu o ministro. — Quando antes eu lhe disse que a situação de nossas reservas era crítica, creio que não entendeu realmente até que ponto estamos desesperados. Temos apenas dois por cento do combustível que nossa Força Aérea necessita em uma situação normal. Desviamos a maior parte para a indústria e a população civil, e os depósitos estão quase secos. Podemos lhe fornecer combustível para voar até a Costa Oeste da América, mas nem um litro a mais.

— Mas estamos falando de apenas alguns milhares de litros! implorou Hong. — Não há nada a fazer. O ministro foi categórico. O Amado Líder Kim Jong II, em sua proverbial sabedoria, determinou que guardemos reservas suficientes para podermos fazer que todos os nossos caças voem durante pelo menos dois dias consecutivos, em caso de ataque. Precisamos até da última gota de combustível, coronel. Não insista. Hong balançou a cabeça, como se não houvesse ouvido bem. Fazer todos os nossos caças voem? Mas, contra quem? É a coisa mais estúpida que já ouvi em toda a minha vida!, pensou desesperado, mas absteve-se de abrir a boca. Sabia que uma ordem direta do paranoico Kim Jong II, mesmo que fosse

totalmente absurda, não podia ser discutida de jeito nenhum. — Levaremos semanas para chegar a Gulfport se formos por terra tentou, como último recurso. — Será extremamente difícil. — Por isso o escolhemos, coronel replicou o ministro, satisfeito. — Conclua sua missão com sucesso e espírito Juche, e eu lhe prometo que quando voltar será recompensado de uma forma que não pode nem imaginar. E, por causa de tudo aquilo, o coronel Hong e 289 homens escolhidos estavam voando em seis II-62 com os tanques quase secos quando os aparelhos começaram a sobrevoar o território norte-americano. Luz vermelha! — exclamou de repente o piloto. — A partir deste momento, restam-nos trinta minutos de autonomia. A que distância está o ponto primário? — perguntou, ansioso. Deveríamos vê-lo dentro de um... ali está! — gritou o piloto com entusiasmo, mas a emoção de sua voz se trincou de repente.

O aeródromo escolhido, o pequeno aeroporto de uma cidade de trinta mil habitantes, contava com uma única pista. No meio dela, o imenso esqueleto carbonizado de um grande avião comercial jazia atravessado. Era impossível aterrissar ali. Traçando um amplo círculo no ar, os aviões se dirigiram para o aeródromo seguinte da lista. Nos pontos número dois, três e quatro encontraram o mesmo resultado. Quando não eram restos carbonizados de aviões, eram dezenas de não mortos cambaleando pela pista. Aterrisse no meio eles disse Hong. Impossível, meu coronel respondeu o piloto. — Se aterrisarmos entre os não mortos, algum acabará sendo aspirado pelo efeito de sucção das turbinas. Então, o motor explodirá, tombaremos e acabaremos a viagem transformados em uma grande bola de fogo. E Hong teve que esperar até a pista número cinco, sentindo que a ansiedade e o medo do fracasso apertavam sua garganta.

O aeródromo de Titusville, Califórnia, nunca havia sido grande coisa. Tinha uma das pistas mais longas do estado, sem dúvida, mas poucos viajantes iriam querer aterrissar em uma cidade de menos de três mil habitantes situada bem à beira do deserto. Construída como pista militar de apoio durante a Guerra Fria, o aeródromo

ficara languescendo durante anos, servindo apenas como pista de aterrissagem para pequenos voos locais e alguma ocasional corrida de dragsters. Seu aspecto depois do Apocalipse não era muito diferente do que tinha antes. Em um lado da pista, situada a um quilômetro da cidade, meia dúzia de esqueletos sem asas de DC-7 apodreciam lentamente sobre blocos de cimento, entre montanhas de ferro-velho que em algum momento estiveram aparafusadas a um avião. Do outro lado, uma torre de emergência em ruínas ameaçava desabar cada vez que uma rajada de vento do deserto castigava a pista, cobrindo-a com um manto de areia fina. Porém, naquela manhã, a pista de Titusville teria o dia mais movimentado de toda sua história. E o último. No início foi apenas o barulho sibilante de turbinas distantes. À medida que o barulho foi se transformando em um estrondo, os vidros sujos e mal colocados da torre de controle começaram a vibrar como dentes cariados em uma gengiva solta, até que, de repente, a silhueta de um enorme avião de transporte, com uma brilhante estrela vermelha desenhada na barriga, seguido de mais cinco, surgiu no horizonte. Os aparelhos mantinham uma distância de umas cinco milhas entre si.

Os pilotos norte-coreanos enfrentavam um difícil desafio. Tinham que aterrissar aqueles aviões sem a ajuda de nenhum controle em terra, em uma pista desconhecida e coberta por uma fina camada de areia. E com apenas dois minutos para se afastar e deixar lugar para o aparelho seguinte, o que significava que toda a manobra tinha que ser executada com a precisão de um balé. O primeiro Iliúchin rebotou levemente ao aterrissar, mas o piloto era um profissional muito experiente e conseguiu parar o avião. Bem quando chegava à extremidade oposta da pista e se punha de lado, o aparelho seguinte começava sua manobra de aproximação. Tudo foi perfeito com os cinco primeiros aviões. Porém, cada vez que um deles pousava, levantava uma enorme quantidade do pó e areia do deserto depositada sobre a superfície da pista. Em condições normais, o aparelho seguinte teria sobrevoado o aeroporto durante alguns minutos, até que aquela densa nuvem se dissipasse, mas o sexto avião não tinha combustível suficiente para

esperar. De modo que o piloto, quase sem opções, decidiu arriscar e iniciar a manobra de aterrissagem. Aquilo foi um imenso erro. O II-62 bateu na pista em um ângulo incorreto e pelo menos a sessenta milhas por hora mais rápido que o aconselhável. Em consequência, o eixo dianteiro do trem de aterrissagem se partiu como um galho seco, e o nariz do avião começou a se arrastar no asfalto, levantando uma cascata de fagulhas. Uma das asas se enganchou na base da torre de aterrissagem e arrancou a estrutura meio podre. A parte dianteira do II-62 se levantou como se pretendesse dar uma cambalhota; rolou sobre si mesma três vezes seguidas e finalmente explodiu em uma enorme e cegante bola de fogo. Hong, na cabine de seu aparelho, contemplou impotente tudo aquilo e soltou um palavrão. Embora não houvesse conseguido combustível de aviação, havia conseguido que lhe fornecessem diesel suficiente para seus transportes de terra. Agora, todas aquelas toneladas de precioso e caro combustível ardiam com fúria na ponta da pista, soltando enormes ondas de calor.

Isso complica as coisas, pensou. Vamos ter que arranjar combustível para os blindados pelo caminho. Não adianta lamentar — murmurou para si mesmo. — Kim! Sim, meu coronel. — O tenente Kim Tae-Pak era um dos homens de confiança de Hong, veterano de muitas incursões no vizinho do Sul. Comecem a descarregar os blindados ordenou.

— Essa maldita explosão deve ter sido ouvida a cinquenta quilômetros daqui. Quero estar muito longe quando começarem a aparecer curiosos, sejam vivos ou mortos.

O tenente bateu continência e foi cumprir suas ordens. Hong olhou em volta, pensativo, caminhando pela pista. Agachou-se e recolheu um punhado de areia. Observou-a durante um segundo e depois deixou que escorresse lentamente por entre seus dedos. Areia americana. Solo americano. Estavam no território do inimigo mais odiado de sua pátria, e não havia ninguém que o pudesse impedir. Hong sentiu um calafrio percorrendo suas costas. Não sabia como aquela aventura acabaria, mas já estavam fazendo história. Pela

primeira vez em quase duzentos anos, soldados de um país inimigo punham os pés em solo americano. Estavam invadindo os Estados Unidos. Pelo menos o que restava daquele odiado país. Vinte minutos depois, uma longa caravana de quinze veículos blindados e dois buldôzer modificados abandonavam o aeroporto de Titusville em direção ao leste. Atrás deles, todos os aviões da força aérea norte-coreana ardiam em meio a furiosas chamas.

Hong havia queimado suas aeronaves. Diante dele, só as ruínas dos Estados Unidos e milhões de não mortos se interpunham em seu caminho para Gulfport.

Gulfport No dia seguinte eu me levantei com a boca pastosa e uma persistente dor de cabeça. Ficara acordado até muito tarde, agarrado a uma garrafa de uísque e banhando-me em um mar de auto-compaixão. Víktor havia me acompanhado, sem abrir a boca, mas sabendo que sua simples presença servia para aliviar um pouco minha angústia. O ucraniano sabia que em certas ocasiões não se pode dizer nada, e aquela era uma delas. Eu estava diante de um dilema. Por um lado, o mundo limpo e asséptico de Gulfport era tão repugnante para mim quanto para Lucía, mas, por outro lado, eu sabia que ficar ali era a única opção que tínhamos. Sozinhos no deserto cheio de não mortos em que os Estados Unidos haviam se transformado, não tínhamos nem uma maldita oportunidade. — O que você acha, Víktor? — perguntei a meu amigo. Víktor mexeu com a colherzinha o café da xícara que tinha nas mãos enquanto organizava seus pensamentos. O ucraniano queria escolher cuidadosamente as palavras. — Quando eu era pequeno, morava em um colcoz, uma fazenda coletiva, no meio da estepe. Havia uma escola, um belo edifício de madeira pintado de vermelho. Ali nos ensinavam que nossa forma de vida era a máxima realização a que o ser humano podia aspirar, que o espírito soviético era a essência do paraíso do trabalhador. Evidentemente, não sabíamos nada sobre o Ocidente, exceto que era o inimigo da Mãe Pátria. Um dia, quando eu tinha oito anos e ia para a escola, vi a polícia levar um homem. No início, pensei que devia ser um ladrão ou algo assim. —

Pritchenko sorriu com tristeza, enquanto aquela lembrança da infância ganhava vida. — Afinal, eu tinha apenas oito anos! Depois soube que haviam detido aquele homem porque seu filho, que era um militar alocado em Berlim, havia desertado para o Ocidente. Víktor se calou por um instante, com a mente muito longe de Gulfport. — Sempre me perguntei o que podia ter motivado o filho daquele homem a desertar, sabendo que as consequências de sua fuga recairiam sobre seus familiares. Eu me perguntava o que levava um homem a tomar decisões tão drásticas e com consequências tão dolorosas. E qual era o ponto de sofrimento interno, ou o grau de necessidade que se devia ter para tomar tal decisão. O ucraniano levantou a cabeça e olhou para mim diretamente. — Hoje sei muito mais de sofrimento que então, como todos, mas também sei que, para tomar uma decisão drástica, uma pessoa tem que ter chegado a um ponto no qual não vê alternativa, por mais duras que sejam as consequências de sua decisão. Acho que você não chegou a esse ponto ainda, ou que a responsabilidade que sente por todos nós lhe pesa muito. — Pritchenko balançou a cabeça. — Sou seu amigo, independentemente de qualquer coisa, e daria a vida por você se fosse preciso, mas, assim como o entendo, entendo Lucía. Apesar de tudo, quero que saiba que, seja qual for sua decisão, eu estarei com você, ao seu lado. Emocionado, observei o ucraniano. Mal havia envelhecido nos dois anos que tinham se passado desde que nos conhecêramos, e, exceto por aqueles dedos perdidos da mão direita e algumas rugas em volta dos olhos, continuava sendo o mesmo indivíduo rabugento e meio louco que havia me acompanhado nas ruínas do porto de Vigo. — Obrigado, Prit — murmurei, com lágrimas nos olhos. Era um russo meio maluco, mas mesmo assim uma das melhores pessoas que eu havia encontrado na vida.

Passamos metade da noite falando dos velhos tempos, rindo de todas as vezes que havíamos burlado a morte e das coisas que faríamos se um dia os não mortos desaparecessem para sempre. Por fim adormecemos, enquanto a lenha crepitava na lareira. Quando me levantei, Pritchenko roncava feito uma locomotiva, deitado no

sofá, com Lúculo aninhado em suas pernas. Arrastei-me até o banheiro e tomei um longo banho de água bem quente. Ao sair, fiz a barba e vesti um dos ternos que havia em um armário. Era um número maior que o meu, mas me caía bastante bem. Ao me ver de terno e gravata pela primeira vez depois de tanto tempo, eu me senti um pouco estranho.

Fui até a porta do quarto de Lucía. Estava trancada. Bati suavemente, mas ela não respondeu. Lucía — disse junto à porta fechada. — Só quero que saiba que lamento muito se eu disse alguma coisa que pudesse tê-la ferido ontem à noite. Tudo o que faço é para garantir que tenhamos um futuro. Eu... Calei-me, sem saber como seguir. Esta noite, quando eu chegar, vamos conversar de novo. E então vamos ajeitar tudo. Te amo, meu amor.

Saí de casa sentindo um enorme vazio. Havia um lindo Lexus na garagem, com as chaves no contato. Imaginei que estava incluído no pacote da casa; a prefeitura ficava longe para ir andando de terno e gravata, de modo que entrei e liguei o motor. Enquanto circulava pelas ruas vazias, percebi que era a primeira vez em muito tempo que eu dirigia um carro sem estar fugindo de algo ou de alguém. Apesar de tudo, de vez em quando eu me surpreendia virando a cabeça desesperadamente ou acelerando nos pontos mais estreitos, como se temesse me ver cercado por uma multidão de não mortos a qualquer momento. O Apocalipse havia me modificado. Eu me perguntava se todas essas mudanças eram boas. E se durariam para sempre.

Quando cheguei à prefeitura, a senhora Compton me esperava em meio a uma confusão de funcionários que chegavam para trabalhar. — Bom dia disse ela. — Espero que tenha descansado bem, porque hoje um monte de trabalho o espera. O senhor Wilcox era encarregado da gerência do Gabinete de Hilotas Hispânicos, mas morrera há três meses de um aneurisma enquanto jogava golfe. O senhor Talbot, do Gabinete de Hilotas Negros, assumiu provisoriamente os dois departamentos, mas não entende nada de espanhol, e, na verdade, acho que deixou tudo uma bagunça.

Espero que seja capaz de se achar em meio a toda essa papelada. Papelada? — perguntei, meio confuso.

Já vai ver — respondeu a mulher. Siga-me, por aqui. A senhora Compton me conduziu a um amplo gabinete situado no canto noroeste do edifício. Quando abriu a porta, quase desfaleci. Havia montanhas de pastas e arquivos empilhados em quase qualquer superfície sólida à vista, alguns deles em um equilíbrio tão precário que ameaçavam desabar sobre nós. Anne Sue será sua secretária particular. — A senhora Compton apontou para uma garota loura, de uns vinte e poucos anos e expressão bovina, que me olhava com um sorrisinho nervoso de uma mesa próxima. — Não hesite em lhe pedir qualquer coisa. Ela está aqui para servi-lo. Após cinco minutos de papo com Anne Sue, eu me convenci de que seria melhor não pedir àquela garota nada que fosse mais complicado que fazer fotocópias ou me trazer um café. Embora tivesse inquestionável aspecto ariano, o que a tornava perfeita para aquele trabalho segundo a escala de valores de Gulfport, o Criador havia se esquecido de dotá-la de cérebro quando a concebera. — Bem disse eu —, vamos começar classificando um pouco toda essa montanha de papéis, para descobrir quais são os temas prioritários e os que podem esperar. Preciso que anote o título de todas as pastas e crie um índice. Ok?

Anne Sue olhou para mim com expressão confusa, como se eu lhe houvesse pedido que mijasse dentro de um copo e depois o desse à senhora Compton para beber. Até parou de mascar o chiclete que tinha na boca. Você sabe o que é um índice, não é, Anne Sue? É um tipo de música, não? — respondeu assentindo, muito segura de si. — Música índice. Minha prima Norma adora. — Deixa para lá, querida — suspirei desanimado. É melhor ir buscar um café que seja um pouco melhor que este lixo. Quando Anne Sue saiu (oh, Deus, faça que o café seja algo muito, muito difícil de encontrar, por favor), eu me sentei no meio do gabinete e comecei a organizar as pastas. No início foi meio confuso, mas logo peguei a mecânica da coisa. Depois de uma hora, eu tinha três montes claramente diferenciados em cada canto do gabinete. De um lado estavam

todas as fichas relativas às altas e baixas dentro do grupo de hilotas de origem hispânica. Depois havia o monte referente aos abastecimentos e condições de vida dos hilotas dentro do gueto de Bluefont; e, por último, o monte que fazia referência ao abastecimento regular de Cladoxpan. À medida que eu classificava as pastas, ia fazendo uma clara imagem mental do verdadeiro funcionamento de Gulfport. Havia vinte e três mil pessoas de raça branca morando em Gulfport, e no bairro de Bluefont, no gueto dos hilotas, vivia a incrível quantidade de sete mil pessoas. Um rápido cálculo me permitiu comprovar que em cada uma das aproximadamente trezentas casas do bairro cercado vivia uma média de 25 pessoas. Isso era demais, mesmo para casas tão grandes e espaçosas como as que se costumavam construir naquele antigo subúrbio. Bluefont ficava dentro do Muro, mas separado do resto da cidade por um alambrado e um braço de água só cruzado por aquela ponte onde eu havia negociado com Carlos Mendoza. Todas as semanas, os hilotas se apresentavam na ponte sul, onde a Guarda Verde de Greene lhes entregava o armamento necessário. Depois, saíam da cidade pela ponte norte e se dirigiam, em expedições móveis de vários dias de duração, a todos os núcleos de população em um raio de duzentos quilômetros, para carregar seus caminhões com todo tipo de suprimentos para a insaciável e opulenta Gulfport. Quando voltavam, tinham que deixar os caminhões carregados nos armazéns da cidade, onde entregavam as armas. Em troca, recebiam uma quantidade justa de Cladoxpan, que lhes permitia manter sua humanidade e não se transformarem em mais um podre ambulante. Cada uma daquelas expedições acarretava, inevitavelmente, um determinado número de baixas. O TSJ não representava problema algum (praticamente cem por cento dos hilotas já estavam infectados), mas as terríveis feridas que os não mortos causavam eram letais em muitas ocasiões.

Porém, apesar das constantes baixas, o número de hilotas se mantinha mais ou menos estável, pois a cada certo tempo, como um gotejar constante, apareciam indivíduos solitários ou grupos de poucas pessoas, como o meu, que chegavam a Gulfport ou

cruzavam com alguma expedição que procurava alimentos. Apesar da certeza de ter que viver em um regime de semiescravidão se fossem negros, índios, chicanos ou asiáticos, a possibilidade de dormir em um refúgio seguro quase todas as noites e, principalmente, poder compartilhar seu destino com mais gente e não ter que continuar errando sozinho era uma tentação muito grande, de modo que a maioria acabava ficando em Bluefont. Só uns poucos escolhidos, como Lucía, Víktor e eu, engrossávamos a população do outro lado do alambrado. Tudo dependia da cor da pele. Apesar de tudo, o número de hilotas era elevado, muito elevado, tendo em conta que a segurança de Gulfport estava a cargo da Guarda Verde de Greene, composta por uns quarenta arianos e uma milícia branca de não mais de cento e cinquenta soldados. Para eles, era virtualmente impossível controlar uma multidão de hilotas infectados que não parava de crescer dia a dia. Por isso, de vez em quando realizava-se uma "limpeza" dentro do gueto, no mais puro estilo nazista. À medida que eu ia lendo, um suor frio descia por minhas costas. Eram muito numerosos os documentos com a referência "expulso"

escrita em grandes letras vermelhas, mas não havia nada mais. Após hesitar por um instante, peguei o telefone e liguei para a senhora Compton. — Ah, isso são os hilotas que violam as normas e são processados. Criminosos, bêbados, ladrões e estupradores, a escória da escória — respondeu ela alegremente. — Essas fichas vão para o Gabinete da Justiça. — Eu gostaria de vê-las — respondi. O advogado que havia dentro de mim tinha despertado, inquieto, tentando descobrir que tipo de justiça distorcida o reverendo Greene podia aplicar. — Receio que não seja possível — respondeu a secretária. Esse departamento funciona sob a direção pessoal do reverendo, e seus informes são confidenciais.

Desliguei o telefone, intrigado. Fui para o corredor e, após me certificar de que Ann Sue ainda não havia voltado, dirigi-me sorratamente até o Gabinete da Justiça.

A porta estava trancada, e havia um monte de gente circulando na frente dela. Se ficasse muito tempo por ali ou tentasse forçar a porta, eu me meteria em uma boa confusão em meu primeiro dia de trabalho. Aquela não era a solução. Voltei a meu gabinete, pensativo. Um dos armários estava rotulado como "Certificados de residência".

Abri-o e comecei a analisar pasta após pasta. Depois de um tempo parei, arfando de horror. Aqueles papéis refletiam uma monstruosidade criminal. Greene e seus sequazes sabiam que não podiam dominar os hilotas pela força. Evidentemente, ter o controle exclusivo do Cladoxpan garantia certo grau de submissão, mas não era suficiente.

Além do mais, não resolvia o problema do que fazer com os milhares de hilotas que sobravam, principalmente as mulheres, crianças e idosos, que eram inúteis para fazer incursões de aprovisionamento.

De modo que haviam tramado um plano diabólico para eliminar qualquer possibilidade de uma rebelião. No início, os Guardas Verdes faziam batidas policiais aleatórias.

Os hilotas, desarmados, viam com impotência dezenas de residentes de Bluefont serem detidos sem motivo aparente e levados a julgamento. Todos eles, sem exceção, acabavam desaparecendo, e em seus papéis aparecia a palavra "expulso". Quando a tensão no gueto alcançou níveis explosivos, os "técnicos" de Greene deram o passo seguinte. Entregaram certificados de residência para metade da população hilita e à outra, não. Desde esse dia, as batidas só afetaram aqueles que não tinham o certificado. A partir desse momento, o campo de Bluefont ficou dividido em dois: aqueles que dormiam tranquilamente à noite e os que temiam que de repente os Guardas Verdes chegassem à sua porta e os arrastassem rumo ao desconhecido. Para os privilegiados, esse era o início da submissão a Greene. Quando havia uma batida, apresentavam seu certificado e automaticamente deixavam de se solidarizar com aqueles hilotas que não tinham documentação. Mas aquilo também não era suficiente.

Um dia, começaram a distribuir dois tipos diferentes de certificados de residência, com foto e sem foto, à escolha do próprio hilita. Muitos pensaram que "com foto" seria melhor que "sem foto", pois parecia ter um caráter mais oficial. A batida seguinte caiu sobre os "sem foto" e os que não tinham certificado. Os que tinham foto respiraram aliviados, pensando que haviam se salvado, mas na semana seguinte os certificados "com foto" foram substituídos por uns certificados vermelhos, também à escolha dos próprios hilitas. Muitos desconfiaram daquele novo documento, de modo que ele não fez muito sucesso, mas duas semanas depois houve uma grande batida que arrasou todos aqueles que não tinham certificado vermelho, e os demais certificados foram suprimidos. Aquilo mergulhou o gueto no desespero e na desconfiança. Porém, pouco depois, os certificados vermelhos foram substituídos por outros azuis, de dois tipos: "Soldados qualificados" ou "Sem qualificação". Como a escolha de cada tipo dependia do próprio hilita (bastava se declarar qualificado para que lhe dessem o documento correspondente), as dúvidas voltaram a torturar Bluefont. Qual era melhor? Muitos desconfiaram de uma armadilha e decidiram se declarar "Sem qualificação", enquanto vários outros pensaram que era melhor ser um elemento útil, pois assim Gulfport não poderia prescindir deles. Três dias depois, todos os declarados "Sem qualificação" deixaram de receber sua ração de Cladoxpan. Mais de mil e quinhentas pessoas se transformaram em não mortos em poucas horas, e o gueto teve que ser limpo a sangue e fogo pelos próprios hilitas, cada vez mais rancorosos e desconfiados entre si. Finalmente, o Gabinete da Justiça fez um comunicado dizendo que suspeitava que muitos hilitas haviam se inscrito fraudulentamente como "Soldados qualificados", de modo que anulariam todos os documentos existentes. Uma nova razia se abateu sobre Bluefont, e os lamentos foram terríveis. E tanto mais porque muitos hilitas se sentiam culpados por terem se inscrito na categoria incorreta. E, de novo, um certificado diferente, seguido de outro e mais outro, passando por todas as cores possíveis. O gueto, debilitado e submisso, aceitava a situação, rezando para ter o documento certo na batida seguinte. Mesmo infectados, a ânsia de

viver os fazia se agarrar a qualquer esperança, por menor que fosse. E assim, dessa maneira cruel e desapiedada, Greene mantinha o controle absoluto sobre Bluefont. Os hilotas estavam firmemente presos sob sua bota. Eu me recostei na cadeira, estava mal demais para continuar lendo. Era o mesmo sistema, quase ponto por ponto, que os alemães haviam aplicado nos guetos judeus da Polônia ocupada. Era cruel e atroz, mas terrivelmente eficaz.

Meu Deus, em que merda me meti? Lucia tinha razão, pensei, é preferível correr o risco de sair para o desconhecido que ficar aqui mais um único dia.

Tínhamos que sair dali o quanto antes. Naquela mesma noite, se preciso. Quando ia me levantar para abandonar o gabinete, ouvi a voz de Ann Sue do outro lado da porta. — Ei, não pode entrar sem hora marcada!

A porta se abriu de repente. Víktor Pritchenko me observava, arfante e coberto de suor. Devia ter vindo correndo de casa. Ao ver seu rosto, soube que trazia más notícias. — Lucía — disse, tentando recuperar o fôlego. — Foi embora. Fugiu para Bluefont.

A decisão não foi fácil. Ela passou a noite inteira sem dormir, rolando na cama, muito furiosa com seu namorado e terrivelmente sentida. Lucía sabia que as intenções de seu alto e sorridente advogado eram boas, mas as consequências de seus atos eram desprezíveis para aquela população doente. Não se tratava apenas de uma sociedade racista que reduzia as mulheres ao mero papel de enfeite. Era a sensação de que sua opinião não era levada em conta. Desde que haviam se conhecido, todas as decisões importantes tinham sido tomadas por ele ou por Víktor Pritchenko.

E, além de tudo, havia aquele reverendo. Lucía sentia calafrios só de pensar em Greene. Havia algo em seu olhar que era profundamente perturbador, uma escuridão densa e suja como óleo queimado de carro que parecia querer envolvê-la cada vez que o reverendo pousava seus olhos nela. E toda aquela tropa lúgubre que o cercava.

E a Guarda Verde, tão ameaçadora. Definitivamente, havia algo repulsivo em todos eles. Cada vez que recordava a discussão da véspera, Lucía se xingava por ter sido tão terrivelmente fria. Deveria tê-lo escutado pacientemente, argumentado com ele e tê-lo feito ver que aquele lugar era amaldiçoado. Em vez disso, havia se comportado como uma rainha de gelo, negando-se a olhar em seu rosto, e ainda por cima tinha deixado seu mau humor aflorar. Em mais de uma ocasião naquela noite, enquanto ouvia o rumor da conversa no andar de baixo, quase pulara da cama, descera correndo as escadas e o abraçara com tal força que o teria feito sufocar.

Eu o perdôo, ela lhe diria, amo você, amo tanto que irei a qualquer lugar do mundo com você. Mas, em vez disso, ficara na cama, pensando. E a oportunidade passara, porque seu orgulho feminino ferido não lhe permitira dar o braço a torcer. De repente percebeu, assustada, que no dia seguinte não saberia como se dirigir a ele.

O que dizer, depois das palavras que acabavam de trocar? Como consertar tudo? Se pelo menos tivesse um argumento definitivo que lhe permitisse provar que tinha razão...

E, de repente, uma ideia surgiu em sua mente com a força de um neon: um hilita! Se ele falasse com um deles, se visse na realidade como deviam se sentir tristes...

Então entenderia tudo.

Ao pensar nisso, o rosto sorridente de Carlos Mendoza surgiu flutuando diante de seus olhos. Um homem tão bonito, tão decidido, e com aquele olhar de desprezo quando apareceram os marinheiros ameaçando-o... Uma sensação de sufocação assaltara Lucía de repente, e ela jogou as mantas da cama longe com um pontapé. De repente sentia calor, muito calor. Tinha que localizar aquele homem e falar com ele. Antes que percebesse, havia se levantado e estava se vestindo em silêncio. Seu quarto ficava no segundo andar, sobre o telhado do pórtico, de modo que seria fácil sair pela janela. No último minuto, uma vozinha dentro de sua cabeça gritou que aquilo

era uma bobagem e que parasse de se comportar como uma criança de dezoito anos de cabeça de vento. Mas, então, ouviu a risada gutural de Pritchenko na sala, rindo de algo que ele estava lhe contando. Estão rindo de mim, pensou, furiosa, com certeza estão morrendo de rir à minha custa.

Aquele era o empurrão que faltava. Armando-se de coragem, abriu a janela e tirou uma perna. De repente, percebeu que, se desaparecesse sem avisar, ela os mataria de susto. Isso também não era justo, por mais que estivessem se comportando como imbecis. Então, entrou de novo e pegou uma caderneta que havia sobre o aparador.

Vou para Bluefont. Espero voltar em breve, não se preocupem comigo. L.

Deixou o bilhete em cima da cama e saiu pela janela. Caminhou cuidadosamente pelo telhado do pórtico até chegar à esquina da casa, onde uma primavera se enrolava em uma escada de madeira. Apoiando os pés com cuidado nos vãos, desceu lentamente até chegar ao chão. Uma vez ali, olhou em volta. A chuva fina do início da noite havia se transformado em um aguaceiro que caía com um suave rumor. Ao olhar para as janelas iluminadas da casa, a voz soou como um último grito abafado: "Não vá embora!".

Mas era tarde demais. Encolhendo-se debaixo da chuva, Lucía começou a caminhar rumo a Bluefont, enquanto suas lágrimas se misturavam com as gotas que caíam em seu rosto.

Levou quase quarenta minutos para chegar ao limite do bairro segregado. Sua casa ficava quase do outro lado da cidade, e também havia se perdido algumas vezes. Houve um momento, ao virar uma esquina, em que sua aventura quase chegou ao fim antes do tempo. Um Hummer com quatro soldados da Milícia Branca de Gulfport patrulhava lentamente pelo meio da rua, passando um holofote preguiçoso pelas fachadas das casas. Lucía só teve tempo de se esconder atrás de uns contêineres de lixo. Prendeu a respiração quando o fecho de luz parou sobre seu esconderijo. Por

um instante pensou que a haviam descoberto, mas por fim o foco prosseguiu seu caminho, à medida que o Hummer se afastava na chuva.

Lucía esperou um pouco para se certificar de que estava sozinha antes de abandonar seu esconderijo. Depois de dez minutos, chegou à beira do canal que separava Bluefont do resto da cidade. Seu olhar parou no leito da corrente que descia com bastante rapidez. A chuva alimentava o canal, e a água rugia em cachos de espuma negra encabritando-se na superfície. Ela passeou durante um bom tempo pela margem do canal, procurando um ponto por onde atravessar. Depois de um tempo percebeu, desanimada, que o leito corria ao longo de todo o perímetro.

Quando o canal chegava ao Muro, desaparecia sob um módulo de concreto armado que tinha um grande bueiro com grade na parte inferior. Lucia apoiou a mão na rugosa superfície. Estava frio, e ela, ensopada de chuva. Do outro lado, alguém (algo) deu um gemido, seguido imediatamente por mais meia dúzia. A jovem ficou arrepiada.

Os não mortos estavam fora da cidade, incapazes de vencer a barricada, mas, mesmo assim, expectantes. Voltou sobre seus passos, disposta a localizar algum ponto por onde pudesse atravessar. A ponte estava descartada. Os Guardas Verdes parados no antemuro não a deixariam passar de jeito nenhum. De vez em quando seu olhar se dirigia à outra margem. O lado do gueto estava mergulhado em sombras, em contraste com as ruas de Gulfport, brilhantemente iluminadas. Só de vez em quando se viam fracas luzes ao longe, que piscavam como se estivessem prestes a se extinguir. Quando já ia se desesperar, ela a viu. Era uma garota de uns 28 anos, bonita, pequena e muito morena. Tinha o longo cabelo preto amarrado em um rabo que caía sobre suas costas. Usava um uniforme militar dois números maior e estava sentada debaixo de um telhadinho de chapas de latão. Diante dela, ardia uma fogueira sobre a qual pendia um grande caldeirão feito com um barril de metal cortado ao meio, no qual fervia água. De vez em

quando a garota tirava peças de roupa de uma sacola e as colocava, com um pau, na água fervente. Toda aquela roupa estava manchada de sangue seco. — Olá! — gritou Lucía. A garota morena, abstraída em sua tarefa, pareceu não a ouvir.

Quando Lucía tornou a gritar, ela deu um pulo e olhou em volta, alarmada, segurando o pau como se fosse um garrote. — Aqui! Nesta margem! — exclamou Lucía, agitando os braços.

A garota, ao vê-la, pareceu se acalmar. Aproximou-se da beira do canal, que do seu lado estava coberto por um alto cercado de arame farpado. — O que você quer?

— perguntou, acima do rumor da água. Vender ou comprar? — Nenhuma das duas coisas — replicou Lucía, confusa. Quero passar para esse lado do rio. Por onde posso fazer isso? A garota morena ficou estupefata ao ouvir Lucía. De repente, soltou uma gargalhada amarga. — Por que quer passar para este lado? Ficou louca ou o quê?

— Preciso falar com alguém que está em Bluefont. Então, fale com seu reverendo ou com os nazistas que estão na ponte. Eu não posso ajudá-la. — E se voltou, dirigindo-se de novo para o telhadinho.

— Não vá embora, por favor! Qual é seu nome? — Na voz de Lucía vibrava uma nota de urgência. — Meu nome é Alejandra, mas todo mundo me chama de Ale. — De repente a garota se voltou, surpresa. — Como é que você fala espanhol?

— Sou espanhola — esclareceu Lucía. Acabei de chegar. — Você está muito longe de sua casa, gachupina — disse, pensativa. — Mas não sei para que diabos quer vir para este lado. Você está melhor aí, acredite. — Preciso falar com um homem chamado Carlos Mendoza. Você conhece?

O que você tem a ver com Gato Mendoza? — Havia verdadeira curiosidade na voz de Alejandra. — Eu o conheci no Ithaca.

A jovem ficou alguns segundos em silêncio.

— Como sei que não é uma armadilha? replicou Alejandra, olhando para a escuridão, como se a qualquer momento uma tropa de Guardas Verdes fosse irromper sem aviso.

Lucía pensou rapidamente. De repente, lembrou-se da conversa que havia tido com Mendoza a bordo do petroleiro. — Ele me disse que, se precisasse dele um dia, dissesse que eu era dos Justos. Ao ouvir aquilo, algo no olhar da jovem pareceu mudar. Muito próprio do Gato — murmurou enquanto meneava a cabeça. — Está bem. Siga-me.

A mexicana começou a caminhar por seu lado do canal, enquanto Lucía fazia o mesmo por sua margem. Depois de um tempo, Alejandra parou ao lado dos ferros retorcidos e enferrujados de uma bicicleta que apodrecia lentamente no alambrado. — É por aqui — disse. — Atravesse. Lucía olhou em volta e não viu como atravessar. Já tinha passado duas vezes por esse ponto e nada daquele lugar havia lhe chamado a atenção. A margem estava totalmente deserta, e a beira do canal descia em um ângulo suave até a água, que formava remoinhos em volta das pedras depositadas na margem por uma cheia. O que tenho que fazer? — perguntou, confusa. — Mantenha-se firme e simplesmente caminhe — replicou Alejandra, com paciência. Lucía caminhou para a beira do canal, até o ponto onde a água lambia a ponta de seus sapatos. Levou alguns segundos para ver uma série de tábuas debaixo da água, a uns vinte centímetros da superfície. — É uma ponte vietnamita. Alejandra se sentou na beira do canal e apontou para a água. É como uma ponte normal, mas em vez de ficar na superfície, fica dois palmos abaixo d'água. É melhor tirar os sapatos para atravessar. Lucía se descalçou e pôs os pés na água. Estava gelada, e a corrente era muito forte, mas mesmo assim o caminho sobre a ponte submersa parecia surpreendentemente fácil. Quando estava na metade do percurso, Lucía compreendeu que jamais poderia ter atravessado a nado. A força da água era muito intensa. De repente, um galho arrastado pela corrente acertou seu tornozelo.

Lucía, surpresa, oscilou, tentando manter o equilíbrio. Esticou as mãos tentando se segurar em alguma coisa, mas era tarde demais.

Com um sonoro mergulho, caiu na água de cabeça. A corrente do canal a empurrou contra a estrutura submersa da ponte com tanta força que um dos pilares se cravou em suas costelas. Lucía soltou um grito abafado e imediatamente engasgou com a água que inundou sua boca. Na escuridão, por um momento perdeu o senso de orientação e durante intermináveis segundos não soube onde ficava a superfície. A jovem sentiu o pânico subindo por sua garganta. Se não saísse rápido à superfície, Lucía se afogaria. Não quero morrer assim.

Não quero morrer afogada em um canal sujo no meio da noite. Dando um pontapé, tomou impulso para a superfície. Tirou a cabeça d'água e respirou ansiosamente, tossindo incontrolavelmente por causa de toda a água suja que havia engolido. Agarrou-se à ponte, e depois de afastar o cabelo molhado do rosto, olhou para a margem do gueto.

Para sua surpresa, a jovem mexicana tinha desaparecido, como se a terra a houvesse engolido. Antes que pudesse pensar em mais nada, o rugido de um motor se aproximando soou na margem que acabava de abandonar. Aterrorizada, viu um veículo patrulha seguir a beira do canal, passando o refletor pelo alambrado e o leito de água. Estavam a menos de quinhentos metros. Não teria tempo de subir de novo na ponte, e muito menos de chegar até qualquer uma das margens. Tinha só uma alternativa. Inspirou profundamente várias vezes seguidas para hiperventilar e, quando o fecho de luz chegou a menos de cinco metros de sua cabeça, mergulhou de novo. Os primeiros dez segundos passaram muito lentamente. A água estava tão gelada que sentia suas veias doerem ao se contrair. A corrente arrastava todo tipo de dejetos, que batiam nela quando passavam ao seu lado. Alguma coisa de textura viscosa roçou seu rosto, e Lucía quase se deixou levar pelo pânico. Quando já não podia mais aguentar, subiu de novo à superfície, tentando fazer o menor barulho possível. O carro patrulha se afastava lentamente, corrente abaixo. Foi por pouco. Esgotada física e emocionalmente, tentou de novo subir na ponte. Sua roupa molhada parecia pesar

uma tonelada, e ela teve que fazer três tentativas antes de conseguir se apoiar de joelhos na superfície submersa. Gachupina! Fique esperta, vão voltar em menos de três minutos! — Alejandra havia se materializado de novo nas sombras e lhe fazia gestos urgentes para que se apressasse. Apoiando os pés com cuidado, percorreu o resto do caminho. Ao chegar ao outro lado, escalou a encosta até alcançar o alambrado.

A mexicana já havia aberto um vão engenhosamente escondido por entre o arame farpado, suficientemente grande para que Lucia passasse se arrastando por ele. Assim que chegou do outro lado, Alejandra soltou a mola que mantinha o vão aberto, e o alambrado se fechou atrás dela como se ali jamais houvesse existido uma passagem.

A mexicana a observou de cima a baixo, com as mãos na cintura. Mesmo com sua baixa estatura, emanava determinação e caráter. — Bem-vinda ao inferno, gachu pina.

Não sei que diabos a trazem a este lado, mas espero que valha a pena. Acho que não vai cruzar este rio nunca mais.

Bethsaida, Mississipi, cinco meses antes — Ali vai um! Atire! Atire, filho da mãe! Carlos Mendoza voltou-se a toda a velocidade, seguindo as indicações do Chino Cevallos. Pela outra calçada da rua principal daquela cidade surgira de repente um não morto cambaleando. Era um homem de uns quarenta anos, de jeans e uma camiseta com um bom pedaço faltando. No peito, perto da base do pescoço, uma enorme ferida, onde o haviam mordido. Pelo menos a mordida deveria estar ali, mas, na verdade, a ferida estava coberta por uma massa peluda de fungos alaranjados que não deixavam ver a pele. Parte dos fungos já havia se ramificado e subia ansiosamente pelo pescoço do sujeito até suas fossas nasais. O conjunto era meio repulsivo, meio hipnótico. Cada vez era mais comum ver não mortos cobertos de fungos, mas Mendoza e seu colega não sabiam por quê. Carlos levantou seu rifle de caça. Como fazia sempre, molhou o dedo polegar, passou-o pela mira e a seguir apontou cuidadosamente. O

não morto ocupou todo seu ponto de mira durante alguns segundos, até que apertou o gatilho. Um instante depois, um lado da cabeça do sujeito se abriu ao meio e o não morto caiu no chão, liquidado. — Com este, são quinze — murmurou o Chino Cevallos, aproximando-se.

Haviam entrado naquela cidadezinha perdida havia duas horas e puderam saqueá-la tranquilamente, até que nos últimos dez minutos os não mortos, atraídos por sua presença, haviam cercado a pequena loja onde estavam refugiados. Tinham acabado com todos, mas a aventura estava sendo um desastre. A cidade já havia sido saqueada antes por algum bando, e os dois só tinham encontrado duas latas de sopa Campbell vencidas, escondidas debaixo de uma prateleira. Após um breve debate, decidiram correr o risco de consumi-las, apesar do perigo do botulismo. Haviam visto várias pessoas morrerem por comer alimentos estragados, mas a fome apertava. Com aquele, já eram seis dias sem pôr nada na boca, e estavam começando a ficar fracos. Duas latas de sopa vencida, pensou Mendoza, e metade de nossa reserva de munição desperdiçada.

Mais dois dias como este e podemos nos dar por mortos. Fernando Chino Cevallos e ele estavam juntos havia mais de um ano. Não sabiam quanto tempo haviam passado daquele lado da fronteira americana, mas tinham certeza de que nessa ocasião haviam se internado em território gringo muito mais que em qualquer incursão anterior.

Sua busca de alimentos era cada vez mais desesperada, e, por outro lado, as fronteiras já não significavam nada naquele momento. Quando a pandemia estourou, Carlos Mendoza se arrolara como voluntário em um dos grupos armados que se dedicava à "caça ao güero" ao longo da fronteira. Durante três longas semanas, grupos de civis e voluntários patrulharam incessantemente a fronteira entre o México e os Estados Unidos, interceptando todos os americanos que tentavam escapar do TSJ fugindo para o país vizinho. Atirar primeiro e perguntar depois era o lema. E como o haviam aplicado!

Mas aquilo não serviu de nada. O TSJ venceu, e o México, como o resto do mundo, foi para o caralho duas semanas depois. Mendoza, o Chino Cevallos e mais cem homens armados de repente se viram isolados, sem ordens e sem uma missão a cumprir. Pelo menos metade Güero: louro, em espanhol mexicano. Por extensão, toda pessoa de raça branca e daqueles voluntários abandonou o grupo e voltou apressadamente para sua casa, para proteger os seus (embora muitos soubessem, intimamente, que já era tarde demais). Outros pensaram que se separar naquela situação era um suicídio. Por último, alguns, como Carlos Mendoza, ainda não foram embora porque simplesmente não tinham outro lugar melhor aonde ir.

Os cinquenta "caçadores de güeros" passaram os meses seguintes percorrendo a fronteira, tentando sobreviver entre hordas de não motos, que os acossavam de um lado e de outro. Pouco a pouco, foram ficando sem munição, veículos e alimentos. À medida que passavam os dias, eram cada vez menos. E, naquele momento, restavam apenas os dois.

— Esta sopa também não está tão ruim comentava o Chino Cevallos, sorvendo ruidosamente uma colherada. Acho que vou ... Ei, cara, aonde você vai? Carlos Mendoza pulou para trás justo quando a janela situada acima de sua cabeça explodiu para dentro em uma chuva de vidros quebrados e farpas de madeira. Um homem enorme, coberto de sangue coagulado, tentava entrar pelo vão enquanto gemia de forma ininteligível.

Ao mesmo tempo, duas mulheres e uma menina haviam aparecido de repente pela porta dos fundos, e um barulho na entrada da frente os advertia de que um ou mais não mortos se aproximavam por esse lado.

É uma armadilha. Mendoza amaldiçoou a si mesmo por ter se descuidado desse jeito. Enquanto aqueciam aquelas malditas latas de sopa, um grupo de não mortos havia cercado a casa. O Chino sacou sua arma e arrebentou a cabeça do homem da janela com a frieza de um profissional (antes do Apocalipse, havia sido um

pistoleiro do cartel de Tijuana). A seguir, voltou-se de frente para as mulheres, que já cambaleavam no meio da sala. Uma delas havia pisado na fogueira onde haviam aquecido a sopa, e as chamas consumiam sua perna direita, coberta de fungos, mas ela parecia nem perceber. O Chino Cevallos atirou com rapidez três vezes, antes que sua Beretta engasgasse.

— Filha da mãe! — praguejou, tentando destravar a arma. Aquelas foram suas últimas palavras. Uns três não mortos introduziram seus braços pela janela que o Homem Gordo havia destruído e seguraram o Chino Cevallos pelas costas. Antes que Mendoza pudesse fazer alguma coisa, contemplou, aterrado, o corpo de seu companheiro desaparecer pelo vão. Um grito abafado, seguido de um barulho surdo, como de um pano molhado caindo no chão, e as pernas do Chino pararam de se mexer, enquanto uma mancha escura e úmida se espalhava por entre suas pernas. Carlos Mendoza não teve muito tempo para ficar pensando na sorte do velho pistoleiro, porque tinha seus próprios problemas.

Havia disparado os dois últimos cartuchos da escopeta em um não morto que estava entrando pela janela, e enquanto isso a única mulher sobrevivente (aquela com uma perna ardendo) havia praticamente pulado em cima dele. Mendoza segurou a moça como uma maçã e com um golpe seco abriu a cabeça da mulher, com um barulho surdo.

Fechou os olhos instintivamente um segundo antes do impacto, para evitar que o sangue salpicado impregnasse suas pupilas. Dois meses antes, um de seus últimos companheiros havia se infectado assim, e foram obrigados a matá-lo no caminho, apesar de suas súplicas. Sentiu um jorro de sangue frio e pastoso salpicar seu rosto. Uns grumos escorriam por seu nariz, deslizando lentamente. Carlos fechou a boca com força e soltou ar pelo nariz, tentando manter as fossas nasais limpas. O pânico o dominou, com uma sensação fria que fez encolher seus testículos ao tamanho de duas bolas de gude. Se deixasse aquele sangue podre entrar em contato com alguma mucosa, estaria frito. Mas, para evitar isso, tinha que ficar com os

olhos totalmente fechados, em meio ao Carnaval do Não Morto Louco da Aldeia sem Nome, pelo menos até que conseguisse limpar totalmente todo aquele miasma contaminado. Um plano horrível. Puta que pariu, Carlitos, lutando às cegas com três desses podres, sem poder abrir os olhos nem respirar. Dá pra piorar um pouco mais, compadre?

Carlos se jogou no chão e começou a engatinhar às cegas, tropeçando em pernas de não mortos enquanto deslizava com a velocidade de uma enguia. Sentia mãos torpes em suas costas, tentando segurar sua roupa, mas se sacudia como um mastim enlouquecido, abrindo caminho às cegas. Suas mãos varriam o assoalho destruído, procurando o cantil que havia deixado em cima de sua mochila. Tenho que lavar o rosto, tenho que lavar o rosto, tenho que... CARALHO!

Carlos não conseguiu conter um grito ao encostar a mão em uma brasa da fogueira que havia se espalhado por todo o chão da sala com a briga. De repente, seus dedos se fecharam sobre a lata de sopa que estavam prestes a comer quando o assalto começou. Sem pensar duas vezes, esvaziou-a em seu rosto.

O denso caldo queimou sua pele, mas arrastou toda a sujeira que havia saído do cérebro da mulher. Mendoza uivou de dor, esfregando os olhos com fúria, retirando até o último grama de massa cinzenta de seu rosto.

Abriu os olhos com esforço, e imediatamente se arrependeu. A Mulher Ardente havia se transformado em uma pira no chão e propagara as chamas por metade da sala. Duas brasas da fogueira haviam voado para cima de um monte de jornais velhos empilhados, e aquele monte de papel velho se acendera como grama seca, enchendo a sala de fumaça, enquanto as labaredas lambiam o teto de madeira.

Isto vai arder até o alicerce, pensou com fúria enquanto seu rosto latejava, dolorido e enrugado. Retrocedeu até a saída, retorcendo-se de dor. Na fumaça, tropeçou em alguma coisa. Mendoza deu-lhe um

empurrão e aquela coisa caiu para trás com um grunhido. Um brilho de claridade lhe indicou a direção da porta. Ia conseguir.

Vou conseguir.

Foi apenas por um segundo. Se houvesse saído um segundo antes, aquele não morto (que atendia pelo nome de Charles Richmond quando ainda estava vivo, um velho encantador, carinhoso com as poucas crianças da cidade, veterano da guerra da Coreia e Estrela de Bronze)

Teria estado muito longe. E um segundo depois o não morto já teria se afastado, fugindo das chamas. Porém, Carlos Mendoza colocou sua cabeça avermelhada para fora da casa justo naquele instante. E o senhor Richmond (embora já não fosse, nem de longe, o velho senhor Richmond) deu-lhe uma profunda dentada no ombro com os poucos dentes que lhe restavam. Carlos gritou, em um misto de dor, medo e fúria. Segurando o velho senhor Richmond pelos ombros, levantou-o e o jogou dentro da casa em chamas (algo que não foi muito difícil, pois Carlos Mendoza era um homem alto e musculoso, e o senhor Richmond, mesmo quando estava vivo, já não era mais que um ancião encolhido e trêmulo de não mais de cinquenta quilos). O mexicano se voltou para estudar sua ferida. Era uma incisão pequena, mas profunda. Um dos dentes meio podres do senhor Richmond havia ficado incrustado na pele de Mendoza, cravado profundamente em sua carne. Puxou-o até tirá-lo e jogou-o no chão. Estou acabado. É o fim. Carlos Mendoza, o homem que havia sobrevivido aos seus companheiros, desabou no pó da rua. Estava exausto e, ainda por cima, condenado. Que acabassem com ele o quanto antes. Seria muito mais piedoso que se levantar depois de um tempo transformado em um deles. A madeira da casa ardente crepitava à medida que as chamas a iam devorando. De vez em quando ouviam-se pequenas explosões, como tiros, quando os nós resinosos do piso eram consumidos pelo fogo. Aqueles estouros pontilhavam o sonho de Carlos à medida que ia deslizando para a inconsciência. Estouros como tiros.

Como tiros.

Tiros. Eram tiros.

Carlos Mendoza tentou se levantar, mas estava muito fraco. De repente, uma sombra se projetou sobre seu rosto. Um não morto o contemplava na contraluz, pronto para cair sobre ele. Ok, que acabe tudo de uma vez.

De repente, o não morto se inclinou sobre ele, apalpou todo o seu corpo e estalou a língua. Quando Mendoza achou que aquilo não podia ser mais surpreendente, o não morto levantou a cabeça e gritou: Ei, tem um vivo aqui! Saiu dessa casa em chamas! Caralho! — disse outra voz.

E não só isso replicou a primeira, enquanto levava um cantil cheio de um líquido denso à boca do mexicano. — A rua está cheia de não mortos arreventados. Esse cara vende muito caro sua vida.

— Suas vidas, você quer dizer — replicou o outro com voz jocosa. Se sobreviveu a isto, este aqui tem mais vidas que um gato.

Mendoza se levantou de repente em seu catre, ensopado de suor. Por alguns instantes não conseguiu se orientar, enquanto sua mente se libertava das últimas teias do sonho.

De novo. Sonhei com isso outra vez.

Levantou-se e, com cuidado para não pisar em ninguém, foi até a vasilha cheia de água. Todas as noites, desde o dia em que havia chegado a Gulfport, a cena do dia em que havia sido resgatado o assaltava em sonhos. O mexicano mergulhou a cabeça na vasilha e depois a levantou de repente, jogando seu cabelo para trás. É só um sonho. Uma maldita lembrança que volta sempre. Não se passara nem uma noite desde que havia chegado a Bluefont sem que sua mente fosse assaltada pela recordação do dia em que uma patrulha errante de hilotas o havia encontrado agonizando. Era seu monstro particular, sua sombra do pecado. Vai me acompanhar enquanto eu viver.

Quanto antes o aceitar, melhor. Carlos Mendoza odiava Gulfport e tudo o que representava. Seu ódio tinha a força e a intensidade da chama de um maçarico, e era essa ira que o mantinha vivo e lhe permitia seguir em frente. Era viciado em Cladoxpan desde o dia em que aquele velho não morto o havia mordido. Não era o único; de fato, eram muito poucos os habitantes de Bluefont que não precisavam daquela estranha bebida para sobreviver. Carlos não podia viver sem ela, mas aquela vida de escravidão física era insuportável para ele, quase tanto quanto as batidas no gueto.

Vestiu rapidamente uma jaqueta militar e amarrou as botas. Depois, prendeu seu longo cabelo molhado em uma trança que lhe caía pelas costas e, evitando fazer barulho, saiu do quarto que dividia com mais sete pessoas. Era um chefe de grupo, e por direito cabia-lhe uma cama (a única cama do quarto, na realidade, que lhe vinha muito bem para dar uma transada rápida de vez em quando), mas naquele dia a havia cedido à mulher grávida de um brasileiro cujo nome desconhecia. Carlos sempre se perguntava como diabos aqueles dois haviam ido parar tão longe de seu país. Na mente do mexicano, mesmo com não mortos, qualquer praia brasileira era muito melhor que aquele buraco abandonado por Deus. Desceu as escadas e atravessou a rua correndo. A chuva aumentava, inundando o asfalto de Bluefont, que havia tempo tinha perdido a fabulosa aparência que tivera um dia. Enormes buracos aqui e ali se transformavam em piscinas debaixo da chuva, e o mexicano teve que pulá-las com cuidado para chegar à porta do Gallo Rojo, um dos vários bares clandestinos do gueto. Ao entrar, uma lufada de calor humano, áspero e úmido, assaltou seu nariz. Cheirava a roupa molhada, suor, cigarro e álcool. Embora no gueto faltasse quase de tudo, cada vez que saíam em expedição para abastecer a Cidade Branca de Gulfport várias caixas se "perdiam" antes de chegar ao armazém, de modo que bebidas alcoólicas e cigarro circulavam com facilidade. Haviam até organizado uma espécie de mercado negro entre os dois lados da cerca, pois o reverendo Greene não via com bons olhos que "a fumaça de Satanás e o sangue de Belzebu" entrassem em Gulfport. Olá, Gato —

cumprimentou afetosamente a garçonete, uma mulher grandona de amplos peitos que pareciam manter o decote de seu vestido no limite de sua resistência. Que noite, hein? Nem me fale, Morena replicou o mexicano sacudindo a água da roupa. Muitos clientes o cumprimentaram e, sem que pedisse, arranjaram-lhe um lugar no balcão. — Quero uma garrafa de tequila, e me arranje alguma coisa para comer, linda. A mulher pôs uma garrafa de José Cuervo na frente de Mendoza e um prato de feijões que pareciam ter brigado com o mundo. — Ora — reclamou Carlos Mendoza —, não tem nada melhor?

É o que temos, Carlitos replicou a outra. — Bebida, mulheres e cigarro, tudo o que quiser, mas disto, quase nada. O mexicano deu de ombros, resignado, e esvaziou de um gole só o primeiro copo de tequila da noite. Quinze minutos depois, com os feijões no estômago e um quarto de garrafa de tequila aquecendo seu corpo, começou a se sentir bem pela primeira vez desde que havia acordado no meio da noite.

E foi quando sua vida começou a se complicar de verdade. A porta do bar se abriu de repente pela segunda vez na noite, e uma rajada de vento e chuva entrou, fazendo tremer as chamas das lamparinas que iluminavam o recinto. Vários clientes grunhiram e reclamaram, mas as duas figuras da porta não pareciam decididas a entrar.

Finalmente, a mais baixa das duas cruzou a porta, arrastando a outra. Gato! — disse a mais baixa. — Finalmente o encontrei, cara! Tenho uma surpresa para você. Mendoza ficou cravado na cadeira, perguntando-se se a tequila não estaria lhe provocando alucinações. É que ao lado de Alejandra erguia-se a figura de Lucía, com a roupa encharcada colada à pele, os braços cruzados sobre o peito e um olhar de gazela assustada no rosto. Por favor, senhorita. — O mexicano desceu do banquinho e, sem afastar o olhar de Lucía, abriu um espaço no balcão. Morena! Traga algo quente para minha amiga, e uma maldita toalha para que possa se secar. Ande!

— Encontrei você murmurou Lucía enxugando o rosto, demorando a retirar dele a toalha. Sentia os olhares de todos os clientes do local

cravados em suas costas. A maioria das expressões era de estupefação, mas algumas eram ferozes, e outras até desafiadoras. A jovem teve a dolorosa consciência de que sua pele era a mais branca de todo o recinto.

— Que bom que decidiu me visitar — disse Mendoza, exibindo seu melhor sorriso.

— Não é uma visita de cortesia. Pelo menos, não no sentido que poderia imaginar.

— Ok.

O mexicano deu um gole em sua bebida, estudando a jovem por cima da borda do copo. Por um segundo pensou que a jovem havia ido até ali seduzida pela atração de um affaire com um belo hilita. Saber que não era isso feria profundamente seu orgulho de macho latino, embora ele não quisesse reconhecer isso. Que diabos ela quer?, pensou. Drogas? Não, não tem cara. Álcool? Não acredito...

— E o que posso fazer pela senhorita? — Preciso que fale com uma pessoa. — Que fale com uma pessoa — repetiu ele, como se não a houvesse ouvido direito.

— Sim, com meu... com alguém muito especial para mim. — E o que tenho que dizer a essa pessoa especial, exatamente? perguntou, com a tequila zunindo em seus ouvidos. Tem que lhe explicar que isto aqui está errado. A garota levantou os braços e apontou ao seu redor. — Que é horrível o fato de fazerem isto com vocês em Gulfport, que esse Greene é um porco imoral e que... O mexicano não pôde aguentar mais e explodiu em uma gargalhada. Cada vez que tentava se dominar prendia a respiração, mas a expressão ofendida de Lucía o obrigava a rir de novo, de forma incontrolável. Finalmente, com lágrimas nos olhos, levantou-se e deu um tapa no balcão. Ouviu, pessoal? A senhorita quer que eu atravesse o canal, que entre em Gulfport e que ilumine a alma de um pobre perdido. Começou a imitar a voz de Lucía. Está errado, muito errado, senhor Greene, tem que tratar melhor os pobres hilitas... Lucía corou de

fúria e jogou a toalha ensopada na cara do mexicano. — Já chega de idiotice! Já passei raiva suficiente esta noite, caralho! — explodiu. — O que quero fazer vai ajudar tanto ou mais a vocês que a mim. A pessoa a quem tem que convencer está em uma posição que pode ajudá-los muito. Ele é... Mendoza a interrompeu com uma bofetada na cara que fez a jovem girar como um pião. Lucia ficou olhando para ele estupefata, como se não pudesse acreditar que haviam acabado de lhe bater. Levou a mão à face direita, que começava a inchar. Comigo ninguém grita disse Mendoza com voz aveludada, pegando-a pelo braço. — Muito menos uma gachu pina vinda do outro lado do canal que nem sequer sabe em que tipo de inferno está se metendo. — Gato, espere interveio Alejandra. — A garota quase se afogou cruzando o rio. Acho que pelo menos deveria ouvir o que ela tem a dizer. Você, caladinha disse Mendoza. — Pelo que sei, esta garota pode perfeitamente ser uma espiã do reverendo. E, pensando bem, você se livrou na última batida sem nem sequer ter os documentos em ordem. — Não sou uma espiã! — gritou Lucía, indignada. — Está me chamando de traidora, cara? — O rosto de Alejandra parecia soltar faíscas. Carlos Mendoza levantou as mãos, dando um passo para trás. Uma por vez, garotas, uma por vez. — Um coro de gargalhadas alcoólicas pontuou a frase enquanto a pequena mexicana apertava os punhos, impotente. — Rapazes, levem a gachu pina à adega enquanto discutimos o que fazer com ela. E você, vá lavar os trapos, que é seu trabalho... Vamos!

Aterrada, Lucía foi arrastada por um chicano e um negro até uma portinhola suja que ficava escondida debaixo de um tapete. Enquanto a faziam entrar na adega, viu que Alejandra era expulsa do local. A mexicana soltava palavrões e pontapés a torto e a direito enquanto um sujeito musculoso a arrastava para fora. A portinhola se fechou de repente sobre sua cabeça, e Lucía ficou envolvida em trevas. Ouviu alguém arrastar algo pesado sobre o tapete; depois de um tempo, o rumor do bar recuperou seu tom habitual, com entrecocar de copos, gritos e gargalhadas. Assustada, a jovem se encolheu entre duas montanhas de caixas e começou a chorar em silêncio. Amaldiçoava-se por ter sido tão estúpida e ter confiado

cegamente em um sujeito com quem só havia trocado meia dúzia de palavras. Mas, acima de tudo, sentia medo. Um medo atroz.

Na manhã seguinte, o céu continuava plúmbeo sobre Gulfport. Com a luz do dia, a miséria e as montanhas de dejetos do gueto ficavam à vista, evidenciando a verdadeira natureza daquele lugar. Mas não havia muitos ratos. Os que os bandos de crianças famintas não caçavam caíam nas garras de algum dos muitos cães que vagabundeavam por entre as casas, mendigando algum despojo. Quase todos os cães haviam sobrevivido ao Apocalipse, mas mal restavam gatos vivos. Esse era um mistério que ainda ninguém havia conseguido resolver. Carlos Mendoza acordou com a sensação de que um anão psicopata com um martelo cheio de espinhos havia se instalado dentro de sua cabeça e se divertia esmagando seu cérebro. Adormecera sobre uma das mesas do bar. O chão estava cheio de gente que roncava ou se espreguiçava, enquanto Morena, a dona do estabelecimento (que não estava muito melhor de aparência que o próprio Carlos) os ia acordando com pontapés. Que horas são? — murmurou com voz pastosa, pegando um cigarro amassado e colocando-o na boca. — Isso já não importa muito, Carlitos respondeu Morena, enquanto dava um pontapé em um sujeito barbudo cheio de tatuagens —, mas, evidentemente, já é dia. O mexicano grunhiu e, de repente, lembrou-se da garota trancada no esconderijo. — Tomás, Adrián, tirem a gachu pina do buraco, rapazes. Os dois homens afastaram uma mesa (e o sujeito que dormia em cima dela) para poder abrir a portinhola. O primeiro começou a descer 181 as escadas enquanto o outro aguardava em cima. De repente, um uivo de dor acordou os que ainda estavam dormindo. — Aaaaargghh, filha da mãe, ela me acertou! — gritou o homem. Ouviu-se uma luta furiosa no buraco, e de repente ele apareceu de novo, subindo a escada e arrastando Lucía. O sujeito tinha um profundo corte no braço esquerdo, e segurava Lucía pelo pescoço com o braço direito. A jovem brandia uma garrafa quebrada, mas a falta de oxigênio estava a ponto de deixá-la inconsciente.

— Ei, Tomás, solte a garota, vai matá-la! — disse Mendoza, enxaguando a boca com um trago. O mexicano sentia sua irritação da noite anterior renascer ao ver o rosto pálido da jovem caída no chão. Lucía tentou se arrastar até a porta, mas de repente sentiu que alguém a pegava pelo cabelo para fazê-la se levantar com um forte puxão. A dor foi tão intensa que seus olhos se encheram de lágrimas. — Aonde vai, mocinha? Era o homem chamado Tomás. — Ainda temos que falar com você. Solte-a, Tomás — disse Mendoza, com voz cortante. — Você está sangrando, e pode salpicar na garota. O homem olhou Lucía com ressentimento durante alguns segundos, mas, obediente, soltou-a. De repente, e como se houvesse tido uma ideia de última hora, pegou a borda da camiseta da garota e a rasgou de cima a baixo, deixando-a com os peitos de fora. — Vou ficar com isto — disse, levantando o pedaço de camiseta que havia ficado em sua mão. Para enrolar na ferida.

Lucía só teve tempo de cruzar os braços sobre si mesma para cobrir seus seios, quando Mendoza a segurou de novo. — Bem, agora você vai me contar que diabos está fazendo aqui... — grunhiu, ameaçador. — E é melhor que eu goste da resposta, porque... O mexicano se interrompeu quando a porta do bar se abriu de repente, em meio a um torvelinho de ar úmido e chuva. Uma figura pingando água parou na penumbra, observando a cena. Era baixo e forte, mas isso era tudo que se podia adivinhar lá de dentro.

Se aprecia seus colhões, é melhor se afastar dela agora mesmo, amigo. A voz da figura na sombra era suave, mas ameaçadora. Soava como um gerador sobrecarregado de tensão, prestes a explodir. Viktor! O alívio em Lucía era tão evidente que quase se podia tocar.

— Lucia, querida, venha. O ucraniano se erguia ameaçador no meio do recinto, com o aspecto de um pequeno buli terrier irritado, observando sem pestanejar Mendoza e os demais homens do bar. Uma poça d'água estava se formando a seus pés, mas ninguém parecia reparar nisso.

O caralho — replicou o Gato, soltando Lucía. — A mocinha não vai embora enquanto eu não disser que vá. — Isso não é uma boa ideia — respondeu Pritchenko, coçando atrás da orelha com a ponta de sua enorme faca. — Ah, não? E por quê? — Sem esperar resposta, Mendoza prosseguiu falando enquanto fazia um discreto sinal aos homens que estavam em uma das mesas. — Tenho que reconhecer que você tem colhões. É a primeira vez que vejo um ariano entrar sozinho no gueto. — Não sou um desses estúpidos arianos respondeu Víktor, com um tom de voz estranhamente calmo. — E estou dizendo que solte a garota. É a última vez que aviso. Diga isso a eles! — gritou Mendoza, fazendo um rápido sinal. Dois homens parados junto à porta pularam ao mesmo tempo sobre Víktor, um de cada lado. Prit, em um décimo de segundo, pestanejou duas vezes, afastou os pés e, sem se alterar, girou levemente seu braço direito de forma que a lâmina de sua faca se cravou até o fundo no peito do indivíduo que o atacava desse lado. O sujeito deu um gorgolejo abafado e caiu nos braços do ucraniano com a incredulidade estampada no rosto. Sem soltá-lo, puxou o corpo e o usou para se proteger da navalhada que o outro tentava lhe dar. Aproveitando o momento de desconcerto do sicário, que contemplava confuso a navalha saindo pelas costas de seu companheiro, Prit jogou seu braço no queixo do sujeito. O punho do ucraniano acertou-o com um estalo seco, e a cabeça do homem caiu para trás. O sujeito cambaleou, com os olhos virados, e caiu no chão como um boneco de pano. Víktor jogou o cadáver contra outros dois sujeitos que se juntavam à briga, antes de dar um pontapé demolidor no meio das pernas de um gigantão negro coberto de tatuagens que se aproximava de forma ameaçadora. O tatuado soltou um gritinho abafado e desabou no chão feito um novelo, apertando seus maltratados testículos. O ucraniano teve tempo de acertar mais dois indivíduos (e de quebrar o braço de um deles, com um assustador estalo seco) antes que um soco o acertasse na têmpora. Víktor cambaleou, e sua visão ficou turva por causa do golpe. Deu dois pontapés, mas de repente sentiu uma dor aguda no flanco, quando um taco de beisebol o acertou no peito. O ucraniano arfou, sentindo uma pontada aguda ao respirar. Quebraram minhas costelas, teve

tempo de pensar antes que um pontapé animal nas costas o jogasse de joelhos no chão. Desesperado, segurou uma garrafa que havia rolado pelo chão no meio da briga e a partiu na cara de outro sujeito que se inclinava sobre ele com outra navalha. Os vidros quebrados provocaram meia dúzia de cortes no rosto do sujeito, que se retorceu de dor, tentando arrancar um pedaço de vidro do olhos. Víktor tentou se levantar aproveitando o breve espaço que o Vesgo havia criado ao retroceder, mas já havia muitos adversários à sua volta.

Seus rivais só conheciam técnicas de briga de bar, mas eram muitos. De repente, o ucraniano compreendeu que ia morrer ali. Com um último esforço, soltou um rugido e se jogou contra os três sujeitos que estavam mais perto. Surpresos, eles deram um passo para trás, e Pritchenko aproveitou esse pequeno instante de hesitação para bater violentamente no pescoço do primeiro deles com o canto da mão, um golpe seco que deixou o pobre-diabo tentando respirar pela traqueia quebrada. De repente, algo o acertou no rosto com tanta força que sentiu seus ossos rangerem horrivelmente. Caiu de costas por causa do impacto, e nesse momento o cercaram e começaram a chutar seu corpo encolhido.

— Lucia! Corra! — conseguiu gritar em meio ao sangue, antes que um pontapé certeiro no pescoço o fizesse cair duro. Mendoza contemplava a briga, atônito. Aquele sujeito pequeno e de aspecto bonachão que estava sendo moído de pontapés havia matado dois homens e deixado outros três fora de combate em menos de um minuto.

De repente, um tiro explodiu dentro do pequeno espaço do bar. Todos se voltaram, assustados, exceto Pritchenko, que já jazia inconsciente no chão. Na porta, Alejandra, com um AK-47 fumegante nas mãos, apontava para o teto, mas de tal modo que com um simples gesto podia baixar o cano e metralhar todos os que estivessem dentro do bar. Morena, a garçonete, deu um gritinho assustado e se escondeu atrás do balcão, como se de repente uma portinhola se houvesse aberto sob seus pés. — Quietos todos!

— gritou a mexicana, com voz trêmula. Afastem-se dele! E você, Gato, muito cuidado! Sei que tem uma pistola escondida na bota, de modo que não dê uma de esperto, ok? Os sujeitos que estavam chutando Pritchenko se afastaram do corpo caído do ucraniano sem perder de vista o cano da arma de Alejandra. Por sua vez, Lucía aproveitou o momento de distração geral para correr para o lado da mexicana. Ficou maluca? disse Mendoza, furioso. — Eles acham que não há armas de fogo dentro do gueto, sua estúpida. Esse tiro deve ter sido ouvido do outro lado da cidade. Em menos de dez minutos toda a maldita Guarda Verde de Greene estará por aqui. Quem ficou maluco é você, Mendoza — replicou Alejandra, altiva. Prendem e despem uma garota e depois dão uma surra nesse homem até quase matá-lo. Isso é algo que fariam Greene e seus arianos, mas não nós. Isso é algo próprio dos porcos que vivem do outro lado da cerca, mas não de nós. Você se comporta como se tivesse o cérebro tão podre quanto esses não mortos aí de fora. E, depois, se atreve a dizer que nós somos os Justos e os outros são os Malvados? Que diabos está acontecendo com você?

185 A maioria dos presentes baixou o olhar, confusa ou envergonhada. Porém, Mendoza continuava com os olhos cravados em Alejandra, soltando faíscas de fúria.

Podem ser espões disse. — Ela veio porque VOCÊ a convidou. E o que acontece de verdade com você é que seu orgulho de macho mexicano fica fodido pelo fato de que ela não tenha vindo para abrir as pernas para você, e sim para negociar. E quanto a ele Alejandra apontou para Víktor com o queixo —, se fosse um espão, já estaríamos cercados pelos homens do reverendo. Mendoza grunhiu, sem querer dar o braço a torcer. Porém, baixou os braços e se sentou de novo no banquinho. Imediatamente a atmosfera dentro do bar abaixou vários graus. — Está bem disse voltando-se para Lucía. — Ajudem esses aí. E você, Morena, arranje alguma coisa para a mocinha vestir. Acho que lhe devo sinceras desculpas. Lucía não prestou atenção às palavras do mexicano, pois havia se ajoelhado ao lado de Pritchenko. A jovem não pôde conter as

lágrimas ao ver o rosto de seu amigo. Seu nariz estava terrivelmente desviado para um lado e a boca não parava de sangrar. Sem notar que estava com os seios de fora, rasgou um pedaço de sua camiseta destruída e limpou como pôde o sangue do rosto do ucraniano. — Víktor, por favor — rogou com voz trêmula. — Víktor, não morra, por favor.

O ucraniano gemeu e tossiu várias vezes. Apoiado em um cotovelo, cuspiu um pedaço de dente com sangue antes de gemer de dor ao apalpar suas costelas. Não vou morrer grunhiu. — Não desta vez, pelo menos. Esses sujeitos brigam como garotinhas. — Oh, Viktor! — Lucía, emocionada, deu um abraço em Pritchenko que deu um novo grunhido de dor. — Lamento por isso, Víktor — disse, aliviada. — Como sabia que eu estava aqui? — Esta manhã, ao acordar, vi que você havia ido embora e li o bilhete. — O ucraniano olhou para os lados antes de continuar, baixando a voz. — Avisei você-sabequem e depois fui até Bluefont. Não foi difícil encontrar a ponte. Ontem à noite estava chovendo, e você deixou um rastro no barro fresco da margem, até um cego o encontraria. Sua amiga do fuzil — apontou para Alejandra, que havia se ajoelhado ao seu lado e estava tratando das feridas do rosto de Víktor com uma expressão sorridente indicou-me o resto do caminho, não sem antes me fazer limpar todo o rastro. — E o que vamos fazer agora? disse Lucía com as lágrimas prestes a saltar de novo de seus olhos. A seguir, pegou uma blusa meio surrada que Morena lhe estendia. Sinto muito que... De repente, o uivo de uma sirene ao longe os interrompeu. Era um gemido que subia e descia com uma cadência peculiar. Aquele som parecia ter agitado todo mundo, pois as pessoas corriam de um lado para outro, com o cheiro do pânico flutuando no ar. — O que é isso? — perguntou Lucía. — São más notícias — replicou Alejandra. — Temos que nos esconder.

— Por quê? — murmurou Víktor, tentando se levantar. É uma batida policial — respondeu Alejandra. — E, desta vez, virão irritados de verdade.

Gulfport, edifício da prefeitura Cinco horas antes O dia estava sendo um verdadeiro pesadelo. Descobrir que era colaborador involuntário de uma operação planejada de assassinato em massa já era bastante ruim por si mesmo, mas quando soube que minha companheira havia fugido de casa rumo ao coração do gueto, senti de repente o mundo parar de girar. Víktor se apoiava no batente da porta, arfante e coberto de suor, e me contemplava com uma expressão de impotência no rosto. Aquilo fazia que me sentisse mil vezes pior. Como assim, foi embora? Para Bluefont? Quando foi isso? Como você sabe? — comecei a metralhar de perguntas o pobre Pritchenko, sem quase lhe dar tempo de respirar. Prit abandonou-se em uma cadeira, suspirando, enquanto me contava como havia encontrado o bilhete no quarto de Lucía. Eu mal o ouvia, porque minha cabeça estava tramando um plano alternativo a toda a velocidade. O problema era que meu plano alternativo não passava de um verdadeiro lixo, para usar uma expressão suave. — Víktor, temos que sair daqui o quanto antes — disse eu enquanto revirava freneticamente os papéis em cima da mesa. — Vamos ter que nos dividir. Você tem que localizar Lucía no gueto e trazê-la de volta para este lado da cerca. Eu, de minha parte, vou tentar arranjar um veículo, provisões e armas. Estando dentro da prefeitura, deve ser fácil.

Vamos embora? — O ucraniano arqueou as sobrancelhas, perplexo. — Depois eu explico. Só posso lhe dizer que Lucía tinha razão. Este lugar está doente, podre, e não podemos ficar aqui nem mais um minuto. — Comecei a jogar pastas no chão com fúria, à medida que as ia descartando. — Tenho certeza de que vi por aqui algo parecido com um passe, caralho! Pritchenko pôs a mão em meu braço e eu parei, arfando. Sentia algo parecido com pânico. Se acontecesse alguma coisa com Lucía por minha culpa, eu jamais me perdoaria. Além do mais, todos os alarmes que haviam me mantido vivo até aquele momento estavam zunindo a todo o volume. Algo ruim estava para acontecer enquanto eu perdia a cabeça. — Não se preocupe com o passe — disse ele com tranquilidade. Nossa garotinha é muito esperta, e se ela conseguiu passar sem ajuda

para o outro lado do alambrado, eu também vou conseguir. Não pode ser pior que na Tchetchênia. — Pode ser pior, Víktor, acredite repliquei, sombrio. Víktor olhou para mim com surpresa, mas não disse mais nada. O ucraniano confiava plenamente em mim, e sabia que o tempo das explicações viria mais tarde. Trocamos um forte e longo abraço antes de nos despedirmos. Por um momento nos olhamos, consternados. Sabíamos que aquela era a primeira vez que nos separávamos desde que havíamos nos conhecido.

Tenha cuidado — disse eu. — Saiba que estarei ao seu lado para salvar seu rabo se você pisar na bola. — Tenha cuidado você — replicou ele com um sorriso que transmitia mais confiança que a que realmente devia sentir. — Afinal de contas, não sei com que estou me preocupando. Você só tem que roubar um naviozinho. Isso até minha tia Ludmila faria, mesmo estando meio cega e só ouvindo de manhã.

Apertamos as mãos com força e eu sorri, adivinhando a intenção de Víktor de me tranquilizar. O telefone da mesa começou a tocar de repente, quebrando o feitiço.

Enquanto eu pegava o fone e desligava sem atender, o ucraniano se dirigiu para a porta, mas quando já ia sair, voltou-se. Olhamo-nos, e por um instante senti uma sombra escura planar sobre o gabinete. Estava com um mau pressentimento, mas não queria preocupar desnecessariamente meu amigo. Assim que Víktor saiu, vesti o paletó e saí, sem prestar atenção em minha secretária, que sacudia um monte de papéis em uma mão e uma xícara de café na outra. Se tudo corresse bem, à noite Víktor já estaria de volta com Lucía, e, enquanto isso, eu teria arranjado um navio. Desde o início eu havia descartado o transporte terrestre, por ser muito perigoso, e o aéreo porque eu não sabia onde ficava o aeroporto, se é que havia um; além do mais, os helicópteros estariam seriamente vigiados. Isso me deixava apenas doze horas e um monte de coisas para fazer. A primeira coisa era cobrir meu rastro. Dei a volta, e após beber um gole do café (que era tão ruim quanto o outro, e ainda por cima estava morno), disse a Anne Sue que estava me sentindo mal e ia

para casa descansar. Era uma desculpa muito fraca, mas para umas poucas horas seria suficiente, caso alguém resolvesse procurar por mim no escritório. A seguir, saí e comecei a percorrer os corredores lotados da prefeitura, atentando para as placas nas portas. Levei três minutos para chegar a um gabinete cuja porta dizia "Serviço de Transportes". Bati, mas ninguém respondeu. Cauteloso, girei a maçaneta e coloquei a cabeça para dentro. Era hora do almoço (por isso há tanta gente nos corredores, idiota), e não parecia haver ninguém ali. Era a hora perfeita. Sentindo-me como um ladrão, fui para trás da mesa maior daquele gabinete compartilhado por pelo menos quatro pessoas. Sentei-me em frente ao computador e suspirei aliviado ao contemplar a tela. Todo o sistema estava protegido por senhas pessoais, mas o usuário daquele terminal, como a maior parte das pessoas que trabalham habitualmente diante de um computador, havia abandonado sua cadeira sem se preocupar em fechar a página. Naveguei pela base de dados de Gulfport procurando um meio de transporte que pudesse solucionar nosso problema. Depois de um instante, um sorriso ladino surgiu em meu rosto.

Aí está, pensei. Exatamente o que precisamos. Como eu suspeitava, em uma cidade de residentes bem de vida como tinha que haver um monte de veleiros de recreio amarrados em cais esportivo. Diante de mim, havia uma lista de meia dúzia de bar, qualificados como "veleiros auxiliares de vigilância", ancorados no cais. Isso ficava muito perto de onde o Ithaca estava ancorado. Um deles, o White Swan, parecia perfeito. Era um enorme iate de 20 metros, muito maior que qualquer outro navio que eu já a conduzido, mas perfeito para navegar pelas traiçoeiras águas do Caribe. Na ficha havia uma senha de dez dígitos, que batia com os documentos de autorização. "Imprescindível acompanhar os documentos ;om a permissão", dizia o aviso da tela. Praguejei. Sem os documentos, os guardas do porto não nos permitiriam chegar até o barco. Evidentemente, poderíamos tentar chegar força, mas isso inevitavelmente chamaria a atenção. E isso contando que íamos conseguir abrir caminho a tiros. Eu tinha que localizar aqueles

papéis de qualquer jeito. Com o suor escorrendo pelas costas, revirei todas as gavetas das mesas. De vez em quando dava uma olhada na porta, temendo que a qualquer momento alguém a abrisse e me pegasse com a mão na massa. Seria muito difícil explicar o que estava fazendo ali se me surpreendessem. Depois de um tempo, bufei furioso. Havia aberto todos os arquivos e gavetas, e, embora houvesse encontrado os papéis de permissão e o carimbo correspondente, ainda faltavam os documentos de autorização do barco. Por um momento temi que estivessem guardados em outro lugar (quem sabe, no gabinete do próprio Greene), mas aquilo não tinha nenhum sentido. Havia muitos veículos na cidade para que o reverendo cuidasse daquele assunto menor pessoalmente. De repente, meu olhar parou em um cofre embutido na parede. É claro, seu burro. Pus a mão no puxador do cofre. Era um modelo moderno, não muito grande, mas com jeito de ser bastante robusto. Depois de fazer uma oração silenciosa, girei o puxador. Evidentemente, estava fechado.

Uma bola de gelo se formou em meu estômago. Embora eu soubesse como abrir fechaduras simples com um arame e umas radiografias, aquela fechadura estava muito além de minhas possibilidades. De repente, uma ideia absurda se materializou em minha mente. Voltei à mesa maior e revirei gavetas e papéis, procurando algo que nem sequer sabia se existia. Quando levantei o teclado do computador e o virei, tive que fazer um esforço para conter um grito de alegria. Ali, colada, havia uma tira de papel com uma combinação. Típico de um funcionário muito atarefado, sem tempo para se incomodar em memorizar uma senha. Com o teclado debaixo do braço, postei-me de novo em frente ao cofre e introduzi a combinação. Um estalo seco soou de dentro da porta, quando o circuito eletrônico desbloqueou os barrotes e a porta se abriu. Dentro do cofre havia um monte de papéis cuidadosamente plastificados e organizados. Levei apenas alguns segundos para localizar os documentos do White Swan. E então, bem quando estava acabando de colocá-los no bolso e fechando o cofre, a maçaneta da porta girou e alguém entrou no gabinete. Tive o tempo

exato de correr até o pequeno banheiro do gabinete antes que um homem calvo, de uns cinquenta anos, entrasse. O sujeito tinha um hambúrguer gorduroso em uma das mãos, enquanto com a outra segurava um celular, no qual não parava de falar. — Eu sei, eu sei. Ouça, meu bem, assim que eu chegar em casa prometo que a levo para jantar por aí. É que... sim, claro que estou ouvindo.

O homem mantinha uma conversa banal, enquanto se sentava a uma das mesas e procurava alguma coisa. De repente, percebi que ainda estava com o teclado do computador da outra mesa debaixo de meu braço. Se aquele sujeito resolvesse levantar a vista e olhar para a mesa de seu colega, possivelmente se surpreenderia ao ver que um teclado havia saído para dar uma volta. Felizmente, o homem parecia estar bastante ocupado falando com a pessoa do outro lado da linha para reparar no que o cercava. De dentro do banheiro, com a porta aberta só um milímetro, eu o observava enquanto esperava que ele se fosse dali. O banheiro havia sido adaptado como um improvisado depósito de arquivos e pastas, e a atmosfera estava impregnada de minúsculas partículas de pó. Tive que fazer um esforço heroico para conter um espirro, enquanto o funcionário continuava falando sem parar. Quando já estava pensando que teria que sair de repente e acabar com aquele sujeito antes que chegasse mais gente (algo mais fácil de dizer que de fazer, pois o careca era uma verdadeira montanha de carne e gordura), ele se despediu da outra pessoa com um beijo, pegou seu hambúrguer e uma pasta de cima da mesa e saiu da sala. Esperei alguns segundos, para me certificar de que ele não havia esquecido nada (e, de quebra, para acalmar um pouco as batidas do meu coração), antes de me atrever a sair de novo. Coloquei o teclado no lugar, fiz uma última inspeção, caso alguma coisa me houvesse passado despercebida, e saí com cuidado para não cruzar com ninguém. Enquanto caminhava pelo corredor, sentia as pernas tremerem. A primeira parte estava feita. Só faltava arranjar armas e provisões. Ao virar uma esquina, dei de cara com a senhora Compton. A rechonchuda secretária do reverendo me observou com desconfiança. — Ah, acabei de falar com Ann Sue. Ela me disse que

o senhor não se sentia muito bem e que ia para casa. Está mesmo com uma cara péssima. Sorri trêmulo. Meu rosto estava banhado em suor, e eu suspeitava que parte do pó daquele banheiro devia estar depositado sobre minha pele, dando-me um aspecto acinzentado. Sem dúvida, um aspecto pouco tranquilizador. — Seria bom passar pelo hospital antes de ir para casa. Pode estar incubando uma gripe, ou algo assim. Ah, não creio que seja necessário esquivei-me. É coisa que se cura sozinha. Além do mais, o hospital fica do outro lado da cidade, e, pelo que pude ver, com certeza vou perder mais tempo para ir e esperar que... — Insisto em que consulte um médico — interrompeu a senhora Compton. De repente, o rosto da secretária se iluminou. — Espere um instante! Não será necessário que vá ao hospital.

Ah, não? murmurei, esperançoso. O tempo corria, e eu precisava me desfazer daquela chata o quanto antes, sem levantar suspeitas. — Tenho uma ideia ótima — disse a senhora Compton enquanto me pegava pelo braço e praticamente me arrastava pelo corredor. — Os médicos da equipe do doutor Ballarini estão na ala sanitária da prefeitura. Embora ele seja um italiano papista, é uma excelente pessoa e um grande médico. Tenho certeza de que não se importará de dar uma olhada no senhor, apesar de estar tão ocupado com seu trabalho. O reverendo o tem em grande estima, sabia? — É? Por quê? perguntei. Ballarini e sua gente chegaram do CDC de Atlanta duas semanas depois de fechado o Muro em volta de Gulfport, louvado seja o Senhor. Foi uma sorte que uma patrulha dos nossos rapazes os encontrassem ali fora. Essas criaturas do Anticristo, esses não mortos, os teriam reduzido a pedaços de carne em poucos dias. Os cientistas estão sempre pensando em suas coisas e não reparam no que é realmente importante. — A secretária franziu o cenho. — E tenho certeza de que nem mesmo rezam o suficiente.

— Cientistas? — Eu começava a suspeitar de que a peça que faltava em meu quebra-cabeça estava prestes a se encaixar. — E por que são tão importantes? A senhora Compton olhou para mim com os olhos arregalados, como se suspeitasse que eu estava zombando

dela. — Não sabe? — perguntou. — O Cladoxpan é coisa deles. Foi Ballarini e sua equipe que o desenvolveu. O impacto que aquela revelação me causou me deixou em silêncio durante um bom tempo, enquanto a mulher me arrastava por corredores e escadas. O Cladoxpan. Aquele produto misterioso que permitia conter a infecção do TSJ, mas que era incapaz de curá-la. Eu andara quebrando a cabeça pensando como um pregador fanático como havia conseguido um produto como aquele, mas só nesse momento compreendi. O CDC de Atlanta era o centro de pesquisa virótico mais importante do mundo antes do Apocalipse. Supunha-se que somente em algum ponto desconhecido da antiga União Soviética poderia existir algum lugar com instalações e conhecimentos semelhantes. Se fosse possível encontrar um remédio contra o TSJ, seria ali. E afinal, uma equipe daquela instituição havia ido parar em Gulfport depois de Atlanta ser arrasada. Sem dúvida, tinha que reconhecer que o maldito Greene tivera muita sorte. Com aquela gente em suas mãos, havia tirado a sorte grande. Enquanto pensava em tudo isso, chegamos a uma porta guardada por dois arianos da Guarda Verde. Os dois skinbeads descansavam atrás de uma mesa, com um aspecto muito pouco formal. Um deles folheava com ar entediado um velho exemplar da Playboy, enquanto o outro limpava meticulosamente as unhas com um palito de dentes. Pareciam entediados naquele corredor, e eu suspeitava que esse fosse um dos piores lugares a que um ariano podia ser destinado dentro da cidade. Porém, o par de M16 apoiado em uma mesa e os pesados revólveres que pendiam de seus cintos faziam que qualquer objeção a seu aspecto ficasse em segundo plano. Senhora Compton, bom dia. — Ao ver minha acompanhante, o ariano da revista a escondeu debaixo da mesa com tal velocidade que por um instante pensei que havia evaporado. O outro sujeito, o das unhas, jogou o palito de dentes no chão e se levantou, obsequioso. — Bom dia, rapazes. Como estão? disse Compton, observando-os com as mãos na cintura. — Não se meteram em nenhuma confusão estes dias, não é? — Não, senhora Compton — responderam ambos em coro. Era engraçado ver aqueles dois brutamontes tatuados se comportando

como crianças levando bronca diante da figura pequena e redonda da senhora Susan Compton.

Ah, não? — respondeu ela, maldosa. — Então, eu me pergunto por que o senhor Grapes lhes designou esta guarda. Com certeza não foi por sua beleza sem par. Os dois arianos murmuraram uma resposta ininteligível e abaixaram a cabeça. De repente, compreendi que não era à senhora Compton que temiam, e sim ao que ela pudesse contar ao reverendo Greene ou a Malachy Grapes, o líder dos arianos. Tenho que entrar para ver Ballarini e seu pessoal. Abram, por favor.

Senhora Compton murmurou um dos arianos —, não há problema em que a senhora entre, mas esse homem — o sujeito levantou o braço e apontou para mim, como se houvesse alguém mais ali e fosse necessário explicar a quem se referia não pode entrar. Não está autorizado.

Bobagem. — A senhora Compton agitou a mão como se espantasse uma mosca. — Este cavalheiro trabalha na prefeitura. É responsável pelo Gabinete de Hilotas Hispânicos. E, além do mais, é chefe direto de minha sobrinha Ann Sue. Eu respondo por ele. Os arianos olharam para ela confusos por alguns segundos. Por fim, o sujeito das unhas, que parecia ser o líder, deu de ombros. Muito bem... se a senhora está dizendo — disse, puxando um pesado molho de chaves e abrindo as três fechaduras da porta. — Mas precisam assinar o registro. Obediente, coloquei minha assinatura no registro, bem embaixo da rubrica da secretária de Greene. A seguir, atravessamos o limiar enquanto eu me perguntava que diabos ia encontrar ali.

A primeira coisa que notei ao caminhar por aquele corredor foi o cheiro. Era adocicado, com um toque ácido. Não era desagradável, ao contrário, e, além do mais, tinha um toque levemente familiar que eu não conseguia identificar. A senhora Compton, irradiando autoridade, guiava-me por uma série de corredores vazios. Agora já não estamos na prefeitura, mas em um edifício de escritórios anexo

— ia explicando a gorda mulher. — Antes havia um banco aqui, mas desde que não há conexão interbancária, nem dinheiro propriamente dito, não tinha muita utilidade. Porém, é um dos edifícios mais seguros de Gulfport. Assenti educadamente enquanto observava tudo com atenção. Dei uma olhada no relógio, preocupado. O tempo continuava correndo, e eu ainda não havia conseguido armas nem provisões. A essa altura, Víktor já devia ter conseguido entrar no gueto. Se bem conhecia meu amigo, não tardaria muito a localizar Lucía e trazê-la de volta. E eu, enquanto isso, estava dando um passeio absurdo, seguindo uma velha tagarela para ver um médico do qual eu não precisava. — A propósito a senhora Compton parou e se voltou, olhando muito seriamente para mim —, quero que saiba que isto que estamos fazendo é algo absolutamente excepcional. Os médicos da equipe de Ballarini não atendem ninguém, exceto o próprio reverendo. Se faço isso pelo senhor é porque espero que nos relacionemos bem e, principalmente, porque confio em que vai tratar bem minha sobrinha. Eu sei que ela não parece uma garota muito esperta, mas é, e vem de uma família muito brilhante. Vai ser uma excelente secretária se lhe der uma oportunidade. Senhora Compton — pus a mão em meu peito, pronto para dizer uma mentira imensa com minha melhor voz de advogado —, garanto que Ann Sue não poderia ter um chefe mais cuidadoso e honesto que eu. A senhora tem minha palavra. Sabia que nos entenderíamos — grunhi a mulher, satisfeita, e abriu a porta de um lugar que um dia devia ter sido uma sala de reuniões. Os diretores daquele banco sem dúvida teriam ficado muito surpresos se pudessem ver em que havia se transformado sua preciosa sala. A enorme mesa de reuniões de madeira estava encostada na parede, sem cuidados, e sobre ela alinhavam-se três enormes microscópios eletrônicos, uma centrífuga, uma autoclave e meia dúzia mais de aparelhos que eu não sabia identificar. Atrás de outra porta, ao fundo, adivinhava-se outra sala com o mesmo aspecto daquela. Entre os instrumentos, meia dúzia de homens e mulheres com jalecos brancos se movimentavam, circunspectos e concentrados em seu trabalho. Signore Ballarini — Compton se dirigiu a um homem alto que estava concentrado diante

de um espectrógrafo —, preciso de sua ajuda. O doutor Ballarini se voltou para nós. Era um homem elegante, próximo dos cinquenta, com uns olhos expressivos em um rosto emoldurado por uma cabeleira grisalha e um breve queixo coberto, por sua vez, de pelos brancos. Pestanejou algumas vezes ao nos ver e deixou em cima da mesa uma caderneta forrada de garranchos de números e sinais químicos, com ar contrariado. Em que posso ajudar, senhora Compton? — disse educadamente em um inglês correto e cheio de musicalidade italiana. Notava-se, apesar de tudo, que a interrupção o havia incomodado. — Poderia perder cinco minutos de seu tempo e examinar este cavalheiro? Compton apontou para mim. — Acho que está incubando uma gripe. Sem problemas, se não resta outro jeito — respondeu o médico, após me observar durante alguns instantes com expressão neutra. — É melhor irmos ao...

De repente, suas palavras foram interrompidas pelo som de uma sirene ululante, com uma cadência especial que subia e descia. Por um instante pensei, aterrado, que alguém havia descoberto o roubo dos documentos do veleiro. Senti meu sangue fugir do rosto. A qualquer momento, imaginei, os Guardas Verdes entrariam a galope e me prenderiam. Ao mesmo tempo, o celular da senhora Compton começou a tocar. A secretária atendeu, escutou com atenção por alguns segundos e a seguir acrescentou: "Estou indo para aí antes de desligar. O que aconteceu? consegui perguntar, aparentando tranquilidade. — Distúrbios em Bluefont respondeu secamente. — Os guardas ouviram pelo menos um tiro, apesar de as armas de fogo serem proibidas dentro da cidade. Tenho que ir com urgência. Contemplou-me, hesitante. Não podia me deixar ali sozinho, mas também não podia se ausentar quando Greene a chamava. A mulher estava em um dilema. — Não se preocupe — disse eu. — Assim que acabar o exame, volto sobre meus passos. Reparei no caminho, é fácil. — Faria isso por mim? Maravilha, maravilha! Vá para sua casa e deite-se um pouco. Vejo-o amanhã no gabinete. — A senhora Compton levantou a mão, saindo tão rapidamente quanto lhe permitiam suas pequenas pernas. E cuide de minha Ann Sue!

Quando desapareceu pela porta, voltei-me para Ballarini. O médico me observava com semblante sério.

Você não está doente — disse ele. — Pelo menos, não está com gripe.

Não confessei. Então, quer me explicar o que faz aqui? Tenho muito trabalho, sabia?

Naquele momento, eu tinha a possibilidade de pedir desculpas pela interrupção e ir embora imediatamente. Poderia ter me virado e andado de volta pelo corredor, cruzado o controle e me misturado com a multidão. Se houvesse feito isso, possivelmente teria tido tempo de arranjar as armas e as provisões, e nada do que aconteceu a seguir teria acontecido.

Mas as coisas não foram assim. Eu estava ao lado da pessoa responsável pelo único remédio — mesmo que apenas parcial contra o vírus que havia destruído a humanidade.

Precisava saber mais. E, principalmente, precisava arranjar um pouco daquele remédio. Se íamos sair dali, uma garrafa daquele líquido teria mais valor que todas as armas e alimentos que pudéssemos levar. — Na verdade, estou fazendo um trabalho de supervisão dentro do Departamento de Hilotas Hispânicos, sabe? — A mentira fluía facilmente de minha boca à medida que a ia inventando. — Precisamos saber qual é a... eh... aceitação do Cladoxpan entre os pacientes. O reverendo me pediu que fizesse isso de uma maneira discreta, por isso a desculpa da gripe. Ninguém deve saber que estou aqui. Hilotas? Do que está falando? A expressão de Ballarini era de confusão. O médico não tinha a mais remota ideia do que eu estava falando.

Fiquei perplexo. Se o criador do Cladoxpan não sabia de que diabos estávamos falando, quanto sabia realmente do que acontecia fora do laboratório?

— Doutor Ballarini, sabe que uso se dá ao Cladoxpan? É evidente que sim. — Olhou para mim com cara de "com-quem-pensa-que-

está-falando?". — A cepa 15b, ou Cladoxpan, como o chamam habitualmente, não é mais que um paliativo retardante da proliferação do vírus TSJ. É uma mistura de um supressor viral e um imunorreforçador, por meio de uma variação das enzimas das aminases que... — Ok, ok — interrompi-o, levantando as mãos. — Eu sei para que serve, doutor. A pergunta é se o senhor sabe a quem está sendo administrado.

— Aos infectados recentes, evidentemente. — Sua cara era o perfeito reflexo do desconcerto. — É absolutamente inútil em outros sujeitos, tóxico até. Aonde quer chegar? Quase lhe expliquei a aberração genocida em que Gulfport se havia transformado, mas não tinha tempo. A qualquer momento alguém checaria o livro de entrada do complexo e descobriria que eu estava ali. Sem a secretária de Greene ao meu lado seria muito difícil escapar sem responder a um monte de perguntas. Se aquele italiano e sua equipe deviam saber da verdade, teriam que fazê-lo por sua conta e risco, como eu. Não importa, doutor — respondi. A questão é que, para minha pesquisa, preciso que me forneça alguns litros de Cladoxpan. O senhor sabe, para avaliar sua eficácia e tudo isso. Isso é uma indignidade! explodiu Ballarini. Não vou permitir que outro laboratório faça um estudo de controle enquanto ainda não desenvolvemos completamente a cepa! Já disse isso a Greene em mais de uma ocasião! Nem uma só cultura do fungo sairá daqui sem nossa supervisão. Fungo? Cultura? De que diabos estava falando? — Por que não tenta se explicar, doutor Ballarini? — Usei minha melhor voz de interrogador dotado de autoridade, fingindo fazer anotações. Quanto mais tempo Ballarini pensasse que eu estava ali em uma inspeção oficial, melhor seria. — A cepa 15b é apenas a primeira cepa operacional de uma variação sobre a qual começamos a pesquisar em Atlanta. — O doutor se sentou de novo enquanto me contava uma história da qual, sem dúvida, tinha muito orgulho. Eu suspeitava que não era o primeiro a ouvi-la, e que ele estava satisfeito com a possibilidade de ter uma nova audiência. — Eu ainda estava em Atlanta quando a pandemia começou — relatou Ballarini. — Havia ganhado uma bolsa na Universidade de Bolonha e

estava estudando uma mutação do vírus da gripe asiática. Porém, quando tudo começou, pediram que todo o pessoal presente nos laboratórios, fossem residentes ou convidados como eu, se dedicasse por completo a pesquisar sobre o TSJ. Ninguém se negou, evidentemente. Era uma doença nova e, portanto, fascinante. As possibilidades eram enormes. Não me surpreendeu aquele enfoque tão acadêmico. Afinal de contas, eu estava diante de um pesquisador. Um vírus novo era a porta aberta para um prêmio, uma cátedra, publicações etc. Mas o TSJ acabou com tudo isso em sua primeira semana de vida livre.

No início, não podíamos acreditar no que víamos. Era tão... perfeito. — Os olhos de Ballarini brilhavam de excitação. — Não sei quem o criou, e acho que nunca saberemos, mas o TSJ é uma verdadeira maravilha. Une as melhores partes do ebola, da gripe e de três cepas virais que não têm nada a ver entre si, e não só não se rejeitam, como se encaixam com uma precisão ao alcance apenas de um ourives. É un lavoro dell'arte magnifica. Entende? — Entendo, entendo, mas o Cladoxpan... — disse eu, tentando ganhar tempo. Tudo a seu tempo, tudo a seu tempo. — Ballarini lembrava; estava com a cabeça em outro lugar. — Quando nos forneceram as primeiras amostras, não sabíamos qual era seu efeito. Só quando nos trouxeram alguns soldados infectados de Ramstein, começamos a compreender que aquilo era maior do que podíamos abarcar. — Tão grande! murmurei para mim, irônico. Você não entende! — O tom de voz do médico se elevou duas oitavas. — Naquele laboratório estavam sessenta dos cem melhores virólogos do mundo, e durante quase um mês não fizemos mais que andar em círculos. O TSJ era uma máquina tão perfeita que nada do que tentávamos para controlá-lo funcionava. Nada funcionava! Era como tentar montar um quebra-cabeça de milhares de peças com os olhos vendados e sem saber se tínhamos todas as partes. Era frustrante. — Ballarini deu um soco na mesa ao recordar tudo aquilo. — Frustrante. Bem, mas, no fim, o Cladoxpan... O Cladoxpan, por mais que me doa dizer, surgiu quase por acaso. O doutor colocou os óculos no nariz. Sabe o que é um Cladosporium? — Na verdade, não tenho a menor ideia, doutor. — É

um fungo, um gênero de fungo dos mais comuns que possa imaginar. É tão comum que não é estranho que ocorram contaminações por *Cladosporium* nos laboratórios. E foi isso exatamente o que aconteceu. Um pedaço de carne em uma placa de Petri se contaminou com o fungo, e ninguém percebeu. Quando, mais tarde, em uma bateria de potenciais vacinas, inoculamos TSJ em mais de 150 placas de Petri, apenas em uma delas o vírus não conseguiu se multiplicar. Adivinhe em qual foi?

— Na do fungo? — me aventurei, sabendo de antemão a resposta.

— Efetivamente. Por algum motivo, a presença do *Cladosporium*, misturado com a cepa 7n da vacina, tornava lenta a infecção do TSJ quase até detê-la. Mas não o eliminava. Estávamos trabalhando nisso quando a Área Segura de Atlanta ruiu e fomos todos evacuados do CDC.

— E como acabou aqui? — No caos da saída da cidade, nosso transporte, junto com outros seis, separou-se do resto do comboio. Não sei o que aconteceu com os outros, porque iam para Austin, no Texas, e pelo que ouvi dizer os voos fotográficos recentes confirmaram que Austin já não existe. Vagávamos sem rumo quando ouvimos o sinal da Emissora Cristã de Gulfport. Era o único sinal que continuava no ar, de modo que decidimos tentar a sorte. E aqui estamos — concluiu o médico, com um gesto teatral. E, desde então, estão produzindo essa cepa 15b. — O Cladoxpan, isso. É a cepa mais estável de todas as que desenvolvemos até agora. — E é um líquido — aventurei. — Não exatamente. O Cladoxpan é apenas o subproduto da proliferação do fungo geneticamente modificado em uma base de água. A voz de Ballarini se encheu de orgulho. — Essa é minha verdadeira contribuição. Consegui fazer que a produção desse subproduto fosse algo fácil, industrial e pouco custosa, mediante a modificação proteica. Para obter cinquenta mililitros de Cladoxpan eram necessários cinco dias. Agora, podemos fabricar 50 litros por hora. — Como se faz isso? — perguntei, assustado. — Siga-me. — Ele se levantou da cadeira e saímos do laboratório. Uma vez mais, olhei para o relógio. O tempo corria inexorável, mas eu

estava muito próximo de conseguir alguns litros de Cladoxpan, pelo menos. Valia a pena correr o risco.

O doutor me levou ao andar térreo do edifício, onde até pouco tempo atrás estivera o cofre do banco. Havia retirado as portas blindadas e em seu lugar tinham instalado uma enorme sala industrial, onde se alinhavam, como enormes sarcófagos, vários tanques de aço inoxidável. — Foram resgatados de uma destilaria de bourbon — explicou o pesquisador. — Não é o mais ortodoxo para uma pesquisa, evidentemente, mas cumprem sua função às mil maravilhas. Funciona?

Na verdade, o Cladoxpan poderia ser fabricado até em um balde de plástico, se existissem as condições adequadas de umidade e temperatura. Com 37°C a cepa começa a produzir Cladoxpan. Olhei para dentro de um dos tanques e tive que conter uma exclamação. No fundo do recipiente de aço, submersa em centenas de litros de água, descansava uma forma bulbosa esbranquiçada, cheia de nódulos e ramificações, do tamanho de um cérebro. Aquela coisa tinha um aspecto extraterrestre e de vez em quando segregava uma espécie de soro esbranquiçado que, em contato com a água, se transformava imediatamente em uma substância leitosa que, mais densa, acabava na superfície do tanque. Isso é uma cepa de 15b submersa em água com glicose — apontou Ballarini, orgulhoso. — Com uma desse tamanho seria possível gerar Cladoxpan suficiente para cinquenta pessoas durante décadas. E o melhor de tudo é que se arrancarmos um pedaço dela e a mergulharmos em outro recipiente, depois de três meses terá o mesmo tamanho desta. É autorreplicante, como o bacilo do kummel ou do quefir. — Ou seja, qualquer um poderia fabricá-lo, em qualquer lugar. As implicações daquela descoberta eram enormes. Com o Cladoxpan, o TSJ se transformava em uma infecção residente, algo assim como um resfriado crônico. Com o pequeno detalhe de que, se você parasse de consumir o antígeno, estaria condenado. — Isso mesmo concluiu Ballarini.

— Isso deveria ser distribuído pelo mundo todo imediatamente, doutor.

— Nem pensar! Não até que tenhamos desenvolvido uma versão definitiva e possamos patenteá-la. Não pretendo permitir que outro leve o mérito de minha pesquisa. — Mas, doutor... Esse mundo não existe mais! — supliquei, angustiado. Porém, nada do que lhe disse ao longo dos dez minutos seguintes fez Ballarini mudar de opinião.

O cientista era um verdadeiro gênio, mas, como muitas mentes brilhantes, vivia de costas para a realidade. Para ele, o mundo começava e terminava nas quatro paredes de seu laboratório, e não havia mais do que falar. — Bem, mas pelo menos permita-me levar alguns litros de Cladoxpan. — Tinha que sair dali o quanto antes. Achava que ouvira uma explosão ao longe, e algo me dizia que os problemas se avizinhavam. — Para que o quer? — perguntou Ballarini. — Você não está infectado pelo TSJ. Gemi, desesperado. Falar com aquele sujeito era como falar com a parede. De repente, ouvi alguém entrar na sala de pesquisa. Fique bem quieto, filho da mãe. Se mexer um fio de cabelo, enfio meia dúzia de balas nos seus miolos antes que consiga respirar. Quando a voz que pronunciou aquela frase soou às minhas costas, senti minha alma fugir. Eu estava fodido, e bem fodido. Voltei-me lentamente, com o rosto crispado. — Olá, Grapes cumprimentei, cortês, observando o líder dos arianos, acompanhado de dois Guardas Verdes armados com M16. Porca putanna, figlio dei troia, ma che cazzo vuoi? O doutor Ballarini se voltou para mim, cuspiendo as palavras. Não restava nada do agradável e educado cientista com quem eu estava conversando cinco minutos antes. A transformação era tão surpreendente que só podia se dever a algum tipo de desequilíbrio. O perigo imaginário de ver que outro se apoderava de seu trabalho o alterava tanto que ele perdia o controle. Você não devia ter vindo para cá, principalmente depois que as câmaras de segurança o gravarem abrindo o cofre de um departamento que não é o seu, imbecil — acrescentou Malachy Grapes, com um sinistro sorriso e as mãos apoiadas no cinto.

O ariano estava gostando da cena. Fazia-me recordar o típico valentão do colégio quando encurralava uma de suas vítimas, pensando em um modo de fazê-la sofrer. Provavelmente, essa cena havia acontecido em sua vida em mais de uma ocasião.

— Não sou nenhum idiota, sabia? — Grapes arrastava as palavras ao falar. Dava a sensação de estar meio drogado, mas com todos os sentidos em alerta. Desde que chegou, eu soube que você não era de confiança. O relatório do capitão do navio já dizia que você questionava alguns métodos. Esteve sob vigilância o tempo todo, imbecil. Olhe, Grapes, isso não é o que parece. É só um mal-entendido, e concordo em que não deveríamos estar aqui. De modo que é melhor sairmos o quanto antes, ok? — Enquanto falava, eu ia me aproximando lentamente da porta de saída, mas os dois arianos se posicionaram de forma estratégica. Eu não tinha a mais remota possibilidade, a não ser que os distraísse com alguma coisa. Mas, com quê? Ballarini me olhava, confuso. Até apenas um minuto antes, o cientista tinha certeza de que eu era um colaborador de Greene, e, de repente, Grapes aparecia dizendo que eu era um espião traidor. Seu rosto passou por várias cores até chegar ao púrpura intenso, quando se deu conta de que eu o havia enganado como a uma criança. Com um rugido, Ballarini se jogou em cima de mim, tentando me acertar. O doutor era um gênio científico, mas não tinha nem ideia de como brigar. Contive seu golpe com uma insultante facilidade e dei-lhe um empurrão que o fez cair em cima de Malachy Grapes, que nesse momento subia a escada. Ambos caíram em uma confusão de braços e pernas, entre grunhidos abafados de dor. Aquele era o momento que eu estava esperando. Aproveitando que todos os olhares se concentravam em Grapes, corri em um ágil drible para a direita, tentando surpreender o Guarda Verde mais perto de mim. O ariano esticou o braço tentando me interceptar, mas eu já havia escapado pelo vão da parede. Se eu fosse um super-herói, o outro guarda teria ficado com a cara achatada enquanto eu me esquivava dele. A culminação perfeita de um plano engenhoso.

O problema é que na vida real os super-heróis não existem. O outro guarda caiu sobre mim em um ataque digno de um jogo da liga de futebol americano. Meus oitenta quilos eram ridículos comparados com os cento e quarenta do ariano nervoso, que me pegou pelos joelhos e me arrastou por dois metros, até que nos chocamos com um dos tanques. Minha cabeça bateu em uma das arestas de aço que os sustentavam, e por um instante uma explosão de luz branca acompanhada de uma intensa dor ofuscou qualquer outra imagem em minha retina. Tentei me levantar, mas Malachy Grapes aproveitou aquele instante para se aproximar de mim, com uma expressão de satisfação perversa no rosto.

— Eu tinha vontade de fazer isso desde que nos conhecemos, espertinho — grunhiu. — Nunca fui com a cara dos advogados. Então, deu-me um pontapé na cabeça que me fez ver remoinhos coloridos por alguns décimos de segundo. Depois, uma enorme onda de escuridão engoliu a luz, e eu desmaiei.

O que poderia ser pior que ser imortal e ter que se comportar corretamente?

Jean-Philippe Rameau, Platée Quando abri os olhos, a primeira coisa que notei foi uma substância pegajosa em meu rosto. Por um segundo pensei que haviam vertido sobre minha cabeça o soro-base do Cladoxpan, mas quando uma gota caiu em minha boca, logo notei o sabor ferroso do sangue. Meu sangue. Minha cabeça tinha uma rachadura de um tamanho considerável, consequência do golpe. E eu não estava muito certo, mas tinha a sensação de que um dos meus dentes ficara um pouco mais mole. Para não falar que mal podia abrir o olho direito. Definitivamente, haviam me surrado bem.

Eu estava sentado em uma cadeira, no gabinete de Greene. Pela luz que entrava pela janela percebi que era tarde, muito tarde. Angustiado, compreendi que o sol estava para se pôr. Se eu não conseguisse sair daquela confusão o quanto antes, não chegaria a tempo ao ponto de encontro em nossa casa. Um aparelho de ar

acondicionado ronronava em algum lugar próximo, mas eu estava sozinho. Minhas mãos estavam algemadas às costas, de tal modo que eu não podia me levantar sem arrastar a cadeira. Movimentei os punhos e ouvi o tilintar de uma corrente. Grilhões de presidiário. Com os arianos no meio, eu devia ter suspeitado.

Fiquei nessa posição durante um tempo, tentando pensar em algo positivo. Não tardei muito a descobrir que era muito difícil. Pelo menos alguém havia tido a delicadeza de tirar minha gravata, para que eu pudesse respirar melhor. Meu terno novo estava arruinado, ensopado de sangue e rasgado em uns três lugares. Como se isso fosse me importar muito. De repente, a porta se abriu, e o reverendo Greene entrou na sala, seguido de Malachy Grapes e da senhora Compton, com uma cara de profunda preocupação. O ariano tinha um aspecto maravilhoso e me fez um gesto debochado ao entrar no aposento. O reverendo, por sua vez, tinha uma expressão ainda mais abatida que de costume. Os tiques percorriam suas faces de forma incontrolável, e umas veiazinhas estouradas haviam aparecido em seu nariz, dando-lhe o aspecto de um beberrão doente. O que mais me impressionou foram seus olhos. Uma espécie de véu opaco, como de alguém com catarata, parecia se espalhar sobre eles. Olá, reverendo cumprimentei, tentando soar divertido. — Como vai seu dia? Está com uma aparência horrível. Devia se cuidar mais, como eu. Cale-se, canalha. — Grapes deu-me um tabefe com as costas da mão e a seguir pôs uma cadeira do outro lado da mesa para o reverendo. Reverendo, eu juro que não sabia... eu achei que... — A senhora Compton torcia as mãos, angustiada, enquanto tentava explicar como eu havia conseguido cruzar o controle de segurança. — Acalme-se, senhora Compton disse o reverendo com voz gentil. — Sei que a senhora agiu pensando que estava fazendo o melhor. Felizmente, o Senhor sempre vela por nós, e descobrimos a tempo esse servo de Satanás. Agora, sente-se nesse canto e anote o que for dito, por favor.

A senhora Compton, aliviada, colocou-se atrás de uma máquina taquigráfica, pronta para tomar nota. O reverendo se sentou,

tossindo de forma cavernosa.

Greene colocou em cima da mesa uma garrafa de vidro cheia de um líquido leitoso de um lado e sua Bíblia do outro. Sabe o que é isto? — perguntou, apontando para a garrafa.

Suponho que seja sua bile — respondi. — Mas também pode ser que essa Guarda Verde tenha decidido lhe dar um presente biológico coletivo. Eu não estranharia que se juntassem e... O soco de Grapes não me pegou de surpresa, mas, ainda assim, doeu uma barbaridade. Apesar de tudo, mostrei um sorriso ensanguentado, como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Isto é uma garrafa de Cladoxpan — disse Greene, tranquilamente. O que você pretendia roubar. Não respondi, e me limitei a olhar para ele em silêncio. Eu não sabia aonde ele queria chegar. Isto é uma verdadeira bênção do Senhor — prosseguiu Greene. Se você está infectado com a peçonha dos não mortos, lhe dá a vida; ou, pelo menos, evita que a perca. Porém, se você está saudável e bebe, mesmo que seja só um pouco, é imensamente tóxico e você morre em poucos minutos com dores terríveis. São como as duas faces de uma mesma moeda.

De repente, a presença daquela garrafa em cima da mesa começou a me parecer muito desconfortável. Você pensa que está preparado para enfrentar a morte, mas quando a Parca chega, percebe que todo o seu ser clama por viver, nem que seja só por mais cinco minutos. Eu adoraria iluminar sua alma pecadora, mas você já está além de qualquer Salvação. Além do mais, primeiro, o mais importante. Com uma mão trêmula, o reverendo Greene abriu a garrafa que continha aquele líquido leitoso e serviu uma dose generosa em um copo de plástico. A seguir, colocou-o no meio da mesa, juntando as mãos e sussurrando uma oração. Eu apertei as mandíbulas e contraí todo o meu corpo. Se pretendessem me fazer beber uma única gota daquele produto tóxico, teriam que quebrar todos os meus dentes. O reverendo concluiu sua oração com um sonoro "amém", levantou-se da cadeira com o copo na mão, olhou para mim fixamente... ..e bebeu o conteúdo de um gole só.

Fiquei atônito. Por um momento achei que aquele maluco havia decidido acelerar seu encontro com Deus. Mas, de repente, compreendi tudo. Os tremores das mãos do reverendo haviam parado por completo. Sua pele recuperava seu tom natural, enquanto as veias eram reabsorvidas pela epiderme. O fogo escuro de seus olhos, que um momento antes estava velado por uma camada esbranquiçada, tornava a brilhar com toda a sua malevolência e loucura.

— O senhor... — arfei. Está infectado com o TSJ! — O advogado é esperto, reverendo. Grapes parecia achar aquilo mais que divertido. Só faltava a pipoca. — O doutor Ballarini é um gênio e, ainda por cima, muito boa pessoa, mas fica louco, completamente louco quando sai de seu reino de sensatez científica — disse o reverendo, com um tom de voz muito mais firme que um minuto antes; secou os restos de suor da testa. — De fato, está tão obcecado pelo seu trabalho sobre o Cladoxpan que nem sequer sabe do interessante efeito colateral que tem. Que efeito? consegui perguntar. — O Cladoxpan não só controla o efeito do TSJ, como também, por algum motivo que só nosso Senhor sabe, vai além e atrasa todos os efeitos degenerativos do corpo humano. O cabelo não cai, a pele não envelhece, as rugas não aparecem... Torna-o imortal? perguntei, estupefato. Ah, claro que não, estúpido ignorante! — replicou o reverendo, indignado. Isso é algo que está só na mão de Nosso Senhor Jesus Cristo, quando nos concede a Vida Eterna. Mesmo que você tome o Cladoxpan, pode morrer, como é natural. Fez uma pausa, embargado pela emoção. — Simplesmente envelhece muito mais devagar. Os testes realizados com ratos confirmam isso, e os experimentos com humanos não deixam margem a dúvidas. — Seu rosto brilhou de emoção enquanto se inclinava para a frente. — Pela primeira vez desde o Dilúvio, Deus nos concede a possibilidade de ter a longevidade dos Patriarcas! Viver tanto quanto Enoc, quanto Lamec, quanto Matusalém! Chegar aos mil anos, se necessário! É uma bênção! É um presente divino! É um presente direto para mim, Seu Profeta! Por isso aceitei me infectar voluntariamente! Eu tinha que tomar o Cladoxpan para

poder levar Sua Palavra durante séculos, dirigir a humanidade em seu Segundo Renascimento! — Você está louco, Greene. — Meneei a cabeça, enojado. — Total e completamente louco. Quando os hilotas perceberem esse efeito, você não será diferente deles em nada, exceto na cor da pele. E então, seus fiéis de Gulfport o abandonarão, enojados. Nem um só hilota viverá mais de dois anos replicou o reverendo, febril. Os jovens e os velhos são eliminados rapidamente, por caridade cristã, e o resto normalmente não dura muitos meses aí fora. E quando algum dura mais que a média, é exterminado, como os ímpios de Sodoma. Só se salvarão aqueles que tiverem a marca do Cordeiro, os Elohim, os Puros, os Anjos Brancos de Deus! O resto será pasto do Inferno. Olhei fixamente para Greene. As chamas de seus olhos ardiam de maneira incontrolável, levando embora sua sensatez e sua alma a passos gigantescos. A força escura que fervia dentro dele era terrivelmente poderosa... E estava faminta. Ouviu-se um barulho no canto da sala. A senhora Compton, de quem todo mundo parecia ter se esquecido, havia se levantado e contemplava o reverendo muito pálida, cobrindo a boca com a mão direita. — Ah, Deus gemia. Isso não pode ser verdade, não pode ser verdade. Reverendo, diga-me que tudo isso não é verdade, por favor. O senhor não pode... não pode... Greene fez um gesto cansado para Grapes. O ariano se levantou com calma, desembainhou seu revólver, segurando-o de lado, ao estilo dos gângsteres, e sem uma palavra deu uma rápida sucessão de três tiros na senhora Compton. A primeira bala atravessou seu pulmão e projetou a velha contra a parede. O segundo e o terceiro entraram em seu coração e no olho, respectivamente. O corpo da senhora Compton caiu no caro tapete de lã turca do gabinete. Da ferida de seu rosto saía um contínuo jorro de sangue que ia desenhando estranhos arabescos no tapete.

— Essa maldita idiota deveria saber que não tolero que as pessoas tomem decisões por conta própria — resmungou Greene. — Eu a estava suportando fazia muito tempo. "Reverendo isso, reverendo aquilo..." Ela estava muito confiante em seu papel. O Senhor fala por minha boca, Sua palavra é Lei. O resto sobra. Eu estava paralisado

de terror. Toda a minha pose irônica havia evaporado no momento em que a primeira bala saiu do cano da arma de Grapes. — A senhora Compton era muito querida em Gulfport. — Grapes tirou as cápsulas usadas de sua arma e as introduziu no tambor de um revólver de aspecto nojento que tirou de uma bolsa. Uma vez feito isso, jogou-o no chão, ao lado do corpo da secretária. Quando as pessoas virem o vídeo de segurança com você roubando os documentos, vão saber que a velha o descobriu e tentou detê-lo. E você, como é um filho da mãe, deu-lhe três tiros tentando fugir. Vão pedir seus colhões aos gritos, meu amigo. Merda. Vou morrer. Estava surpreso por conseguir pensar com tanta clareza nos últimos instantes de minha vida. Sentia uma dor muito intensa por Víktor, Lucía e Lúculo. De repente, desejei ter podido dedicar mais tempo ao meu pequeno amigo peludo naquela manhã. Pelo menos, não morrerei transformado em uma merda monstruosa. Será algo rápido. Pergunto-me se vai doer... Bem, agora, vamos fazer justiça com este rato pecador. — Greene levantou sua Bíblia e leu uma página marcada. "Assim diz o Senhor Jeová: 'Então, te deixarei em terra; sobre a face do campo te lançarei, e farei pousar sobre ti todas as aves do céu, e fartarei de ti ôs animais de toda a Terra. E porei as tuas carnes sobre os montes, e encherei os vales da tua altura'." Ezequiel, 32: 4-5. — Fechou a Bíblia com um golpe seco. Deus falou por meu intermédio. — Que devo fazer, reverendo? — perguntou Grapes, obsequioso. — Expulse-o de Gulfport, assim como Deus expulsou Adão do Paraíso após o pecado original. Abandone-o no meio do deserto, sem água, sem alimentos, sem armas. Que os não mortos, os animais selvagens e a sede acabem com ele. Que sua morte seja longa, lenta e dolorosa, como penitência para sua alma. Greene, você é um bastardo. Pode ser que me foda, mas me alegro de não ser um dos seus.

— Minha voz tremia de raiva e alívio em partes iguais ao saber que não ia morrer com um tiro. — Até nisso está enganado, ignorante. — O reverendo se aproximou, ficando a poucos centímetros de meu rosto, fez um barulho com a garganta e, apontando cuidadosamente, cuspiu uma gosma amarela cheia de pus na ferida

aberta de minha testa. Senti um ardor terrível quando a saliva do reverendo inundou minha ferida. Agora você é dos marcados a fogo pelo Senhor.

Enquanto falava, afastou meu cabelo da testa com suavidade, quase com delicadeza. — E sua morte será ainda mais longa do que você pensava. E voltando-se, saiu da sala, enquanto Grapes chamava aos gritos dois arianos.

Eu estava muito abalado para resistir. Uma lágrima solitária rolava por minha face. Dois anos. Eu havia aguentado dois anos. Mas, finalmente, o TSJ me pegara. Eu estava infectado.

Quando Lucía quis recordar, mais tarde, como tudo havia acontecido, não conseguiu. Tinha apenas fragmentos, breves lampejos de informação, que mal lhe permitiam compor um mosaico partido, como um filme montado apressadamente, com pedaços inteiros de metragem faltando. No momento em que o alarme soou, os hilotas começaram a correr em volta de Víktor e dela. Só Alejandra ficou ao seu lado, segurando a mão do ucraniano, olhando para ele com uma expressão de intensa concentração. Aonde vai todo mundo? — perguntou Víktor. — É uma batida! respondeu Alejandra, com preocupação. — O mais seguro para qualquer um é não estar no caminho das tropas de Greene. Principalmente sem ter documentos. Eu não tenho documentos respondeu Lucía, inocentemente. Nem Viktor.

— Eu também não — replicou a mexicana. — Nem metade dessa gente. E mesmo que tivéssemos, isso não garantiria nada. E então, que vamos fazer? — O que todo o mundo faz: esconder-se. A mexicana levantou Víktor do chão com um enorme esforço. Vamos! Foram para a rua. A habitual desordem de Bluefont havia mudado radicalmente. Só se viam grupos de pessoas correndo ao longe, entrando nas casas e tentando ficar invisíveis. Alguns, porém, permaneciam onde estavam, com uma expressão rígida no rosto. Eram os que tinham a documentação em ordem (naquela semana, documento rosa com faixa roxa e foto) e que, em tese, não tinham

nada a temer. Mas só em tese. As coisas podiam mudar muito rápido no gueto de Bluefont de um dia para o outro. Por isso alguns, mesmo tendo os documentos em ordem, preferiam desaparecer discretamente, misturando-se na multidão de fugitivos. A prudência era uma mãe que tinha muitos filhos. — Aonde vamos? — perguntou Víktor, respirando com dificuldade. Cada vez que inspirava, um ricto de dor cortava seu rosto. As costelas quebradas estavam cobrando seu preço. — Não sei. — A voz de Alejandra tremia; a mexicana estava espremendo o cérebro. — Tenho um refúgio, perto da cerca, mas é muito pequeno. Só cabe uma pessoa.

— Vamos colocar Víktor lá e procurar outro lugar para nos escondermos! — propôs Lucía. Impossível. — Alejandra meneou a cabeça. — No estado dele, não chegaríamos lá em menos de dez minutos. E dentro de muito menos isto aqui vai estar cheio de Guardas Verdes e de milicianos de Greene. Precisamos falar com o Gato.

— Com aquele filho da mãe? — Lucía se retorceu, incrédula. — Nem fodendo! Ele quase nos matou. — Ouça, garota. Se alguém pode nos ajudar neste esgoto, é Mendoza.

Alejandra suspirou e acomodou de novo o AK-47 nas costas. A arma parecia enorme ao seu lado e atraía muitos olhares rancorosos da maioria das pessoas que cruzavam com o pequeno grupo. — De modo que não reclame e segure seu amigo desse lado. Mendoza, enquanto isso, havia se sentado de novo à sua mesa e bebia com tranquilidade sua garrafa de tequila, como se toda aquela confusão não fosse com ele. O mexicano estava furioso, mas não deixava que seu estado de ânimo fosse visível. Aquela batida podia jogar por terra sua operação, mas também poderia levá-la para a frente, se jogasse bem. Gato, precisamos descer para o seu buraco — disse Alejandra, quando estavam diante do mexicano. — Por favor.

Não estou nem aí para o que vocês fizerem, Alejandra Toda essa confusão é culpa sua. A mexicana corou até a raiz dos cabelos, mas fez um esforço árduo para controlar sua ira. — Você tem tanta culpa

quanto eu. Você organizou a briga e quase despiu a garota — disse. Então, ajude-nos, por favor. O mexicano deu uma tragada em seu cigarro, com uma expressão inescrutável. Por fim, jogou a bituca no chão, suspirou e se levantou. — Vamos por aqui disse. Ainda não sei por que diabos estou fazendo isso. Espero não me arrepender. Mendoza foi para a rua sem se oferecer para ajudar as garotas, que arrastavam um Pritchenko moído. Caminharam durante um tempo até chegar a uma casa que um dia havia sido um belo domicílio de estilo Tudor, um tanto incongruente naquele bairro. A falta de cuidados e a superlotação haviam acabado com sua antiga beleza. Faltavam todos os vidros das janelas, e o gramado do jardim havia desaparecido para se transformar em uma triste plantação de tomates, murchos devido à umidade. O mexicano entrou na casa e desceu umas escadas que levavam a um porão. Tinha cheiro de óleo diesel, umidade e podridão. Em um canto, o esqueleto fossilizado de um rato sorria para os visitantes com uma careta sardônica.

Carlos Mendoza deslizou a mão pela parede de tijolos até encontrar o que estava procurando. Com um grunhido de satisfação, puxou uma alavanca escondida e se afastou da parede. Depois de um estalo, uma parte inteira da parede se deslocou alguns centímetros, mostrando um quarto secreto do outro lado. Com um gesto, o mexicano indicou que entrassem. Quando entraram no quarto secreto, Lucía soltou um grito de surpresa. Uma enorme cama ocupava uma lateral do quarto, bem embaixo de um enorme espelho no teto. Da parede pendiam umas algemas de couro, correias e uma parafernália completa de vibradores, chicotes e brinquedos sexuais.

— O dono anterior guardava seu pequeno segredinho no porão — disse Mendoza com um risinho sardônico. — Não queria que seus vizinhos soubessem o que ele gostava de fazer aqui com rapazinhos. Se tivéssemos tempo, eu poderia lhes mostrar uns vídeos muito interessantes que ele gravou aqui.

Graças a eles, descobrimos a existência deste lugar. Mas só se vocês gostarem de um tipo de sexo muito sujo. Guarde para depois grunhiu Alejandra, esgotada após carregar Víktor por tanto tempo.

— Ajude-nos a deitá-lo na cama. Deitaram Pritchenko nos lençóis de cetim (com umas suspeitas manchas aqui e ali em que as garotas evitaram tocar) e depois se sentaram no chão para esperar em silêncio. No início, não aconteceu nada. A primeira coisa que ouviram foi o motor dos Hummers rugindo pelas ruas e uma voz gritando algo ininteligível por um megafone. Depois, durante um tempo, o silêncio. Uma torneira mal fechada pingava, com um pic-pic cadenciado que deixou os nervos de Lucía a ponto de explodir. De repente, ouviram-se vários tiros em rápida sucessão, muito perto. Tudo ficou em silêncio de novo, mas então o rugido de um motor a toda a velocidade se fez ouvir claramente.

— Estão nesta rua — sussurrou Mendoza, apagando a luz e deixando-os no escuro. — Agora, silêncio todo mundo. Se alguém falar, estamos mortos.

No andar de cima ouviu-se um barulho de madeira estilhaçada, como se houvessem jogado um móvel no chão. Golpes, gritos e vários tiros. Uma mulher gritou, angustiada, mas seu grito se afogou de repente, de uma maneira antinatural. No refúgio, o silêncio era sepulcral. Cheirava a suor concentrado e a medo. Até Mendoza havia abandonado sua habitual pose de macho e se mantinha em silêncio, com os lábios apertados e as mãos juntas, como em uma oração silenciosa. De repente, um dos degraus que descia para o porão rangeu levemente, e pouco depois, o seguinte. Alguém estava descendo as escadas. Fosse quem fosse, assobiava baixinho uma versão desafinada de Hey, Jude, dos Beatles. De vez em quando fazia uma pausa no meio de uma estrofe, ouvia-se o barulho de móveis arrastados e a seguir a melodia do ponto em que havia sido abandonada, monocórdia. Aquilo era de arrepiar. Lucía olhou para Víktor e afastou uma mecha de cabelo ensopada de suor do rosto. O ucraniano fazia um esforço sobre-humano para controlar sua respiração. Não tinha uma aparência muito boa, mas tentava fazer algo parecido com um gesto tranquilizador. A pessoa que estava do outro lado havia acabado de checar o chão do porão e batia nas paredes ao acaso com alguma coisa dura, procurando um som oco

que indicasse a presença de uma sala secreta. As balas começaram pelo outro lado da sala. Com algo parecido ao horror, Lucía viu Mendoza pegar o AK-47 de Alejandra e checar o carregador. O olhar do mexicano não deixava margem a dúvidas. Não deixaria que pegassem vivo. Aquilo implicava que o resto dos ocupantes do porão morreria com ele, se fosse necessário. Tumb, tumb, tumb. As batidas soavam cada vez mais perto. Lucía mordeu a mão para conter sua vontade de gritar. Tumb, tumb, tumb. O sujeito havia parado de assobiar. Estava com toda a sua atenção voltada para o som da parede. Tumb, tumb, TUMB!! Alguém gritou de repente no andar de cima. As batidas cessaram de imediato, e eles ouviram aquele sujeito subir as escadas pisando com força. Depois de um tempo, o motor foi ligado de novo, e seu som foi se afastando até se perder na distância. Ficaram esperando no escuro e em silêncio durante pelo menos mais meia hora. Não era a primeira vez, sussurrou Alejandra no ouvido deles, [e os Guardas Verdes fingiam que iam embora e ficavam sentados, em silêncio, esperando que os hilotas mais confiantes fossem saindo de seus esconderijos. Nesses casos, fuzilavam-nos sem piedade ali mesmo. Lucia nem sequer a ouviu. Sentia-se muito cansada, e emocionalmente exausta. A tensão estava quase acabando com ela.

Passaram as horas seguintes como em um sonho. Em algum momento, alguém lhe deu uma garrafa de água e um sanduíche, mas não comeu nem bebeu. Simplesmente recostou a cabeça nas pernas de Víktor e deixou que sua mente a levasse a um lugar muito distante e muito melhor que aquele porão sórdido e nojento. Finalmente, a noite caiu, e Mendoza decidiu que já era prudente sair do buraco. Com cuidado, abriu a porta e deu uma olhada lá fora, tentando fazer o menor barulho possível. Se ainda houvesse homens de Greene no andar de cima (algo pouco provável, pois não tinham ouvido um só ruído nas últimas seis horas), não queria lhes dar a oportunidade de caçá-los como coelhos na porta de sua toca. Após se certificar de que não havia ninguém, fez sinal ao resto do grupo para que saíssem. Parecia que um furacão havia passado pela casa. Dezenas de móveis destruídos

misturavam-se no chão com pedaços de louça quebrada e roupa rasgada. Haviam esvaziado os armários pelas janelas, como se um poltergeist enlouquecido houvesse arrasado criteriosamente o bairro todo. Em alguns lugares via-se o assoalho ou as tábuas do teto arrancadas, onde os Guardas Verdes haviam localizado algum esconderijo. Mas o mais perturbador, sem dúvida, era o sangue. — O que vai acontecer com toda essa gente? — perguntou Pritchenko, entre acessos de tosse sanguinolenta. — Vão levá-las ao trem. — Mendoza praguejou. — Mas, desta vez, foram longe demais. A ira dos Justos está prestes a chegar.

A primeira coisa que senti foi calor, muito calor. Na tarde anterior, haviam me arrastado para fora do gabinete de Greene e trancado em um dos calabouços da delegacia de Gulfport. Eu havia passado a noite toda ali, enquanto do lado de fora se concentrava uma multidão cada vez maior, exigindo minha cabeça. O calabouço, no porão da delegacia, era um estreito corredor com celas alinhadas dos dois lados. Por algum estranho motivo, ele era o único inquilino daquelas enormes celas gradeadas, com o teto pintado de verde-limão e um vaso sanitário de aço solto situado no meio de cada cela, sem nenhuma intimidade. Os dois Guardas Verdes me trancaram na jaula que ficava mais ao fundo da fila da direita e, após me darem uns pontapés de presente de despedida, foram embora. Em um requinte de maldade, colocaram uma jarra d'água e um pedaço de pão mofado no corredor, bem em frente à minha cela. A uma distância suficiente para eu não poder alcançar com as mãos, mas por muito pouco. Não chegava à jarra por apenas dois centímetros. — Está com sede, canalha? — disse um de eles. — Vai passar mais sede no inferno, não duvide. Devia ter pensado melhor antes de acabar com a velha Compton disse o outro. — Ela era uma velha filha da puta, mas era secretária do velho. — Meneou a cabeça e concluiu, como se anunciasse uma surpreendente novidade. — O pessoal aí de fora vai queimá-lo vivo. O primeiro deles deu uma cusparada verde no pão. — Tome, para que tenha um pouco mais de substância. — O sujeito olhou para mim com um sorriso feroz no rosto, mas com um estranho brilho de comiseração nos olhos,

que lhe dava um aspecto estranho. — E é bom não ficar com nojo, porque é o melhor que vai comer no que lhe resta de vida. Disseram-me que vão jogá-lo no deserto com todos esses hilotas de merda. Lá fora só há escorpiões e não mortos. Eu não gostaria de estar em sua pele, rapaz. — Vou me virar, não se preocupe — murmurei sem levantar a cabeça. Não era um desafio, simplesmente queria que aqueles dois idiotas sumissem dali o quanto antes. Precisava ficar sozinho. O ariano me contemplou um instante enquanto seu cérebro processava lentamente se o que eu acabava de lhe dizer continha algum tipo de ofensa. Finalmente, deu um último pontapé no pedaço de pão e, satisfeito, foi embora pelo corredor junto com seu colega, deixando-me sozinho. No início, eu me senti terrivelmente infeliz. Não conseguia entender como tudo havia ido para o caralho tão rápido. Naquela mesma manhã eu tinha um barco, um plano e estava quase conseguindo uma substância que valia seu peso em ouro. Apenas doze horas depois, apodrecia no calabouço da cidade, prestes a ser condenado à morte. Colega, você se superou com seu plano. O que vem agora? A temperatura naquele porão parecia estar a uns trinta graus, de modo que comecei a suar logo. Corria o risco sério de me desidratar. Tentei alcançar a jarra fazendo um laço com minha camisa, mas só o que consegui foi derrubá-la e derramar todo o seu conteúdo. Soltei um palavrão, furioso. O corredor central estava inclinado para um ralo interno (com certeza para quando, antes do Apocalipse, tinham que lavar os restos que os bêbados deixavam nas celas), de modo que contemplei, impotente, até a última gota desaparecer. Abandonei-me de joelhos apoiado na grade, desolado. Minha boca parecia um pedaço de cânhamo. A sede era tão horrível que não me deixava pensar com clareza. Por isso, levei uma boa meia hora para perceber que no fundo do vaso sanitário água. Tinha um sabor salobro, e a cor era suspeita. Além do fato de que estava bebendo água de bosta, mas pelo menos era líquido. Passei os três minutos seguintes bebendo a pequenos goles. Aquela pouca quantidade de água não mitigou toda a minha sede, mas pelo menos me fez sentir-me vivo de novo. Já mais hidratado e tranquilo, comecei a pensar em como sair daquele horrível atoleiro. Fugir da delegacia estava fora de

meu alcance. As fechaduras da cela eram muito mais complexas do que aquelas que meus limitados conhecimentos me permitiam abrir. E isso sem contar os guardas que estavam lá em cima e o povo enfurecido que cercava a delegacia, e que assim que me visse cairia sobre mim como uma matilha de cães, pronto para me despedaçar por causa de um crime que eu não havia cometido. A estratégia de Greene havia sido inteligente e malvada. Ao matar a senhora Compton, não só eliminava uma testemunha incômoda para ele, como também me transformava imediatamente no personagem mais odiado de Gulfport. Ninguém acreditaria em uma palavra do que eu dissesse, pois tudo soaria como uma espécie de desculpa fantástica criada por um assassino desesperado pego em flagrante. Não, definitivamente, eu não tinha nem um único amigo fora daqueles muros, excetuando Lucia e Viktor. Isso se estivessem vivos, se não houvessem sido detidos como cúmplices. Todos os hematomas que cobriam meu corpo doíam. O terno estava totalmente destruído e coberto de sangue duro e seco. Meu sangue. Meu sangue infectado. Ao recordar aquilo senti uma leve tontura e uma vontade incontrolável de vomitar. Apoiei-me no vaso sanitário e engulho após engulho esvaziei o pouco que havia em meu estômago. Abracei a privada, tremendo. Alguém vai ter que desinfetar tudo isto quando eu for embora, pensei, olhando as pequenas gotas de saliva que deixara na borda do vaso. Ainda não sentia nada, mas sabia que o TSJ corria por minhas veias com força, e que em poucas horas começaria a apresentar os primeiros sintomas. Perguntei-me, vagamente surpreso com minha curiosidade, como seria isso de me transformar em não morto. Eu teria consciência disso? E depois? Porém, a imagem de mim mesmo transformado em um desses seres, com toda a minha pele estourada e coberta de pequenas veias, foi demais. Tornei a me agarrar ao vaso sanitário e a ser sacudido por engulhos, mas já não tinha mais nada para expulsar.

Seria mais fácil acabar com aquilo de uma vez, poupar a imensa indignidade de me transformar em um ser sem controle sobre mim

mesmo. — O que está fazendo, pensando em se suicidar? E daí? Vai ser melhor.

—Não pode. Você está muito apegado à vida. Não consegue. — Sempre será melhor saída que... a outra. — Você não sabe.

— Cale-se, caralho. Cale-se, cale-se. CALE-SE!! Segurei minha cabeça com as duas mãos, gemendo no chão. Tinha que fazer alguma coisa ou ficaria louco. O problema era o que fazer. Nem sequer podia acabar com meu sofrimento pelo meio rápido. Ao entrar na cela haviam me tirado tudo, do relógio aos cordões dos sapatos e o cinto, para evitar que me suicidasse. Os arianos haviam passado bastante tempo atrás das grades para deixar escapar o menor detalhe naquele aspecto. O que mais me doeu perder foi o relógio. Era um velho Festina surrado, mas era o último objeto que eu podia chamar de meu e que havia me acompanhado desde o início de minha odisseia, dois anos atrás. Sem ele, eu me sentia um pouco nu. Além do mais, eu não tinha nenhuma outra maneira de controlar o passar do tempo. Naquele porão, a luz estava sempre acesa, contribuindo para minha agonia. Depois de um tempo muito longo que não pude calcular, mas que deve ter passado de duas horas, comecei a sentir os primeiros mal-estares. Era como uma leve câibra muscular, como quando você dorme em uma posição estranha e uma mão fica presa debaixo do corpo. Sentia uma espécie de formigamento que percorria meus dois braços em ondas. Era uma sensação desconcertante, mais que dolorosa. Mas eu tinha plena consciência de seu significado. Aquilo havia começado. Sequei o suor da testa com um pedaço de pano que havia arrancado da camisa. De repente, perguntei-me se aquele calor tão sufocante que sentia desde que havia chegado não seria a primeira manifestação da infecção. Recordava perfeitamente que Greene parecia suar em bicas antes de tomar o Cladoxpan.

Então, uma ideia horrível me passou pela mente. Iam me deixar ali. Iam me deixar trancado naquela cela como um animal raivoso, até que a infecção se apoderasse de todo o meu corpo e me transformasse em um não morto. Depois, eles me transformariam

em uma atração de circo, em um monstro, um espantalho que os pais de Gulfport exibiriam a seus filhos do outro lado das grades, para lhes mostrar como eram os monstros que habitavam o outro lado do Muro, enquanto me jogariam pipoca e pedaços de verdura podre. Eu ia enlouquecer. Comecei a coçar o braço direito com fúria, mas não sabia se aquela coceira era o passo seguinte de minha transformação ou simplesmente se a angústia estava me levando a fazer coisas estranhas. De repente, soou o barulho de um ferrolho, vindo da parte superior, seguido do ruído de passos de uma pessoa que descia as escadas. Procurei algo com que me defender, como um animal encurralado. Era inútil. Não havia nada naquela cela que não estivesse firmemente aparafusado ou soldado às paredes, algo que eu pudesse utilizar. Então, de repente, percebi que minha infecção podia ser também minha única defesa. Sem pensar duas vezes, arranquei a crosta fresca que estava se formando na ferida de minha testa. Doeu um horror, mas logo um fio de sangue quente começou a fluir de novo sobre meu rosto. Molhei meus dedos no sangue e aguardei, expectante. O primeiro que aparecesse diante de minha cela levaria um bom respingo de sangue infectado. Se eu tombasse, pelo menos levaria alguém comigo. Os passos soavam cada vez mais perto. Ajoelhei-me, escondendo as mãos nas costas, pronto para pular como uma mola. De repente, a luz do corredor escureceu levemente quando a figura de Malachy Grapes se interpôs entre a lâmpada e o interior de minha cela. Olá, advogado. — A voz de Grapes era debochada, porque o filho da mãe sabia que me tinha nas mãos. Em seu colo um assustado Lúculo se remexia, olhando com olhos enlouquecidos de terror a figura ensanguentada que o contemplava, derrotado, do outro lado das grades.

Fiquei paralisado. Aquilo era a última coisa que eu esperava. Lúculo miou ao me reconhecer e tentou se livrar do abraço de ferro de Grapes, mas o ariano o segurava muito bem. Solte meu gato, filho da mãe! — gritei enfurecido. Solte-o imediatamente ou...

— Ou o quê? — perguntou Grapes. — O que vai fazer comigo? Quer que torça o pescoço dele na sua frente? — Não! — deixei escapar. —

Não, não faça isso, por favor.

— Então, sente-se no fundo da cela, onde eu o possa ver bem — disse Grapes. — E com as mãos à vista, sem surpresas. Obediente, sentei-me no catre, enquanto meu olhar ia de Grapes a Lúculo, que ao ouvir minha voz havia redobrado seus esforços para se libertar. No braço do ariano destacavam-se dois profundos arranhões, sinal inequívoco de que meu pequeno amigo peludo não havia se deixado pegar sem lutar. Muito bem, Lúculo, pensei. Sabe de uma coisa? — disse Grapes com um sorriso horrível.

Normalmente, na cadeia, meu advogado sempre estava deste lado das grades. É muito refrescante a mudança. — É surpreendente que alguém o visitasse na cadeia respondi.

— Até mesmo um advogado. Grapes riu, com ar satisfeito. — Eu gostaria de ter trazido comigo sua vadiazinha ou o baixinho soviético, para que se despedissem de você, mas foram mais espertos e parece que a terra os engoliu. Só encontrei esse animal pulguento em sua casa, de modo que imaginei que gostaria de tornar a vê-lo. — Não lhe faça mal, por favor — implorei. — Isso depende — respondeu Grapes. Notei que o musculoso capanga do reverendo havia tido a precaução de colocar óculos de segurança, diante da eventualidade de que eu pudesse salpicá-lo com algo. Fizesse o que fizesse, aquele filho da mãe sempre parecia estar um passo adiante de mim.

— Amanhã de manhã vamos colocá-lo no trem da deportação — disse devagar, como se estivesse explicando algo a um aluno especialmente lento. E comporte-se muito bem até então. Coçou atrás da orelha, com parcimônia. — Eu já teria lhe dado dois tiros, mas o reverendo tem umas ideias próprias e muito peculiares acerca do castigo, e cidiu que você vai acabar sozinho, lentamente, para que tenha tempo pensar na magnitude de sua cagada. Diga-me algo que eu não saiba respondi com acrimônia. — Não, diga você — replicou Grapes. — Por que fez isso? Quero dizer, você tinha tudo para viver bem em Gulfport. Uma boa casa, um emprego sem

perigo, uma garota que aquecia sua cama à noite... Tinha até essa merda de gato, e veja que é difícil encontrar um hoje em dia. Não me entenda mal, estou feliz por ter podido foder você. Não fui com sua cara desde o primeiro momento em que o vi, mas não imaginei que fosse facilitar tanto para mim. Diga-me, por que fez isso? Talvez porque não sou um animal como você — respondi. Porque todo este lugar é uma aberração, é imoral e insano, e cedo ou tarde tudo isso vai explodir na cara de vocês. Porque não quero viver em um lugar que salva meu corpo, mas destrói minha alma e minha consciência. Por tudo isso fiz o que fiz. A única coisa que me focle é não poder estar presente quando os hilotas se rebelarem e esses negros do gueto o amarrarem a uma cama e o violentarem até não mais poder. Mas, pensando bem, com certeza você já desfrutou de sua atenção na cadeia, dado seu histórico.

O rosto de Grapes corou de fúria, e por um momento pensei que havia ido longe demais. Sua mão se fechou em volta do pescoço de Lúculo e chacoalhou o pobre gato como se fosse um boneco de pano. O anima se debatia sem forças, entre fracos miados de dor, à beira da asfixia. — Amanhã vou garantir que ponham alguns negões malucos de craque em seu vagão murmurou, rancoroso. — Quem sabe, pode ser que quem vá acabar com o cu estourado seja você. Calei, sem nada a dizer. Grapes estava com todas as cartas na mão, e ambos sabíamos perfeitamente disso. — Esta não é uma visita de cortesia, de qualquer maneira disse o ariano, procurando algo nos profundos bolsos de sua calça cargo. — Tome, isto lhe permitirá aguentar até amanhã. Grapes jogou algo dentro da cela. Peguei o objeto e o observei. Era um pote, não muito maior que uma lata de refrigerante, feito de plástico transparente. Dentro dele havia um líquido esbranquiçado e turvo. — É Cladoxpan — disse Grapes. — Você está há oito horas infectado, de modo que os primeiros sintomas devem estar prestes a se manifestar. — Contemplou-me, pensativo. — Já vejo que está suando feito um porco, apesar do frio que faz aqui embaixo. Eu não disse nada, apesar de suas palavras confirmarem meus piores pressentimentos. O calor que estava sentindo a tarde toda era completamente antinatural. O TSJ estava

triunfando sobre minhas defesas. O que devo fazer? — perguntei, com voz abafada. — Você tem duas opções — respondeu o Guarda Verde. A primeira é me devolver esse pote, e assim, quando o vier buscar amanhã, você não será mais que um não morto fedido. Enfiaremos uma bala de 9 mm em sua cabeça, queimaremos seu corpo no lixão da cidade e tudo acabará para você. A outra opção é ir bebendo lentamente, em pequenas doses. Quanto mais conseguir estendê-lo, mais você durará. Mas isso não o levará a nenhum outro lugar além do Deserto. — Grapes deu de ombros. — Você decide.

— Escolho viver — repliquei com voz fraca, olhando para o chão. Em toda a minha vida, nunca havia estado tão derrotado.

— Como? Não ouvi.

Escolho viver repeti, um pouco mais alto. — Imaginei que diria isso — respondeu Grapes. — Por isso quero ter uma garantia suplementar de que vai se comportar direito.

O ariano puxou uma navalha do cano de sua bota, e antes que eu tivesse tempo de pestanejar, colocou Lúculo sobre seus joelhos e o fio da lâmina no rabo de meu gato.

— NÃO!

Com um gesto rápido, Grapes deslizou a navalha, e em dois movimentos, cortou o rabo de Lúculo ao meio. O gato deu um profundo uivo de dor, e de repente tudo parecia correr em câmera lenta. O gesto do punho de Grapes traçando um arco ascendente. O fio da navalha coberto de sangue. Esse mesmo sangue saindo a jatos do toco do rabo de Lúculo. Os olhos exorbitados de dor e pânico de meu gato persa. A expressão sádica de satisfação de Grapes. Os nós dos meus dedos, brancos como cal, enquanto eu chacoalhava as grades. Desgraçado, desgraçado, filho da mãe, FILHO DA PUTA! Vou matar você! Está me ouvindo? Juro que vou matar você, grandessíssimo filho da puta! — Até parece. — Grapes se levantou tranquilamente e guardou de novo a navalha em sua

bota. — Não se preocupe com seu gato, vou mandar fazer um curativo ou algo do gênero nesse pedaço de rabo que lhe resta. De repente, seu tom de voz se tornou ameaçador. — Mas se não quiser que eu passe esta noite apostando pedaços de gato persa em uma mesa de pôquer, é melhor se comportar direitinho até amanhã. Combinado?

O sangue de Lúcuo pingava no chão de linóleo sujo, deixando enormes gotas em forma de flor. Eu não conseguia afastar o olhar daquelas manchas. Jamais havia sentido tanto ódio por alguém como naquele momento — Vou deixá-lo sozinho, para que medite. Tenha uma boa noite.

E aquele maldito bastardo, Malachy Grapes, afastou-se assobiando pelo corredor, enquanto em suas mãos os gemidos de dor de Lúculo soavam cada vez mais fracos.

Finalmente, fiquei sozinho, com o pote de Cladoxpan em uma mão e o pedaço do rabo amputado de Lúculo na outra. Meu coração sangrava aos borbotões.

Só então descobri que não era mais capaz de chorar. E que a única coisa que eu queria era vingança.

Bluefont Dia seguinte à blitz As duas primeiras horas da manhã foram as mais animadas. Mendoza instalou seu quartel-general no andar de cima do Gallo Rojo e começou a mandar mensageiros nas quatro direções do gueto. Os mensageiros eram jovens, crianças em algumas ocasiões, de pernas rápidas e olhar faminto. Não entregou uma mensagem física a nenhum deles; obrigou-os a decorar o conteúdo da carta. Dependia de sua velocidade e habilidade que as possíveis patrulhas da Milícia ou dos Verdes não os capturassem. E se caíssem nas mãos dos homens de Greene, não deviam ter nada comprometedor com eles. Lucía e Víktor contemplavam a cena em um canto, um pouco assustados. Alejandra havia arranjado uma caixinha de primeiros socorros e cuidara com delicadeza dos cortes e hematomas do ucraniano, já bastante recuperado. Suas costelas ainda doíam

(provavelmente tinha uma ou duas quebradas), mas era algo que o ex-militar podia suportar perfeitamente. Seu olhar andava por aquele organizado alvoroço como se tentasse decifrar o padrão de todos aqueles movimentos, enquanto matava um prato de ensopado de origem incerta. O que está acontecendo, Víktor? — murmurou Lucía, inquieta, sentando-se ao lado do ucraniano.

— Não tenho certeza — replicou Pritchenko. — Mas isto tem todo o jeito de uma rebelião.

— Uma rebelião? Lucía virou a cabeça, alarmada. Quando? — Acho que em poucas horas — respondeu Víktor. — Imagino que é algo que já estava planejado, mas a blitz de hoje parece ter adiantado os planos. O ucraniano não podia saber até que ponto estava certo. O plano vinha sendo elaborado havia meses. Os hilotas de Bluefont pelo menos uma boa parte deles —, embora estivessem submissos e controlados, não estavam vencidos, longe disso. A rebelião era uma possibilidade que Greene e seus homens levavam muito em conta, e temiam. Pelo menos em quatro ocasiões esteve a ponto de ocorrer, e em outras tantas havia sido abortada de última hora. O gueto estava cheio de informantes, dedos-duros e agentes pagos por Greene, que mediante suborno ou extorsão sempre encontrava alguém disposto a trabalhar para ele. Mendoza suspeitava que em cada batida policial os Guardas Verdes aproveitavam para deixar determinadas casas cobertas por câmeras e microfones. Um dos motivos de ter instalado seu quartel naquele edifício era que o haviam inspecionado a fundo e acreditavam que estava totalmente limpo. Mas, mesmo assim, as possibilidades de que os arianos estivessem a par de seus planos eram reais, e muito presentes. Por isso, aquela blitz imprevista havia feito o planejamento voar pelos ares. Tinham que agir, e imediatamente.

Quarenta minutos depois, trinta pessoas, entre homens e mulheres, espremiavam-se naquele quarto tentando se fazer ouvir no meio do barulho crescente. À medida que iam chegando, cada uma contava uma história mais impressionante que a anterior. Aquela blitz havia sido uma das piores. Não tinham como calcular, mas achavam

que os Verdes haviam levado pelo menos seiscentas pessoas do gueto. — Desta vez foi pior que nunca! — rugia um chicano alto, com a voz tomada pela ira. — Não foram atrás só dos mais fracos! Levaram até homens e mulheres adultos!

— Foi indiscriminada — queixava-se outro. — Não respeitaram nem mesmo os que estavam com a documentação em ordem.

— E quando isso foi um problema para eles? — respondeu amargamente uma voz ao fundo. — Estão nos exterminando, caralho, como naquele maldito filme em preto e branco do Spielberg. Mas tínhamos um acordo! — replicou o primeiro, insistente. A documentação em ordem! A documentação em ordem! Você é um babaca se acredita em toda essa enganação. É um maldito vendido de merda. Sei que você vendeu o cu para arranjar esses pedaços de papel que não valem nada, e agora vem se lamentar. A quem você chamou de vendido, desgraçado? — respondeu o homem, passando a mão na faca que pendia de sua cintura. Todos começaram a vociferar ao mesmo tempo, de modo que era impossível ouvir qualquer coisa. Mendoza subiu na mesa, tentando se impor sobre a multidão. Seu esforço foi inútil, por mais que se esgoelasse. Finalmente, pegou uma inútil tela de computador, levantou-a e a jogou pela janela, estilhaçando os últimos vidros intactos que restavam em todo o edifício.

Ao ouvir o estrondo, todas as vozes se calaram de repente e olharam na direção do mexicano. Ele permanecia em pé em cima da mesa, soltando faíscas pelos olhos. — Vocês são um bando de cretinos soltou. — Não sei por que Greene se incomoda em mandar seus homens aqui, se nós podemos nos matar sozinhos. Calem-se de uma vez por todas e ouçam, se quiserem ter alguma oportunidade de viver. Um coro de murmúrios e tosses seguiu-se a essas palavras. Alguns olhares trocados entre os presentes diziam bem claramente que havia muitos assuntos pendentes entre eles, mas todo mundo obedeceu à ordem de Gato Mendoza.

Chegou a hora — começou Mendoza, após limpar a garganta. — O momento que temíamos e desejávamos. Não podemos suportar nem mais um minuto esta maldita opressão.

Os Verdes nos tratam como se fôssemos carneiros destinados a sacrifício. As batidas são cada vez piores e mais frequentes. Temos que agir agora!

Não sei se é o mais prudente. — Um velho negro, usando um paletó de tweed roído de traça e grossos óculos, se adiantou para falar. Antes da pandemia, havia sido um respeitado professor de filosofia em uma universidade do Meio-Oeste. Por seu jeito de se movimentar, dava a impressão de que era uma pessoa acostumada a se fazer ouvir e respeitar. — Violência só gera violência. O caos leva ao caos. Só com a concórdia e o entendimento podemos encontrar soluções de longo prazo. Tenho certeza de que, se tratarmos esse assunto diretamente com o reverendo e lhe explicarmos a situação, ele cuidará para que isso não torne a acontecer e castigará os culpados.

Ou, ao contrário, podemos aplicar uma política de resistência passiva, ao estilo de Gandhi. Mas não acredito que uma resistência armada seja a melhor solução.

Suas palavras foram seguidas por um aluvião de respostas a favor e contra; todo mundo tentava falar ao mesmo tempo. Professor Banksted prosseguiu Mendoza, quando conseguiu acalmar todos os presentes —, sei que o senhor é uma das pessoas mais sensatas de todo o gueto, mas, infelizmente, isto aqui não é a universidade onde trabalhava.

Nem é o mesmo maldito mundo. O problema é que o senhor não percebe que nós não somos um bando de estudantes exigindo melhoria no menu do refeitório. Estamos falando de salvar nossa vida.

— Nossa vida é preciosa para as pessoas do outro lado do Muro respondeu Banksted sem se abalar. Precisam de nós, para que

saiamos aí fora tentando encontrar alimentos, combustível, roupa e remédios. Sem nós, eles não podem viver! Um murmúrio de aprovação se seguiu às palavras do velho, que cruzou os braços, satisfeito. — Isso é só meia verdade, professor — replicou Mendoza. Em primeiro lugar, nem todos os habitantes do gueto saem para conseguir as coisas. As crianças, os doentes e os velhos como o senhor são prescindíveis aos olhos de Greene. Desde que chegou ao gueto, já saiu alguma vez? Não, não é? O senhor é uma boca inútil, como muitos que vivem deste lado. — Banksted se encolheu, visivelmente incomodado com aquelas palavras. — E além do mais quantos hilotas são necessários para manter Gulfport funcionando? Nunca há mais de quinhentos de nós ali fora, e na verdade acho que uns dois mil escravos lhes bastariam. E seriam mais fácil de manipular. Uma nova explosão de frases cruzadas se seguiu a essas palavras. — Isso são apenas suposições suas — respondeu Banksted, firme. — Eu vivi a segregação racial nos anos 1960, e posso garantir que, se houvéssemos nos levantado em armas, as consequências teriam sido fatais. Vou lhe fazer uma pergunta: nos distúrbios raciais dos anos 1960, enfiavam centenas de negros em um vagão de trem e os levavam a um local desconhecido para não voltarem nunca mais? — perguntou Mendoza com acrimônia.

O velho professor se calou, inseguro, e olhou para o chão antes de responder com um quase inaudível "não". Eles estão nos exterminando, e isso é um fato, gostemos ou não prosseguiu Mendoza. O silêncio na sala nesse momento era total. Todos estavam atentos às palavras do mexicano. — Diante disso, podemos fazer duas coisas.

Ou nos deixamos levar mansamente para o matadouro, como um Holocausto, ou nos rebelamos e lutamos por nossa vida com armas na mão. O pior que pode nos acontecer é morreremos tentando. Mas a morte já está garantida para nós. Um coro de sombrios assentimentos o acompanhou. As dúvidas do grupo estavam se dissipando. — Chegou a Hora dos Justos! A voz de Mendoza troava, imbuída de um espírito vingativo. Chegou a hora de a justiça e a

liberdade se imporem à tirania e à opressão! Chegou a hora de voltarmos a ter o controle de nossa vida! É agora ou nunca, camaradas, companheiros. Vamos pegar as armas e atacar esse maldito Muro! Vamos atravessar Gulfport a sangue e fogo, e dar a esses gordos e folgados brancos uma lição que nunca vão esquecer! Vamos lutar juntos por nossa liberdade! Um uivo de aclamação se seguiu a essas palavras. Os presentes gritavam, erguiam os punhos e de repente pareciam possuídos por uma febre selvagem e insensata. Até o prudente e timorato professor universitário parecia ter se contagiado pela excitação. Alguns até erguiam suas facas no ar, apunhalando inexistentes e fantasmagóricos Guardas Verdes.

Um aplauso soou com força em meio aos gritos, que foram se apagando até se transformar em um murmúrio. Todas as cabeças se voltaram na direção do som dos aplausos e emudeceram de repente. Víktor Pritchenko, em pé perto de uma parede, batia palmas com energia e um sorriso amargo na boca. Bravo! — disse num tom de voz carregado de ironia. Bravo! Um belo discurso, de verdade. Francamente, você me surpreendeu. Isto é algo com que eu não contava. Um mercenário barato transformado em líder revolucionário. Se você não houvesse quase me matado há algumas horas, eu o respeitaria muito mais, sério. Mesmo assim, estou impressionado. — E continuou aplaudindo.

— Tem algo a dizer, güero? — replicou Mendoza, visivelmente incomodado.

— Algumas coisas, sem dúvida — respondeu Víktor, enquanto subia na mesa onde estava o mexicano. A primeira de todas é que vocês têm toda a razão do mundo. Esses filhos da mãe do outro lado do Muro querem acabar com vocês, e vão conseguir. Mas também sei que sua pequena revolução está condenada ao fracasso de antemão. Por que diz isso? — interpelou uma mulher, em um inglês macarrônico. — Somos mais numerosos que eles, e não temos medo de morrer. — Não são mais numerosos que eles, em primeiro lugar — respondeu pausadamente o ucraniano. — Do outro lado do Muro

há muito mais gente que deste lado, mais bem alimentada e em melhor condição física, e principalmente muito mais bem armada.

Por acaso pretendem atacar os Guardas Verdes e a Milícia com facas?

— Temos armas. Mendoza colocou o queixo para a frente, desafiando Prit. — E a Milícia e os Guardas Verdes são menos de trezentos, no total.

— Sem dúvida — respondeu Víktor —, mas tenho certeza de que, em caso de necessidade, Greene poderá armar alguns milhares de homens tens apenas quinze minutos depois de haver começado seu ataque. Eu venho do outro lado, sei do que estou falando. Um murmúrio desconfortável percorreu a sala, mas ninguém interrompeu o ucraniano. — Além do mais, que armas você têm? Pelo que me contaram, os Guardas Verdes os desarmam cada vez que voltam de uma incursão. — Conseguimos esconder algumas armas disse o chicano alto. — E de vez em quando encontramos armas de fogo nas incursões e as passamos escondidas para o gueto. Tenho uma lista. — E estendeu-lhe duas folhas escritas à mão.

Pritchenko olhou os papéis rapidamente e soltou uma gargalhada sarcástica.

— Era o que eu suspeitava disse, virando as folhas. — Vocês têm menos de duas dúzias de rifles de assalto, uma coleção enorme de armas de caça e uma ou outra peça de museu. — Parou em uma das linhas do papel e levantou a cabeça com incredulidade. Uma Thompson? Sério? Uma minimetralhadora de gângster dos anos 1920? De onde a tiraram? Tenho que ver isso! — São armas, e matam tanto quanto as modernas — respondeu o homem, rígido. — Não matam tanto, acredite. — Devolveu-lhe os papéis, meneando a cabeça. E, o que é pior, nem sequer têm munição suficiente para abastecer toda essa artilharia tão heterogênea. Em menos de dez minutos de combate real terão ficado secos. Sorriu, irônico. Imagino que o plano, nesse caso, é matá-los a cusparadas, ou atirando

pedras. E isso para não dizer que a maior parte de vocês não tem a menor formação militar, e muito menos seus comandos revolucionários. — Voltou-se para Mendoza, que o ouvia vermelho de ira. Sem querer ofender, Gato. Ou querendo, que diabos. Acabaram de me quebrar uma costela por sua culpa, filho da mãe. — Temos o fator surpresa — murmurou Mendoza, irado, tentando ignorar as provocações de Pritchenko. — E podemos nos apoderar da munição dos Verdes que matarmos.

Um plano do caralho — replicou Víktor —, se me explicar como pretendem atacar esse muro de concreto e arame farpado e essas barbacãs com metralhadoras pesadas.

Além do mais, você está esquecendo um elemento fundamental: Greene tem o controle total do Cladoxpan. Se o plano não der certo de primeira, eles só precisam cortar o abastecimento durante dois dias para transformar todos vocês em um bando de não mortos. Na verdade, eles têm vocês nas mãos. — Isso não é totalmente verdade — disse uma voz educada e profunda no fundo da sala.

Pela primeira vez desde que havia subido naquela mesa, Víktor Pritchenko hesitou durante alguns instantes, contemplando, incrédulo, a pessoa que acabava de falar.

Porque, com a calça de seu elegante uniforme ainda ensopada de água e uma expressão séria no rosto, Gunnar Strangård acabava de entrar na sala.

Os covardes morrem muitas vezes antes de sua verdadeira morte; os valentes provam a morte uma só vez.

W Shakespeare O quê? Mas o que... -- gaguejou o ucraniano. — O que está fazendo aqui? Pergunto-lhe o mesmo — respondeu o sueco, que ao ver Lucía inclinou a cabeça e a cumprimentou gentilmente. — Mas devo dizer que me alegro de ver que estão sãos e salvos. Eu não diria que isto seja estar são e salvo — grunhiu Víktor, apontando para seu olho roxo e os hematomas no rosto. — Muita gente está pior agora mesmo, acredite. — O sueco

abriu caminho por entre a multidão, cumprimentando com familiaridade a maioria dos presentes. Era evidentemente um rosto conhecido ali. — Olá, Gunnar — disse Alejandra, dando-lhe dois beijos no rosto —, como está? — Olá, Ale — respondeu Strangård, com uma nota de alívio na voz. Que bom vê-la. Isto é um verdadeiro pesadelo. — Eu que o diga — replicou a mexicana. — O que está acontecendo do outro lado do Muro?

— Estão organizando o embarque — respondeu o oficial—, e não temos muito tempo. — Voltou-se para Lucía e Víktor, com uma expressão terrível. Infelizmente, trago muito más notícias. Eles pegaram seu amigo.

Por um instante, o tempo parou dentro da sala. Lucía deu um passo adiante, o sangue fugiu de seu rosto. Como assim, pegaram? — A voz de Lucía tremia. — O que quer dizer?

— Trancaram-no no calabouço. Dizem que matou alguém enquanto tentava roubar uma cepa de Cladoxpan. Vão colocá-lo no comboio que sai daqui a duas horas, junto com todos os detidos na blitz do gueto. Temos que fazer alguma coisa! — Lucía voltou-se para Víktor, ansiosa. — Prit, temos que resgatá-lo agora mesmo! Impossível.

Strangård meneou a cabeça. Ele está fortemente vigiado, e além do mais há uma multidão em volta da delegacia querendo linchá-lo assim que sair. E a cabeça de vocês está a prêmio. Se aparecerem do outro lado, vão atirar primeiro e perguntar depois. Lucía sentiu suas pernas se transformando em geleia e apoiou-se na parede, deslizando até o chão. Uma torrente incontrolável de lágrimas ameaçava afogá-la. Vão matá-lo. Primeiro o massacre no gueto, e agora ele. Ah, Deus, é tudo culpa minha. Como posso ter sido tão estúpida! Alejandra pôs o braço nos ombros de Lucía e tentou reconfortá-la, mas a jovem estava inconsolável. Não conseguia parar de soluçar.

— E agora, o que vamos fazer? — perguntou Alejandra, passando o olhar pela sala. Víktor permanecia em pé, como quem acaba de levar o soco mais forte de sua vida;

Mendoza ainda tentava controlar sua ira e os demais pareciam tão perdidos e confusos quanto ela. — Chegou a hora, Gunnar — disse Mendoza, baixinho. — Precisamos da ajuda dos Justos. — Terão nossa ajuda, não duvide — respondeu Strangård com calma. — Podemos preparar as coisas assim que eu voltar para o outro lado. Espere um instante — disse Viktor, tentando se recuperar. De Nem todo mundo do outro lado do Muro concorda com as ideias de Greene — respondeu Strangård. — Não somos muitos, mas o suficiente para perceber que Gulfport está podre até a medula. Nós nos organizamos clandestinamente.

Se Greene soubesse que existimos, ou que estou aqui, quem estaria dentro desses vagões de trem seríamos nós. Os Justos nos ajudaram desde o início — interveio Alejandra.

Eles nos avisam das mudanças de documentação, arranjam cópias falsas para nós, medicamentos, alimentos e até armas. A ponte submersa que vocês atravessaram ontem não poderia ter sido construída sem a ajuda deles. — Somos obrigados a ser muito discretos — disse Strangård. — Greene tem olhos e ouvidos em todos os lugares.

Desde o momento em que os vi, soube que vocês não eram como essa gente do outro lado. Tentei falar com vocês e explicar-lhes a verdadeira situação da cidade, mas foi impossível.

Birley e toda a tripulação do Ithaca são absolutamente fanáticos, e os vigiavam bem de perto. Depois, também não tive oportunidade. — Vocês são muitos? — perguntou Viktor. Nem mesmo eu poderia responder a essa pergunta — replicou o sueco. — Estamos organizados em células independentes, de forma que, se pegam um, o resto da organização permanece a salvo. Mas temos gente em quase todos os lugares, e deste lado do Muro podem contar com nossa ajuda. — E como vai nos ajudar? — perguntou o ucraniano. — Ora, agora já não lhe parece tão ridícula a ideia da rebelião — interrompeu Mendoza, irônico. — Continua me parecendo ridícula e suicida — respondeu Viktor. — Mas não resta outra opção, pelo que

vejo. — Receio que não — disse Strangård. — No quartel-general de Greene ouviram-se rumores de que em menos de um mês vão proceder à liquidação geral do gueto, e que só deixarão uns 2 mil hilotas vivos. Se é para fazer alguma coisa, tem que ser já. — O Cladoxpan... — disse Pritchenko.

— Eu ouvi o que você dizia — replicou o sueco. — Isso não será problema. Temos quase quatro mil litros de Cladoxpan escondidos em um depósito subterrâneo. Nossa gente de dentro do laboratório arriscou a vida durante meses para tirá-lo aos poucos. Mesmo que Greene lhes corte o abastecimento, poderão sobreviver durante alguns dias, o tempo suficiente, se Deus quiser, para que a rebelião triunfe. — E se não triunfar? — interrompeu o velho professor negro. — E se a revolta fracassar? O que vai acontecer quando essa reserva acabar? — Se a revolta fracassar, esse será o menor de nossos problemas, porque já estaremos todos mortos — respondeu Mendoza friamente. Como pretendem entregá-lo a nós, Gunnar? — Pelo Muro é impossível — disse Strangård, após refletir um instante. — É uma quantidade muito grande para passar de uma só vez. E, se fizermos isso em várias viagens, vamos levar muito tempo, e correr muitos riscos.

— O ideal seria que nós o fizéssemos entrar no gueto — pensou Mendoza em voz alta. — Se o deixarem em um lugar onde pudéssemos pegá-lo mais tarde... — Sim, é uma boa ideia — disse Strangård. — Mas onde? Um silêncio pesado invadiu a sala. Haviam chegado a um beco sem saída.

— Lá fora — interveio Pritchenko, de repente. — Do outro lado da muralha externa.

— Não é má ideia. Strangård sorriu, pela primeira vez. Se camuflarmos os garrafões no meio dos resíduos da cidade... Quando nossa gente for pegar o lixo para levar até o lixão externo, já serão nossos — Mendoza concluiu a frase. — Vamos escondê-los dentro dos caminhões de lixo. Os Verdes jamais revistam esses caminhões.

— Perfeito. — Strangård se voltou para Víktor Pritchenko e sorriu. — foi uma ideia brilhante, amigo. — Tenho meus momentos — replicou Víktor, constrangido. — Quando poderemos fazer isso?

— A saída de resíduos está programada para daqui a uma semana, pelo menos — disse o sueco. — Além do mais, precisamos de tempo para levar os garrafões de forma discreta até o lixão interno da cidade. — Uma semana? Viktor se agitou, inquieto. — Isso é tempo demais! Você acabou de dizer que esse trem de deportação vai sair daqui a duas horas!

— Não podemos fazer mais nada por essa gente. — Strangård meneou a cabeça, compungido. — Mas podemos salvar a vida dos que ainda estão aqui. — Vocês ouviram! — gritou Mendoza aos presentes na sala. — Temos sete dias para organizar tudo. Reúnam seus grupos, preparem as armas e estejam prontos para o sinal. Dentro de uma semana, a ira dos Justos cairá sobre esses filhos da mãe de Gulfport! Um murmúrio de aprovação agitou toda a sala. Como costuma acontecer após tomar uma decisão fundamental, todos se sentiam estranhamente tranquilos, como se houvessem cruzado uma ponte e a queimassem atrás de si. Apostariam tudo em uma carta, mas pelo menos acabariam com aquela sensação de terror permanente. Enquanto as pessoas iam abandonando a sala, Strangård sentiu que alguém lhe segurava o braço. Ao se voltar, viu o rosto de Lucia, transfigurado pelas lágrimas, contemplando-o implorante. Por favor soluçou —, por favor, precisa ajudá-lo. Eu... eu o amo mais que a ninguém neste mundo. Se ele morrer, nada terá sentido para mim. Nada! O senhor é dos Justos, disse que é justo. Por favor, ajude-me. Ajude-o. Strangård hesitou, contemplando a jovem. — Não posso fazer nada por ele disse. Não posso tirá-lo do trem, nem da cadeia. É muito perigoso. Ouça Lucía se endireitou, reunindo toda a energia que restava em seu corpo, e tentando controlar o tremor de sua voz —, sei que estou pedindo algo muito difícil, mas o homem que amo está nesse trem. Se o senhor não pode me ajudar, vou cruzar outra vez essa maldita ponte, irei andando até essa estação e entrarei no vagão com ele, se

necessário. Se ele tiver que morrer, morrerei com ele. Se for viver, por favor... ajude-me.

Strangård engoliu em seco, hesitante. O que ela lhe pedia ia muito além do risco calculado, mas o brilho implacável e decidido nos olhos da garota lhe dizia que ela falava sério. "Os covardes morrem muitas vezes antes de sua verdadeira morte;

os valentes provam a morte só uma vez" — recitou baixinho o sueco, com o olhar perdido. — O que significa isso? — perguntou Lucía com um fio de voz. — Significa que o ajudarei suspirou Strangård. — Ajudarei seu homem.

Obrigada. — Os olhos de Lucía tornaram a se inundar de lágrimas. — Obrigada. — Mas, mesmo que eu o ajude, isso não significa que vai sair vivo da confusão imensa em que se meteu — acrescentou Strangård. — Só poderei lhe facilitar algumas coisas. Depois, tudo dependerá dele. — Não se preocupe — replicou Lucía com um sorriso trêmulo. — Ele é um sobrevivente nato e já saiu de situações piores. Sei que conseguirá.

34 Km 177,5. Interestadual 196, em algum lugar entre Mississípi e Louisiana O coronel Hong estava furioso. A caravana havia parado pela terceira vez. E naquela ocasião parecia que a pausa ia ser longa. O obstáculo estava em uma ponte sobre um vale de mais de duzentos metros de comprimento, obstruída por dois caminhões atravessados. Um dos motoristas havia abandonado seu veículo quando ficara sem combustível e o outro depois de chocar com ele, deixando um monte de ferros retorcidos no meio da ponte. Parte do baú pendia, em equilíbrio instável, sobre a borda, desafiando a lei da gravidade. Após duas semanas de viagem pelo que restava do sul dos Estados Unidos, até o equilibrado Hong sentia seus nervos prestes a explodir. Embora a viagem houvesse sido bastante rápida, não estivera livre de dificuldades. A principal havia sido encontrar combustível suficiente para continuar avançando. Embora fosse verdade que as estradas estavam cheias de veículos abandonados que se deterioravam lentamente à intempérie, a maior parte deles

não tinha nem uma gota de combustível no tanque. Seus donos haviam circulado com eles até que o combustível acabara, e depois, simplesmente haviam seguido a pé, deixando seus carros abandonados de qualquer jeito na rua. Porém, esses eram minoria. A maior parte dos veículos era apenas uma massa de ferros e vidros quebrados. Hong suspeitava que a rápida expansão do vírus havia feito que seus motoristas já estivessem infectados na hora de fugir de casa. O contágio do TSJ não se dava apenas pela mordida; o mero contato com qualquer mucosa (um beijo, sexo) fazia que um portador infectasse uma família inteira em poucas horas. A maior parte dos não mortos havia chegado à sua lamentável condição nos primeiros dias da pandemia, sem ter a menor consciência disso. Cada vez que via um desses veículos batidos, Hong podia imaginar perfeitamente um sujeito dirigindo um carro lotado, com toda a sua família dentro, fugindo de sua cidade natal em pânico; e à medida que se passavam as horas ia se sentindo cada vez pior, até que chegava um momento em que alguém dentro do carro... bem, até para o coronel durão era uma visão preocupante. Os restos carbonizados e amassados nos acostamentos, com suas sorridentes caveiras dentro, provavam que sua teoria estava terrivelmente certa.

Aquilo fez que a busca de combustível se transformasse em um verdadeiro pesadelo. Os motores de seus blindados aceitavam gasolina normal, mediante uns filtros modificados, mas eles tendiam a se obstruir, e os motores sofriam enormemente com aquela mistura estranha. Por causa disso já haviam precisado abandonar dois veículos pelo caminho. Os tripulantes daqueles blindados tiveram que se espremer nos veículos sobreviventes, e aquilo havia causado suas primeiras baixas: dois soldados tinham se aproximado muito do motor, para ficar mais aquecidos, e haviam sufocado com o monóxido de carbono dos escapamentos. Hong acendeu outro cigarro, observando um de seus buldôzers passar pela ponte em direção aos restos retorcidos, guiado por um soldado que caminhava diante da máquina. Via essa manobra pelo menos duas vezes por dia desde que haviam chegado. Quantos carros havia nos Estados Unidos antes da pandemia?, perguntava-se o coronel com

frequência. Às vezes, tinha a sensação de que cada americano tinha pelo menos três veículos, a julgar pela quantidade deles com que haviam cruzado pelo caminho. O coronel coreano olhou seu cigarro e deu uma profunda tragada. Aquilo era uma das poucas coisas boas que, até o momento, haviam conseguido na expedição. O cigarro americano era muito melhor que o terrível chinês a que estavam acostumados, e não faltavam lugares na estrada onde se abastecer. Seus homens eram fumantes, como a maior parte da população norte-coreana; Hong tinha certeza de que poderiam seguir o rastro de sua expedição pelo cheiro de Lucky Strike que iam deixando atrás de si.

O buldôzer chegou perto dos restos dos caminhões e levantou sua pá modificada em forma de um garfo gigantesco para começar a empurrar. No início só se ouviu o rugido do motor, mas pouco a pouco os restos dos caminhões começaram a deslizar pela ponte, em um concerto de chiados, arranhões e um penetrante cheiro de plástico queimado.

Com último esforço, o operador do buldôzer levantou a cabine do caminhão menos danificado e o empurrou para a beira da ponte. A parte que pendia no vazio oscilou perigosamente, mas a cabine havia ficado enganchada em um pilar de aço que sobressaía da amurada da ponte, e o resto não se mexeu nem mais um milímetro. O motorista do buldôzer engatou marcha a ré, ganhou alguns metros e com um rugido do motor partiu de novo para cima do chassi retorcido, como um carneiro metálico de trinta toneladas dando uma cabeçada. Quando a pá impactou a cabine, começaram a acontecer muitas coisas em cadeia. O pilar de aço que o mantinha preso à ponte se soltou, e o caminhão ficou livre. Então, começou a cair no vazio, arrastando consigo o reboque; movimentou-se como um báculo sobre si mesmo como se fosse um pião e acertou os restos do outro veículo, que foram inesperadamente projetados para a frente, sem que o motorista do buldôzer percebesse. Os restos amassados do segundo caminhão acertaram o veículo coreano na lateral com tanta força que o jogaram meio metro longe. Não era

muita distância, mas foi suficiente para que o buldôzer tombasse de lado e caísse pela borda da ponte em câmera lenta. — Não! — rugiu Hong, jogando seu cigarro no chão, impotente ante o que estava acontecendo bem diante de seus olhos. O buldôzer hesitou por uns instantes na borda da ponte, como se no último instante o destino houvesse pensado melhor. Porém, seu condutor, em pânico, abriu a porta lateral reforçada e subiu no chassi, tentando fugir de uma morte quase certa. Se houvesse ficado sentado em seu lugar, a própria inércia teria tornado a colocar o buldôzer sobre suas quatro rodas, mas aquele movimento repentino desestabilizou por completo o frágil equilíbrio em que se encontrava.

Com um som áspero de metal contra cimento, o buldôzer se precipitou no vazio, arrastando com ele seu condutor e os restos destruídos de dois caminhões batidos naquela ponte maldita muito tempo atrás. A massa emaranhada de pá e caminhões estatelou-se no fundo do precipício com um som retumbante que deve ter sido ouvido muitos quilômetros além. Uma enorme coluna de pó e fumaça se levantou no lugar do impacto, e por um instante toda a expedição ficou congelada, contemplando o lugar do acidente com incredulidade. — Senhor — o tenente Kim se aproximou do coronel Hong com cautela. Sabia que seu superior era um homem equilibrado, mas muito perigoso quando se enfurecia. E não era preciso ser muito esperto para perceber que Hong estava ardendo de raiva —, perdemos uma das pás, mas o caminho está aberto.

Hong respirou profundamente duas vezes, com as mandíbulas tensas. Perder um blindado era ruim, mas perder uma de suas duas pás reforçadas era uma verdadeira tragédia.

Aqueles veículos haviam sido planejados especialmente para abrir caminho em estradas cobertas de obstáculos e com a presença de não mortos. As cabines eram protegidas por vidro reforçado e situadas em uma posição mais alta que o habitual, de forma que o motorista sempre estava a salvo. A perda de uma delas era insubstituível.

Não vale a pena chorar sobre o leite derramado, pensou Hong, com fatalismo oriental. E temos um prazo a cumprir. — Temos que seguir adiante — disse ao tenente. — Além do mais, o culpado já está morto. Nada nos prende aqui. — Entrou em seu blindado e girou o duas vezes braço no alto, acima da cabeça, para indicar que ligassem os motores. — Vamos embora!

Com um estrondo, a coluna cruzou em fila indiana aquela ponte, deixando no fundo do barranco uma pira ardente onde o buldôzer e o corpo de seu condutor se consumiam.

Uma hora depois, Hong suspirou e se abandonou em seu banco. A viagem estava sendo uma verdadeira loucura. Desde o início haviam decidido utilizar no avanço vias secundárias com a intenção de deixar para trás os principais núcleos de população, pois ali se encontravam as concentrações mais altas de não mortos. Além do mais, naquelas vias alternativas mais dificilmente a rota estaria interrompida. O reconhecimento prévio por satélite havia detectado vários pontos ao longo das principais vias que eram absolutamente intransitáveis. Em alguns lugares, as autoridades locais haviam explodido pontes e túneis, em uma última tentativa desesperada de conter a propagação da doença, tal como se fazia na Idade Média para evitar que a peste negra se espalhasse. Em outros, havia engarrafamentos gigantescos, de vários quilômetros de extensão, impossíveis de atravessar. Por fim, algumas estradas cruzavam zonas (antes) tão povoadas que teriam tido que abrir caminho a ferro e fogo para vencer poucos quilômetros por dia. De modo que circulavam por velhas estradas estatais ou locais, e em duas ocasiões até haviam feito longos trajetos pelo meio do campo.

A região do sul do Texas era muito plana e aberta, o que os ajudara a avançar com rapidez, mas, desde que haviam entrado em Louisiana, tudo se complicara muito, e seu avanço ficou enormemente lento. O mais assustador de tudo eram as cidades. Aquelas estradas secundárias cruzavam dezenas de cidadezinhas impossíveis de contornar.

Cada vez que chegavam a uma delas, Hong dava ordem de fechar os blindados e atravessar as ruas a toda a velocidade. E sempre que chegavam a uma dessas cidades mortas acontecia o mesmo: o incrível espetáculo de uma formação fechada de blindados cruzando a deserta rua principal, esquivando-se de carros, árvores caídas e restos de lixo, enquanto dezenas de não mortos, que vegetavam havia meses, reativavam-se ao sentir a presença de humanos e se interpunham em seu caminho.

Via de regra, não eram um problema muito grande. A população daquelas cidades não costumava passar, em nenhum caso, de mil pessoas, e o comboio atravessava tão rapidamente as ruas que não havia tempo para que se concentrassem mais de duzentos não mortos. Apenas em uma ocasião, em um vilarejo perdido chamado Livingston, no Texas, muito perto da fronteira com a Louisiana, haviam se encontrado em um sério apuro. Livingston era a capital do condado de Polk antes do Apocalipse, e também a maior cidade de sua região, com uns cinco mil habitantes. Embora conhecessem esse dado antes de entrar na cidade, decidiram atravessá-la, pois contorná-la teria representado um desvio de mais de setenta quilômetros. Esse foi seu primeiro erro. O segundo erro foi dividir o grupo em duas unidades para procurar combustível.

Atravessar a cidade em dois grupos dobrava o risco, mas também as possibilidades de se arranjar combustível. Sabendo que as ruas laterais eram mais estreitas que a principal, o coronel decidiu deixar as duas pás naquele grupo, caso ficassem entalados. Hong sabia que aquele era um risco quase inaceitável, mas não tinha outro remédio. Depois de cruzar o sul do estado do Texas no espantoso tempo de duas semanas, estavam na faixa do mínimo. Não restava combustível para mais de cinquenta quilômetros, e Livingston era a única cidade em muitos quilômetros. O coronel suspeitava que se havia algum lugar onde podiam encontrar combustível era ali, de modo que a culpa não fora totalmente dele. O terceiro erro também não era culpa do coronel, mas de uma circunstância externa. Os habitantes do condado de Polk e dos

arredores haviam sido agricultores e pecuaristas, desconfiados com estranhos e com o governo federal. Quando chegou a ordem de se agrupar nas Áreas Seguras, a maior parte a ignorou e preferiu se concentrar no lugar que lhes inspirava mais confiança. E esse lugar era Livingston, a capital do condado. Por isso, quando uma semana antes o comboio norte-coreano entrou naquela cidade e se separou em dois grupos para começar o rastreamento em busca de combustível, eles não sabiam que estavam se metendo em um formigueiro onde mais de quinze mil não mortos aguardavam fazia quase dois anos, expectantes, que aparecessem suas primeiras vítimas humanas.

Caíram sobre eles por todos os lados. O primeiro sinal que tiveram que alguma coisa estava errada foi quando uma multidão de cerca mil não mortos se concentrou em uma ponta da avenida principal de Livingston, obstruindo a passagem de uma das metades do comboio... exatamente a que não contava com bulldôzers. Os blindados arremeteram contra a multidão, mas o veículo que ia na frente teve que parar quando o torso mutilado de um cadáver se enganchou no vão que havia entre o eixo e o chassi dianteiro. A rua era muito estreita para continuar avançando, e a caravana ficou presa em um congestionamento fenomenal.

Os norte-coreanos, trancados em seus blindados, ouviam aterrados a multidão enorme que os cercava por completo, gemendo e batendo com as mãos nuas em seus veículos. Ainda mais terríveis eram os gritos dos pobres infelizes do primeiro veículo, que, contrariando as ordens, abandonaram seu BTR-60 bloqueado. No início, atiraram feito loucos, enquanto socavam as portas dos demais blindados pedindo ajuda. Hong teve que usar toda a sua autoridade para impedir que seus homens ajudassem seus camaradas em apuros. Sabia que, se uma única porta se abrisse, em questão de segundos os não mortos entrariam nos veículos. Por fim, os gritos foram diminuindo, até que cessaram totalmente.

Hong ordenou, então, que os blindados empurrassem uns aos outros, criando uma espécie de imensa lagarta blindada. Com a

força combinada de vários motores, conseguiram afastar o veículo engarrafado para o lado e abrir caminho lentamente por entre a multidão, esmagando-a sem compaixão. Quando chegaram ao outro lado da cidade, tiveram que esperar meia hora até que chegasse a outra coluna, que com melhor sorte conseguira sair sem um arranhão. Mas o combustível ainda não aparecia.

Só à tarde finalmente chegaram a um posto de gasolina perdido no meio do nada. Naquele lugar abandonado encontraram apenas quatro não mortos (o dono do posto e sua família, que não representaram um sério problema para os homens de Hong. O proprietário, além de membro ativo da Associação Nacional do Rifle e fanático por armas (dentro de sua casa encontraram um verdadeiro arsenal), havia sido um sujeito precavido, que instalara um duplo sistema de fechamento nos tanques. Para um viajante solitário, aquilo teria sido um desafio invencível, mas Hong contava com os homens, os meios e a força bruta necessária, o que lhe permitiu reabastecer em menos de meia hora e ainda carregar uma boa quantidade de barris cheios de combustível em seus BTR-60. E além de todos os problemas com o combustível havia os não mortos, naturalmente. Os coreanos foram testemunhas de como os fungos e as bactérias estavam comendo lentamente aqueles seres, mas não todos por igual. O efeito era muito mais acentuado nas áreas mais úmidas e nos indivíduos que tinham feridas abertas. Enquanto rodavam pelo interior seco e empoeirado do Texas, os não mortos tinham um aspecto mais ou menos "normal" (ou pelo menos tão normal quanto podia ser uma pessoa morta e reanimada). Mas à medida que se aproximavam do Mississípi e aumentava a umidade ambiental, o aspecto dos monstros ia variando substancialmente. Todos os não mortos apresentavam um grau maior ou menor de infestação de fungos, mas, quanto mais se aproximavam do Grande Rio, o grau era muito maior. Em alguns casos, era uma imagem horrorosa, corpos humanos totalmente cobertos por uma penugem de fungos verde, azul, laranja ou uma combinação de todos eles, como se estivessem embrulhados em uma delicada gaze multicolorida. Em outros casos, não era uma gaze, e sim uma

camada densa que quase não permitia ver o corpo que estava debaixo de tudo aquilo, e que se movia de forma desajeitada. E, por último, os incontáveis montes de carne podre e coberta por colônias de fungos que se encontravam aqui e ali, cada vez com maior frequência, indicavam o ponto onde um não morto havia caído para não se levantar nunca mais. Ao olhar aqueles sujos montinhos, Hong compreendeu, com um calafrio de terror, que aquela viagem que estavam fazendo teria sido absolutamente impossível no ano anterior.

Em uma ocasião, tinham atravessado uma pequena cidade sem nome onde não havia absolutamente ninguém. Nem pessoas, nem não mortos, nem mesmo animais. Estava totalmente vazia. E enquanto a coluna de Hong a cruzava lentamente, com seus soldados olhando para todos os lados e sussurrando amedrontados entre si, o coronel se sentiu como se eles fossem os últimos homens vivos sobre a face da terra. Por isso, quando cinco dias depois cruzaram com um grupo de pessoas vivas, a surpresa foi enorme. O comboio havia parado à sombra de um pequeno bosque de freixos. Havia estacionado formando um círculo, como as carretas de colonos do Velho Oeste, enquanto se reabasteciam de víveres e faziam uma revisão mecânica de rotina. Dentro do círculo, seus homens haviam acendido umas fogueiras e cozinhavam arroz. Metade dos rapazes descansava ou tentava dormir, enquanto a outra metade vigiava para que não houvesse nenhuma visita inoportuna. Hong havia mandado colocar sua mesa debaixo de uma árvore especialmente frondosa, e estava ocupado preenchendo o relatório diário (mesmo no meio do caos; assim era o exército norte-coreano) quando escutou os tiros. A primeira coisa que pensou foi que estavam sofrendo um ataque, de modo que sua mão soltou imediatamente a caneta e pegou a Makarov que pendia de sua cintura. Porém, logo a soltou e se levantou como um furacão. Os tiros soavam abafados, à distância. — Kim! Kim! — gritou, enquanto abotoava a jaqueta do uniforme e atravessava correndo o círculo central do acampamento. Seu assistente surgiu de repente ao seu lado, como se saísse de uma cartola, silencioso como de costume.

— Eu ouvi, coronel disse tranquilamente enquanto checava seu rifle. Foi a sudoeste, a cerca de quatro quilômetros, mas a distância é difícil de precisar. Com esse silêncio, o som viaja muito longe. — Mande dois blindados de reconhecimento. — Hong não pretendia arriscar toda a sua coluna lançando-se às cegas em um lugar desconhecido e sem saber o que estava enfrentando. De repente, pensou melhor e arrebatou o fuzil das mãos de Kim. — Melhor ainda, fique aqui e mantenha contato permanente por rádio. Irei pessoalmente.

Coronel, não acho que seja prudente — o tenente tentou interrompê-lo, mas um breve olhar venenoso de Hong o pôs novamente em seu lugar. Como quiser, meu coronel. Hong entrou em um dos blindados leves de reconhecimento, que já estava pronto e com o motor ligado. Os homens do coronel eram tropas curtidas e experimentadas que não necessitavam que lhes dessem ordens em situações de combate. Quando o coronel entrou no carro de assalto, todos estavam em seus postos e com as armas preparadas. Vamos lá, rapazes — incitou Hong, com a adrenalina rugindo em suas veias. — Sintam o cheiro e a presença do Amado Líder com vocês. Avante!

Os dois blindados leves abandonaram a segurança do círculo e se dirigiram rapidamente para a origem do som, rodando por uma idílica estrada, ladeada por bordos, que corria ao lado de um pequeno rio. As folhas das árvores estavam vermelhas e criavam um agradável dossel vegetal. Porém, Hong tinha a sensação de circular sob um manto de sangue. Mas o ardor do combate o chamava. Os tiros indicavam a presença de humanos, e os humanos sem dúvida eram um desafio muito mais interessante que os podres. Os humanos falavam e tinham informação, exatamente o que mais Hong necessitava naquele momento. À medida que iam se aproximando, o barulho dos tiros se tornava cada vez mais audível. Em determinado momento, ouviram até algumas explosões, que o ouvido treinado de Hong classificou imediatamente como de granadas de mão. Aquilo era bastante tranquilizador, porque os blindados leves de Hong não tinham armamento pesado. Se

encontrassem uma companhia pesada ou um grupo muito numeroso, poderiam ter problemas. Ao chegar ao cume de uma colina, a pequena caravana parou de repente. Hong abriu cautelosamente a escotilha superior e levou o binóculo aos olhos. No fundo de um vale, a menos de dois quilômetros, havia um pequeno vilarejo de não mais de quarenta casas. E os tiros saíam dali.

O coronel norte-coreano observou atentamente as ruas do vilarejo. Dali de cima podia ver pelo menos duas dúzias de pequenas figuras vestidas de verde que andavam por entre as casas. Em uma esquina da rua principal, meia dúzia de veículos, entre caminhões e blindados leves, estavam estacionados, formando uma barreira infranqueável. Muitas das figuras de verde entravam nas casas e saíam depois de um tempo carregando um monte de coisas, que iam introduzindo nos caminhões. Outro grupo percorria lentamente a cidade, abatendo os lentos e desajeitados não mortos devorados pelos fungos. Hong baixou o binóculo e pensou um instante. Aquele grupo estava saqueando o vilarejo, e os poucos não mortos que havia ali não representavam nenhum desafio para eles. A pergunta que o coronel se fazia era se aqueles homens eram um grupo isolado ou se faziam parte de um destacamento de exploração de algum lugar mais importante e habitado. Como Gulfport, por exemplo. Tinha sentido. Afinal de contas, estavam a menos de duzentos quilômetros de seu objetivo. Se Gulfport era tão grande como suspeitavam, as partidas de abastecimento deviam ter que percorrer um raio cada vez maior para conseguir mercadoria. Só havia uma maneira de descobrir. — Sargento, rode com o blindado até um quilômetro do vilarejo pelo lado leste e espere meu sinal. Entraremos a pé por dois flancos simultaneamente. Esses imperialistas não estão nos esperando. — Sorriu, sentindo a intensa excitação da caça. — Vão ter uma bela surpresa. Não deveríamos avisar o acampamento e pedir reforços, senhor? perguntou cautelosamente o sargento, um sujeito alto e macilento. — Não temos tempo replicou Hong, fazendo um gesto desanimado com a mão. Já estão carregando os caminhões e podem ir embora a

qualquer momento. Além do mais, se trouxermos mais homens, vão nos detectar antes de chegarmos. Não, temos que aproveitar a oportunidade agora mesmo. O sargento fez uma saudação e se afastou com os cinco homens de seu grupo no blindado leve. Hong, por sua vez, ordenou que seu blindado, com os outros cinco soldados, rodasse lentamente colina abaixo.

Ao chegar a uns oitocentos metros do vilarejo, fez que o motorista do veículo estacionasse no meio de um milharal de aspecto selvagem devorado pelas ervas daninhas.

Uma vez detido, saíram do veículo e se aproximaram do vilarejo a pé. Os saqueadores estavam com os motores de todos os veículos ligados, e, além do mais, os tiros de suas armas abafaram qualquer barulho que os coreanos pudessem ter feito ao se aproximar, mas o coronel era prudente. Queria que a surpresa fosse total. Ao chegar à primeira casa do vilarejo, antes de entrar pela porta dos fundos, dividiu sua pequena equipe em dois pelotões. Embora estivessem em clara inferioridade numérica, Hong contava com a surpresa e com o fato de seus soldados serem excelentes profissionais. Sem risco não há vitória, era o lema de sua unidade, e o coronel aplicava essa norma ao pé da letra. Sem fazer barulho, o coronel se arrastou até a janela da casa para obter uma visão direta da rua. Ao se aproximar, o ombro de Hong bateu levemente em uma mesinha situada ao lado de uma poltrona. Hong esticou a mão para evitar que os porta-retratos de cima da mesa caíssem ao chão. Ao fazer isso, um sorriso irônico surgiu em seu rosto. Na foto que segurava via-se um sério marine americano dos anos 1950 olhando para a câmera, ao lado de três companheiros, em volta de uma baliza onde se lia "Pyongyang 115". A casa de um veterano da guerra da Coreia. Engraçado. Esse filho da mãe com certeza matou muitos compatriotas, pensou o coronel, ciente da ironia da situação. O dono daquela casa havia viajado milhares de quilômetros quando era jovem para matar norte-coreanos. Agora era Hong quem fazia a viagem de volta, cinquenta anos depois, para matar americanos em seu próprio lar. Um grupo de homens de verde se aproximava da

casa naquele momento. Hong notou que todos eram negros e chicanos, exceto dois asiáticos mirrados com jeito de esgotados. O coronel não deu importância. Para ele, todos eram seus inimigos, sem importar a cor da pele.

Ei, Weeze! gritou um dos homens. Vá com Randy e José a essa casa da esquina. — O sujeito levantou o braço e apontou para onde Hong e seus homens se escondiam. — Charlie, Fernando e eu vamos cuidar desta outra. O resto pode ir para... As palavras do homem ficaram pela metade quando uma rajada de balas do AK-47 de Hong o atingiu em pleno esterno. O sujeito foi jogado para trás como se houvesse levado um soco gigantesco, enquanto o negro que estava ao lado (Charlie? Fernando?) arregalava os olhos, com ar de incredulidade. Infelizmente para ele, foi a última coisa que fez, porque nesse mesmo momento outra rajada estourou sua cabeça em um festival de estilhaços de ossos e sangue que respingou em todas as direções. Os homens de verde voltaram-se assustados. Alguns levantaram suas armas, procurando os atiradores invisíveis, outros começaram a atirar às cegas, enquanto uns poucos deram a volta e saíram correndo. Tudo foi inútil. Os norte-coreanos eram atiradores excelentes, e além do mais haviam formado uma emboscada perfeita. Todos os membros do grupo caíram no chão enquanto as balas repicavam à sua volta. No total, o tiroteio durou apenas alguns segundos. Quando acabou, o ar cheirava a pólvora e sangue, e dez corpos de uniformes verdes jaziam no meio da rua empoeirada. Não havia tempo a perder. Hong saiu da casa pulando a janela, sem se demorar para dar alguma ordem a seus homens. Sabia que eles iriam atrás dele, colados como sua sombra. No outro lado do vilarejo já se ouviam os característicos tiros dos AK-47, parecidos com o som de uma gigantesca máquina de escrever. O grupo do sargento havia entrado em ação. Enquanto corria pela rua, o sangue latejava com força nas têmporas de Hong. Por enquanto, ainda não se ouviam os latidos secos dos M16, mas aquilo não podia demorar. — Rápido, para os caminhões! — ordenou com gesto seco a seu segundo grupo. O seu, enquanto isso, começou a correr para o supermercado local, que tinha todas as janelas

fechadas com tábuas e a porta arrancada. Sabia que ali dentro havia pelo menos sete ou oito desconhecidos.

Quando estava a menos de trinta metros, três pessoas surgiram na porta. Duas delas levavam seus fuzis a tiracolo e tinham as mãos completamente ocupadas com caixas de papelão cheias de víveres. O terceiro, um sujeito calvo e cheio de tatuagens, segurava seu M16 distraidamente, com uma sacola na outra mão. — Que alvoroço é esse, caralho? perguntou o calvo aos gritos. — Por acaso querem atrair todos os malditos não mortos de... Merda! Mas que diabos... Hong atirou com a arma ainda na cintura, sem parar de correr, soltando um grito de guerra. O sujeito calvo girou como um pião quando as balas do coreano atravessaram seu peito. Os outros dois homens deixaram cair as caixas no chão e tentaram pegar suas armas, mas caíram mortos antes de sequer conseguir pôr as mãos nelas. Sem perder impulso, Hong e os dois homens que ainda o seguiam saltaram sobre os corpos agonizantes e se postaram dos dois lados da porta. A um sinal, jogaram simultaneamente três granadas de mão dentro do local e se agacharam. A explosão estourou os vidros e arrancou algumas tábuas que fechavam as janelas. Um homem ensanguentado, com o uniforme esfarrapado e sem uma mão, surgiu na porta gritando de dor. O pobre-diabo tropeçou no cadáver do calvo e caiu escada abaixo até chegar ao nível da rua, onde finalmente ficou imóvel. Naquele instante, todo o vilarejo rugia entre disparos. O segundo grupo de Hong havia pegado de surpresa os homens de verde que carregavam os caminhões e os havia liquidado em questão de segundos. Finalmente, os hilotas haviam percebido que alguém os estava atacando (alguém VIVO) e tentavam se organizar em uma fraca cortina de fogo e apoio mútuo. Dois não mortos apareceram de repente em meio à luta, saídos de dentro de uma casa. Eram uma senhora e uma mulher de idade indeterminada; os fungos haviam devorado todo o seu rosto, a ponto de deixá-la reduzida a uma caveira macabra. A colônia já devia estar devorando seu cérebro, porque se movia de uma maneira espasmódica e sincopada, como se fosse sacudida por um Parkinson inimaginável. As balas surgidas

de um dos lados acertaram a mulher caveira, mas a velha conseguiu chegar intacta até o meio da rua, de forma quase milagrosa. Alheia ao enfrentamento que estava havendo ali, toda a sua atenção estava concentrada na figura de um hilota que se esforçava para recarregar seu M16, sem notar o que se avizinhava. A não morta se jogou sobre o soldado com um rugido; o homem teve o tempo exato de levantar a culatra de sua arma e bater com força na boca do monstro. Um jorro de sangue e dentes destruídos saiu da boca da velha, que cambaleou para trás. O hilota aproveitou o momento para apontar para a cabeça dela e dar dois tiros. Porém, ao fazer isso, levantou-se e, antes que o cadáver da não morta parasse de se sacudir no chão, ele próprio caiu abatido com meia dúzia de balas no peito. De repente, uma enorme explosão se ouviu em toda a rua. Os homens de Hong haviam jogado explosivos dentro de alguns dos blindados hilotas, que tinham voado pelos ares, transformados em ferro velho ardente.

Não! — gritou Hong, levantando a cabeça prudentemente. — Não os explodam! Podemos precisar deles! Duas balas entraram na parede de madeira situada bem ao lado da cabeça do coronel, levantando um festival de afiadas farpas. Hong se protegeu atrás de um Ford abandonado, com os pneus murchos, xingando. Uma nova explosão atroou em seus ouvidos, enquanto um dos caminhões voava pelos ares. Não joguem granadas, repito, não joguem granadas! Hong gritava ordens por seu walkie-talkie, com a esperança de que o ouvissem do outro lado do tiroteio.

Milagrosamente, seja porque alguém havia captado sua ordem ou porque haviam ficado sem bombas de mão, as explosões cessaram. Mas não os tiros, que seguiam pontilhando o lento retrocesso dos hilotas sobreviventes, naquele momento cercados em uma das casas situada na ponta da avenida principal. Os hilotas tentavam estabelecer uma resistência organizada, mas, embora fossem mais numerosos, não representavam um sério rival para Hong. Eram homens e mulheres sem formação militar, na maioria, e até aquele momento seu único rival haviam sido os não mortos. Ter que

enfrentar soldados de elite que atiravam e se cobriam era uma coisa muito diferente. Toda a rua estava coberta de cadáveres vestidos de verde, que davam fé daquilo. Ultrapassados em potência de fogo e pegos de surpresa, sua resistência estava fraquejando. Estavam prestes a desmoronar. De repente, um lençol branco surgiu em uma das janelas destruídas da casa onde os hilotas haviam se refugiado. Hong ordenou imediatamente a seus homens que parassem de atirar. Vamos sair! — gritou uma voz rouca. Não atirem! Não atirem, caralho, estamos nos rendendo! Vamos sair! Um grupo assustado de cinco hilotas, dois homens e três mulheres, saiu pela porta principal. Um deles segurava o braço direito ensanguentado com expressão de dor. A bala que o havia atingido destruíra seu ombro bem na articulação. Aquele sujeito não ia tornar a mexer o braço na vida, observou Hong. Tanto fazia. — Armas no chão! — gritou o coronel. — E mãos na cabeça! Os assustados hilotas obedeceram imediatamente. Dois soldados norte-coreanos se aproximaram e se certificaram de que não tinham armas escondidas; depois, obrigaram-nos a se ajoelhar voltados para a parede. O assalto havia sido um sucesso completo. Apenas um de seus homens tinha um leve arranhão de bala em uma coxa, ao passo que, no chão, os corpos de pelo menos quarenta hilotas começavam a atrair enxames enormes de moscas.

O coronel se aproximou e observou com ar de interesse que uma das prisioneiras havia feito xixi nas calças, aterrorizada. Devia ter certeza de que a iam violentar. Em outras circunstâncias, Hong teria aprovado aquilo (de fato, ele mesmo o havia feito no passado, em mais de uma ocasião). O estupro era uma arma psicológica muito importante em um interrogatório. Podia fazer que até a bruxa mais reservada e impenetrável começasse a cantar como um passarinho. Tudo dependia da brutalidade e da frequência do sexo forçado. Mas não tinham tempo para isso. Porém, seus prisioneiros não sabiam. Tinham apenas que aplicar a dose exata de terror, nem um grama a mais, nem um suspiro a menos. E nisso Hong era um mestre. Na ponta da fila estavam os dois homens sobreviventes, o do braço quebrado e outro, um negro, enorme, com os braços cobertos de

tatuagens. Hong notou que o homem tinha uma atadura enrolada no bíceps e outra na panturrilha. Feridas recentes. Interessante. Como é seu nome? — perguntou. Caralho, vocês são chineses! — exclamou o hilota, sem responder à pergunta. — Ou vietnamitas. Que diabos estão fazendo em nosso país, amarelos? Hong olhou fixamente para ele com seus olhos mortos durante um tempo. O hilota, valente, tentou sustentar o olhar, mas não conseguiu. Na realidade, poucos podiam olhar diretamente para Hong, de modo que finalmente ele baixou a vista. — Vá à merda replicou altaneiro, com a cabeça abaixada. O sujeito do ombro ferido sorriu ao ouvir o desafio de seu companheiro, que mesmo ajoelhado mantinha a dignidade. Hong voltou a cabeça, contemplou-o durante alguns segundos e, de repente, sem uma palavra, desembainhou sua Makarov e deu-lhe um tiro na cabeça. O homem do ombro quebrado desabou como um saco de areia, enquanto do buraco em sua testa saía sangue sem parar, a jatos regulares. A mulher ao seu lado começou a gritar como uma histérica, incapaz de afastar o olhar da poça de sangue que se formava lentamente e que se aproximava de seus joelhos. Hong segurou a mulher histérica pelo cabelo e bateu brutalmente nela com a culatra de sua pistola. Tumb, uma vez. Tumb, duas vezes. Tumb, três vezes. Em cada golpe se ouvia um estalo, à medida que o nariz e os dentes da prisioneira ficavam feito areia. Por fim encostou o cano de sua pistola na nuca da mulher e tornou a olhar para o hilota negro que o observava soltando faíscas de raiva pelos olhos. Vamos começar de novo — disse Hong, enquanto apertava o cano quente na nuca da garota, que soluçava em meio a bolhas de sangue, lágrimas e muco. — Como é seu nome? Como é seu nome? gritou. Darnell, Darnell Holmes — replicou o negro musculoso, após um interminável segundo, mastigando cada palavra com ódio concentrado. — De onde vocês vêm, Darnell? — Viemos de Gulfport. Ouça, se fizer alguma coisa com Chantelle, juro que vou... Hong sorriu ao ouvir aquilo. Bingo. — Fale quando eu mandar, Darnell Holmes de Gulfport. Diga-me, como ganhou essas feridas? Isto? — O hilota olhou para Hong, confuso, e a seguir para seus curativos. E o que importa? — Eu decido o que importa ou não, Darnell Holmes. E agora, fale. — Ouça, não

queremos problemas. Apenas estamos procurando provisões e... Hong engatilhou sua pistola e a apertou com mais força contra a nuca da garota, que soltou um grito de horror. — Estou perdendo a paciência, Darnell. — Está bem, está bem, caralho! Foi há umas semanas, na África, procurando petróleo. Uns podres quase me pegaram no porto e me morderam.

A mão de Hong hesitou por um segundo, enquanto ele cambaleava, impactado pelo que acabava de ouvir. Havia perguntado pelas feridas com a esperança de saber se resultara de algum tiroteio anterior, pois isso implicaria que existiam outros grupos armados a levar em conta. Saber que haviam sido provocadas por um não morto era a última coisa que esperava. Como isso é possível? Explique-se! Darnell sorriu astutamente, pela primeira vez desde que o tiroteio havia começado.

— Direi com uma condição. Passou a língua pelos lábios secos enquanto pensava a toda a velocidade. — Que você nos liberte, as garotas e a mim, e nos deixe ir sem nos fazer nada. Combinado? Hong o contemplou em silêncio durante segundos intermináveis. Por fim, inclinou-se para a frente embainhando sua pistola e levando a mão direita ao peito. — Tem minha palavra de oficial de que respeitaremos sua vida e os deixaremos voltar a seu lar. Agora fale. Explique como é possível que tenha sido atacado por um não morto e ainda esteja vivo. Darnell olhou-o com receio. Não confiava naquele amarelo que falava um inglês enferrujado, mas não tinha outra opção. Em Nova Orleans, sua cidade natal, havia aprendido que, quando alguém aponta uma pistola para sua cabeça, você tem poucas alternativas. De modo que começou a falar. À medida que falava, a expressão do coronel Hong ia se transformando; primeiro em assombro, depois em profunda reflexão, e, por último, deu lugar a um semblante decidido e ambicioso. Nesse momento, Darnell se perguntou se não teria cometido um último e lamentável erro.

Uma hora depois, a expressão decidida e ambiciosa não havia se apagado do rosto do coronel Hong, enquanto toda a coluna coreana atravessava o vilarejo com estrondo, levando consigo os caminhões

e os blindados restantes dos hilotas. Em uma vala, os corpos de Darnell e seus quatro companheiros apodreciam lentamente, esperando que à noite os coiotes chegassem ao vilarejo para o banquete. Enquanto isso, Hong, recostado em seu desconfortável banco do blindado, sorria satisfeito, girando nas mãos uma garrafa cheia de um líquido leitoso subtraído da bagagem de Darnell. Porque, quando voltasse à Coreia, levaria algo muito melhor que a localização de um poço de petróleo. Levaria a chave da vitória definitiva de seu país sobre todo o mundo.

Gulfport, gabinete do xerife Na manhã seguinte, um grupo de Guardas Verdes e de milicianos de Greene foi me buscar. Era muita escolta para um único preso, mas não pareciam querer ter nenhuma surpresa de última hora. Mandaram que pusesse as mãos entre as grades para me algemar e, a seguir, tiraram-me da cela, com três homens na frente e mais três atrás. Em vez de sair pela porta principal da delegacia, tiraram-me do edifício por uma porta lateral que em outra época devia ter sido utilizada para tirar o lixo. Ali me esperava uma van municipal com o estúpido adesivo SERVIÇOS MUNICIPAIS GULFPORT A cidade que olha para o mar com alegria!

nas laterais. Estávamos em um beco, de modo que não havia testemunhas indesejadas ou manifestantes furiosos que quisessem me jogar pedras. Quase agradei por isso. O trajeto de van foi breve. Assim que entrei, colocaram-me um saco de pano na cabeça, para que eu não pudesse ver nada. Aquele saco devia ter contido cebolas em algum momento, porque o cheiro era nauseante. Tive que fazer esforços sobre-humanos para não vomitar durante o trajeto, mas não porque temesse sujar o piso do furgão (que não estava exatamente limpo), e sim porque vomitar podia me custar a vida. Eu precisava reter dentro de meu corpo tanto líquido quanto fosse possível, mas, acima de tudo, não podia me permitir perder nem uma gota de Cladoxpan. Na noite anterior, eu o havia provado pela primeira vez, assim que Grapes fora embora, e consegui fazer meu nível de ira baixar alguns graus. O líquido tinha um aspecto bastante repulsivo, e o cheiro não era nada do outro mundo.

Realmente lembrava algo entre o leite estragado e um suco de frutas meio passado, com aquele toque ácido que faz enrugar o nariz. Porém, o sabor era uma coisa totalmente diferente. Quando dei um gole, a primeira impressão foi absolutamente maravilhosa. Embora o líquido estivesse à temperatura ambiente, senti uma sensação refrescante, como se estivesse bebendo uma jarra de água gelada. Aquele líquido parecia abrir todos os poros de minha pele, deixando-os respirar de novo. Ao mesmo tempo, a sensação de calor que eu sentia diminuiu, e os tremores que sacudiam minhas mãos pararam imediatamente. Eu não tinha nenhum espelho à mão, mas apostaria o que me restava de Cladoxpan que as pequenas veias estouradas em minha pele haviam desaparecido como em um passe de mágica. Tive que reunir toda a minha força de vontade para parar de beber. O sabor era doce e cremoso, e até a última célula de meu corpo clamava para que eu continuasse bebendo indefinidamente. Tenho certeza de que se tivesse um barril à minha disposição, teria bebido até que não coubesse nem mais uma única gota em meu estômago, e então teria vomitado para continuar bebendo. Aquela maldita beberagem era viciante. Porém, depois de beber eu me sentia exultante, melhor que em muito tempo. Era como se me houvessem aplicado uma dúzia de anfetaminas na veia. Eu estava pletórico, eletrizado e com vontade de me mexer.

Compreendi que aquele efeito era muito benéfico quando as tropas de hilotas tinham que sair para saquear no lado externo do Muro. Recordava as histórias que meu avô havia me contado sobre a guerra, e como distribuía generosas rações de conhaque para a tropa antes de um assalto à trincheira contrária. Com o Cladoxpan aquilo era desnecessário. Eu me sentia com forças suficientes para torcer o pescoço de um bisão. Por isso mandaram meia dúzia de homens para me escoltar. Com ironia, percebi que a partir desse momento eu era um drogado. mas um drogado cheio de vitalidade. A van sacolejou quando passamos por cima de algo saliente. Eu suspeitava que eram os trilhos de um trem, mas não podia ter certeza. Uma mão se apoiou subitamente na minha cabeça e

arrancou o saco com um puxão. Pisquei, ofuscado com a luz e o som. Eu devia estar com um aspecto terrível, com o cabelo amassado, o sangue seco no rosto e uma enorme cicatriz na testa.

Tenha cuidado, Sal — disse um miliciano ao sujeito que havia tirado meu capuz. Esse porco está com o rosto coberto de sangue. Não se preocupe — replicou o outro —, estou de luvas e óculos. Vamos, amigo. O sujeito me deu um empurrão com a culatra de seu M16. — Para fora da van.

Desci, tropeçando. Estávamos no lugar que um dia havia sido um terminal de carga ferroviário. Ao longe, à minha esquerda, via-se o edifício do terminal de passageiros, suficientemente afastado para que nenhum morador de Gulfport pudesse ver como o pessoal de Greene tirava o lixo de seu idílico paraíso. A plataforma era formada por uma enorme esplanada de cimento, ao lado de grandes instalações de serviço. Nos trilhos, bem à minha frente, um pequeno comboio de meia dúzia de vagões esperava, com uma reluzente locomotiva Amtrak à frente. Na sua parte dianteira estava acoplada uma espécie de enorme pá invertida de uns dois metros de comprimento, igual à que costumavam usar os trens a vapor do Velho Oeste para tirar os animais mortos das vias. Sem dúvida, aquela geringonça era muito útil para empurrar qualquer não morto que tivesse a infeliz ideia de atravessar seu corpo putrefato no caminho do comboio. A locomotiva estava com os motores ligados, e um penetrante barulho de motor a diesel ecoava em toda a esplanada. Ao olhar os vagões, fiquei assustado. Não eram vagões de passageiros, e sim vagões de carga com uma porta lateral de correr que fechava por fora. Em frente a cada porta aberta havia uma rampa que levava para dentro. Ao lado de cada vagão havia um grupo de milicianos armados até os dentes, que riam e passavam garrafas de uísque entre si para tornar o trabalho mais agradável. Em cada grupo, um dos homens segurava uma pequena matilha de pastores-alemães de aspecto selvagem, que latiam enlouquecidos. Se não fosse tão horrivelmente assustador, eu teria tido vontade de rir. Aquilo era como uma cópia barata da estação de Auschwitz, só

que sem uniformes da SS. Eu me perguntei se algum daqueles filhos da mãe teria ciência do sinistro paralelismo. Imaginei que não. Um enorme grupo de hilotas, composto principalmente por mulheres, idosos e crianças, estava sendo embarcado em um dos vagões naquele momento. Os poucos homens de idade madura que se misturavam entre eles tinham um aspecto tão lamentável quanto o meu, cobertos de sangue e feridas. Os guardas tinham a precaução de se manter o mais afastados possível e utilizavam os cães para açular os retardatários, como faz um pastor com suas ovelhas. O conjunto era deprimente. Os vagões da cabeça do comboio já estavam cheios e haviam fechado as portas. De dentro se ouvia o gemido abafado de uma multidão comprimida em um espaço muito pequeno, tentando conseguir um pouco de ar fresco. Os vagões que tinham janelinhas mostravam uma coleção completa de rostos ansiosos, que surgiam em turnos para respirar um pouco de ar limpo. Aterrado, vi que outros vagões nem sequer tinham aquele mínimo conforto. Eram como enormes féretros com rodas. Compreendi que aquela viagem seria um verdadeiro inferno. — Vamos, amigo. — O miliciano de antes tornou a me empurrar pelas costas. — Junte-se a esse grupo. Olhei em volta, desorientado, mas não podia fazer outra coisa. Um ariano se aproximou e me tirou as algemas; antes que me desse conta do que se passava, estava unido a uma multidão de pessoas chorosas e assustadas que se aglomeravam na porta de um vagão. — Um momento! — Uma voz conhecida ecoou de repente acima de nossa cabeça. — Tragam aqui esse prisioneiro.

Os guardas, de má vontade, tiraram-me do grupo. Queriam acabar o quanto antes, e aquele atraso os estava deixando com um humor de cão. Flanqueado por dois canos de rifle de assalto, saí obediente do grupo, até me encontrar em pé diante do oficial Strangård. O elegante marinheiro parecia estar totalmente fora de lugar naquela esplanada castigada pelo sol. Usava seu impecável uniforme azul da marinha e seu rosto permanecia impenetrável, sem deixar transparecer a menor emoção. Naquele momento não recordava em absoluto o sorridente oficial que nos havia resgatado no meio do

oceano, há um milhão de anos. — Como oficial executivo das Milícias Cristãs de Gulfport, sou obrigado a lhe entregar uma cópia de sua sentença de extradição. As normas assim o exigem. Strangård me estendeu duas folhas grampeadas, totalmente rígido. — Não era necessário se incomodar respondi, sarcástico. — Não pensei que tornaria a vê-lo. — O reverendo em pessoa me atribuiu esta missão. Já que fui eu quem o introduziu em nossa sociedade, ele considerou oportuno que eu o despeça dela. Não era necessário. — Apontei com o queixo para os papéis que me estendia. — E em relação a essa sentença, eu convido o senhor e o reverendo a enfiá-lo em seu piedoso e branco cu. Não a quero. — Devo insistir. A voz de Strangård soou um tanto forçada quando tornou a me estender os papéis. De repente, vi um brilho estranho em seus olhos. Estava tentando me dizer alguma coisa, mas eu não sabia o que era. Instintivamente, peguei a sentença sem tirar os olhos do rosto do sueco, mas sua expressão estava pétrea novamente. Tenho algo mais para lhe dar. — Um assistente lhe passou uma cesta de vime coberta com uma tampa. Ao movimentá-la, algo dentro dela se mexeu e soltou um fraco miado. Lúculo!

Praticamente arranquei a cesta das mãos de Strangård. Abri a tampa e suspirei aliviado. No fundo da cesta, feito um novelo em cima de uma manta suja, estava meu pequeno amigo com o toco do rabo enrolado em um pedaço de gaze estéril. Meu gato não estava com muito boa aparência, com sua lustrosa pelagem manchada de sangue; porém, ao me ver, sua carinha se iluminou.

— Estava abandonado na delegacia — disse Strangård, explicando. — Achei que era minha obrigação trazê-lo. De repente, como se houvesse se envergonhado de dizer aquilo, ou como se pensasse que havia falado demais, o sueco ficou rígido, bateu a bota no chão, saudou-me marcialmente e se despediu. Os guardas tornaram a me empurrar para a multidão que esperava em um vagão. Felizmente, iam nos colocar em um que tinha duas janelinhas de cada lado. Pelo menos, não morreríamos asfixiados. Ou, pelo menos, nem todos. Naquele carro cabiam, no máximo, cinquenta pessoas em pé, e os

guardas estavam tentando enfiar pelo menos o triplo de gente lá dentro. — Não cabemos aqui dentro! — gritou alguém do outro lado do grupo. — Não cabemos! Os guardas não deram a menor bola e continuaram nos empurrando, até fazer que todos entrássemos no vagão. Quando finalmente conseguiram, fecharam a porta com um barulho surdo e passaram o cadeado pelo lado de fora. No início, eu não conseguia ver nada, devido ao contraste entre a claridade do exterior e a relativa escuridão do interior do vagão. Só ouvia concerto de tosses, gemidos e conversas em voz baixa à minha volta. Pouco a pouco, minha vista foi se acostumando com a penumbra, e, quando consegui ver o que me cercava, fiquei abalado. Éramos cerca de cento e cinquenta pessoas comprimidas em um pequeno espaço, sem nem um vão sequer para podermos nos sentar. Permanecíamos em pé, ombro a ombro, apertados como uma multidão na saída de um show. As pessoas mais baixas, principalmente as crianças, estavam começando a dar sinais de estar com problemas para respirar, e a temperatura do vagão começava a subir de forma lenta, mas constante, devido ao calor que exalávamos. Porém, esse era o menor dos problemas. No círculo mais próximo de onde eu estava, já podia distinguir pelo menos meia dúzia de pessoas que suavam profusamente, coçavam-se compulsivamente ou tinham tremores. Um velho, apoiado em uma parede, tiritava violentamente e já mostrava um preocupante mapa de veias estouradas irradiando do nariz. Horrorizado, entendi que todas, ou quase todas as pessoas daquele vagão (de todos os vagões, sem dúvida) estavam infectadas com o TSJ. Em poucas horas, aquela cabine seria uma janela aberta para o inferno. Eu não podia imaginar nada pior. Um espaço fechado, com quase duzentas pessoas amontoadas e se transformando em não mortas. O que aconteceria quando se completassem as primeiras transformações? Não tínhamos para onde fugir. Era uma armadilha mortal da qual ninguém sairia vivo.

Subitamente, com uma sacudida que quase jogou todos no chão, o vagão começou a se movimentar, à medida que a locomotiva ia arrastando sua carga maldita rumo a lugar nenhum. Imaginei que o

destino era o de menos, pois quando chegássemos lá todos seríamos uns monstros sem consciência.

Eu podia ler em todos os rostos o mesmo medo que me atormentava. Cada um via em seu vizinho um potencial assassino, mesmo no caso de famílias completas de pais e filhos. O afável jamaicano de rastafári, a bela mexicana que embalava seu bebê de poucos meses enquanto cantava uma canção de ninar., em poucas horas se transformariam em algo muito pior que os Guardas Verdes que haviam nos enfiado à força naquela ratoeira. Era horrível. Algumas pessoas tiraram de suas roupas os mais singulares recipientes cheios de Cladoxpan. Os afortunados tinham garrafas de mais de três litros, ao passo que os menos previdentes tinham apenas uma quantidade ridícula, ou, o que era pior, nada de nada. Tudo dependia do que tinham consigo no momento da detenção. O mais razoável teria sido reunir todo aquele precioso líquido e racioná-lo equitativamente entre a multidão, mas aquilo não ia acontecer. Cada um segurava seu frasco com o olhar feroz e defensivo de um cão segurando um osso, e ao fundo já se ouviam os primeiros gritos, empurrões e ameaças. Eu suspeitava que antes que aquela viagem acabasse seríamos testemunhas de mais de um assassinato.

De repente, percebi que eu não tinha mais que metade do pote que Grapes me havia dado na noite anterior. Angustiado, peguei a garrafinha e a agitei, com a estúpida esperança de que em um passe de mágica houvesse se enchido sozinha. Abatido, vi que tinha apenas uns cento e cinquenta mililitros. Com aquilo poderia aguentar umas três ou quatro horas, nada mais. Estava fodido. Lúculo se remexeu em sua cesta, desconfortável e dolorido. Não havia espaço para apoiá-la no chão, de modo que a pendurei no braço, e com a mão livre tirei o gato de sua prisão. A ferida não tinha má aparência, pois alguém havia tido o cuidado de desinfetá-la, mas meu gato tinha perdido muito sangue, e eu suspeitava que estava morrendo de sede. Sem dúvida, Lúculo não estava em seu melhor momento. Quando ia colocá-lo de volta, percebi que aquela

cesta de vime pesava muito. Muito, de fato, para uma cesta com uma manta velha dentro. Evitando que alguém me visse, coloquei o gato de novo nela enquanto remexia no fundo. Minha mão encontrou algo arredondado e frio ao tato. Afastando a manta, vi que no fundo da cesta havia uma garrafa que devia de ter uns quatro litros de capacidade. Com cautela, desenrosquei a tampa e cheirei o conteúdo. O familiar aroma adocicado e ácido do Cladoxpan penetrou em meu nariz. Ávido, continuei remexendo na cesta. Além da garrafa, encontrei uma bússola, uma faca de combate muito parecida com a de Viktor e o melhor de tudo uma Beretta 9 mm com o pente cheio. Não serviria para me defender caso todo o vagão se transformasse em não mortos, mas me dava uma remota possibilidade de sobreviver se chegasse vivo ao destino do trem.

Quem havia colocado tudo aquilo ali, e por quê? Tinha que ter sido Strangård, mas eu seria incapaz de dizer por que o sueco havia arriscado sua pele para me dar uma força. De repente, lembrei-me dos papéis da sentença que tanto havia insistido em que eu pegasse.

Aos empurrões, abri caminho até um lugar que ficava mais perto de uma das janelinhas, onde havia luz suficiente para ler. A frente do documento continha uma ladainha legal que me imputava a acusação de assassinato em primeiro grau da senhora Compton e me condenava à extradição. Mas o realmente interessante estava no verso. A primeira folha continha um mapa muito esquemático da rota do trem, com os lugares de destino, cidades próximas, distâncias e principais estradas. A segunda continha apenas uma breve mensagem, mas ao lê-la meu coração quase explodiu de felicidade. "Estamos bem. Sobreviva e volte. Te amo. L"

Levantei a cabeça e sorri pela primeira vez em muitas horas. Os dias seguintes seriam um inferno, e além do mais, antes, teria que sobreviver àquela viagem de trem, mas pelo menos eu tinha uma possibilidade, e um plano. E, como se fosse pouco, tinha um objetivo. Voltar a Gulfport e reencontrar os meus.

Mas, acima de tudo, uma ideia brilhava obsessivamente em minha mente, com a intensidade de uma chama. Matar Grapes e o reverendo Greene.

Comboio de deportação 17J.

Em algum lugar a 300 quilômetros de Gulfport.

Eu não ia conseguir. Aquele maldito trem parecia que não ia parar nunca, e as coisas ali dentro iam de mal a pior. Após quase cinco horas de viagem, o ambiente dentro do vagão estava carregado de uma maneira atroz, a ponto de transformar a atmosfera em um purê viciado e quase irrespirável. Ao cheiro corporal de cento e cinquenta pessoas espremidas e suadas somava-se o aroma acre de vários vômitos e o toque adocicado e enjoativo das deposições que salpicavam o vagão. Assim que o trem começou a andar, algumas vezes sensatas haviam proposto transformar um canto do vagão em uma latrina. Todo mundo concordou, exceto em um pequeno detalhe: ninguém queria que o canto escolhido fosse o mais próximo de si. Assim, após uma série de discussões acaloradas, não se escolheu nenhum canto, e todo mundo começou a fazer suas necessidades em qualquer lugar. Como consequência, aquilo se parecia cada vez mais com um depósito de esterco sobre rodas, e o chão estava coberto por uma camada de limo espesso e malcheiroso que corria de um lado para outro em função da inclinação do comboio. Eu tinha relativa sorte. Havia conseguido um lugar encostado em uma parede, de modo que tinha onde me apoiar. Colocara a cesta de vime de Lúculo formando uma espécie de parapeito, e graças a ela podia dispor de um espaço mínimo de uns trinta centímetros para me movimentar um pouco. A janela mais próxima estava a uns quatro metros de distância, de modo que na maior parte do tempo eu estava em penumbra. Só quando alguém acendia um cigarro ou uma lanterna durante um breve momento a luz me permitia ver com detalhes o que me cercava.

Normalmente, eu aproveitava esses pequenos momentos para dar uma olhada em meu gato. Lúcuo permanecia enrolado no fundo da

cesta, em um estado de sono-vigília preocupante.

No início, pensei que se devia à perda de sangue, mas estava começando a suspeitar que a ferida do toco estava infeccionando. O gato persa se agitava de vez em quando e soltava um fraco miado de dor que me partia o coração. Porém, aquele era o menor dos meus problemas. A sede estava se transformando em algo próximo a uma obsessão.

Os Verdes haviam jogado uns garrafões de água dentro do vagão antes de fechar as portas, mas um deles parecia ter desaparecido em um canto, no meio de um grupo de Latin Kings mal-encarados e desafiadores que o defendiam zelosamente com navalhas na mão; e o outro já estava vazio. Senti um calafrio ao pensar naquele garrafão.

Qualquer intenção de ordem para beber desapareceu quando a primeira pessoa pôs as mãos nele. Na penumbra, ouviam-se gritos e socos, enquanto o recipiente passava de mão em mão, derramando a maior parte de seu conteúdo pelo caminho. Quando passou perto de onde eu estava, tive a oportunidade de dar apenas um gole antes que alguém me desse um soco nas costas e seis pessoas diferentes o arrancassem de minhas mãos. Tornei a me sentar em meu canto, passando a língua ansiosamente pelos lábios umedecidos. Chupei os dedos, que haviam ficado molhados depois de pegar a garrafa, mas imediatamente me arrependi amargamente e tive que cuspir. Minhas mãos estavam pingando sangue. O maldito garrafão voava de um lado para o outro do vagão ensopado do sangue de algum pobre-diabo. Tive que me esforçar para controlar a ânsia de vômito.

A sede e a fome também não eram o problema principal. Todos sabíamos que íamos enfrentar algo pior, que ia aparecer em algum momento, porque vivia dentro de nós.

E o medo e a angústia faziam que nos contorcêssemos, defendendo zelosamente as minguantes reservas daquele líquido leitoso chamado Cladoxpan, que era nossa última e frágil defesa contra a loucura.

O primeiro afetado se manifestou ao cabo de uma hora. Foi uma mulher gorda, de uns cinquenta anos, com um aspecto inequivocamente caribenho. Estava meio longe de mim, de modo que não pude ver bem o que acontecia. Sem dúvida, já estava se transformando quando a colocaram no trem, mas no meio do caos e da desordem nem mesmo os que estavam ao lado dela perceberam. Depois, na penumbra do vagão, o TSJ finalizou seu trabalho e começou a mostrar seu verdadeiro rosto. Com certeza, alguém que estava ao lado dela de repente percebeu que a pele da mulher estava estranhamente gelada. Ou que seus olhos haviam sido tomados por um carnaval de veias estouradas, cobrindo toda a parte branca de sangue. Nunca saberíamos. A questão é que, em algum momento, alguém percebeu e gritou, alarmado, tentando se afastar daquele monstro.

Como reação, houve um movimento de pânico entre a multidão; as pessoas que estavam ao lado dela deram instintivamente um passo atrás, e então desencadeou-se o desastre.

O gesto se reproduziu imediatamente nos que estavam ao lado e, de repente, como uma gigantesca onda humana, propagou-se em todas as direções do vagão. As pessoas caíam umas sobre as outras, pisoteando-se e se esmagando, possuídas por um pânico coletivo cego e sem possibilidade de controle. O velho negro que estava ao meu lado quase me esmagou ao cair em cima de mim, quando o movimento da multidão nos alcançou com força. Ouviam-se gritos e berros por todos os lados, enquanto os ocupantes do vagão tentavam violar as leis da física e atravessar uma montanha de corpos que quase os impedia de se mover. As pessoas se amontoavam e esmagavam, asfixiando-se na confusão. Acima do caos, ouviu-se um som familiar e sussurrante que fez todos os meus pelos se arrepiarem. Era um gemido baixo e áspero, que se repetia monotonamente e que eu já havia ouvido uma infinidade de vezes.

Entre um gemido e outro, ouvia-se uma respiração rápida e agitada, como de uma pessoa que acabasse de correr uma maratona.

Uma bola de gelo se instalou em meu estômago. Estava acontecendo. Depois de alguns minutos, ouviu-se um gemido muito mais forte, quase um grito, como se algo (sombrio)

dentro daquela mulher houvesse despertado. Uma espécie de "Olá, mundo", mas cheio de veneno e morte. Quase imediatamente outro grito, esse de dor, soou no mesmo lugar. O segundo grito havia sido de um homem. O caos — agora de verdade instalou-se dentro do vagão. A multidão, cega e aterrorizada, corria (ou melhor, tentava)

em qualquer direção, sem saber para onde ia, nem se importar em que ou quem batia. Várias pessoas tropeçaram umas nas outras e caíram sobre mim. Só tive tempo de levantar a cesta de vime e posicioná-la entre a parede e o piso do vagão, como um ridículo parapeito, para evitar que fosse esmagado. Eu não podia me mexer. Alguém havia caído sobre minhas pernas e eu estava preso. Levantei a cabeça e bati nas costas de um homem que uivava de dor, com o braço direito retorcido de forma antinatural entre duas pessoas que, por sua vez, lutavam pela vida. Tentei deslizar, mas, para onde quer que me mexesse, havia corpos humanos empilhados. Um sujeito magro, de barba rala, estava deitado de barriga para baixo, e sua cabeça tocava a minha. A tão pouca distância eu podia sentir seu hálito, quente e picante, enquanto o sujeito, com os olhos fora das órbitas, fazia um esforço sobre-humano para se libertar do monte de pessoas que haviam caído em cima dele. As veias de seu pescoço se incharam como grossos cabos quando o homem tentou se levantar, mas era impossível. Olhou para mim com expressão enlouquecida e murmurou um sufocado "me ajude", inaudível no meio de toda aquela loucura.

Olhei para ele, impotente. Mesmo querendo ajudá-lo, um de meus braços estava aprisionado debaixo de meu próprio corpo; além do mais, se o puxasse, eu não teria lugar para respirar. De modo que a única coisa que pude fazer foi ficar olhando com espanto enquanto o rosto daquele homem ficava primeiro muito vermelho, depois atingia uma terrível cor azulada, e finalmente ele caía morto, com a língua para fora da boca e o ricto deformado.

Ao fim dos cinco minutos mais longos e impressionantes de toda a minha vida, o pânico começou a perder intensidade. Os gritos tornaram-se mais surdos e abafados, mas por todos os lados se ouviam soluços e vozes de pessoas chamando umas às outras. Alguém puxou uma das que me esmagavam, e pela primeira vez pude me endireitar um pouco. Com o braço direito ainda adormecido, levantei-me, apoiando as costas na parede do vagão. Sentia as farpas de madeira se cravando em minha pele, mas ignorei-as por completo. Naquele vagão havia alguém que já não era humano. E eu não podia saber se algum dos vultos que se aproximavam de mim era um não Morto.

Com mão trêmula, engatilhei a Beretta e a encostei em meu quadril. De repente, uma figura baixa e compacta se aproximou, tropeçando, de meu lado esquerdo. Respirava rapidamente, e seus braços estavam estendidos diante do corpo, como uma espécie de Frankenstein bêbado. Levantei a arma e a apontei para seu rosto. Nesse exato momento, o trem cruzou um setor de trilhos em mau estado e todo o vagão oscilou violentamente, sacudindo-nos como ervilhas dentro de uma lata. Tive que abrir as pernas para me equilibrar e usar minha mão livre para segurar um dos rebites metálicos da parede para evitar cair. Quando levantei o olhar de novo, deixei escapar um palavrão.

Já não via a sombra.

Onde está? Onde caralho está? Onde está?!!

Uma mão se fechou em volta do meu braço. Soltei um uivo de terror, e minha primeira reação foi dar com meu joelho no meio das pernas daquela pessoa. Um som abafado de dor escapou do desconhecido, e, antes de dar tempo a qualquer outro movimento, dei com a culatra da arma em sua testa.

O desconhecido caiu como um fardo de roupa suja a meus pés. Agachei-me ao lado dele, apontando minha pistola em todas as direções, tentando adivinhar outra possível ameaça. Na breve penumbra, contemplei minha vítima. Era um idoso, de quase setenta

anos. O pobre-diabo, que estava inconsciente, com um feio hematoma na têmpora direita, não era um não morto. Eu havia me deixado levar pelo pânico, mas não me sentia nem envergonhado nem culpado por ter batido em um velho. Aquele vagão era uma antessala do inferno, e eu estava lutando para salvar minha alma. Dois lampejos iluminaram por uns segundos todo o vagão, quando alguém, em rápida sucessão, deu dois tiros de revólver. O som da arma dentro daquele espaço fechado foi tão forte que por um momento não consegui ouvir nada além de um penetrante e incômodo assobio. Você não é o único armado. Tenha cuidado, vaqueiro. O caos se desencadeou novamente. O atirador disparou de novo, e por um breve instante pude ver a cena macabra que estava se desenrolando ali dentro. O chão estava coberto de corpos empilhados, muitos dos quais ainda se moviam entre gemidos; mas a maioria permanecia imóvel por completo. Em todos os lugares grupos de duas ou três pessoas brigavam com uma fúria homicida, ou porque tinham certeza de que seu rival era um não morto ou porque aproveitavam o caos para tentar conseguir uma garrafa do precioso Cladoxpan. Uma pistola! — alguém gritou. — Ele tem uma pistola! Vamos pegá-lo! Por um aterrador segundo pensei que se referiam a mim, mas o movimento da massa se lançou na direção do atirador oculto (eu não poderia jurar, mas acho que era um dos Latin Kings). O pistoleiro teve tempo de dar mais um tiro antes que uma turba enlouquecida e sedenta de sangue caísse sobre ele e o assassinasse a pancadas, pontapés e socos. A morte daquele rapaz representou uma espécie de ponto de inflexão. A ira da multidão do vagão — bem mais reduzida que uns minutos antes — foi diminuindo lentamente, como a água escorrendo por um ralo. As pessoas, que até um instante antes estavam se estrangulando em uma luta de morte, se soltavam com ar confuso, como se tivessem acabado de acordar de um pesadelo. O pânico havia desaparecido, e uma sensação pesada, mistura de medo, vergonha e horror, instalava-se silenciosa e friamente na alma dos sobreviventes.

Guardei minha Beretta discretamente na cesta e verifiquei se Lúculo ainda vivia; estava mergulhado em seu febril sono-vigília.

Ajudei algumas pessoas a se levantar e me afastei para um lado, sentindo calafrios. A mulher caribenha que havia dado início ao caos jazia morta no meio do vagão, com a cabeça arrebetada por algum objeto contundente e pesado. Ao seu lado, um homem com o pescoço rasgado se convulsionava de maneira antinatural, de uma forma que todos os presentes conheciam muito bem. Ele está voltando murmurou alguém nas sombras. — Precisamos fazer alguma coisa. Uma mulher jovem e bonita, com o rosto coberto de sangue e os ombros cheios de cabelos arrancados, adiantou-se. Segurava o revólver do atirador, e a expressão de seu rosto era fria e implacável. Sem hesitar nem um minuto, levantou a arma, apontou para a cabeça do homem que convulsionava e apertou o gatilho. O tiro abriu um enorme buraco no rosto do homem, que parou de se mexer. A garota olhou para o sujeito durante um tempo. Depois contemplou a pistola e finalmente a jogou sobre o cadáver. Era a última bala — disse, simplesmente, para ninguém em particular, com voz serena. Nesse momento, um calafrio sacudiu todo o meu corpo com tanta força que me fez dobrar-me ao meio.

Foi tão intenso e repentino que me pegou totalmente de surpresa. Levantei-me, arfando, e percebi que toda a minha roupa estava encharcada de suor. Eu devia estar ardendo de febre fazia algum tempo, mas o caos do vagão não me permitira perceber. Um novo calafrio, dessa vez muito mais forte, obrigou-me a me encolher sobre mim mesmo, soltando um grito de dor. Um sujeito ao meu lado me observou com uma expressão desconfiada no rosto, afastando-se um passo de mim. Vi medo em seus olhos, mas também nojo. Não me olhava como a uma pessoa. Olhava-me como se eu fosse um deles.

Ah, não, eu não, por favor. Exatamente agora não, por favor. — Está tudo sob controle — arfei, levantando a mão como um bêbado. — Calma, irmão. Sentei-me ao lado da cesta e peguei a garrafa cheia de Cladoxpan. A tampa de rosca resistiu no início. Minhas mãos tremiam, incontroláveis. O primeiro gole que dei naquela beberagem foi tão maravilhoso que por um breve instante me senti

transportado para fora daquele vagão. O líquido descia por minha garganta apagando o inferno de meu corpo e abrindo todas as minhas células sedentas. Afastei a garrafa de meu rosto e a tampei, com os olhos fechados, desfrutando daquela sensação prazerosa. Uma parte de minha mente gritava que aquela sensação devia ser muito parecida com o alívio que os viciados em heroína sentem quando se injetam uma dose. Olá, vício. Sou um novo drogado. É um prazer ser seu escravo. Enfim, mais tarde eu me preocuparia com aquilo. E agora, o que vamos fazer? — disse alguém, com certo tom de culpa na voz.

Ajudar os feridos, primeiro — respondeu outro. — O mais prudente seria abrir a cabeça dos mortos, antes de mais nada disse a garota que havia atirado, com voz fria.

Falava com a naturalidade de alguém que fala em ir ao mercado. Ei, querida, já que vai sair, traga-me um quilo de mexerica. Ah, aproveite e estoure a pisoteadas a cabeça desse menino morto que está aí ao seu lado.

— E como faremos? — murmurou uma mulher assustada, que segurava agarrada em sua saia uma menininha que olhava para todos os lados com os olhos inundados de terror.

— Não temos armas.

Um dos Latin Kings sobreviventes se adiantou e remexeu em um monte de restos. Quando tirou a mão, segurava um martelo de carpinteiro, desses que têm a parte posterior afiada. Sem uma palavra, foi até o corpo caído de um rapaz de uns doze anos e descarregou uma martelada na cabeça dele.

O martelo afundou com um sonoro tchop na cabeça do rapaz, enquanto o Latin King, com um olhar negro, ausente e perdido como o de um tubarão, continuava batendo ritmicamente.

Quando se deu por satisfeito, a parte traseira da cabeça do rapaz era uma espécie de geleia vermelha, com pedaços esbranquiçados de osso aqui e ali. — Pode ser assim.

— Passou o martelo ao homem que estava ao seu lado, que o pegou com a mesma expressão que teria se fosse uma serpente viva. — Qualquer objeto contundente serve.

Mas, antes de começar, certifiquem-se de que está morto. Os passageiros do vagão o contemplaram durante uns instantes, horrorizados.

Não pode estar falando sério — murmurou o homem que estava ao meu lado.

De repente, um dos corpos caídos no chão se sacudiu em convulsões. — Aí está sua resposta — respondeu o jovem, dando de ombros. O homem de martelo na mão engoliu em seco; após uma breve hesitação, deu um passo à frente e descarregou um golpe na cabeça do cadáver que se remexia. Aquilo foi como o sinal de largada; muito rapidamente, quase todos os passageiros que ainda estavam vivos se inclinavam obsessivamente sobre os corpos caídos e mortos, batendo em sua cabeça com os objetos mais variados.

Depois de um tempo, a cena parecia saída de um quadro de Bosch. Todos nós estávamos cobertos de sangue e restos de miolos, e nas paredes de madeira do vagão desenhavam-se jorros de sangue arterial projetado, que deslizava lentamente para o chão em meio a grumos secos de O massa cinzenta. Ouvi o som de alguém vomitando. Dei de ombros e tomei outro pequeno gole de meu Cladoxpan. Eu já havia ultrapassado meu limiar de horror, é aquilo já não me repugnava. Além do mais, não tinha nada sólido no estômago.

As horas seguintes foram intermináveis. O trem rodava em direção ao noroeste a um ritmo monótono, pontuado por breves e inexplicáveis interrupções inexplicáveis para nós, que estávamos trancados lá dentro. — Em uma ocasião, demos até marcha a ré durante alguns quilômetros, sem nenhum motivo aparente. De vez em quando todo o comboio se sacudia com um golpe surdo. Após muitas considerações, chegamos à conclusão de que isso se devia ao impacto contra objetos situados nos trilhos (todos sabíamos bem

quais eram esses objetos). Após um lento e tortuoso movimento, consegui me colocar debaixo de uma das janelas e, subindo em uma montanha de cadáveres empilhados colocados ali para tal fim, pude olhar para fora. A primeira coisa que senti foi um alívio enorme. O ar fresco de fora, comparado com a pestilência do interior do vagão, era tonificante. Mas, assim que essa primeira impressão se dissipou, minha alma caiu aos meus pés. O trem rodava por uma planície seca e abrasada, com grupinhos de árvores retorcidas aqui e ali. Eu suspeitava que estivéssemos em algum lugar do sul do Texas, perto da fronteira norte do México, mas não podia precisar com certeza. O elementar mapa que Strangård havia me fornecido continha distâncias e direções, mas não os nomes dos estados que atravessávamos. O ambiente dentro do vagão era tétrico. As conversas haviam se reduzido ao mínimo, e cada um parecia concentrado em seus próprios pensamentos. Até os choros e gemidos haviam desaparecido, substituídos por uma surda e profunda resignação, associada ao medo do desconhecido. Ninguém sabia onde aquela viagem ia acabar, mas, por outro lado, o desejo comum era de que o fim chegasse o quanto antes. Nada podia ser pior que estar trancado naquele vagão da morte. Dos cento e cinquenta viajantes originais, restava viva menos da metade. O resto havia morrido esmagado na avalanche de pânico ou em algumas das muitas brigas. Essas brigas haviam acabado quase por completo. Nós, que restávamos, tínhamos mais lugar para nos movimentar, e os mais necessitados de Cladoxpan haviam saqueado o que puderam dos cadáveres. Eu mesmo havia apalpado sem nenhum pudor a roupa do sujeito magro que havia morrido ao meu lado e encontrara uma pequena garrafa de bolso. Enchi-a até a tampa com o conteúdo da minha garrafa e a escondi no fundo da cesta, debaixo de Lúculo. Eu tinha certeza de que era a pessoa com mais reservas de medicamento, e não queria fazer alarde disso. A morte do Latin King havia provado que ter uma pistola não era uma garantia de sobrevivência naquele lugar lotado de gente desesperada e sem nada a perder. Cerca de duas horas depois, deu-se o segundo caso. Dessa vez, estávamos mais bem preparados. Nessa ocasião, foi um jovem de apenas vinte anos. O sujeito era

alto e corpulento, mas estava com uma perna quebrada e o rosto arrebatado de pancadas. Alguém sussurrou que aquele rapaz havia sido surrado pelos Verdes na blitz, ao tentar impedir que detivessem sua irmã e a mãe. Não só não havia conseguido (ao que parece, estavam em outro vagão), como quase havia conseguido que o matassem. Eu não sabia se, em um último gesto, ele tinha cedido sua cota de Cladoxpan à família, ou se estava tão fraco que não pudera impedir que alguém lhe roubasse o líquido, mas a questão era que aquele rapaz havia sido o primeiro a ficar sem o remédio.

Primeiro suplicou. Ergueu-se no meio do vagão, apoiado em uma improvisada muleta, e reunindo toda a dignidade que lhe restava, como um mendigo no metrô, pediu que alguém lhe desse um gole de Cladoxpan. Todo mundo (inclusive eu) o olhou com hostilidade ou desviou o olhar para outro lado, apertando com mais força suas reservas de medicamento.

Por um instante estive tentado a dividir com ele minha reserva, mas o mero instinto de conservação me impediu de abrir a boca. Se os cálculos que havia feito fossem corretos, a quantidade de Cladoxpan que eu tinha me permitiria sobreviver durante uns cinco dias, racionando-o com severidade. Esses cinco dias eram o tempo que eu teria para tentar chegar de novo a Gulfport, ou pelo menos até uma patrulha hilota. Se eu dividisse minha cota com aquele homem, meu tempo se reduziria à metade, e minhas possibilidades de sobreviver também. Além do mais, com uma perna quebrada, aquele rapaz estava condenado de antemão, e ele mesmo sabia disso. Cada gota de Cladoxpan que bebesse seria medicamento desperdiçado. Quando viu que as súplicas não surtiam efeito, decidiu roubar de alguém. O rapaz era forte, sem dúvida, e em condições normais não teria tido problemas, mas em seu estado até um velho poderia tê-lo enfrentado. E não era que restassem muitos velhos dentro daquele vagão. O darwinismo mais selvagem estava se impondo, e só os mais saudáveis, jovens e fortes estavam sobrevivendo. Após algumas tentativas lamentáveis, e algumas

porradas, o pobre rapaz desistiu. Completamente derrotado, deixou-se cair no piso do vagão para se entregar a sua agonia. Com um rosário na mão, começou a rezar baixinho, enquanto sua pele ia se cobrindo de pequenas veias estouradas. De vez em quando, um calafrio o fazia se retorcer de dor; no final, os tremores eram tão fortes que ele já nem conseguia segurar o rosário nas mãos. Depois de quarenta minutos, a correntinha de contas de madeira escorregou de seus dedos, e sua mão se fechou como uma garra, em um ângulo antinatural. Com os olhos totalmente cobertos de sangue, o rapaz levantou a cabeça, no último instante de controle sobre si mesmo, e gritou um "por favooooooooor" tão sentido que agitou minha alma. Sem pensar no que estava fazendo, levantei-me e peguei o martelo de carpinteiro que alguém havia pendurado em um prego na porta do vagão. Antes que alguém pudesse me impedir, aproximei-me do rapaz, que se debatia entre tremores; ele levantou seus olhos cegos quando sentiu minha presença ao seu lado. Tem certeza? perguntei baixinho. Como resposta, o rapaz assentiu e agarrou uma perna da minha calça, talvez com medo de que eu mudasse de ideia. Ao se agarrar a mim, sussurrou um "obrigado" quase ininteligível. Seus lábios estavam começando a parar de lhe obedecer.

Levantei o martelo e, inspirando profundamente, descarreguei-o com violência no osso occipital do rapaz. O jovem caiu como um bezerro no piso do vagão. Tive que bater mais três vezes para ter certeza de que seu cérebro estava suficientemente danificado para não tornar a se levantar dos mortos. Coberto com seu sangue, desabei em meu canto. O vagão inteiro contemplava o cadáver em silêncio. Senti a maioria dos olhares me evitando, mas ninguém se atreveu a me acusar. Não havia nada a dizer. Enquanto o trem sacolejava, enxuguei umas lágrimas furtivas. Ao se misturar com o sangue que cobria meu rosto, formou uns borrões barrocos que me davam a aparência de um palhaço psicótico. Mas eu não conseguia parar de chorar. Eu havia matado um homem. Um homem vivo. O fato de que estivesse prestes a se transformar em um não morto não mitigava minha dor. Eu era um assassino.

E enquanto o trem rodava, tive consciência de que, mesmo que sobrevivesse àquela viagem infernal, algo em mim tinha morrido para sempre dentro daquele vagão. E então, de repente, o trem parou.

Deserto, em algum lugar ao sul do Texas.

Dia 1. 17h50.

Só restávamos nós.

O trem havia parado em cinco ocasiões, e em cada uma delas haviam desengatado um vagão. O último que restava era o nosso, de modo que eu suspeitava que faltava pouco tempo. Eu havia encontrado uma caderneta sem uso no bolso de uma mulher que acabava de morrer perto de mim. Ao lado dela, além de um monte de coisas inúteis, havia um batom rosa, e, sem saber muito bem por que, guardei-o no bolso.

Batom rosa em um vagão de deportação? Não tinha nenhum sentido. Depois, lembrei que os judeus que haviam sido exterminados pelos nazistas levavam consigo as coisas mais incríveis, como violinos ou luminárias. Imagino que o impulso de sobreviver, a esperança de ver nascer o dia seguinte, é a força vital mais importante do ser humano. O batom era um símbolo para aquela mulher, como Lúculo era para mim. Era o jeito que aquela mulher tinha de dizer a si mesma que aquele pesadelo ia acabar em algum momento, e que então, quando acabasse para ela, teria necessidade de ficar bonita outra vez. Que voltaria a estar em algum lugar alegre, seguro e confortável, onde a preocupação mais importante fosse ter os lábios bem pintados, e não a de sobreviver a todo custo durante mais dez minutos. Mas enquanto eu o guardava no bolso, o cadáver daquela senhora rolava pelo piso do vagão, ao lado dos meus sapatos, ao ritmo imposto pelo trem sobre os trilhos. Seu símbolo não lhe havia valido um caralho.

Só restavam vinte pessoas no vagão, das cento e cinquenta que tinham saído de Gulfport. Metade havia morrido por esmagamento, sede ou assassinada quando alguém tentava roubar algo. O resto caiu à medida que ficava sem Cladoxpan. A maior parte das pessoas tinha uma reserva pequena, para apenas seis horas. E já tínhamos quase doze de viagem. Eu estava bastante bem. Com a quantidade que possuía escondida na cesta de Lúculo poderia aguentar vários dias. Desconhecia as reservas do resto dos sobreviventes. Poderiam ter para um mês ou apenas para mais umas horas. Aquilo era como uma partida de pôquer, onde todo mundo escondia zelosamente suas cartas. Você não sabia ao certo se o sujeito que o olhava desconfiado do outro canto ia contemplar, aterrado, você se transformar em não morto; ou se você é que ia vê-lo assim. Cada vez eu tinha mais certeza de que, se não fosse pela cesta, estaria morto havia horas, jogado no meio do vagão. Eu não entendia muito bem o motivo pelo qual iam nos deixando em lugares diferentes e afastados um do outro. No início, imaginei que fosse para evitar que pudéssemos nos organizar em um grupo numeroso, capaz de enfrentar os guardiões e tomar o trem. Algo disso havia, evidentemente. Mas, pensando mais friamente, o mais provável era que quisessem evitar que nos transformássemos em não mortos todos juntos. Sempre era preferível um podre solitário, ou uma dúzia, a cento e cinquenta juntos. Para eles, já não éramos pessoas, e sim monstros. E talvez tivessem razão.

Não me sentia orgulhoso das coisas que havia visto e feito dentro daquele vagão. Também sabia que, se não as houvesse feito, estaria morto naquele momento. E eu pretendia lutar até o fim. O trem começou a diminuir a marcha. O trac-trac ao passar sobre as juntas dos trilhos se fez mais pausado, até parar por completo. Era a sexta parada, para o sexto vagão. Nossa vez.

Com um chiado de freios, o diminuído comboio parou totalmente, após uma viagem de centenas de quilômetros. Dentro do vagão, o silêncio era absoluto. Só se ouvia o voo das moscas, zunindo por entre os cadáveres inchados, e a tosse cavernosa de um homem

com mau aspecto. Ficamos à espera durante cinco intermináveis minutos. A tensão dentro do vagão começou a atingir níveis insuportáveis. — Por que não abrem a porta de uma vez? murmurou alguém sentado perto de mim. Talvez não abram a porta — murmurou outro, um sujeito de cinquenta anos, o sobrevivente mais velho. — Talvez simplesmente parem o vagão aqui e vão embora, e na próxima viagem venham recolher os ossos.

Cale a boca replicou o primeiro. — Vão abrir. Têm que abrir, caralho Desejei com todas as minhas forças que o último tivesse razão. Imaginei que os Guardas Verdes estavam se assegurando de que não houvesse não mortos nas proximidades. Finalmente, com um chiado muito desagradável, a porta do vagão se abriu pela primeira vez desde que havíamos embarcado.

Os Guardas Verdes não entraram.

— Fora! Todos para fora, malditos! — gritou uma voz estranhamente distorcida. Caralho, que fedor! — Não se aproxime tanto da porta, Tim disse outra voz. Pode não restar nenhum vivo aí dentro.

— Talvez devêssemos jogar uma granada — acrescentou o tal Tim, hesitante.

Aquilo bastou para que os vinte sobreviventes corressem para a porta. Ninguém queria morrer de uma forma tão absurda. A primeira coisa que fiz ao chegar à porta foi apertar os olhos, por causa da claridade. Embora o sol já estivesse se pondo, depois de doze horas na penumbra meus olhos não podiam suportar tanta luz. O passo seguinte foi inspirar profundamente uma, duas, três vezes, tentando limpar meus pulmões do fedor insuportável do vagão.

Então, olhei pela primeira vez para os Verdes e entendi por que a voz deles soava muito distorcida. Todos usavam máscaras antigás. Eu podia entender. O cheiro daquele vagão superaquecido, cheio de corpos, vômitos e excrementos devia ser aterrador. Andem, tirem os corpos do vagão! disse um deles apontando seu rifle de assalto para mim. O quê? respondeu um hispânico ao meu lado. Está cheio

de cadáveres. Só restamos nós. Levaríamos um dia inteiro para tirá-los dali. Pois só têm uma hora, bando de filhos da mãe respondeu o soldado, engatilhando seu rifle. Se quiserem viver, mexam-se. Vamos! Como autômatos, organizamo-nos em duplas e começamos a tirar os corpos dos mortos de dentro do vagão. Enquanto segurava pelos pés o cadáver de uma mulher grávida e a arrastava para fora do trem, eu me perguntava por que fazíamos aquilo. Por que não pulávamos nos guardas e tentávamos lhes arrebatá-las as armas? Por que não lutávamos? A resposta era evidente. Para viver um pouco mais. Mesmo que fossem só dez minutos. Para continuar respirando aquele ar tão maravilhoso e limpo. Para nos manter vivos. Empilhamos todos os cadáveres do lado da ferrovia. Estávamos em um cruzamento perdido no meio do nada. A ferrovia se estendia em linha reta nas duas direções até se perder de vista. Só naquele lugar em que estávamos havia um trecho duplo de uns quinhentos metros, projetado para que um trem se afastasse quando outro se aproximasse pela mesma via. Aquele lugar desolado era o escolhido por nossos captadores para se desfazer do último vagão. Um olhar em volta me permitiu comprovar que não era a primeira vez. O chão estava coberto de ossos branqueados ao sol e restos de roupas e calçados. Em um lado dos trilhos, uma enorme montanha de corpos mumificados nos contemplava com o sorriso debochado das caveiras. Eu sentia seus olhos vazios me seguindo, como se me acusassem de ser um covarde, de ainda estar vivo. Os ossos se estendiam pela planície até uma grande distância, distribuídos de qualquer jeito. Eu suspeitava que, quando o trem fosse embora, os coiotes e demais animais de rapina apareceriam por ali para fazer um banquete com os corpos de mais de cem pessoas, arrastando os ossos em todas as direções.

Tinham sorte. O TSJ não só não os afetava, como também lhes servia comida em abundância. Quando tiramos o último cadáver, nos abandonamos, arfando, apoiados nos restos de uma van calcinada. Um dos Verdes se aproximou e nos jogou alguns pacotes de rações de emergência do exército. Nesse garrafão há quinze galões de água — disse, apontando para um barril de metal que estavam tirando da

locomotiva do trem. — E aqui estão algumas rações de emergência. A partir daqui, é com vocês, mas, para seu próprio bem, é melhor que não pensem em se aproximar de Gulfport. Não serão bem recebidos lá. Não queremos tornar a vê-los. Nunca. Fui claro?

— Isto é um assassinato — murmurou uma mulher (uma das três que haviam sobrevivido). — Estamos no meio de um maldito deserto e não temos para onde ir. Em poucas horas o TSJ nos transformará em não mortos e vocês não têm nada melhor para nos dar que uns litros de água e umas tranqueiras para beliscar? Querem ficar com a consciência mais tranquila? Esqueçam! — Cale a boca — replicou o Verde. E agradeça por eu não lhe enfiar uma bala na cabeça. Vocês foram condenados ao desterro, embora eu achasse melhor matar todos. Mas apenas só cumpro ordens. Muito gentil consegui murmurar. Estava voltando a suar de novo, e não sabia se era pelo esforço ou porque o vírus estava me atacando outra vez. O problema era que eu não queria que ninguém visse minhas reservas de Cladoxpan. Eu teria que esperar um pouco. — Vamos para cima deles — disse de repente o sujeito que estava sentado ao meu lado. — Assim que derem o sinal. — O quê? — perguntei, quase sem mexer a boca. Não sabia o que queria dizer. Nesse instante, o homem que estava sentado na ponta da fila, o mais próximo do Verde, pulou como uma mola em cima do soldado. Este, surpreso, mal teve tempo de levantar seu fuzil antes que o chicano o acertasse. Os dois caíram no chão, em um emaranhado confuso de braços e pernas. A arma disparou, e um dos dois foi atingido pela bala, mas era impossível saber quem. A loucura estava solta. Pelo menos metade dos deportados caiu sobre os guardas, tentando lhes arrebatá-las. Os Latin Kings sobreviventes pareciam estar no comando. Aquele devia ser uma espécie de plano de urgência tramado na escuridão do vagão, e estavam tentando executá-lo. Porém, os problemas começaram a se acumular. Em primeiro lugar, haviam cometido o erro de não comentar seus planos com os demais sobreviventes. Assim como eu, outra meia dúzia de deportados, confusos e assustados, tentavam decidir rapidamente o que fazer. Alguns se puseram a salvo atrás dos restos da van,

enquanto outros se juntaram ao ataque improvisado. O resto ficou em pé sem saber muito bem como reagir. Mas, quando a primeira rajada de um M4 partiu um dos indecisos ao meio, todos pularam eletrizados nas quatro direções. O plano era audacioso, mas estúpido. Em vez de tentar alcançar a locomotiva do trem, estavam enroscados em uma luta desigual com os Guardas Verdes. Isso deu tempo ao resto para fechar as portas da máquina e se entrincheirar lá dentro. No teto da locomotiva, um Verde 1.1 rapidamente armava uma metralhadora pesada. Pude intuir o que ia acontecer em questão de segundos. Protejam-se! — gritei, antes de pular em uma vala meio cheia de corpos putrefatos. A metralhadora começou a atirar, enchendo o ar de pesados fragmentos de chumbo. Os hilotas que estavam a descoberto se contorceram em uma dança da morte quando as balas os atravessaram sem piedade. Até um Verde foi atingido pelo fogo amigo, mas isso era o de menos. Em um minuto, a tentativa de assalto fracassou tão rapidamente quanto havia começado. — Caralho, esses filhos da mãe nos deram um susto! — disse uma voz atrás de uma máscara antigás. — Estão todos bem? — perguntou alguém no trem.

— McCurry e Weiss estão fodidos! — replicou outro. — Carllile, imbecil, você acertou Weiss! Ele entrou na minha linha de tiro! — respondeu o outro, no teto da locomotiva. — Eu não tenho culpa, caralho! — Discutiremos isso mais tarde disse a primeira voz, com autoridade. Devia ser o chefe. Vejam se estão todos mortos e vamos cair fora daqui. Este lugar me dá calafrios. Do fundo da vala ouvi os Verdes checando os mortos um a um.

Em algumas ocasiões ouvi as detonações surdas de seus fuzis, quando davam o tiro de misericórdia em algum ferido. Eu não tinha muito tempo para agir. Segurei o cadáver mais próximo e o coloquei em cima de mim, ao mesmo tempo tentando enterrar minhas pernas em uma montanha de corpos. Depois, a única coisa que podia fazer era ficar bem quieto e rezar. Os pedregulhos ao lado da vala rangeram quando alguém se aproximou. Prendi a respiração, sufocado pelo intenso fedor daquela pilha de cadáveres. Depois de

intermináveis segundos, a pessoa se afastou andando. Respirei, aliviado. Então, percebi que havia deixado a cesta com Lúculo ao lado dos restos da van. Senti que meu coração ia parar. Se encontrassem o gato, sem dúvida o matariam, e além do mais levariam meu medicamento.

O tempo passava lento, muito lento, enquanto aqueles homens entravam de novo no trem. Finalmente, com um rugido, o motor ganhou vida de novo, e acelerando o comboio foi se afastando lentamente. Fiquei deitado no meio dos corpos durante mais cinco minutos, até que o último ruído do motor desapareceu no horizonte. Quando já não se ouvia nada, afastei os corpos que me cobriam, enojado. Cambaleando, saí da vala de quatro. O trem já era apenas um ponto brilhante que se afastava no horizonte. O sol estava se pondo e tingia toda a planície de uma espectral luz vermelha que lhe dava um tom sangrento. Olhei em volta. Não havia ninguém à vista. Se mais alguém havia sobrevivido àquele massacre de última hora, estava se escondendo muito bem.

Tropeçando, fui até os trilhos, esquivando-me de corpos ainda quentes e cobertos de sangue. Dois deles, mortos, mas sem feridas graves na cabeça, começavam a se sacudir em espasmos. Em breve eu teria companhia. Tinha que sair dali. A cesta de Lúculo continuava onde a havia deixado. Elevei uma oração silenciosa ao céu e a abri. No fundo da cesta Lúculo continuava enrolado, e debaixo dele estavam todas as minhas coisas. Tomei um gole comedido de Cladoxpan e peguei a bússola. Sabia em que direção tinha que ir. A pergunta era se eu duraria tempo suficiente para chegar. Fiz uma mochila improvisada com a jaqueta de um morto e coloquei dentro todas as rações de comida e o conteúdo da cesta, exceto Lúculo. O garrafão de água pesava muito para mim. Vasculhei nos cadáveres até reunir meia dúzia de garrafas e cantis. Em uma delas até restava um pouco de Cladoxpan, que guardei junto com minha reserva. No total, consegui colocar dentro da "mochila"

uns quinze litros de água. Era o máximo que podia levar com aqueles recipientes, e também não podia me sobrecarregar demais. Estava muito fraco, moído e tinha um longo caminho pela frente. Aproveitei o resto da água para beber até me fartar e me lavar um pouco. Ainda usava o elegante terno italiano que havia vestido dois dias antes para ir trabalhar. Rasgado, coberto de sangue, terra e fluidos, já não era tão bonito. Descartei o paletó destruído e peguei a jaqueta de corte militar de um cadáver. No deserto pode fazer muito frio à noite. Segurando a cesta no braço e com a improvisada mochila nas costas, comecei a andar para o sudeste, seguindo os trilhos do trem, enquanto a noite caía sobre o sul dos Estados Unidos. Começava uma nova viagem. Mas, dessa vez, o relógio jogava contra.

Deserto.

Dia 2.

Acordei todo dolorido, com o sol da tarde no rosto. Havia caminhado a noite toda, até que o frio e o esgotamento me fizeram parar. Tinha que me manter em movimento e parar um pouco se quisesse ter alguma possibilidade, mas naquela noite sem lua corria o risco de quebrar uma perna, de modo que finalmente decidi dormir a manhã toda, até que passassem as horas de maior calor. Eu havia me refugiado no esqueleto de um ônibus para dormir. No início hesitara, pois temia que dentro daqueles restos se escondessem cascavéis, escorpiões ou mais uma dúzia de bichos, reais ou imaginários, que saturavam minha sobrecarregada imaginação. Finalmente, o bom senso se impôs. Eu havia ouvido o uivo de coiotes muito perto, e aquele era um risco real. Não sabia se os coiotes atacavam humanos, mas não valia a pena correr riscos. Bebi um gole de água misturado com o medicamento e abri uma ração de emergência. Tentei fazer que Lúculo comesse alguma coisa, mas ele estava muito fraco para mastigar. Contemplei, preocupado, o gato persa. Já não restavam dúvidas de que a ferida do rabo estava infeccionada. Se eu não encontrasse antibióticos logo, meu gato morreria. Mas, antes

de mais nada, precisava encontrar um meio de transporte. Após calcular o Cladoxpan que havia consumido em vinte e quatro horas, percebi que minhas reservas só durariam mais cinco dias. Seis, esticando muito. E se seguisse a pé, não chegaria a Gulfport antes de três semanas, na melhor das hipóteses. Saí dos restos do ônibus e retomei a caminhada. Eu me sentia curiosamente excitado e livre. Como no início do Apocalipse, estava sozinho de novo e só dependia de mim. Aquilo fez que a recordação de Lucía me assaltasse com uma pontada dolorosa. Eu amava minha mulher com toda a força de minha alma, mas naquele momento sua vida e a minha corriam por caminhos diferentes. Rezei para que ela estivesse bem e, principalmente, para poder encontrá-la de novo neste mundo. Depois de duas horas de caminhada estaquei de repente. Ao longe, no meio de um chaparral de árvores anãs e sem folhas, divisava-se uma cidadezinha ao lado dos trilhos. Meu coração se acelerou. Tirei a pistola da mochila e chequei o pente. Antes de ajeitá-la em meu cinto, tirei duas balas e as guardei em um bolso, com um calafrio. Se tudo desse errado, uma dessas balas era para Lúculo. A outra seria para mim. Ao me aproximar da cidade passei a caminhar com cautela. A pequena plataforma da estação estava coberta de corpos sem vida, esqueletos e restos de roupa. Aquele devia ser outro destino no qual os guardas de Greene se desfaziam de sua miserável carga humana. Com todos os sentidos em alerta, e colado a uma parede, caminhei por entre os restos. A paisagem era muito parecida com a do lugar onde nos tinham deixado. Não havia ninguém vivo ali. Aventurei-me a caminhar pela rua central da cidade deserta. Não devia ter mais de vinte casas, e de todas as janelas ocas as sombras do interior me contemplavam, escuras e ameaçadoras. Não se ouvia nem um só ruído. Só meus sapatos rangendo nas pedrinhas que cobriam o asfalto rachado. Um gemido atrás de mim fez que me voltasse como uma serpente, com a Beretta em riste. Abaixei a arma, tremendo. Era apenas um velho cartaz da Coca-Cola assoviando à mercê do vento.

Com todos os sentidos em alerta, entrei no único café da cidade. Os vidros das janelas, reduzidos a estilhaços, rangeram sob meus pés

quando penetrei no local em penumbra.

Não havia ninguém ali. Sem perder a porta de vista, abri caminho por entre as cadeiras quebradas e as mesas viradas até o balcão. Comecei a abrir gavetas, com fúria. Depois de cinco minutos deixei-me cair, desanimado.

Não havia absolutamente nada para comer nem beber ali dentro. Era de se esperar. Os sobreviventes das sucessivas viagens haviam saqueado até a última migalha daquela cidade. Qualquer coisa aproveitável que pudesse haver ali já tinha desaparecido fazia muito tempo. Não precisava checar o resto da cidade para adivinhar que em todas as outras casas encontraria algo parecido. Meu olhar parou em um monte de contas e papéis empilhados debaixo da pia. Mais por curiosidade que por outra coisa, peguei-os para dar uma olhada. Era a papelada habitual de um bar, mas no meio de tudo havia um pequeno tesouro. Era um folheto vagabundo, uma fotocópia, de um rancho chamado Doble Jota.

QUER SE SENTIR COMO UM VERDADEIRO CAUBÓI? EM DOBLE JOTA NÓS LHE PERMITIMOS VIVER A VERDADEIRA EXPERIÊNCIA TEXANA PASSEIOS A CAVALO! MARCAÇÃO DE GADO!

DESFROUTE DA MELHOR COZINHA TEX-MEX CONOSCO!

DOBLE JOTA! VOCÊ NUNCA VAI ESQUECER!

No final, havia um número de telefone e um mapa muito esquemático que levava de Sheertown (assim se chamava aquela cidade fantasma) ao rancho; tudo isso sobre um fundo brega de cavalos a galope e vaqueiros sorridentes apoiados em uma cerca. Eu me perguntava que diabos teria passado pela cabeça do dono daquele rancho para pensar que alguém ia querer ir até aquele canto perdido no cu do mundo para viver a "verdadeira experiência texana". Mesmo antes do Apocalipse, Sheertown era um lugar deprimente. De qualquer maneira, a qualidade do panfleto me fazia

pensar que nunca devia ter sido muito difícil arranjar uma mesa no restaurante do Doble Jota. Na verdade, devia ser extremamente raro encontrar outro visitante. Uma ideia absurda começou a germinar em minha cabeça. O rancho ficava perto da cidade, a menos de seis quilômetros, na direção oposta às principais rotas de saída daquele lugar. Era possível que ninguém houvesse reparado nele até então. Se assim fosse, eu tinha uma oportunidade de encontrar material de veterinária e alimentos ali. Talvez até um carro que ainda funcionasse. E se não encontrasse nada disso, pelo menos teria um lugar onde passar a noite. Por nada neste mundo eu pretendia dormir em Sheertown. Aquela cidade fantasma era como um cemitério ao ar livre. Algo maligno circulava pelo ar. Naquele lugar só restava desgraça e dor, muita dor. Eu podia sentir isso em todos os meus ossos.

Sem olhar para trás, comecei a caminhar. Saí da cidade, e após dez minutos de estrada encontrei um caminho de terra sem sinalização que bifurcava para o oeste. Olhei o mapa, para ter certeza. Era por ali, não havia dúvida. O caminho de terra estava coberto de restos de vegetação, e o mato o havia obstruído quase por completo em alguns lugares. Não se via nem uma única pegada além das deixadas pelos coiotes. Dava a sensação de que ninguém passava por ali fazia muito tempo. Caminhei durante uma hora por aquele caminho empoeirado, xingando em aramaico cada vez que me enroscava em um arbusto espinhoso. Houve um momento em que tive que abrir caminho por entre uma massa tão densa de vegetação que não se via o outro lado. Aquilo fez que minhas esperanças aumentassem. Se a estrada de terra estava nesse estado tão lamentável, era de se esperar que ninguém houvesse visitado o rancho em muito tempo. Finalmente, ao chegar ao topo de um pequeno morro, encontrei o rancho Doble Jota. Era um lugar miserável, com uma casa de madeira cercada. Perto da casa havia um enorme celeiro pintado de vermelho e uma construção comprida e baixa que imaginei que deviam ser as baias dos cavalos. Aquele lugar nunca devia ter tido um aspecto muito saudável, mas naquele momento era realmente tétrico. Um dos cercados situados ao lado

da casa continha os esqueletos branqueados de meia centena de cabeças de gado, que se desfaziam lentamente ao sol. Não era necessário ser um adivinho para saber que aquelas pobres vacas haviam morrido de fome e sede dentro do cercado quando seus donos pararam de cuidar delas. Ao pensar nisso, percebi uma coisa. Os antigos donos deviam estar em algum lugar. Talvez ali mesmo. Com a Beretta bem firme na mão direita, fui me aproximando. Ao chegar ao arco que cobria a entrada, apoiei no chão a mochila e a cesta com o gato. Era melhor entrar ali sem nada que me estorvasse. O primeiro lugar que inspecionei foram os estábulos. Era uma construção comprida e arrumada, com um longo corredor central flanqueado por duas dúzias de boxes para cavalos. Metade estava vazia, e na outra metade havia apenas os ossos de uma dúzia de cavalos. As portas metálicas estavam deformadas por causa de pancadas, e algumas tinham até manchas de sangue. Os nobres brutos haviam tentado abrir caminho para fora quando enlouqueceram de fome e sede, mas não conseguiram sair. De resto, aquele lugar estava vazio. Ao sair, notei uma pequena geladeira encostada na parede. Abri-a, sem grandes expectativas. Quase caí sentado diante da surpresa quando uma refrescante onda de ar gelado atingiu meu rosto e me banhou em uma suave luz esbranquiçada. A geladeira ainda funcionava. O rancho ainda tinha corrente elétrica.

Por um instante fiquei imóvel, extasiado com aquele jorro de ar fresco. Demorei um pouco para descobrir como diabos era possível aquele pequeno milagre. O teto do estábulo estava coberto de painéis solares, que alimentavam um gerador escondido em algum lugar. O antigo dono devia ser um sujeito que não gostava de pagar contas de luz, ou, o mais provável, que não podia se permitir um corte de luz em um lugar tão desolado. Tanto fazia. Aquilo era um golpe de sorte. Dentro da geladeira alinhavam-se, organizados, pequenos vidros de medicamentos para animais. Revirei-os apressadamente até que encontrei uma estante coberta de antibióticos. Eram para cavalos e vacas, de modo que não serviam para gatos. Hesitei por um instante. Uma dose muito forte podia

matar Lúculo, mas, por outro lado, eu não sabia se seria incompatível. Eu não tinha muitas opções, de modo que coloquei um punhado daqueles frascos no bolso e meia dúzia de agulhas hipodérmicas que encontrei em uma gaveta. Após dar uma última olhada, saí do estábulo. E então encontrei o primeiro não morto. Era um homem jovem, de uns vinte e poucos anos. Usava um macacão de brim e uma camisa xadrez vermelha e preta. No pescoço, um lenço desbotado. O não morto cambaleava ao andar, e atraído por minha presença acabava de virar a esquina da casa em minha direção. Da distância em que estava, vi que o não morto não tinha nenhuma ferida aparente. Aquele homem não havia se transformado por causa do ataque de outro não morto; o vírus tinha se apoderado dele traiçoeiramente, talvez por compartilhar uma garrafa, ou por um beijo. Isso era relativamente bom.

A má notícia era que o não morto, a me ver, soltou um gemido abafado e passou a caminhar rapidamente em minha direção. Com calma, deixei que fosse se aproximando, para não errar o tiro. De repente, meu olhar parou em um machado apoiado ao lado da porta. Após uma breve hesitação, abaixei a Beretta e segurei o machado com as duas mãos. Era pesado e muito comprido, e o fio estava um pouco danificado, mas mesmo assim era assustador. Seria muito menos barulhento que a pistola. Quando o não morto ficou a menos de três metros, levantei o machado acima de minha cabeça. Só então percebi que, se o primeiro golpe falhasse, eu não teria uma segunda oportunidade. Talvez não atirar não houvesse sido tão boa ideia, afinal. Mas não tive mais tempo para hesitar. O não morto se jogou sobre mim rugindo. Quando seus dedos quase me tocavam, desci o machado em sua cabeça com todas as minhas forças. A lâmina se cravou no meio de seu rosto, com um estalo abafado, detendo-o em seco. Apoiei um pé em seu peito e com um puxão arranquei o machado, que saiu com um chuup aquoso que me fez arrepiar. Por causa do impulso, o não morto caiu de costas no pó e ali ficou como uma tartaruga virada de costas. Aproveitando a oportunidade, dei uma segunda machadada. Dessa vez, a lâmina do machado penetrou profundamente seu crânio e destruiu seu

cérebro. O não morto esperneou algumas vezes e ficou definitivamente imóvel. Arfei, tentando recuperar o fôlego. Tive que fazer três tentativas antes de conseguir tirar o machado de sua cabeça, mas finalmente consegui. Com a lâmina ensanguentada do machado na frente, fui em direção à casa. Eu parecia um psicopata enlouquecido. Abri a porta com cuidado e olhei lá dentro. Estava claro que o proprietário nunca havia sido muito organizado. Dois anos de abandono tinham coberto todos os móveis com uma fina camada de pó do deserto. Porém, no meio do chão empoeirado distinguiram-se perfeitamente duas pegadas hesitantes. Com o sangue palpitando, segui as pegadas até a cozinha.

No final do rastro, ao lado de um fogão a lenha, uma não morta se reanimou ao me ouvir chegar. A mulher se jogou sobre mim, mas tropeçou em um banquinho tombado no chão e caiu. Sem hesitar nem um minuto, acertei-a com o machado várias vezes, até que sua cabeça se transformou em uma massa disforme de ossos, carne e miolos. Abandonei-me em um sofá, levantando uma nuvem de pó. Com toda a tranquilidade do mundo, peguei um pacote de Marlboro amassado que estava jogado por ali e acendi um cigarro. Estava assustado comigo mesmo. Eu havia matado dois monstros em menos de cinco minutos, e minha pulsação nem sequer havia se acelerado. Um tempo atrás, aquilo teria sido impensável. Que curioso... O sangue da não morta abria caminho por entre a areia do chão, criando estranhos meandros à medida que se espalhava.

Quando o sangue chegou ao meu sapato, dividiu-se em dois ramais que se perderam debaixo do sofá. Joguei o cigarro no chão depois de dar duas tragadas. De repente, havia perdido a vontade de fumar.

Vasculhei toda a casa sem encontrar mais ninguém. No porão, porém, tive uma maravilhosa surpresa. Um freezer lotado de enormes pedaços de carne congelada. Fiquei com a boca cheia d'água só de ver aquilo. Naquela noite, eu teria um jantar de primeira. Só faltava checar o celeiro. Saí de novo e atravessei o pátio em direção à grande estrutura de madeira vermelha. Sobre o corpo

do vaqueiro que acabava de matar, dois abutres pretos faziam um banquete, engolindo com parcimônia os miolos esparramados do não morto. As aves me olharam com curiosidade enquanto eu passava, mas não fizeram o menor movimento de fuga. Pouco a pouco, iam perdendo o medo do ser humano. Notei que estavam gordos e lustrosos. Não era de se estranhar. Nos últimos tempos não lhes faltara comida. A porta do celeiro estava fechada por fora com um grosso cadeado. Soltei uns palavrões. A chave podia estar em qualquer lugar, e eu não tinha nem tempo nem vontade de procurar. Desembainhei a Beretta e apontei para o cadeado. O tiro soou como um trovão, e os abutres, assustados, levantaram vôo, mal-humorados. O barulho deve ter sido ouvido muito longe, mas eu não me importava. Não havia ninguém — nem sequer não mortos — em muitos quilômetros ao redor. O interior do celeiro estava escuro e muito fresco. Uma sensação de umidade muito intensa me surpreendeu assim que entrei. Depois de um instante descobri o motivo. Uma bomba de água no fundo do edifício havia estourado em algum momento. A água saída de um poço artesiano fluía aos borbotões e, após criar um pequeno lago na parte posterior do celeiro, escapava por baixo do muro de madeira até se perder no deserto. Lá dentro estava cheio de umidade, e alguns sacos de cereais haviam estourado quando os grãos que continham germinaram. Todo o celeiro estava impregnado de um cheiro curioso. No meio da poça, um enorme trator John Deere dormia um sono eterno, esperando uma colheita que ia demorar muitos anos para chegar. Contornei o trator com cautela e vi um vulto esbranquiçado junto à parede. Estava ao lado de uma mesa de trabalho e um puído tapete laranja enrolado, coberto por um lençol branco. Contornei a mesa e o tapete, e com a mão livre puxei o lençol. Obrigado, meu Deus — murmurei com os lábios rachados. — Obrigado. Porque o que se escondia debaixo daquele lençol eram duas lindas e resplandecentes motocicletas.

Uma hora depois, eu estava de novo dentro do celeiro. O sol já estava se pondo, e a noite caía sobre o rancho Doble Jota. Dentro do edifício de madeira, eu havia acendido uma fogueira, onde

fantásticos pedaços de carne cheios de gordura soltavam faíscas em fogo lento. Lúculo dormia calmamente tão perto do fogo quanto podia suportar sem se chamuscar. Após um bom tempo hesitando, eu decidira lhe injetar apenas uma pequena parte da dose de antibiótico de um frasco. Calculei a proporção que corresponderia a seu peso e rezei para que aquilo não o matasse. O antibiótico não parecia ter feito mal ao meu pequeno amigo, que descansava com suaves roncões e um aspecto bem melhor que o de umas horas atrás. Eu não poderia jurar, mas tinha quase certeza de que estava fazendo efeito. Eu havia limpado sua ferida e trocado o curativo. Ele ainda tinha um pouco de infecção, mas tudo parecia indicar que Lúculo sairia dessa. Havia deixado uma de suas vidas felinas no caminho, mas ia conseguir. Eu estava muito extasiado contemplando minha nova aquisição. Debaixo da manta havia duas motocicletas, uma enorme e pesada Honda Goldwing e uma moto coreana de 125cc, feia e pequena. A Goldwing reluzia à luz da fogueira. Era um desses transatlânticos de estrada, larga e robusta, com um grande banco e um guidão cheio de botões. Era uma moto para fazer milhares de quilômetros, e estava em estado maravilhoso, assim como a outra. Evidentemente, minha primeira opção tinha sido a Goldwing, mas havia dois problemas. O primeiro era que a bateria estava totalmente descarregada, e aquele motor de injeção não arrancaria de jeito nenhum sem uma bateria. O segundo problema era que aquela moto era muito grande e pouco manejável. Em uma estrada sem obstáculos seria perfeita, mas eu tinha certeza de que encontraria mais de um obstáculo pelo caminho, dos quais talvez precisasse fugir a toda a velocidade. Então, voltei-me para a coreana. Era de uma marca da qual eu jamais ouvira falar (Daystar??) e tinha um estilo um tanto grosseiro, com acabamentos baratos. Porém, era pequena, leve e de aspecto robusto, e o mais importante: tinha um motor de carburação, que podia ser ligado com um pedal de arranque. Virei a carne no fogo e fui até a motocicleta. Empurrei-a para o centro do celeiro e montei nela. Ao chacoalhá-la, comprovei que o tanque estava cheio. Perfeito. Coloquei em ponto morto e comecei a baixar o pé no pedal de arranque, durante quase dez minutos. O motor, após dois anos

parado, afogava e tossia, incapaz de ligar. Tirei a vela, limpei-a com esmero e tornei a colocá-la no lugar. Uma vez mais, subi no pedal de arranque e soltei meu peso sobre ele, com força. O motor ganhou vida com um som áspero, e um jato de fumaça preta saiu pelo escapamento. Sorri, aliviado, e dei umas aceleradas. A Daystar rugia, com um som um tanto surdo, mas rugia. Eu tinha um meio de transporte para sair dali. Desci da moto, eufórico, e comecei a executar uma absurda dança irlandesa no meio do celeiro, feliz demais para ficar quieto. E, de repente, o tapete laranja deu um grunhido. Dei um grito de espanto e caí sentado ao lado do fogo, com o coração batendo de forma selvagem. Não podia ser. Não podia ser verdade. O tapete soltou outro grunhido, como se quisesse me mostrar que eu estava enganado. Tropecei em toda a minha bagagem enquanto ia em busca da pistola, e sem querer joguei as chuletas nas brasas. O ar se encheu imediatamente com o cheiro de carne queimada, e eu segurava a Beretta com mãos trêmulas. O tapete tornou a grunhir, e dessa vez fez um pequeno movimento. Aproximei-me com cautela, sem afastar o olhar daquela montanha de tecido meio podre. Ao reparar melhor, senti todos os meus pelos se arrepiarem. Aquilo não era um tapete.

Era um maldito não morto.

O que eu havia tomado por uma camada de tecido era, na realidade, uma enorme colônia de fungos filamentosos cor de laranja que cobria todo o corpo de um pobre infeliz. A escuridão dentro do celeiro e o elevado nível de umidade haviam ajudado o mofo a se propagar rapidamente sobre o indivíduo, até escondê-lo por completo. Lembrei que o celeiro estava fechado por fora quando cheguei. Não era muito arriscado supor que aquela pessoa havia sido a primeira a se transformar. Os outros dois habitantes do rancho não haviam tido coragem suficiente para matá-lo (seriam seus pais? seus irmãos?) e o haviam trancado dentro do celeiro, sem saber que o TSJ também já corria por suas veias. E ali ficara, apodrecendo lentamente naquele ambiente cheio de umidade, até que cheguei. Eu me perguntei por que não se mexia. Passo a passo,

fui me aproximando com cautela, preparado para qualquer movimento imprevisto. Quando estava quase ao lado dele, vi que o fungo havia devorado a maior parte da massa muscular do (homem, mulher? Impossível dizer) indivíduo. Por isso não se mexia. Não podia se levantar nem mexer os restos de músculo que lhe restavam. Era apenas um esqueleto, mal coberto pelos restos de carne que o fungo não havia devorado ainda, envolvido por uma densa manta de filamentos cor de laranja. Porém, seu cérebro, bem protegido dentro do crânio, aguentava até o final. Mas eu imaginava que também não devia restar muito dele. Era horrível. Eu não podia imaginar uma agonia pior. Sentei-me muito devagar, sem afastar o olhar daquela ruína humana. No lugar onde devia estar a cabeça, um vulto se mexia, seguindo meus movimentos. Os olhos haviam desaparecido fazia muito tempo, e eu suspeitava que todo o ouvido interno, quente e úmido, também, mas ainda assim aquele ser continuava sentindo, de alguma maneira, que eu estava ao seu lado, muito perto. Era assustador e repulsivo em partes iguais. Refleti durante um tempo, avaliando suas implicações. Era quase incrível de tão impressionante. Descartando que fosse um caso especial, se os fungos haviam engolido aquele não morto até quase o destruir, era de se supor que todos os outros seguiriam o mesmo destino cedo ou tarde. Pelo menos os que estavam em áreas úmidas e temperadas, onde os fungos podiam crescer com facilidade. Os arredores de Gulfport, colados ao mar, eram um lugar perfeito. Lamentei não ter tido tempo para falar com algum hilota e lhe perguntar o que estavam encontrando do lado de fora. Eu poderia apostar o que me restava de Cladoxpan que pelos arredores da cidade de Greene muitos não mortos estavam adquirindo um aspecto similar. Isso me levou a pensar em minha casa, na Galícia. Um lugar úmido e chuvoso, como quase toda a costa atlântica, verde como a Irlanda e molhado durante três dias em cada quatro. Passaram-se dois anos desde que eu saíra de lá. Eu me perguntava se os não mortos ali estariam do mesmo jeito. Sem perceber, comecei a soluçar, dominado pela saudade. Eu me sentia sozinho, muito só, e bem longe de qualquer lugar que pudesse chamar de lar. Toda a euforia que me inundara apenas um minuto antes havia se evaporado por

completo. Ouvi um fraco miado. Lúculo pôs a cabecinha para fora da cesta e conseguiu sair, com dificuldade. Era de cortar o coração ver um gato tão ágil cambalear feito um velho. Com andar trêmulo, ele foi até meu colo. Fazendo um esforço, subiu em minhas pernas e se enrolou de novo sobre mim, ronronando. Então, comecei a chorar sem controle. Que gato! De algum jeito, havia percebido que eu precisava dele. Dali em diante, cada vez que me perguntasse por que o arrastava comigo por meio mundo, eu recordaria aquele momento. Passei o resto da noite em um dorme e acorda. Antes de me deitar ao lado dos rescaldos da fogueira, decapitei com uma machadada o não morto transformado em pelúcia e esmaguei sua cabeça. Embora não fosse um perigo para ninguém, não podia deixá-lo jogado ali daquele jeito. Não era justo para ele. Aconcheguei-me em umas mantas de cavalo e tentei dormir. O dia seguinte seria muito longo, e muito duro, mas eu ia a Gulfport de qualquer jeito, onde minha gente me esperava. E minha vingança.

Deserto.

Dia 3.

Na manhã seguinte, saí muito cedo. Não podia arriscar a circular à noite de moto, não nas condições em que as estradas se encontravam. Era um convite para um acidente rápido, absurdo e possivelmente mortal. Viajaria até as horas de mais calor do meio-dia, quando fazia uma pausa. Depois, seguiria até que a noite caísse. Para uma moto pequena, a Daystar pesava bastante, mas em poucos quilômetros mostrou ser uma excelente escolha. Tinha brio suficiente para me tirar de um engarrafamento e era muito fácil de manejar. Além do mais, sua mecânica, simples mas robusta, garantia que seria pouco provável ocorrer uma avaria de motor. A moto soltava estouros alegremente enquanto ganhava velocidade pela pista de areia a caminho da estrada principal. Eu tinha duas opções: tomar a ferrovia ou seguir a rede de estradas secundárias que estavam desenhadas no mapa. Até aquele momento, a via férrea havia sido meu fio condutor, mas via-se no mapa que ela traçava

uma imensa curva para o norte antes de voltar para o sudeste, meu destino. E além do mais ela passava perigosamente perto de alguns núcleos de população muito grandes, atravessando alguns deles. O que não era um problema para uma locomotiva de várias centenas de toneladas convenientemente reforçada poderia ser um obstáculo insuperável para um sujeito em uma motocicleta que ficara parada havia mais de dois anos.

Eu não podia passar por aqueles lugares de jeito nenhum. A moto me permitiria esquivar-me dos não mortos solitários, até de pequenos grupos, mas no meio de uma multidão eu estaria morto em menos de dez minutos. Bastaria que um deles cruzasse meu caminho para que eu fosse parar no chão. Depois, estaria ferrado. De modo que não me restava outra opção a não ser seguir as estradas secundárias. Teria que passar por poucas cidades, e não esperava encontrar muitos não mortos. Meus problemas eram outros. Precisava encontrar gasolina no caminho. E minha reserva de Cladoxpan não parava de diminuir de forma alarmante.

Lúculo, muito mais esperto e melhor após as injeções de antibióticos, remexia-se, inquieto, dentro de um dos alforjes, mordiscando um velho cinto de couro. Ao lado dele, a garrafa com metade de minha reserva de Cladoxpan. No outro alforje, o resto, dentro de uma garrafa de uísque que eu havia esvaziado, junto com a água e o restante das minhas provisões. Era mais prudente dividir o remédio em dois recipientes do que levá-lo em um só. Se perdesse um deles por algum motivo, sempre me restaria o outro de reserva.

Passei a manhã toda daquele dia circulando por uma estrada vazia e coberta de mato e terra. De vez em quando encontrava algum carro abandonado no acostamento, ou alguma figura solitária cambaleando ao longe. Quando ouviam o motor da motocicleta, voltavam sobre seus passos em direção à estrada, mas, quando chegavam, eu já havia ido embora. Eu não podia parar nem diminuir o ritmo, se não quisesse ser surpreendido por um não morto errante no momento menos esperado. Não me importava. A única coisa que queria era vencer quilômetros. Mais quilômetros. Gulfport me atraía como um ímã atrai um pedaço de ferro. Na primeira noite, dormi ao relento, no alto de uma colina. Com o uivo dos coiotes, não me atrevi a acender uma fogueira, que poderia atrair bichos ainda piores. E não pensava só nos não mortos. No caminho, eu havia visto cada vez mais sinais da passagem recente de seres humanos. Marcas no pó da estrada, restos de fogueiras,

montes de reluzentes cápsulas de cobre... Em um cruzamento, havia até encontrado as pegadas da passagem recente de uma enorme caravana de veículos pesados. Eu não podia ter certeza de que todos os que andavam por ali fossem amistosos, de modo que era melhor não dar pistas de minha presença. Para ficar mais seguro, amarrei Lúculo ao meu punho com um cordão e fui dormir. Se alguém ou algo se aproximasse, os afiadíssimos sentidos do gato o detectariam muito antes de mim, e se ele se mexesse me acordaria.

Duas horas depois de me deitar para dormir, vi que minhas precauções haviam sido acertadas. Uma manada de cães, agora selvagens, aproximou-se, farejando, ao pé da colina. Formavam uma mistura heterogênea de mestiços, um golden retriever e até um enorme e ameaçador pit buli. Quando chegaram, Lúculo começou a bufar, furioso, e eu me levantei com a pistola na mão. No início dei alguns gritos, e eles ficaram me olhando, imagino que meio estupefatos por encontrarem um ser humano solitário no meio do nada. Tive que jogar um bom punhado de pedras neles para convencê-los a ir embora. Por fim, devem ter pensado que eu era um lanchinho muito perigoso e se afastaram, seguindo o pit bull. Só então respirei aliviado, mas não tornei a dormir tranquilo o resto da noite.

E, na manhã seguinte, paguei muito caro por isso.

Em algum ponto no interior do Mississippi.

Dia 4.

Eu ia conseguir. Estava a menos de cinquenta quilômetros de Gulfport. O sol já estava se pondo, mas eu me sentia exultante. Em dois dias de viagem havia feito quase quatrocentos quilômetros. Dadas as circunstâncias, era um recorde admirável. Ter escolhido as estradas secundárias havia se revelado um acerto. Quando, naquela mesma manhã, passara por uma placa que indicava que estava entrando no estado do Mississípi, quase não acreditei. À medida que

ia me aproximando do estado do Grande Rio, a densidade da população ia aumentando. Cada vez era mais complicado contornar vilarejos e pequenas cidades, e em muitos casos não houve mais remédio senão atravessá-los a toda a velocidade, arriscando a pele ao passar por entre algumas casas sem saber se havia saída do outro lado. Porém, estava sendo fácil. Fácil demais, até. Em cidades que deviam estar cheias de não mortos, eu encontrava apenas uma ou duas dúzias, e me esquivava facilmente deles com a moto, ziguezagueando por entre os restos destruídos de civilização. À medida que ia me aproximando da costa e a umidade do ambiente aumentava, os fungos eram visíveis em todos esses pobres-diabos. Não havia nem um único não morto que não estivesse infestado, em maior ou menor medida. Alguns tinham só o rosto coberto, ou as feridas. Outros eram como um tapete com pernas, e muitos, muitos, estavam tão consumidos que se movimentavam de um jeito esquisito ou simplesmente se arrastavam, incapazes de mexer as pernas. Os mais lamentáveis eram aqueles nos quais as cepas de fungos estavam colonizando a massa cerebral, pois se movimentavam de uma maneira errática e descompassada, como um robô cuja programação começasse a falhar. E por todos os lados, centenas, milhares de montanhas de ossos cobertos por uma camada de pelo laranja, verde ou violeta, que marcavam o lugar onde um não morto havia caído esmagado por seu próprio peso.

Percebi, com um calafrio, que aquela viagem teria sido impossível uns meses antes. A praga estava desmoronando lentamente, devorada por um dos seres vivos mais primitivos e antigos de toda a criação. Em poucos anos, o mundo tornaria a ser um lugar habitável para os sobreviventes, mais uma vez. E ao pensar nisso a raiva aumentava dentro de mim. Eu não queria morrer. Não tão perto do fim. De vez em quando, eu atravessava cidades incendiadas até o alicerce, e em uma ocasião passei por uma cidade totalmente abandonada, tão vazia que parecia o cenário de um filme que haviam esquecido de gravar. Mas não parei em momento nenhum, salvo por dez minutos, para encher o tanque de minha moto com o combustível de um veículo tombado. O tempo voava. Até aquele momento, eu conseguira manter o TSJ sob controle. Beber um bom

gole de Cladoxpan a cada duas horas, mais ou menos, era suficiente para que aquele filho da mãe tornasse a adormecer por um bom tempo. Descobri que o primeiro sintoma era começar a suar profusamente. Ao menor sinal de transpiração, eu parava a moto um segundo, bebia uma dose e seguia meu caminho. Não era só que aquela beberagem me mantinha no mundo dos vivos. Cada vez eu tinha a mais urgente sensação de que precisava dela. Não sabia se era uma dependência física ou psicológica, mas era tão real quanto a dor nas costas que sentia após passar muitas horas em uma moto provida de amortecedores projetados nos anos 1950.

Mas eu estava perto. Muito perto. E isso fazia que me sentisse feliz e relaxado. Coisa que, junto com o cansaço acumulado, mostrou ser um coquetel fatal. Aconteceu em um trecho sinuoso de estrada. O sul do Mississípi está cheio de regiões pantanosas, lagoas e diques, pois o rio se esparrama em todas as direções, por estar tão perto do mar. Isso tornava ainda mais complicado a movimentação dos não mortos, por isso eu tinha certeza de que milhares deles haviam ficado presos nas águas lodosas que se estendiam por todos os lados. Fazia mais de uma hora que eu não via nenhum deles, e estava começando a sentir sono. Disse a mim mesmo que havia chegado a hora de parar e procurar um bom lugar onde dormir. De repente, ao fazer uma curva, vi uma imagem surpreendente. Era uma maldita caminhonete de sorvete, branca e quadrada, com as portas laterais abertas e uma enorme casquinha de sorvete gigante no teto. Sobre a cabine havia uns alto-falantes cobertos de folhas mortas, por onde, em algum momento, devia sair uma musiquinha para atrair os clientes. Eu jamais havia visto uma como aquela, exceto nos filmes. Era tão chamativa e principalmente tão fora de lugar ali, no meio de uma estrada perdida que atravessava um pântano, que fiquei encantado e tirei os olhos da estrada durante um segundo. Foi o suficiente. No meio da estrada havia um monte de ossos cobertos de mofo azul (o motorista da van, talvez), e só os vi quando já estava em cima deles. Tentei me esquivar, mas era tarde demais. Um fêmur em ângulo inclinado se enganchou em um dos estribos, e a moto fez um estranho movimento. Rapidamente,

virei o guidão em sentido contrário, mas a roda traseira derrapou em um monte de folhas podres que cobria um trecho de asfalto. Fui para o chão, com um sonoro estrondo de metais e plásticos quebrados. A moto derrapou de lado por uns vinte metros, e minha perna direita ficou presa embaixo da máquina. Felizmente, a defesa lateral de aço não se dobrou, porque, do contrário, minha perna teria ficado reduzida a um purê sanguinolento misturado com pedrinhas. Porém, senti uma pontada de dor intensa no tornozelo antes de ser jogado em uns arbustos.

Rolei sobre mim mesmo várias vezes antes de ficar travado no mato.

Por um momento fiquei deitado, piscando, maravilhado por ainda estar inteiro. Com cuidado, apalpei todo o meu corpo. Ainda não podia acreditar. À velocidade que eu estava, o mais lógico teria sido eu ter morrido na hora.

Por uns segundos fez-se silêncio na estrada. Ainda deitado de costas, ouvia o pio dos pássaros, enquanto o sol se infiltrava por entre os galhos das árvores, desenhando estranhas cabriolas de luz em meu rosto. De repente lembrei. Liliculo! Levantei-me a toda a velocidade, mas, ao apoiar o pé direito, dei um grito de dor e tornei a cair. Havia quebrado o tornozelo. E doía muito. Ergui-me de novo, com muito cuidado para não apoiar o peso sobre o tornozelo ferido. Mancando, avancei até o meio da estrada. Eu temia o pior. De repente, saído de lugar nenhum, apareceu uma bola de pelo laranja perseguindo uma lagartixa com fúria maníaca. A lagartixa se escondeu em uma fenda do asfalto, e meu gato começou a raspar a rachadura, miando de frustração. — Muito obrigado, Lúculo murmurei, contrariado. Eu também estou bem, obrigado por perguntar.

Ah, sim, acho que quebrei um tornozelo, pequeno filho da mãe. Lúculo olhou para mim e, após hesitar um instante, continuou o que estava fazendo. Para ele, aquilo havia sido apenas mais um jogo divertido, que havia vencido com insultante facilidade. Gemendo de dor, fui até a moto, que havia batido em um carvalho, e então

compreendi que tinha um problema muito grave. Ah, caralho, não. Tão perto, não, isso não pode acontecer! O pneu dianteiro havia estourado ao bater no tronco, e o garfo da moto estava dobrado em um ângulo impossível. Além do mais, por causa da batida o reservatório de óleo havia estourado, e por baixo da Daystar estendia-se uma poça gordurosa e escura. Aquela motocicleta havia percorrido seu último quilômetro. Além de tudo, tinha caído sobre o lado direito, e o alforje daquele lado estava totalmente esmagado. De repente, lembrei que esse era o alforje onde eu guardava minhas provisões., e metade de minhas reservas de Cladoxpan. Com o coração apertado, tentei levantar a moto. Isso já era bastante difícil em condições normais, mas muito mais quando não podia apoiar um dos pés. Finalmente, usando um galho de carvalho como alavanca, consegui levantá-la o suficiente para tirar o alforje de baixo da máquina. Ao abri-lo, senti um cheiro adocicado que me era familiar. A garrafa de vidro onde guardava metade da bebida estava quebrada e todo o Cladoxpan que continha estava esparramado no chão. Apoiei-me no carvalho, desolado. A situação não podia ser pior. Estava anoitecendo, no meio de um pântano cheio de seres potencialmente perigosos, e eu não tinha nenhum meio de transporte para sair dali. Além do mais, estava com um tornozelo quebrado, de modo que não podia andar. E, como se não bastasse, minha reserva do produto que evitava que me transformasse em um não morto ficara reduzida à metade. E tudo isso quando já estava chegando. Tive vontade de me dar um tiro ali mesmo.

Passou-se uma hora e fez-se noite. Após um bom período de autocompaixão, levantei-me aos tropeções. Precisava seguir adiante, fosse como fosse. Ninguém iria me resgatar.

Com a faca, cortei um galho baixo do carvalho para fabricar uma muleta. Passei um tempo lhe dando forma, enquanto Lúculo se divertia tentando caçar as farpas de madeira que iam se desprendendo. Quando acabei, olhei-a com olho crítico. Era, sem dúvida, a muleta mais feia da história, mas teria que servir. Eu não podia carregar muito peso naquele estado, de modo que decidi

deixar ali toda a minha reserva de água. Estava cercado de canais e represas por todos os lados, de modo que ela não me faria falta. Coloquei no alforje a reserva de comida, a pistola, a bússola e o meio litro de Cladoxpan que me restava. Pendurei o alforje a tiracolo e amarrei Lúculo com uma correia na minha cintura. Meu pequeno amigo teria que andar comigo pelo resto do caminho. Já pronto, saí andando. Duas horas depois parei, totalmente esgotado. Aquilo seria muito mais difícil do que eu pensara. Não havia percorrido mais de um quilômetro e meio do local do acidente, e o pântano continuava me cercado por todos os lados. A esse ritmo, levaria um mês para chegar. Era ridículo pensar naquilo, porque com o Cladoxpan que me restava não estaria vivo além de 24 horas.

Desanimado, sentei-me ao lado da estrada. Com cuidado, acendi uma pequena fogueira e comi a última ração de emergência que me restava. O fogo manteria os bichos do pântano afastados, e se atraísse algum ser vivo., bem, por mais hostil que fosse, sempre seria melhor que morrer ali sozinho.

Subitamente, compreendi que ia morrer. E descobrir isso fez que o resto da noite fosse muito mais longo e amargo do que eu teria desejado. Finalmente, esgotado, desmoralizado e sem forças, adormeci ao lado da fogueira. Tudo estava acabado.

Pântano de Old Bouie, Mississípi.

Dia 5.

Na manhã seguinte fui acordado pelas lambidas de Lúculo no rosto. Girei o corpo no chão, sem abrir os olhos, resmungando. Não queria levantar. Não queria acordar.

Só queria ficar ali deitado e morrer em paz. Quando chegasse a hora, enfiaria uma bala na cabeça e tudo estaria acabado. Não podia fazer mais nada. Lúculo insistiu de novo. Sua enorme língua cobriu toda a minha bochecha, do queixo até as sobrancelhas, e me deixou impregnado de baba. Uma nova lambida entrou em minhas

fossas nasais e encharcou todo o meu rosto, enquanto seu hálito soprava meus cabelos. Vendo que eu não lhe dava a menor atenção, soltou um sonoro zurro.

Um zurro?

Abri os olhos e me levantei de supetão. Ao meu lado, uma mula me olhava com interesse, mexendo as orelhas para frente e para trás, inquisitiva. Ao me ver reagir, deu-me uma nova lambida (só quem foi lambido por uma mula sabe como seu hálito é nojento), mas não me importei. Esfreguei os olhos algumas vezes e até me belisquei para ter certeza de que estava acordado. Olá, amiguinha, oi sussurrei, com voz tranquilizadora. A última coisa que eu queria era espantar o animal.

Era uma fêmea jovem, de tamanho médio, e tinha boa aparência. Estava coberta de lodo seco até a ponta do focinho e parecia estar muito contente por ter me encontrado.

— De onde diabos você saiu, hein? perguntei-lhe, passando a mão por seu lombo e coçando atrás de suas orelhas. Não havia mais ninguém à vista por ali. Gritei algumas vezes, caso alguém estivesse me vigiando do mato, mas ninguém respondeu. Por fim, cheguei à conclusão de que o animal estava sozinho. Tinha jeito de estar vivendo nos pântanos fazia bastante tempo. Estava sem ferraduras, e os buracos dos cravos nos cascos estavam quase fechados. Ainda tinha gravada a marca de seu proprietário em uma das ancas, mas já se apagando. Aquele animal estava abandonado, mas era muito dócil. Talvez estivesse abandonado desde o início da pandemia, sem ver um ser humano. Por isso, quando me encontrou, aproximou-se de mim. Era difícil dizer, mas eu tinha quase certeza de que ela se alegrara tanto por me ver quanto eu por vê-la.

Lúcuo, por sua vez, olhava de olhos arregalados aquele gato enorme e de orelhas pontudas que havia se juntado a nós. Não tinha sela, mas eu não ia deixar que aquilo me detivesse. O mundo havia me dado uma nova oportunidade, e eu não ia desperdiçá-la. Com uma das correias de couro improvisei umas rédeas e coloquei-as no

pescoço dela. Pus os alforjes da moto no lombo do animal e os amarrei por baixo de seu ventre com a última correia que restava. A mula me deixou agir tranquilamente, como se estivesse muito acostumada àquele ritual. Quando acabei, coloquei o gato dentro de um dos alforjes e com um último esforço montei na mula. Fazia muito tempo que eu não montava, e numa mula era a primeira vez, mas equitação é como andar de bicicleta. Mesmo que se passem anos, você nunca esquece. Estalei suavemente a língua e dei com o calcanhar esquerdo no flanco do animal. Como se não esperasse outra coisa, a mula começou a caminhar a bom ritmo pela estrada. Passei a mão pelo rosto, ainda sem poder acreditar. Um pouco antes eu estava pensando qual seria a melhor maneira de acabar com tudo e no momento seguinte estava trotando sobre uma mula a caminho de Gulfport. Sem dúvida, meu anjo da guarda merecia um prêmio extra.

O caminho se abria lentamente, e a vegetação era cada vez menos densa. Logo sairia daquele pântano, e as coisas seriam muito mais fáceis.

Você só tem que fazer cinquenta quilômetros, amiguinha — sussurrei na orelha dela. — Só cinquenta. Acha que consegue? A mula levantou as orelhas e acelerou o trote, como se houvesse me entendido. Provavelmente estava feliz por ouvir de novo uma voz humana. Talvez pensasse que eu ia levá-la de novo a um quente e confortável estábulo.

Você não tem nome — disse para mim mesmo. Precisa de um nome... O que acha de Esperança? A mula seguiu trotando, alheia a minhas divagações. Mas eu me sentia tão feliz de estar vivo que qualquer coisa me deixava de bom humor. Até que, de repente, me dei conta de que minha reserva de Cladoxpan só duraria mais um dia. E nem na melhor das hipóteses Esperança poderia cobrir os cinquenta quilômetros em menos de dois dias. Eu ia me atrasar por apenas vinte e quatro horas. —Não perca a calma. Reduza as doses à metade e vai conseguir que dure o dobro.

— Ah, que grande ideia. Talvez o TSJ tenha algo a dizer sobre tudo isso. Talvez esse pequeno filho da puta não concorde com uma dieta de meia ração. — Por acaso você tem alternativa, estúpido? Gritei, impotente, e a mula levantou as orelhas, alarmada. Não tinha alternativa. Teria que reduzir a ração à metade. E bem nesse momento, como se estivesse esperando o sinal, todo o meu corpo começou a suar, dando o primeiro aviso. A transformação estava começando.

Duas horas depois, começaram os calafrios. Bebi só meio gole, e a intensidade das contrações diminuiu, mas não chegou a desaparecer. Eu tinha que parar para beber toda hora, porque não parava de suar.

Ao meio-dia, os calafrios eram insuportáveis, e minhas mãos tremiam tão violentamente que eu tinha que fazer esforços para não derramar minha minguada reserva de medicamento ao beber. A tentação de dar um gole grande era quase insuportável, mas eu me controlava. Se fizesse isso, esgotaria minha reserva. Mas a tentação era forte. Forte demais. No meio da tarde comecei a sentir uma sede terrível. Fiz Esperança parar ao lado de um riacho e descii para beber. Quando desmontei, um de meus pés se enroscou na borda do alforje. Agitei os braços, mas não consegui manter o equilíbrio e caí de bruços no asfalto. Bati a cabeça, e o corte em minha testa abriu novamente. Só percebi quando umas gotas de sangue quente começaram a cair no riacho. O sangue se diluiu lentamente em espirais preguiçosas enquanto a corrente o levava rio abaixo. Contemplei-o com expressão vazia, enquanto a água, impregnada de sangue, se afastava. Por um instante me perguntei o que aconteceria se alguém bebesse um gole dessa água rio abaixo. Provavelmente se contaminaria com o TSJ. Quantos litros de água eu teria contaminado com aquelas gotas, e por quanto tempo? Isso era algo que aquele maldito médico italiano poderia ter me respondido, se não fosse um lunático perdido. Montei de novo após cinco torturantes minutos de tentativas frustradas. A mula me contemplava, surpresa, como se não pudesse conceber que alguém

fosse tão desajeitado. Tive que caminhar até um muro meio destruído para poder montar de novo em minha cavalgadura. Não era só o tornozelo machucado que pulsava enviando pontadas de dor regulares. Minhas pernas estavam começando a falhar. Só consegui cavalgar mais quinze minutos antes de ficar de novo morrendo de sede. O mesmo riacho corria gorgolejando ao lado da estrada, e de novo parei a mula, quase na mesma margem. Dessa vez, mergulhei o rosto na água para beber a grandes goles gulosos. Assim que acabei, tive uns engulhos violentos e vomitei na margem todo o conteúdo do estômago. Calculo que devolvi uns cinco litros de água, uma quantidade enorme para meu estômago.

Coloquei de novo a cabeça no rio e bebi com moderação, tentando mais me reidratar do que combater a sede. Aquele desejo era antinatural, e eu acabava não bebendo. Pelo menos não bebendo água. Coloquei a mão no frasco de Cladoxpan e o abri. Quando já estava quase tocando meus lábios, em um último instante de autocontrole consegui tampá-lo de novo e recolocá-lo na cintura. Foi, de longe, uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Não sei quanto tempo se passou depois. A mula caminhava a passo tranquilo pela estrada que levava a Gulfport, desviando-se com naturalidade dos restos de veículos abandonados. Felizmente, estávamos atravessando uma zona desabitada e não havia um único não morto à vista. Não sei o que teria acontecido se houvesse aparecido algum. Ou melhor, sei o que teria acontecido. A duras penas eu conseguia me manter sobre a cavalgadura sem cair. — Tem que se segurar bem — repetia a mim mesmo. Não pode cair. Não pode cair. Não pode cair. — Pode, sim disse Greene alegremente, desembulhando um picolé e chupando-o com deleite. — Só precisa relaxar e soltar as rédeas. Depois, tudo será muito mais fácil. Voltei a cabeça, confuso. O reverendo caminhava ao meu lado, com sua Bíblia debaixo do braço e o sorvete na mão. O picolé era de um carmim escuro, e cada vez que Greene o chupava em seus lábios deixava um rastro escuro que parecia sangue. O que está fazendo aqui? — murmurei por entre meus lábios rachados.

— A pergunta é o que você está fazendo aqui — replicou o reverendo, lambendo com lascívia os restos de sorvete de sua boca. Pude ver suas gengivas podres, de onde saía um monte de larvas brancas. — Já deveria estar morto. Você sabe, não é? — Acho que quer se vingar, reverendo — disse uma voz do outro lado de minha cavalgadura. Voltei a cabeça e pisquei. Ao meu lado esquerdo andava Grapes, com uma mochila nas costas, de onde ia tirando gatos de rua. Com sua faca, abria-os ao meio, tirava suas tripas e, a seguir, enfiava-as na boca com gula. Ele quer chegar a Gulfport para nos matar, mas não sabe que já está morto. — Não estou morto! — protestei sem forças. Percebi, assustado, que arrastava as palavras. E vocês não estão aqui. Isto é uma maldita alucinação. — Ah, claro que estamos — replicou Greene ao meu lado. Ao voltar a cabeça em sua direção, vi que o reverendo havia se transformado em Ushakov, o capitão russo do Zaren Kibbish. Nós também estamos mortos, sabia? Estamos todos mortos por sua causa. E você vai se juntar a nós daqui a muito pouco interveio Grapes. Já não estava estripando gatos, mas usando a faca para tirar pedacinhos de suas próprias tripas, que depois levava à boca e mastigava com deleite. — Quer um pouco? Minhas tripas rugiram e minha boca se encheu de saliva. Aquela carne humana, quente e sanguinolenta, tinha um aspecto tão apetitoso! Estiquei a mão para ele, mas Grapes afastou o pedaço que me oferecia com um gesto debochado e meneou o dedo indicador diante de meu rosto, como um metrônomo. — Não, não, não disse. — Se quiser um pouco, vai ter que caçar a sua. É o que todos nós fazemos. — É o que todos nós fazemos! gritaram Greene e Ushakov em COM.

Ao lado deles caminhava o marinheiro que quis violentar Lucía nas Canárias, mas estava tão coberto de mofo colorido que quase não se podia ver sua forma. O fungo já havia devorado sua língua, e ele não conseguia falar, mas seus gestos eram inconfundíveis. O sujeito balançava a pelve de forma grosseira, enquanto com uma mão segurava um pedaço de carne humana que levava à boca e mastigava com frenesi. Cada vez que mordia, dois dentes se soltavam e ficavam caídos na areia do caminho, como pequenas

pérolas ensopadas de sangue. — Vão para o inferno — praguejei com voz pastosa. — Vão para o inferno, inferno, inferno!!

E onde você pensa que está? — sussurrou Greene em meu ouvido. Estava montado na mula e pegava carinhosamente minha cintura, como se fôssemos amantes, segurando sua Bíblia diante de meus olhos. Veja o que diz o livro e arrependa-se de seus pecados. Você está morto. Nããã! rugi, e dei-lhe uma cotovelada. Mas meu braço atravessou o ar, porque Greene já havia desaparecido, junto com todos os outros.

Tremendo de pânico e de algo mais, desenrosquei a garrafa de Cladoxpan para dar um gole. Inclinei-a sobre minha boca, mas não saiu nem uma gota. A garrafa estava vazia. Fiquei olhando para ela como se em vez de uma garrafa de metal segurasse na mão o braço de um alienígena. Estava vazia. Eu não podia acreditar.

Levantei a cabeça e observei a posição do sol. O astro já estava alaranjado e começava a se pôr. Era muito mais tarde do que eu pensava. Havia perdido por completo a noção do tempo. É o fim. Agora sim que é o maldito fim. Com dedos torpes, briguei com os fechos do alforje para pegar a pistola. Precisava fazer aquilo enquanto ainda tinha um mínimo de controle sobre mim mesmo. Um grunhido soou dentro do alforje e parei. Era Lúculo, e parecia aterrorizado. O gato estava morrendo de medo. Com medo de mim.

Ou melhor, daquilo em que eu estava me transformando. Minha mão estava coberta por uma fina teia de veias. Ainda não haviam estourado, mas em muito pouco tempo começariam a estourar. De repente, lembrei que a pistola estava presa no cinto. Com um gesto torpe, voltei-me e tirei-a do coldre. Meu olhar estava turvo, não conseguia enxergar direito. Levantei-a à altura dos meus olhos para checar a trava.

Dois tiros. Primeiro o gato, depois você. Rápido e limpo.

A mula deu um pulinho para se desviar de uma bicicleta esmagada no meio da estrada.

E a pistola saiu voando de minhas mãos. — Nãããão! — grunhi, torcendo os lábios, mas não conseguia fazer mais nada. As rédeas pendiam do pescoço de Esperança, oscilantes, e eu não conseguia deter o animal. Meus músculos se contraíam em uma espécie de dança de São Vito macabra, e eu havia perdido o controle do meu corpo, de modo que continuamos andando, enquanto a Beretta ficara caída no meio do caminho, com seu cano preto refletindo os últimos raios do entardecer.

Eu havia falhado. Falhado com todos. Não havia sido capaz de salvar a mim nem a eles.

Lúculo, que se debatia enfurecido dentro de um alforje fechado, tentava fugir. Víktor, que sempre havia sido tão fiel e leal, arriscando a vida por mim. Lucía. Lucía. Lucía. Lucíaaaa. Lcxciciiaia. Lucci hayayaa. E então uma enorme onda negra precipitou-se sobre mim, como um maremoto de inconsciência, afogando todos os meus sentidos. E a escuridão chegou.

Tauben.

A 20 quilômetros de Gulfport.

Virgem Maria! Que cheiro terrível! — gemeu Víktor, tampando nariz.

Isso não é nada — replicou Mendoza alegremente—, vai ver quando chegarmos ao lixão. Fica a menos de dois quilômetros, passado esse morro. Lá, o cheiro é realmente insuportável. O comboio rodava lentamente por uma estrada em mau estado que serpeava por entre construções abandonadas. Era uma caravana de uma dúzia de veículos formada por dois blindados, que abriam e fechavam a marcha, e dez caminhões de lixo com a cabine reforçada por barrotes de ferro. Gulfport se desfazia de seus resíduos em um lixão situado a poucos quilômetros da cidade. Não de todos, evidentemente, pois a maior parte era jogada no mar; mas daqueles mais tóxicos e contaminantes, inclusive os corpos dos hilotas que faleciam no gueto e dos não mortos tombados pelos fungos muito

perto do Muro. Ninguém queria sofrer uma epidemia por causa da putrefação de centenas de cadáveres. Assim, aquele comboio lamentável havia saído da cidade ao cair da tarde pelo sistema de comportas do Muro. Após atravessar lentamente a multidão de não mortos que cercava a cidade mediante o sutil método de empurrá-los para os lados com um buldôzer (devia haver uns cem mil cadáveres vivos tentando encontrar uma possível entrada), a caravana havia se afastado à maior velocidade possível para evitar que parte daqueles não mortos a seguissem. Isso era fácil, pois a estrada havia sido limpa por expedições anteriores, e além do mais o estado geral dos seres cadavéricos era bem lamentável. De jeito nenhum podiam competir com a velocidade dos veículos, nem mesmo os que estavam mais "frescos". Quando contaram a Pritchenko que os não mortos estavam sendo devorados por fungos e líquens, o ucraniano não acreditou. Só quando viu com seus próprios olhos deu fé de que aquilo era real. E de que se abriam muitas variáveis interessantes. Mas, antes, era necessário tomar o controle de Gulfport e das reservas de Cladoxpan, ou todos os hilotas estariam irremediavelmente condenados antes que chegassem ao nível seguinte. Tem certeza de que o carregamento está conosco? perguntou a Mendoza pela terceira vez desde que haviam saído. — Não sei, güero, não sei — replicou o outro, incomodado. Enquanto não tirarmos uma tonelada de lixo e cadáveres de cima não saberemos. Mas se tenho certeza de algo é de que os Justos jamais falharam conosco, e não acho que esta seria a primeira vez. Víktor assentiu e checou a trava de sua arma. A tensão dentro do comboio era evidente. O assalto definitivo à cidade estava previsto para a noite seguinte, e a menos de vinte e quatro horas de arriscar tudo os hilotas e seus aliados estavam realmente nervosos. Jamais haviam conseguido amadurecer um plano até aquele ponto. Até a rede de dedos-duros de Greene parecia estar andando em círculos.

O reverendo pressentia que alguma coisa estava acontecendo dentro do gueto, mas não sabia o que era nem quando seria. A única peça que faltava no quebra-cabeça era a reserva de Cladoxpan que devia

estar escondida dentro daqueles caminhões. Assim que estivessem em suas mãos, a ira dos Justos poderia cair sobre a cidade branca.

O comboio subiu o morro com dificuldade. Ao chegar ao topo, parou. No fundo de um vale, montanhas de dejetos meio carbonizados consumiam-se lentamente em uma fogueira que não se apagava havia meses. Um grupo de uma dúzia de não mortos errantes vagava aqui e ali por entre os restos, perdidos no meio daquela paisagem lunar. O blindado que ia à frente deu uma acelerada e se enfiou no meio das fogueiras, com dois atiradores nas escotilhas. Sem parar nem um segundo, aproximavam-se dos não mortos e soltavam uma rajada de balas antes de ir para o seguinte. Antes que Víktor pudesse se dar conta, haviam limpado todo o entorno. Agora são poucos, é fácil demais — explicou o motorista do caminhão, um cingalês avançado em anos e carnes. Há algum tempo, levávamos várias horas para aproximar-nos e esvaziar com segurança, e além do mais gastávamos muita munição. Ouça o que Apu diz. Ele é um dos habitantes mais antigos do gueto. Há quase dois anos faz essa rota, e sabe o que está falando interveio Mendoza.

O cingalês fez um gesto de modéstia e levantou o braço, mostrando a Víktor um deslumbrante e branco sorriso. Em seu antebraço via-se a marca de uma velha ferida.

Faz um ano e meio explicou. Quase não conto isso a ninguém. Havia uns duzentos podres aqui, e um desses filhos da mãe conseguiu entrar na cabine. Mas conseguimos, como sempre. Víktor ficou olhando para ele, pensativo. Aquela gente não parava de surpreendê-lo. Apesar de todas as circunstâncias e dificuldades, apesar de viver uma vida escrava e miserável, ainda tinham uma enorme alegria de viver. Era admirável. Seu nome é Apu de verdade? — perguntou-lhe, divertido. — Essa é uma história muito longa replicou o outro, fazendo um gesto com a mão. — Meu verdadeiro nome tem consoantes demais para quem não nasceu no Sri Lanka. Posso imaginar — disse Víktor, voltando-se para Mendoza. E agora? — Agora, vamos dar uma de lixeiros — respondeu, enquanto o

caminhão se colocava em posição. — Vamos sujar as mãos. Os caminhões colocaram suas caçambas em volta de um buraco e foram descarregando em ordem sua carga pestilenta. No meio de dejetos médicos e lixo podre, Víktor notou a presença fugaz de braços, pernas e cabeças que desapareciam com rapidez nas chamas da fogueira que crepitava ao fundo. O cheiro de carne e cabelo queimado era acre e penetrante. Ok, agora com calma, cuidado! — gritou Mendoza com um gesto. Dois hilotas subiram em uma das caçambas, ignorando o terrível cheiro que exalava. Armados com lanternas, entraram nelas e saíram depois de um tempo. Estão no fundo, presos com cabos de aço! São barris, uma dúzia deles por caminhão! — gritaram acima do barulho dos motores, tirando um com grande esforço. Perfeito — murmurou Mendoza, abrindo a tampa do barril com a ponta de sua faca. — Vamos ver o que há aqui dentro. Assim que abriu o barril, o penetrante e característico aroma do Cladoxpan impregnou a atmosfera. Os homens sorriram e se aproximaram, ansiosos. Alguns estavam até com os olhos vidrados e não conseguiam afastá-los do líquido leitoso. — Gato... — O cingalês do caminhão estalava a língua, tentando engolir. Suas mãos tremiam como se fosse um alcoólatra. — Um golinho... acho que nós merecemos. O mexicano olhou para eles sério, mas assentiu levemente. — Um copo por cabeça. Nem uma gota a mais. Os hilotas gritaram e se reuniram em volta do barril. Víktor se afastou um pouco para que pudessem beber à vontade. Notou que os homens tendiam a esvaziar o copo a grandes tragos, com gula, ao passo que as mulheres bebiam a tragos lentos e comedidos, e algumas até deixavam uma parte para depois. O ucraniano sorriu. Tinha certeza de que seu amigo advogado teria feito algum comentário jocoso sobre aquilo, e que ambos teriam que fazer um esforço para não cair na gargalhada. Teriam ficado em um canto, com os olhos chorosos e a boca contraída, tentando sufocar o riso, divertindo-se com aquele pequeno detalhe. Ao pensar nisso, sentiu uma enorme pontada de dor. Ainda não havia aceitado sua perda, e tinha certeza de que tardaria muito a assumi-la. O ucraniano era um homem duro. Havia perdido muitos amigos na Tchetchênia, na guerra, e mais tarde sua

mulher e filho haviam desaparecido no meio do caos da pandemia. Tudo isso o havia dotado de uma grossa pele de elefante, debaixo da qual escondia seus sentimentos. Mas esses sentimentos não desapareciam, ainda estavam ali, e Víktor sabia que cedo ou tarde teriam que aflorar. Mas também sabia que, quando aflorassem, a dor seria enorme, intensa e difícil de apaziguar. Mas, enquanto isso, tinha que aguentar. Principalmente por Lucía. A jovem estava absolutamente arrasada. Durante os três primeiros dias haviam abrigado muitas esperanças. Sabiam que o advogado era um homem de muito mais recursos do que ele mesmo admitia possuir. Tinham fé em que seu vagão seria um dos que descarregariam mais perto da cidade, e que dali ele encontraria um jeito de voltar a Gulfport. Embora nenhum deportado houvesse conseguido antes, sabiam que era possível. Mas já haviam se passado sete dias desde a deportação, e não havia nem o menor rastro dele. Mesmo que ainda estivesse vivo, sua reserva de Cladoxpan devia estar nas últimas. Strangård tinha lhes dado a terrível notícia de que Greene havia inoculado o vírus nele como parte de sua condenação de desterro; pelo menos isso era o que anunciava o jornal local. Não, definitivamente, não restava esperança. Bom, todo mundo já bebeu. É hora de ir! — gritou Mendoza. Os hilotas, visivelmente relaxados após beber o medicamento, asseguraram-se de que os barris cheios da preciosa mercadoria estavam bem presos dentro de cada caminhão. Depois, entraram em seus veículos, e o mexicano deu a ordem de iniciar a marcha. A caravana começou a subir a colina, afastando-se do vale onde ardiam os dejetos e os cadáveres da cidade. De repente, um dos hilotas apertados com Mendoza e Víktor na cabine apontou ao longe. O que é aquilo? perguntou de olhos arregalados. Víktor soltou uma série de palavrões em russo, enquanto Mendoza se persignava duas vezes em rápida sucessão. O motorista cingalês do caminhão freou, assustado, e toda a coluna parou de imediato. No topo da colina, uma mula com um corpo caído no lombo trotava alegremente na direção da caravana.

Víktor pulou do caminhão um segundo antes que ele parasse por completo e saiu correndo ao encontro da mula. Sabia que era ele.

Sabia. Quando chegou junto ao animal, parou, arfando. O homem estava caído de bruços no pescoço da mula, com as pernas amarradas com alguns cordões a um par de alforjes destruídos presos no lombo do equino. Não fosse por aquela amarração do acaso, teria caído no chão. Algo se mexeu dentro de um dos alforjes, soltando um miado que ao ucraniano soou muito familiar. O rosto de Pritchenko se iluminou, e ele avançou a mão para o alforje. De repente, o corpo caído sobre a mula soltou um grunhido aterrador.

Víktor ficou completamente paralisado. O corpo montado na mula se ergueu desajeitadamente e olhou para o ucraniano com uma expressão perdida e apagada que lhe era terrivelmente familiar. Sua pele estava coberta de milhares de pequenas veias prestes a estourar, e tinha uma palidez cadavérica. Ah, caralho, ora, não pode ser... — Afaste-se disso! — gritou Mendoza atrás dele, tentando recuperar o fôlego. O mexicano havia subido a colina correndo atrás de Víktor e acabava de chegar ao lado dele. Ao ver o que havia sobre a mula, desembainhou sua pistola e a engatilhou ruidosamente. Vamos acabar com isso de uma vez — murmurou, apontando cuidadosamente.

Não! — gritou Viktor. Não faça isso! Veja suas veias! — Estão inchadas, como as de todos esses monstros replicou Mendoza, sem entender muito bem o que o ucraniano queria dizer. — Sim, mas não estouraram ainda! Pritchenko segurou-o por uma manga e falou rápido, com urgência. — A transformação não se completou! Ainda podemos ajudá-lo! Se ainda não se transformou, não falta muito replicou Mendoza, cáustico. — Como quer ajudá-lo? — Com Cladoxpan replicou Víktor, muito sério. Com uma dose maciça. Poderia funcionar. Não podemos prescindir do que temos — respondeu Mendoza, hesitante. — Em poucas horas, vamos começar uma revolução, e vamos precisar até da última gota. — Mendoza, não me ferre — replicou Viktor, com uma nota de ameaça na voz. — Você tem vários milhares de litros aqui mesmo, e só preciso de três ou quatro. Vai me dar na boa, ou vai ter que me quebrar mais duas

costelas para se convencer? — Está bem, güero, calma. Mendoza levantou as mãos, conciliador. — Pegue o que precisar. Mas você vai medicá-lo. Eu não pretendo aproximar nem um dedo dessa boca raivosa. Como se o houvesse compreendido, o ser situado sobre a mula emitiu um gemido ameaçador, esticando as mãos para o mexicano. Víktor, sem se preocupar, correu para o primeiro caminhão e pegou pelo pescoço dois hilotas que estavam olhando a cena a alguns metros. Depois de alguns minutos, tornou a subir a colina com os homens, que o ajudaram a rolar um dos barris cheios de Cladoxpan. — Como pretende fazer que ele beba? — perguntou Mendoza. — Não acho que vá aceitar um brinde. — Vamos usar o bom e velho método do exército soviético — replicou Víktor, pondo o barril em pé e tirando a tampa superior com a ponta da faca. — Quando não pode fazer algo com boas maneiras, tente com força bruta.

O ucraniano foi para trás do amigo e, antes que ele tivesse tempo de reagir, imobilizou-o com uma chave de judô. Ao mesmo tempo, os dois hilotas, um de cada lado, cortaram as correias que o mantinham preso à mula. Aproveitando o impulso, Víktor deu-lhe um empurrão e o fez cair de cabeça dentro do barril. No início, ele se sacudiu furioso, mas o ucraniano segurou sua cabeça debaixo do líquido com mão de ferro, enquanto com a outra o mantinha imobilizado pelas costas. Quando o advogado não aguentou mais prender a respiração, começou a engolir. Então, o ucraniano levantou a cabeça dele puxando-a pelo cabelo e depois de alguns segundos tornou a enfiá-la no barril.

Pritchenko repetiu essa manobra uma dúzia de vezes com o furor implacável de um interrogador. Em cada uma das ocasiões, conseguia fazê-lo engolir uma quantidade de Cladoxpan cada vez maior. Finalmente, as convulsões começaram a parar e seu corpo se relaxou. Víktor, por fim satisfeito, afastou-o do barril e o deitou com delicadeza no chão, ao lado da mula, que os olhava com olhos surpresos. — E agora? perguntou Mendoza. — Agora, só resta

esperar — respondeu Víktor, tentando aparentar mais calma do que realmente sentia. — E rezar para que tudo dê certo.

A primeira coisa que senti quando abri os olhos foi uma náusea muito forte. Havia um cheiro insuportável no ar, e eu sentia meus pulmões encharcados, como se houvesse me afogado. Estava deitado de costas, e alguém havia posto uma manta em cima de mim. Já havia anoitecido, e as estrelas titilavam fracas no firmamento. A luz de enormes fogueiras iluminava um dos lados e me permitia distinguir uma série de figuras entre as sombras. Inclinei-me para o lado e fiquei vomitando por uma eternidade.

Estava com a maior dor de cabeça do mundo palpitando em minhas têmporas, e no geral me sentia como se estivesse com uma das ressacas mais monstruosas da história, mas estava vivo. Estava vivo. Vivo.

A enormidade daquela notícia me abalou. De alguma maneira havia escapado da morte, ou da não morte, por um fio. Estava fraco, moído e cansado como poucas vezes estivera em minha vida, mas não havia me transformado em um não morto.

Vejam só quem se dignou a acordar — disse uma voz conhecida atrás de mim.

Teria acordado mais tarde, mas este lugar fede. Com certeza foi você que o escolheu — repliquei, sentando-me com esforço. Víktor e eu nos fundimos em um prolongado abraço. O ucraniano suspirava de alívio e eu tremia incontrolavelmente, enquanto meu corpo tentava se readaptar à vida. — Eu lhe disse um monte de vezes que não andasse por aí sem mim cutucou o ucraniano, brincando. Quase conseguiu morrer. Estive muito perto — repliquei, divertido. — Mas você não teria gostado da viagem. Não havia nem um só bar aberto no caminho todo. Dois hilotas se aproximaram e começaram a sussurrar entre si, apontando para mim. Depois de um tempo, mais meia dúzia se aproximou para me observar. Alguns se persignavam e me olhavam com uma expressão estranha e reverente enquanto falavam entre si. Que diabos estão dizendo?

perguntou Víktor, confuso. O forte sotaque porto-riquenho daqueles homens era incompreensível para o ucraniano. — É um versículo da Bíblia. Dizem que "Desceu aos infernos e ressuscitou dentre os mortos" — respondi, enquanto o cansaço me fazia mergulhar de novo nos sonhos. — Acham que é um sinal, como o da mula. Acham que você é o Messias? — perguntou Víktor, incrédulo. — Não seja idiota — repliquei, meio adormecido. — Não sou nenhum Messias. Mas se isso tornar mais fácil derrubar esse falso Messias que mora em Gulfport, vestirei uma túnica branca, se necessário. — Não será preciso — respondeu Víktor, ajudando-me a levantar. — Em menos de vinte horas o gueto se sublevará. Vamos acabar com Greene e sua gentinha de uma vez.

— De que diabos está falando, Víktor? — perguntei. Era minha vez de ficar confuso.

— Explico no caminho — respondeu o ucraniano. — Agora temos que sair daqui. Colocaram-me na cabine de um caminhão, enquanto o resto do comboio ligava os motores.

Já era noite fechada, e os hilotas estavam um pouco nervosos diante da possibilidade de ter surpresas desagradáveis na escuridão. Víktor entrou comigo no caminhão, e a caravana começou a rodar. — Este é Carlos Mendoza — disse Víktor, e apontou um mexicano alto, moreno e forte que me olhava com cara amarrada. — Não dê ouvidos a nada que lhe disser. Embora seja um resmungão e por causa dele tenham quebrado meu nariz, no fundo não é um mau sujeito. É o líder de toda essa gente. — Já nos conhecemos. O advogado da ponte de Gulfport, lembra? — disse eu estendendo-lhe a mão.

Ora, ora. Então, você é o namorado da gachupina replicou, sem a menor intenção de apertar minha mão. — Tenho que reconhecer que você é osso duro de roer. Você é o primeiro que volta do Deserto, embora tenha sido por pouco. — Tive sorte disse, abaixando a mão. — Se vocês não estivessem aqui, eu não teria durado nem meia hora mais. — Voltei-me para Víktor, que me olhava

com os olhos cheios de orgulho. Parecia um pai vendo seu filho aprender a andar de bicicleta. — Que diabos estavam fazendo aqui, Víktor? O que está acontecendo? O ucraniano passou a me explicar tudo o que havia acontecido em minha ausência, desde que havíamos nos separado na prefeitura. Mendoza se juntou à conversa, de má vontade no início, mas cada vez mais emocionado à medida que ia explicando seus planos. A rebelião do gueto era uma obsessão para ele, seu plano mais precioso. E estava a poucas horas de realizá-lo.

Quando estávamos a menos de cinco quilômetros de Gulfport, de repente o motorista do caminhão deu uma freada. O blindado que abria a marcha havia parado, e seus tripulantes olhavam pela janela. No céu, ao longe, uma bengala vermelha subia, seguida de mais duas. O que está acontecendo? — perguntei. O que significa isso? O mexicano olhou para nós. Seu rosto, normalmente tranquilo, estava pálido e alterado. — É o gueto — respondeu, sem conseguir controlar a fúria. — É o sinal de emergência para uma blitz. Os Verdes entraram. — Como está a situação? perguntou Víktor. — Péssima. De alguma maneira descobriram nossos planos e adiantaram os deles. — Mendoza segurou o walkie-talkie e deu à coluna ordem para avançar a toda a velocidade, antes de se voltar de novo para nós. — Preparem-se para brigar, isso se chegarmos a tempo. A liquidação do gueto começou.

— Alejandra, precisamos de mais panos — disse Lucía. — E algumas garrafas vazias. Estão acabando. A mexicana se levantou e foi até uma caixa colocada no fundo da sala onde elas e mais meia dúzia de pessoas preparavam coquetéis molotov. Pegou um monte de tiras de panos de algodão e um carrinho cheio de garrafas de vidro vazias e voltou com eles para seu posto, junto a Lucía. Todo o gueto estava cheio de pequenas oficinas como aquela, onde os hilotas se preparavam para o iminente assalto ao Muro do gueto. Em algumas, como aquela, preparavam coquetéis molotov, e em outras haviam montado rudimentares fábricas de munição, mas restava ver sua confiabilidade no fragor do combate. Víktor tinha razão, pensou

Lucía. Quase não temos armas. Se não conseguirmos de primeira, vão nos esmagar como baratas. O bom humor da garota havia desaparecido por completo, e em seu lugar instalara-se uma negra nuvem de amargura que não a abandonava nem um só momento. Os primeiros dois dias no gueto haviam sido de excitação, permanentemente olhando por cima da muralha externa, observando o horizonte em busca do menor sinal de alguém voltando a Gulfport. Havia passado tanto tempo montada na cerca, sem se importar com a chuva constante nem com os não mortos que rugiam a poucos metros abaixo dela, que por um momento Pritchenko e Alejandra pensaram que a jovem estivesse perdendo o juízo. Só desceu da muralha quando Mendoza lhe ordenou categoricamente. Sua presença ali era um chamariz para as patrulhas da Milícia de Greene, e a qualquer momento podia atrair perguntas incômodas. Perguntas a que ninguém queria responder poucos dias antes de o gueto explodir em chamas contra seus opressores. A excitação do início foi desaparecendo, junto com suas esperanças, à medida que os dias iam se passando. Embora não quisesse reconhecer, sabia perfeitamente que a cada hora que transcorria as possibilidades de ele voltar eram menores. Não se tratava apenas dos perigos do exterior, incontáveis e desconhecidos, nem da contaminação que sabia que corria por suas veias, mas sim de algo muito pior. Não tinha plena certeza de que não o haviam matado assim que saíra do trem.

Esse era um pesadelo que a fazia acordar à noite gritando, e depois a única coisa que podia fazer era se encolher em sua cama, tremendo e esperando a que a fraca luz da manhã lhe mostrasse que havia chegado um novo dia. Mais um sem notícias dele.

Seu rosto, inchado e com profundas olheiras, indicava o inferno que estava passando. Parou de comer e se sentia como um corpo sem vida, alheia a tudo e a todos.

Um dia, Alejandra a colocara em uma das linhas de produção. — Você precisa ocupar sua cabeça com outras coisas — dissera. — Faça isso, ou vai enlouquecer de dor.

Você não é a primeira a passar por isso, nem será a última. As pessoas podem encarar isso de dois jeitos: ou você tenta digerir essa dor e transformá-la em algo pequeno e fácil de lidar, ou deixa essa dor crescer tanto que no final ela poderá esmagá-la, não a deixando respirar. Você pegou o segundo caminho, e, acredite, ele só leva a uma vida cinzenta, triste e sem futuro. Você precisa seguir adiante. — Não quero seguir adiante — limitou-se a dizer Lucía. — Não sem ele.

— Vai seguir, claro que vai. — Alejandra apertou afetuosamente o braço de Lucía e ergueu seu queixo para olhar diretamente em seus olhos. — Tem que seguir, por você e por tudo o que vocês dois juntos representavam. Por ele, por sua memória. Mas, principalmente, tem que seguir em frente porque não pode desistir, não a esta altura.

O futuro está muito próximo. Este pesadelo vai acabar cedo ou tarde, e então o mundo será um lugar muito grande para muito pouca gente. E você tem que chegar lá de qualquer jeito.

Por isso, sente-se e comece a fabricar os malditos molotovs como se sua vida dependesse disso. Deixe a mente vazia, se necessário, pense em qualquer outra coisa, mas lute pela vida! Ou nada do que fez até agora, por si mesma ou com ele, terá tido algum sentido. E Lucía baixou a cabeça e começou a trabalhar em silêncio, engolindo as lágrimas e guardando a dor em uma gaveta muito profunda e enterrada de seu coração. Logo descobriu que o trabalho mecânico da linha a ajudava a manter a cabeça vazia, e, embora não lhe permitisse esquecer, pelo menos a ocupava. E aquilo era o que mais necessitava naquele momento. — Como pretendem abrir um buraco no Muro? — perguntou a Alejandra, enquanto enchia com cuidado uma das garrafas com meio litro de gasolina e lascas de sabão potássico. Não faço ideia replicou a garota.

— É um segredo que só alguns sabem. Dizem que em um dos porões estão juntando enormes quantidades de fertilizante e Deus sabe que outras coisas para fabricar um explosivo muito poderoso,

mas não sei se é verdade. — Olhou para os lados cautelosamente antes de prosseguir. As paredes têm ouvidos. Espero que funcione, seja o que for, porque... — A jovem se interrompeu de repente. Ouviam-se dois tiros isolados. Todos na oficina levantaram a cabeça, alarmados, e de repente uma rajada longa se ouviu de novo, com o ruído cruzado de vários fuzis de assalto ao fundo. Que diabos está acontecendo? perguntou Lucia, alarmada. — Não sei, mas não é coisa boa. Alejandra deu um pulo e abriu com cautela uma das janelas do piso superior da casa. As janelas estavam trancadas para impedir que alguém visse o que estava acontecendo lá dentro, de modo que teve que lutar um tempo com as trancas, até que conseguiu abrir a folha. Pôs a cabeça para fora e quase imediatamente tornou a colocá-la para dentro a toda a velocidade. — A rua está cheia de Verdes e milicianos! — gritou, alarmada. — E estão trazendo caminhões, dúzias deles!

Quantos são? perguntou um homem alto e magro, com uma incipiente calva no meio de duas madeixas de cachos pretos, colocando no cinto dois coquetéis molotov tirados de uma caixa. Não sei, mas são muitos, mais que o de costume. Devem ter recrutado milicianos adicionais, porque estão por todos os lados. — O que vamos fazer? — murmurou uma mulher, assustada. Gato e a maioria dos líderes estão fora da cidade, e não resta quase ninguém que possa coordenar os grupos. — Teremos que agir por nossa conta. — Lucia ficou surpresa ao ouvir que aquelas palavras saíam de sua boca, mas, ao mesmo tempo, sentiu uma sensação de paz interior como não experimentava em muitos dias. Queria fazer justiça com suas próprias mãos. Para o diabo aqueles que haviam destruído sua vida. Que sentissem um pouquinho de sua dor. Não tem jeito de mandar um sinal? perguntou. Sim, um jogo de bengalas vermelhas — respondeu Alejandra. — Não sei onde estão, mas tenho certeza de que alguém vai cuidar disso logo, logo. — Então, vamos distribuir alguns destes — disse Lucia arrastando um caixote cheio de coquetéis molotov. E é bom que o primeiro filho da mãe que puser o nariz na nossa frente saiba rezar. Puseram os coquetéis nas mochilas que já estavam preparadas e foram para a rua. Por todos os lados

ouviam-se tiros, gritos e o barulho de vidros e madeira quebrada. Os Verdes estavam se empenhando a fundo para limpar os redutos mais resistentes do gueto, e já não precisavam disfarçar.

Aquela era a Grande Limpeza, e quem resistisse devia ser eliminado sem compaixão. As máscaras haviam caído. Ouviram-se duas explosões na rua. De repente, o ruído de armas de fogo alcançou um paroxismo demoníaco, e uma enorme bola de fogo se elevou na outra ponta do gueto, com um rugido devastador. — Estão enfrentando os Verdes!

— rugiu o homem alto, levantando o punho. — Esse barulho é de rifles AK-47, não dos M4 dos Verdes. — Temos que nos apressar — instou Alejandra. — Não creio que tenham munição para manter esse tiroteio durante muito tempo. Vão precisar de toda a ajuda que possamos lhes dar. Vamos nos dividir em várias direções e distribuir os molotovs. O pequeno grupo se dispersou nas quatro direções.

Lucía e Alejandra foram com o mexicano alto, que parecia saber muito bem aonde ir. O fragor do tiroteio era generalizado, e o céu refletia o resplendor avermelhado de uma dúzia de incêndios aqui e ali. Por todos os lados corriam pessoas, muitas gritando assustadas, mas outras muitas bem providas de uma heterogênea coleção de armamentos, com um olhar de determinação que não admitia discussão. — Quando o rato está encurralado em um canto, sente-se capaz de atacar o leão — murmurou Lucía.

— O quê? perguntou Alejandra. — Nada — respondeu Lucía, sentindo uma torrente de fúria fria e dura como o gelo inundar suas veias. — Repeti algo que costumava dizer... Bem, algo que ele costumava dizer, você sabe. Mais tarde você me conta. A mexicana puxou-a pelo braço. — Agora temos que correr! Vamos! Ouviram-se pneus cantando quando um caminhão pesado virou a esquina com um grupo de milicianos Verdes na caçamba. Havia substituído a estrela branca do exército americano pela cruz verde de Greene, e avançavam a toda a velocidade, atropelando as pessoas que cruzavam seu caminho. O motorista sorria, sádico, e virava a direção

para investir com as defesas reforçadas do caminhão sobre as pessoas, que não eram suficientemente rápidas para se afastar de sua trajetória. — Afastem-se, garotas! — gritou o mexicano alto que as acompanhava, tirando um molotov da caixa e parando no meio da rua, com o artefato escondido nas costas.

O homem acendeu o molotov com um isqueiro, de modo que o motorista do caminhão não pudesse ver, e ficou quieto, firme, no meio da rua, com uma coragem quase suicida. Ao vê-lo, o motorista do caminhão não freou, ao contrário; acelerou com expressão feroz. O mexicano aguentou quieto, com os lábios apertados e o olhar alerta, até que o caminhão chegou a menos de três metros dele. Então, com um salto prodigioso, pulou para o lado enquanto jogava o coquetel molotov pela janela aberta da cabine do caminhão, que estava a menos de um metro de distância dele.

A garrafa estourou dentro da cabine, formando uma imensa bola de fogo, que envolveu imediatamente o motorista e seu acompanhante. O caminhão ziguezagueou pela rua, com as chamas saindo pelas janelas, enquanto os milicianos da caixa seguravam-se com força para não sair voando. Finalmente, o veículo pesado bateu no pórtico de um edifício com um estrondo enorme e ferros retorcidos. Os soldados da caçamba foram projetados como balas de canhão em todas as direções, e a maioria se estatelou nos restos do edifício. Os que não quebraram o pescoço com o golpe ficaram empalados nas madeiras partidas da fachada ou caíram nas chamas que começavam a devorar a estrutura. Depois de alguns segundos, nas ruínas só se ouvia o rugido do fogo e os uivos de dor daqueles que agonizavam. — Pronto — disse o homem alto, como se falasse de algo cotidiano. — Vamos embora daqui. Recolheram as mochilas e continuaram descendo pela rua até chegar ao cruzamento seguinte. Em uma das casas da esquina, havia se entrincheirado um grupo de hilotas, abrindo fogo contra os milicianos que tentavam atravessar o cruzamento. No chão jaziam os corpos de mais de uma dúzia de soldados de Greene, abatidos pelos tiros. Os milicianos sobreviventes haviam se refugiado atrás de seus veículos e

respondiam aos tiros dos hilotas com seus rifles de assalto. Seu poder de fogo era muito superior, mas os hilotas estavam bem protegidos dentro da casa, e a situação havia chegado a um ponto morto. De repente, de um beco surgiu um Humvee blindado com uma metralhadora M2 de 50 mm no teto. O Humvee parou a cinquenta metros da casa, e um tripulante apontou a M2 para a fachada. Os hilotas giraram seu fogo para aquela nova ameaça, mas era tarde demais. A M2 rugiu com cadência preguiçosa, e a fachada da casa se dissolveu em uma nuvem de madeira pulverizada, cimento e sangue. Quando o fogo parou, ao cabo de poucos segundos, não restava nada intacto no andar superior daquele edifício.

— Esperem aqui — sussurrou o mexicano alto, e acendeu dois coquetéis molotov. — Isto vai ser muito fácil. Com um em cada mão, avançou para o Humvee, bem colado às paredes na calçada contrária para evitar que fosse detectado pelos tripulantes do veículo. De repente, um miliciano o viu e deu o alarme. O mexicano, descoberto, soltou um grito de guerra e correu para o veículo, levantando o primeiro molotov acima de sua cabeça; mas era tarde demais. A metralhadora rugiu de novo. As balas impactaram o corpo do homem com tanta violência que o dividiram ao meio. Ele caiu no chão, como um boneco de pano, e ao cair os coquetéis molotov se quebraram e derramaram todo o líquido incendiário sobre seu corpo. Em um instante era apenas um monte de carne ardendo no meio da rua. Lucía e Alejandra se olharam, aterrorizadas, mas, antes que tivessem tempo de fazer algum movimento, outro Humvee apareceu atrás delas. As garotas voltaram-se, presas entre dois fogos. Lucía acendeu um molotov com ferocidade, mas o segundo Humvee passou reto ao seu lado e foi diretamente para o grupo de milicianos, que os saudavam alvoroçados. De repente, o veículo parou, e um dos tripulantes saiu pela escotilha superior. Os gestos de saudação dos milicianos se transformaram em gestos de terror quando o tripulante do segundo veículo apontou sua metralhadora pesada para eles e começou a atirar. Uma chuva de balas de alto calibre ceifou os milicianos como

uma gigantesca foice. O primeiro Humvee explodiu em uma bola de fogo quando as balas incendiárias de 50 mm acertaram o tanque de combustível. O atirador continuou abrindo fogo, até que não restou ninguém se mexendo na rua. Da casa de madeira e do veículo incendiado subiam labaredas que iluminavam de um jeito espectral as dezenas de corpos caídos nas mais estranhas posições. A porta lateral do Humvee se abriu, e um soldado saiu cautelosamente.

Ao vê-lo, Alejandra não pôde conter um grito. Strangård!

O sueco pulou como uma mola ao ouvir o grito e quase atirou. Quando viu Alejandra e Lucía saindo de trás das plantas onde haviam se escondido, deu um suspiro de alívio. Que diabos vocês duas estão fazendo aqui? perguntou. Quase atiro em vocês, pelo amor de Deus! Que está fazendo aqui você? — perguntou Lucía, por sua vez. Viemos assim que pudemos explicou o sueco abaixando a arma. Lucía notou que ele usava um bracelete branco no bíceps direito. — Soubemos que a limpeza ia começar e decidimos que tínhamos que fazer o que pudéssemos para impedir um massacre, mas isto é muito pior do que eu podia imaginar. Não somos muitos, mas estamos bem armados. Onde está Mendoza? Tenho que falar com ele. O Gato está fora da cidade — respondeu Alejandra. — Está cuidando dos barris de Cladoxpan. Maldição! praguejou o sueco. — Justo agora esse maldito filho da mãe desaparece. E o louro baixinho, o militar russo, onde está? — Foi com ele — disse Lucía. — E não é russo, é... — Ucrâniano, eu sei, eu sei — interrompeu Strangård. — Então, quem está no comando de suas forças? — Não faço ideia respondeu Alejandra com sinceridade. — Queríamos chegar ao centro do gueto para saber e para levar tudo isto. Apontou para as pesadas mochilas cheias de coquetéis molotov. — Andando não vão conseguir de jeito nenhum — replicou Strangård. O grosso do combate está no centro, e Grapes trouxe tropas reforçadas. Entrou com quase mil homens no gueto. Entrem no Humvee. Vamos tentar nos aproximar o máximo possível, e que Deus nos ajude. As garotas entraram no veículo, e o motorista acelerou. Ao passar pelo meio da rua, o veículo atropelou os restos

incendiados do mexicano alto, que se reduziam a uma múmia carbonizada. Quando o Humvee finalmente se afastou pela esquina da rua, fez-se silêncio diante daquela casa em chamas. Só havia ali os mortos dos dois lados, olhando uns para os outros com os olhos vazios da morte.

Malachy Grapes estava feliz. Sua vida nunca havia sido fácil, pois quando pequeno tivera que ouvir inúmeras vezes chamarem-no de "lixo branco". Filho de uma mãe solteira viciada em craque, o pequeno Malachy tivera que aprender a se defender desde criança com a força de seus punhos e, quando estava um pouco maior, com navalhas primeiro e armas de fogo depois. Passar das gangues de rua à Nação Ariana foi fácil. O resto veio sozinho. A verdade era que Grapes havia passado toda a sua vida, inclusive a longa temporada na cadeia, cercado de violência. E aprendera a curtir-la. De fato, gostava dela. Ah, caralho, como gostava! O relatório psiquiátrico da cadeia fazia uma descrição muito detalhada da personalidade de Grapes e de seus acentuados surtos esquizoides, somados a uma inteligência acima da média, mas isso para ele tanto fazia. A dor alheia era o que o motivava. E o poder. Mas nada do que vivera até esse momento podia se comparar ao que sentia naquele instante, de pé no meio de uma rua em chamas do gueto de Bluefont, enquanto seus homens caçavam implacavelmente até o último maldito negro e chicano. Porque enquanto suas botas chafurdavam em uma poça de sangue que saía da cabeça de um hilita e as casas ruíam à sua volta em um inferno de fagulhas e madeira carbonizada, Grapes se sentia mais vivo que nunca. Sentia-se como um Deus, um Deus da guerra, violento e destrutivo. E a sensação era tão forte e arrebatadora que quase o deixava tonto.

Ia acabar com todos eles naquela mesma noite. E não pretendia perdoar nem sequer os dois mil hilotas que o reverendo Greene lhe havia pedido. Depois inventaria uma desculpa para justificar. Resistiram muito, reverendo. Não quiseram aceitar. Não se deixaram pegar vivos. Não importava. Pensaria em alguma coisa. Mas, naquele momento, estava tão embriagado de sangue que um único

tipo de pensamento ocupava sua cabeça. Matar, arrasar, mutilar. Causar dor. — Ei, Malachy — disse uma voz atrás dele. Era Seth Fretzen, seu braço direito. Estão dizendo no rádio que as ruas daquele lado estão sob controle, mas parece que temos alguns problemas no centro do gueto. Os negros estão resistindo e atirando em nós. Grapes baixou o olhar e contemplou os nós de seus dedos, com a tatuagem "Hate jews" escrita neles, sem se incomodar em esconder um sorriso. Aqueles imbecis do gueto estavam lhe dando a desculpa de que necessitava.

— Não se preocupe, Seth disse amigavelmente. Vamos até lá chutar suas bundas morenas. Vamos ver se aprendem, de uma vez por todas, quem manda aqui. Seth Fretzen sorriu, mostrando uma dentição irregular e podre, com vários dentes faltando. Ele também estava se divertindo com tudo aquilo. Fez um sinal para o amplo grupo de milicianos e Guardas Verdes que cercavam o veículo e sentou-se ao volante do carro de Grapes, enquanto sua escolta entrava em seus próprios carros. Com um rugido de motores, a pequena caravana avançou pelas ruas em chamas de Bluefont. Ao passar, dezenas de figuras corriam para se esconder nas sombras. Grapes olhava para elas com desprezo. Cuidaria delas depois. Primeiro tinha que eliminar os que ainda tinham colhões para enfrentar seus homens. Uma vez feito isso, a espinha dorsal da Resistência estaria quebrada ao meio, e o resto seria como cordeirinhos.

Aqueles imbecis. Os Justos, chamavam-se. Como se justiça tivesse algo a ver com tudo aquilo. No que dizia respeito a Grapes, a justiça havia morrido junto com o antigo mundo, arrasado pelo Apocalipse.

Agora só imperava a lei do mais forte. E ele, com a permissão de Greene, era o mais forte. Seu comboio virou a esquina, e de repente começaram a se ouvir tiros por todos os lados. Grapes ouviu um uivo de dor ao seu lado. O miliciano que ocupava a torreta de 50mm de seu Humvee caiu dentro do veículo com metade da cabeça estourada por um tiro. Uma rajada de metralhadora pontilhou toda a lateral do veículo e rachou os vidros reforçados.

Como um reflexo, uma série de vultos apareceu pelo lado interno da porta, marcando os lugares onde as balas haviam acertado. Se a porta não fosse blindada, Grapes teria ficado crivado de balas nesse exato momento.

O ariano contemplou a porta, estupefato, enquanto um dos veículos de sua escolta voava pelos ares em uma bola de fogo. Dois hilotas se afastaram do lugar correndo, depois de jogar alguns coquetéis molotov, mas caíram baleados por seus homens antes de alcançar um refúgio. Seu organizado comboio havia se transformado de repente em um caos completo. Grapes sentiu as veias de seu pescoço se incharem de fúria.

— Seth, chame todos os reforços aqui imediatamente! Vamos foder esses filhos da puta! E que tragam um blindado pesado imediatamente! O lugar-tenente assentiu e pronunciou umas palavras pelo rádio. Enquanto isso, Grapes saltou do veículo e foi organizando seus homens em uma linha de fogo que lhes permitisse sair da emboscada. As balas repicavam em volta do ariano, mas ele as ignorava. Estava furioso demais para perceber. Finalmente, conseguiu formar um semicírculo em uma esquina da praça, enquanto os hilotas se concentravam principalmente do outro lado. Seus milicianos atiravam às cegas na escuridão, gastando munição como se estivessem em um concurso de tiro.

Não importava. Tinham de sobra. Todo o maldito depósito da marinha de Gulfport à sua inteira disposição. Porém, o fogo dos hilotas havia se reduzido bastante a uns estouros esporádicos comparado com o furacão de fogo que seus homens estavam desencadeando. Grapes grunhiu, satisfeito. Suspeitava que a negrada estava ficando sem munição, mas não queria arriscar. De repente, um Humvee igual aos seus, mas sem a cruz verde de Greene na lateral, apareceu vindo de um dos becos que desembocavam na praça. O motorista deu uma freada, tão surpreso com o encontro quanto os homens de Grapes. Porém, reagiu com prontidão e acelerou a toda a velocidade, enquanto seu atirador abria fogo. A pesada metralhadora de 50 mm perfurou a blindagem

lateral como se fosse lata de refrigerante, e uma meia dúzia dos seus rapazes caiu se contorcendo de dor no chão. O Humvee acelerou e desapareceu nas sombras, como um espírito malvado. Grapes escrutou a noite com o cenho franzido, tentando seguir o rugido do motor. O Humvee se movia rapidamente, de uma esquina a outra, aproveitando os charcos de escuridão para se esconder e evitar que fosse um alvo fácil. Quando seus milicianos quiseram responder ao fogo, ele já havia desaparecido do outro lado das casas. Dentro dos refúgios dos hilotas ouviu-se um grito de júbilo. O líder dos Verdes praguejou. De alguma maneira aqueles filhos da puta haviam conseguido se apoderar de um de seus veículos. Não podia ser outra coisa. A não ser que tivessem aliados do outro lado do Muro. Isso seria muito mais preocupante. Grapes tentou adivinhar quem estaria dentro daquele veículo, que investia novamente, mas estava muito longe, e o resplendor dos tiros o cegava. O comboio de Grapes havia parado, e era tão grande que representava um alvo fácil. Praticamente todas as balas dessa segunda investida acertaram o alvo, o que obrigou seus homens a se refugiar atrás dos veículos mais blindados. Grapes se arrependeu de não ter pegado o equipamento de visão noturna que havia encontrado no depósito militar. Nem em seu mais delirante pesadelo teria lhe ocorrido que a negrada e os sujos chicanos ofereceriam tanta resistência. Bem naquele momento, sentiu o chão tremer sob seus pés. Virando a esquina, um pesado tanque Bradley chegava rodando sobre suas correntes, rachando o asfalto ao passar. — O blindado está aqui, Malachy! — gritou Seth, exultante.

— Mande-o avançar e acabar com esses malucos de uma vez — grunhiu Grapes, apontando para as casas do outro lado. O motorista do Bradley ouviu a ordem e assentiu. Pouco acostumado àquele veículo, arranhou as marchas algumas vezes antes de engatar a correta, mas, quando conseguiu, o pesado blindado avançou seguro em direção aos hilotas. O Humvee cruzou seu caminho com desespero, atirando quase à queima-roupa os projéteis de sua metralhadora, mas a blindagem do Bradley era grossa demais para ser afetada. Nesse exato momento, o motorista do Humvee cometeu

um erro fatal e virou em um ângulo muito pronunciado para evitar uma rajada bem dirigida procedente da linha de Grapes. Ao virar, o veículo cambaleou, e o motorista teve que reduzir a velocidade para recuperar o controle. O artilheiro do Bradley aproveitou esse momento para atirar no Humvee, que havia ficado como um pato de feira em sua linha de tiro. A rajada atingiu o motor, que explodiu com um som surdo, projetando estilhaços em todas as direções. Os tripulantes do Humvee saíram a toda a velocidade pelo lado oposto, perseguidos por uma chuva de balas vinda da linha de Grapes. Dois deles caíram de costas quando foram atingidos, e outro soltou um grito quando uma bala atravessou sua perna. Grapes soltou um palavrão. Os mortos do Humvee eram brancos. Isso significava que podia haver mais como eles, inclusive em sua retaguarda. De repente, já não se sentia tão seguro, nem tão poderoso. O medo de cair em uma emboscada começou a se infiltrar em sua mente, ladino e silencioso. Mas já havia avançado demais para retroceder. O fogo que partia das casas dos hilotas havia se reduzido ao mínimo. Das janelas, choviam coquetéis molotov sobre o Bradley, mas ele continuava rodando como se nada ocorresse.

O tanque lançou uma rápida série de projéteis incendiários dentro das casas. Em menos de dois minutos as chamas começaram a sair pelas janelas do térreo. Algo explodiu com violência dentro de uma das casas, e parte do telhado se elevou no ar como o chapéu de um marinheiro, estatelando a poucos metros dali. A praça toda ficou semeada de escombros e restos carbonizados.

Dos andares superiores, os hilotas se jogavam no vazio, com as roupas envolvidas em chamas. Os milicianos atiravam neles à medida que caíam, e os corpos ficavam imóveis no meio da rua. Alguns saíram pela porta, envolvidos em uma densa nuvem de fumaça, tossindo e tropeçando. Grapes viu algumas figuras conhecidas no meio dos fugitivos e levantou o braço. — Cessar fogo! rugiu. Ninguém atire, caralho! Quero esses aí vivos!

Um grupo de milicianos se adiantou e cercou os sobreviventes. Não eram mais de meia dúzia, e estavam cobertos de cortes e feridas.

Grapes arregalou os olhos quando os levaram até ele. — Não pode ser. Meneou a cabeça, incrédulo. É o bunda-mole do Strangård... Sueco nojento metido e arrogante. Você é um desses Justos de merda!

O sueco levantou a cabeça e olhou para Grapes com serenidade. Em sua perna direita, uma feia ferida de bala não parava de sangrar. — Grapes, isto é um massacre — disse Strangård. — Você não tem por que fazer isso. Não é necessário. Não tem por que obedecer a Greene até esse extremo. Você está acabando com vidas de inocentes por causa dos delírios de um velho louco.

Grapes olhava-o atônito, como se não acreditasse no que estava ouvindo. De repente, caiu na gargalhada, dando palmadas nas pernas. — Sempre pensei que você fosse um bunda-mole, mas isso é o máximo! — Pulou em cima de Strangård sem aviso prévio, pegou-o pela gola da jaqueta e colou sua boca no ouvido do sueco, de modo que ninguém mais os ouvisse. — Acha mesmo que faço isso só pelo reverendo, imbecil? Não percebe que isto é o primeiro degrau para algo maior? Não vê que este é meu destino manifesto? Vou subir nos corpos de toda essa maldita negrada, se necessário, mas ninguém poderá me deter. Ninguém, está me ouvindo? Sou um Deus da guerra, sueco veado. E você cometeu um grande erro atravessando o meu caminho.

Ergueu-se em toda a sua estatura e desembainhou a pistola. Engatilhou-a ruidosamente e apontou-a para a cabeça do sueco. Seu golpe acabou antes mesmo de começar.

Apontou para as ruínas ardentes das casas da praça. O tiroteio no resto do gueto continuava, mas era cada vez mais fraco e hesitante. Os Verdes, mais numerosos e mais bem armados, estavam tomando o controle da situação. — Se lhe servir de consolo, vocês não tinham a menor chance. Mas, agora, quero que me diga quem são seus comparsas do outro lado do Muro. Quero nomes, endereços, planos. Quero tudo. — Vá à merda, Grapes cuspiu Strangård. — Não vai me deixar sair vivo daqui, ambos

sabemos disso. Não pode me ameaçar com nada. de modo que enfie seus "quero" no cu. O ariano contemplou por uns segundos o sueco no chão. — Está bem. — Apontou sua pistola para Alejandra e Lucía, que estavam ao lado de Strangård com as roupas chamuscadas e uma expressão de horror no rosto. — Seth, pegue uma dessas duas e leve-a la para trás. Seth Fretzen aproximou-se, exibindo seu sorriso podre, como se aquele fosse o dia mais feliz de sua vida. Tirou do bolso de sua jaqueta algumas tiras de papel reativo, passou uma por um dos arranhões que Alejandra e Lucía tinham no rosto e esperou alguns segundos. De repente, seu sorriso se fez ainda mais feroz e adquiriu um matiz que fez as duas garotas engolirem em seco de puro pânico. — Estão limpas, Malachy — disse. — As duas. Nem rastro do maldito vírus.

Grapes fez um gesto com a pistola, como se dissesse: "Isso não me importa". Seus olhos não se afastavam do sueco. Nomes, seu frouxo repetiu. — Quero nomes. — E eu repito que vá à merda — murmurou Strangård, um pouco mais pálido, mas igualmente firme. Muito bem — disse Grapes. — Tudo o que acontecer a partir de agora será culpa sua.

Dois Verdes seguraram Alejandra pelos braços e a levantaram. A mexicana esperneou e xingou, mas não era rival para os arianos. Que estão fazendo? — gritou Lucía.

Soltem-na, filhos da puta! Não tenha pressa, meu anjo — cacarejou Seth, arrastando Alejandra para trás do blindado, fora da vista do resto do grupo. Já vai chegar a sua vez. Temos bastante para as duas. Passaram-se alguns segundos. Alejandra gritava e se debatia, lutando com seus captores. Ouviu-se um soco, e de repente os gritos da garota se misturaram com soluços. Alguém rasgou uma peça de roupa. A seguir, ouviram-se uns sons abafados que não davam margem a dúvidas quanto ao que estava acontecendo. Os golpes rítmicos na lateral do blindado foram ganhando intensidade até atingir o paroxismo. Então, uma voz de homem gritou, e as batidas pararam.

Só se ouviam os soluços da jovem mexicana. Alguns segundos depois, Seth Fretzen saiu de trás do blindado fechando o zíper da calça com uma expressão satisfeita.

Do outro lado do tanque, as batidas rítmicas e os soluços recomeçaram, quando outro Verde ocupou seu lugar. E havia mais seis esperando a vez com expressão gulosa.

Nomes — repetiu Grapes. — Dê-me o que quero ou a próxima será ela Strangård, em resposta, cuspiu nas botas de Grapes. O ariano, enfurecido, deu-lhe um pontapé no peito que dobrou o sueco ao meio. Sinto muito — arfou Strangård, olhando para Lucía. — Lamento, mas não posso fazer isso. Ele vai nos matar de qualquer jeito. O segundo Verde gemeu de forma ainda mais ruidosa que o anterior ao chegar ao clímax. Quando o terceiro já estava desabotoando as calças, ouviu-se um tiroteio muito forte aproximando-se a toda a velocidade. O rádio do Humvee de Grapes ganhou vida repentinamente com a voz excitada dos milicianos.

Uma coluna de caminhões desconhecidos está abrindo caminho através do gueto! — gritou Seth, alarmado, tirando os fones de ouvido.

— Mande detê-los e acabe com eles de uma vez, caralho! Estão ficando sem munição replicou Grapes, incomodado com a interrupção. Estão dizendo que não podem — respondeu Seth, repentinamente assustado. Estão armados e acabaram com nossos milicianos. O Verde engoliu em seco. — Estão vindo direto para cá. Grapes levantou a cabeça e, pela segunda vez naquela maldita noite, hesitou. Seria uma emboscada? Teria subestimado a negrada? De onde saíram? — perguntou, hesitante. Dizem que vêm de... de... — Seth Fretzen hesitou, como se não acreditasse no que estavam lhe dizendo pelo rádio. — Estão vindo de fora do Muro, Malachy. O ariano cambaleou ao ouvir a notícia, mas recuperou-se logo. Eles eram mais. Além de tudo, tinham blindados e munição de sobra.

Preparariam uma surpresa para eles que não esqueceriam facilmente.

— Está bem disse. — Vamos nos posicionar de modo que esta praça seja um campo de tiro perfeito. Nem um só vai sair vivo daqui. Seth, mande Bradley ficar em posição junto àquelas... Suas palavras foram interrompidas, de repente, pelo som de uma enorme explosão que cortou a noite. Todos olharam alarmados para o horizonte. A leste, na outra ponta da cidade, uma enorme nuvem de fogo se elevava pelos ares. Uma lufada de ar quente que cheirava a gasolina chegou a toda a velocidade e agitou as brasas ardentes das ruínas.

— Que caralho foi isso? — perguntou Grapes, sentindo sua voz falhar. O que havia lhe parecido um plano simples quando o formulara com Greene estava se transformando em um verdadeiro pesadelo cheio de surpresas. Não faço ideia — replicou Fretzen. Parece que foi perto da refinaria, mas isso é impossível. Fica fora do gueto... — Confirme por rádio, seu cretino! — gritou Grapes, repentinamente assustado. Havia levado com ele quase todas as tropas disponíveis para o assalto definitivo ao gueto. Fora dali, restavam apenas meia centena de milicianos inexperientes e uma guarda de seis Verdes protegendo Greene. Isso era tudo o que ficara em Gulfport. E, de repente, uma explosão na outra ponta da cidade. Aquilo não era bom. Não, caralho, não era nada bom. Ao longe ouviu-se o som fraco, mas inconfundível, de tiros. Eram rajadas de fuzis de assalto. Grapes não hesitou mais. Algo muito grande estava acontecendo do outro lado do Muro, e tinha prioridade sobre aquilo. A negrada teria que esperar. Vamos embora ordenou secamente. — Seth, ordene pelo rádio que todo mundo volte para o outro lado do Muro voando. Soltem os hilotas que estiverem nos caminhões e corram para os tiros do outro lado. Máxima urgência! E o que fazemos com eles? — gaguejou Seth, apontando para Strangård e Lucía. Em resposta, Grapes levantou a pistola e encostou-a na nuca do sueco. Sem pestanejar, apertou o gatilho e atirou com frieza. Strangård caiu morto no colo de Lucía, soltando sangue a jorros pelo buraco aberto em sua nuca. Lucía gritou aterrorizada ao sentir o sangue quente ensopando-a. Cale-se

de uma vez por todas, vadia murmurou Grapes, apontando sua arma para a garota. Justamente nesse instante, o blindado ligou o motor e começou a rodar, deixando Alejandra à vista. A jovem mexicana tinha um aspecto horrível. Com toda a roupa destruída, seu rosto estava coberto de hematomas, e o sangue escorria pela face interna de suas coxas nuas. Grapes a viu de rabo de olho um segundo antes de a garota se lançar sobre ele com as mãos nuas e um brilho de fúria homicida nos olhos.

O ariano pulou para o lado enquanto apertava o gatilho. A primeira bala atingiu Alejandra no ombro e a fez girar como um pião. A segunda entrou diretamente em sua têmpora, e a parte superior de sua cabeça voou pelos ares como uma tampa de panela, antes de cair no chão. Tudo durou menos de dez segundos. Arfando, Grapes se voltou para acabar com a última sobrevivente. O ariano soltou um palavrão. Lucía havia desaparecido. Passou o olhar pelos arredores tentando perfurar a escuridão, mas não conseguiu ver nada. Lucía havia escapado aproveitando a distração. Grapes se xingou por sua mancada. Quando havia dado a ordem de voltar para Gulfport, todo mundo correria para seus veículos, e os dois guardas que deviam ter ficado vigiando a garota ainda estavam muito ocupados fechando a braguilha depois de violentar aquela putinha mexicana.

E agora pode estar escondida em qualquer lugar, e eu não tenho tempo, pensou Grapes. — Vou voltar para pegá-la! — gritou para a escuridão. — Por mais que se esconda, vou encontrá-la! Com um salto, entrou em seu Humvee e deu ordem de arrancar. Com um estrondo de motores, o comboio saiu do gueto em chamas a toda a velocidade, rumo ao outro lado do Muro interno. Atrás de si, Bluefont era um mar de chamas, morte e dor, com milhares de hilotas assustados e confusos. Em frente a eles, na outra ponta da cidade, começava uma batalha muito diferente.

Haviam passado as últimas três horas escondidos nas proximidades de um denso mangue, a apenas seiscentos metros em linha reta do Muro externo de Gulfport. Seus homens mantinham uma férrea

disciplina de silêncio, enquanto a névoa que surgia dos pântanos os envolvia em faixas preguiçosas. As duas patrulhas que havia enviado para percorrer o perímetro confirmaram o que o reconhecimento por satélite já lhes havia dito semanas antes. Toda a cidade estava fortificada mediante um muro de concreto, suficientemente forte para manter os não mortos do lado de fora.

Mas aquele muro não seria nenhum problema para Hong e seus homens.

A primeira ideia havia sido mandar um ultimato para a cidade pedindo sua rendição. Capturar o enclave inteiro poderia ter um grande valor se depois pudesse ser usado como cabeça de ponte para uma possível invasão. Mas Hong logo percebeu que tinha poucos homens para isso. Além do mais, só os fracos se rendiam, e no mundo atual só sobreviviam os fortes.

Enquanto contemplava as luzes da torre de craqueamento da refinaria que brilhavam a distância, o coronel tinha consciência de que seus planos originais haviam mudado. Já não se tratava apenas de descobrir a origem do petróleo que mantinha a cidade viva. Seu olhar se desviava a cada poucos segundos para aquele pote de líquido leitoso apoiado em sua mochila. Não, aquele era o verdadeiro prêmio. Com aquele produto milagroso, poderiam mandar um exército inteiro para conquistar o mundo sem se preocupar com a infecção. E poderiam mandá-lo no dia seguinte mesmo, pois o combustível já não seria um problema. Faltava apenas saber de onde saía aquele líquido espesso e de cheiro adocicado. E o coronel pretendia resolver essa incógnita em breve. — Está tudo pronto? — perguntou Hong a seu assistente. O tenente Kim assentiu com expressão séria, enquanto subia à árvore de onde o coronel observava a cidade com seu binóculo.

Assim que nascer o sol e tivermos luz suficiente, entraremos por ali — disse Hong, apontando para um setor do Muro próximo à refinaria.

Naquela área havia menos não mortos que no resto do perímetro, por causa das poças de água pantanosa e da refinaria. Mesmo assim, pululavam pelo setor pelo menos dois mil monstros, mas praticamente metade estava em um estado tão lastimável que o coronel duvidava que pudessem dar mais de cinquenta passos sem desmoronar. Porém, os restantes continuavam ativos, e eram muito perigosos. As cargas explosivas já estão colocadas, camarada coronel murmurou Kim, pegando uma caderneta, pronto para tomar nota. — E as patrulhas dizem que só viram guardas sobre o Muro. É estranho — murmurou Hong. Imaginara que teriam que reduzir as sentinelas da cidade, mas não havia quase nenhuma à vista. De repente, um repicar de armas de fogo se ouviu na distância, à sua direita. O stacatto de tiros foi crescendo até que de repente uma explosão sacudiu a atmosfera, seguida de mais três em rápida sucessão. Ao longe, na outra ponta da cidade, brilhavam as chamas de vários incêndios.

No início, o coronel Hong pensou que haviam sido descobertos. Mas os tiros soavam muito longe, e nada parecia perturbar a quietude daquele canto úmido e malcheiroso do pântano. O que está acontecendo, meu coronel? — perguntou Kim, confuso.

Não faço ideia, mas não estou gostando — replicou Hong, alarmado. Alguém estava lutando dentro da cidade, mas não sabia quem nem por quê. Uma nova explosão, dessa vez mais forte, iluminou o céu por um instante, como um gigantesco flash. — Essa explosão foi no muro, coronel! sussurrou Kim, excitado. Os não mortos de sua área, atraídos pelo barulho, caminhavam na direção dos tiros. Alguns davam três passos e caíam, praticamente se desfazendo, mas o resto se movimentava a bom ritmo. — Estou vendo respondeu Hong. Um terrível pressentimento acabava de invadi-lo. Alguém mais estava assaltando a cidade. Alguém que estava em vantagem sobre eles. Quem pode ser? Os russos? Ou podem ser os chineses. Se nós localizamos Gulfport, eles também podem tê-lo feito. Ou talvez algum país imperialista europeu... Com horror, o coronel se deu conta de que podiam lhe roubar o sucesso já tão perto do final.

Tinha que recuperar a iniciativa. — Kim! — ordenou a seu assistente. — Todo mundo preparado. Vamos explodir o setor minado do muro em dois minutos. E vamos entrar agora. — Agora? perguntou Kim, confuso. Mas, meu coronel, entrar em uma cidade desconhecida, à noite... — Temos que entrar já, ou será tarde demais! urgiu Hong, descendo da árvore a toda a velocidade. O coronel conhecia os riscos, mas não tinha outra opção. Não posso fazer mais nada. O Politburo aceitaria o fracasso da missão, mas nunca que outra potência tomasse o controle da cidade, e muito menos debaixo do meu próprio nariz. É meu pescoço que está em jogo. Seria um assalto noturno. A morte.

Quando o coronel entrava em seu blindado, seus homens arreventaram um setor inteiro do Muro com uma explosão surda. Pedacos de concreto armado e ferros retorcidos voaram em todas as direções.

Um pedaço de ferro incandescente, entre várias centenas muito parecidas, foi projetado em direção à refinaria. Após percorrer quase quinhentos metros, o pedaço de ferro incandescente caiu em um gigantesco tanque que continha mais de dez mil litros de combustível refinado e atravessou o forro de aço e alumínio anodizado que a envolvia como se fosse um mero pedaço de manteiga. Em um segundo, uma fabulosa explosão sacudiu o ar e arrasou tudo o que estava em um raio de duzentos metros em meio a uma gigantesca e ardente bola de fogo. Os blindados norte-coreanos tremeram por conta da força da explosão. A bola de fogo não os atingiu, mas a força da onda expansiva arrancou os galhos das árvores que os mantinham escondidos. Horrorizado, Hong viu os poucos não mortos que ainda permaneciam na zona girar em uma dança enlouquecida, envolvidos em chamas. O fator surpresa não existe mais. Agora, tudo depende de nós. Camaradas, avante — disse pelo rádio. — Por nossa gloriosa pátria! Com os motores rugindo, os blindados cruzaram a zona aberta em volta do Muro e entraram pela fenda criada. E cinco minutos depois que o último blindado passou, o primeiro grupo de não mortos atraído pela

explosão chegou à fenda. E sem que ninguém os impedisse, entraram no recinto, um a um, sem parar, enquanto centenas deles iam chegando. A última cidade habitada dos Estados Unidos estava prestes a cair.

Havíamos entrado na cidade apenas dez minutos antes pela dupla comporta de acesso, sem encontrar resistência. Havia apenas dois milicianos aterrorizados, que saíram correndo assim que nos viram chegar. Dois hilotas subiram do teto dos caminhões ao Muro e conseguiram abrir a comporta em menos de um minuto, enquanto o blindado da retaguarda se encarregava de impedir que os não mortos entrassem na cidade. Quando a comporta externa foi fechada, esperamos por um interminável minuto, enquanto os hilotas se esforçavam para abrir a comporta interna. — Abram de uma vez por todas! — gritou Mendoza, furioso. Dali podia-se ouvir perfeitamente o tiroteio dentro do gueto. Cada minuto que perdíamos significava dezenas de vidas. — Não podemos! gritou um dos hilotas. — Os milicianos destruíram os controles antes de fugir!

Mendoza soltou um palavrão. As comportas estavam projetadas para suportar uma enorme pressão. Investir contra elas não adiantaria nada. Temos que explodi-la disse, resignado. Vamos ter que usar os poucos explosivos plásticos que temos. — Então, que seja agora — urgiu Viktor, visivelmente preocupado. Eu compartilhava sua urgência.

Lucía estava ali, em algum lugar no meio daquele inferno. Mendoza ladrou duas rápidas ordens, e dois hilotas colocaram uns pequenos pacotes de C4 nas dobradiças da enorme porta. Voltaram correndo, desenrolando um fino cabo. Ao chegar à nossa altura, ligaram o cabo a um detonador e o acionaram.

Os explosivos detonaram com um som surdo e uma intensa labareda, visível bem ao longe. As dobradiças voaram em pedaços, e a porta cambaleou como um gigante bêbado antes de cair para o lado de dentro do gueto com um profundo estrondo, no meio de uma nuvem de pó. — Como sabia que a porta ia cair para aquele

lado? perguntei ao sujeito do detonador, um negro sombrio e muito jovem. Não sabia — respondeu, dando de ombros. Suspirei, desanimado. Os hilotas estavam cheios de coragem e determinação, mas sua experiência e formação eram nulas. Rezei para que tudo desse certo.

O comboio entrou na cidade a toda a velocidade. O espetáculo era devastador. Pelo menos metade das casas ardia em chamas, e as ruas estavam cobertas de dezenas de corpos sem vida. Nas sombras, podíamos distinguir grupos de pessoas que fugiam de nós, aterrorizados, pensando sem dúvida que éramos homens de Greene. — Malditos filhos da puta — dizia Mendoza sem parar. — Malditos filhos da puta. Vejam o que fizeram. Sem parar nem por um segundo, continuamos avançando. Um grupo de milicianos surgiu no meio da rua. Por um instante, olharam-nos confusos, como se perguntando quem seríamos e de onde teríamos saído. A resposta chegou a eles em forma de uma chuva de balas que os dizimou. Os sobreviventes tentaram fugir, mas o comboio esmagou a maior parte deles. Viktor! Ali! — gritei, enquanto o caminhão sacolejava de uma maneira horrível ao passar por cima de um monte de restos enegrecidos. Havíamos entrado naquela que até umas horas antes havia sido a praça central do bairro de Bluefont. Todas as casas do lado norte se consumiam em um oceano de chamas. No lado sul, um monte de cápsulas reluzentes de cobre e restos de pneus na rua marcava o lugar de onde alguém andara atirando com fúria.

Ao lado das cápsulas de cobre havia dois corpos caídos e alguém ajoelhado entre eles. Alguém a quem eu conhecia muito bem. Pulei do caminhão antes que parasse e voei mancando para ela. O rosto de Lucía se transformou por completo quando ela me viu. Levantou-se e veio correndo para mim com a expressão de alegria mais selvagem que eu já vira em um rosto humano. De repente, parei, paralisado, lembrando-me de algo terrível. Algo que fez que, embora estivesse a poucos metros dela, eu me afastasse como se estivesse a milhares de quilômetros. — Meu amor, por favor, não se aproxime. — Levantei o braço para indicar, com voz trêmula, que parasse.

Lucía estacou, com o desconcerto estampado no rosto, lutando com suas emoções.

— O que foi? Deu um passo para mim, com os braços abertos.
— Você está aqui, e está vivo! Ah, Deus, está vivo! — Não dê nem mais um passo, por favor. — Era difícil formular as palavras, que engasgavam em minha garganta. — Estou infectado. Peguei o TSJ. E, com esses cortes abertos, você pode se infectar também. Lucía olhou para mim durante um instante que me pareceu eterno. Depois, muito lentamente, aproximou-se de mim e pegou minha mão. Seu olhar cruzou com o meu com tanta força que de repente o resto do mundo desapareceu por completo. Eu não via as chamas, nem ouvia os gritos ou os tiros. Estávamos só ela e eu. Não posso tocar em você — gaguejei. Não posso beijá-la, nem estar perto de você. Só estou vivo graças a... Lucía me silenciou pondo um dedo sobre meus lábios. Olhava para mim com a expressão mais terna e doce do mundo. Era uma mistura de amor profundo, afeto e compromisso, tão forte que me fazia que meus joelhos tremessem. Sem pronunciar nem uma palavra, passou seus braços em volta do meu pescoço e colou seu rosto a poucos centímetros do meu. — Durante alguns dias pensei que você estivesse morto — disse muito devagar, sem se afastar de mim. — E cada segundo de cada minuto de cada hora desses dias foi como viver no inferno. Pior que isso. Foi como estar morta em vida. E não quero passar por isso nunca mais. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa para impedir, aproximou seus lábios dos meus e me beijou. Foi um beijo breve, suave e cheio de amor, mas nossas salivas se juntaram. — Agora eu também estou infectada — disse, com toda a tranquilidade. — E aceito isso, e escolho por vontade própria. Se esse é nosso destino, que assim seja. Se hei de viver com você o resto de minha vida, seja longa ou muito curta, que seja compartilhando até nosso último suspiro. Agora, esse é nosso vínculo para sempre. — Nosso vínculo — repeti, muito emocionado por aquela demonstração de entrega. — Para sempre. E nos beijamos novamente, e dessa vez o beijo foi muito mais longo, profundo e apaixonado. E jamais, ainda que se passassem muitos

anos, eu tornaria a saborear um beijo como aquele, no meio das ruínas desoladas de Bluefont.

O reverendo Josiah Greene acordou banhado de suor. Tateando, acendeu o abajur de seu quarto. Sua mão deslizou por cima de sua Bíblia até pegar uma garrafa de Cladoxpan, que sempre estava cheia. Deu um longo gole, enquanto os últimos resquícios do pesadelo se desvaneciam. Havia sonhado com aquele maldito advogado. Montava uma mula, vestido como Jesus Cristo, com uma aura de luz rodeando sua cabeça. Greene caminhava ao seu lado, com os demais apóstolos, e olhava para ele sem entender o que estava acontecendo. De repente, o advogado se voltara para ele e dissera: "Você é a erva daninha em meu vinhedo, Josiah. Você é uma serpente no ninho, e tenho que cortar sua cabeça". Ele havia protestado, tentando se justificar, mas os demais apóstolos o haviam cercado, ferozes e mal-encarados, enquanto o Senhor se afastava lentamente pelo caminho, trotando em sua mula. Surpreso, vira nas ancas traseiras da mula um enorme gato de pelo laranja dormindo; o gato despedira-se dele com uma piscada e um sorriso irônico. Então, os demais apóstolos todos eles com a cara de Malachy Grapes — transformaram-se em não mortos e começaram a devorá-lo vivo. E enquanto faziam isso, uma sombra negra, densa e escura como a mais profunda das noites, flutuava acima deles, divertindo-se com a cena. Era absurdo, pensou, como todos os sonhos. Mas Greene não podia se livrar da sensação de terror que invadia seu corpo. Levantou-se para urinar, e então sentiu uma explosão de dor no joelho direito. O reverendo gritou e levou a mão à perna. Não era a familiar dor premonitória que sentia quando alguma coisa ia acontecer.

Não.

Era algo infinitamente pior, um milhão de vezes mais forte. Se a dor habitual era a chama de um isqueiro, naquele momento estava sentindo uma maldita explosão nuclear em seu joelho. Levantou-se mancando e, praguejando, foi até o banheiro. Morava no ático do edifício da prefeitura, em uma área que tinha sido reformada

exclusivamente para ele. Não havia muitos luxos em seus aposentos. Uma cama espartana, uma mesa de madeira com uma cadeira e um imenso crucifixo pendurado em uma parede. De resto, só um cofre em um canto do quarto, aparafusado ao chão. Aquilo era tudo o que necessitava. O resto, o Senhor proveria. Enquanto engolia um punhado de Vicodin para apaziguar a dor, ouviu os tiros distantes que soavam no gueto. Tinha dado a ordem de liquidação naquela mesma tarde. Uma voz havia soado em sua cabeça e lhe dissera que aquele era o momento. Todos os que não eram agradáveis aos olhos do Senhor deviam morrer. Jesus Cristo, em sua infinita bondade, lhe permitiria salvar dois mil deles para que expiassem sua culpa com o trabalho antes da morte, mas nada mais. O fogo do arcanjo Gabriel devia arrasar os pecadores, e ele era Seu instrumento. Apoiou os cotovelos na janela enquanto esperava que os analgésicos fizessem efeito. Ainda tremia por causa daquele pesadelo. Havia sido tão real... Um pressentimento sombrio o invadiu. Algo realmente terrível estava por acontecer. Seu joelho nunca errava, e nunca havia gritado com tanta força. De repente, como se o destino ouvisse suas palavras, uma série de enormes explosões se elevaram no horizonte do gueto. Parecia que Grapes estava encontrando mais dificuldades que as previstas para liquidar a negrada e os chicanos. Grapes. Estava ficando muito difícil de controlar. Era muito inteligente, e fanaticamente leal, mas tinha um veio de loucura que o tornava imprevisível. Havia sido um eficaz instrumento do Senhor durante um longo tempo, mas sua hora estava se aproximando. Greene disse para si mesmo que teria que cuidar dele. Talvez um acidente. Ou um envenenamento. O Senhor lhe diria.

De repente, uma explosão terrível fez o edifício tremer. Na área da refinaria, uma enorme bola de fogo se elevava ao céu, projetando enormes pedaços incandescentes de aço pelo ar. O reverendo Greene sentiu seus testículos se transformarem em duas bolas de gelo. E nesse instante seu joelho começou a latejar em pulsações constantes e rítmicas, como ele jamais havia sentido. Tan, tan, tan. Era como o tambor de uma execução. Greene afastou esses

pensamentos macabros da cabeça e voltou para o quarto. Rapidamente começou a se vestir, enquanto avisava os Guardas Verdes, que montavam guarda na antessala, para ficarem preparados. Meio vestido, foi até o cofre e o abriu. Lá dentro, junto com um arquivo secreto cheio de fotos que ninguém além do reverendo podia ver e dois sacos cheios de pedras preciosas, repousava um Colt M1911 e dois pentes. Greene pegou a arma, carregou-a e a guardou no paletó. Chegou o momento de defender seu reino. Chegou o momento de ser um instrumento do Senhor.

E, nesse instante, a sombra negra que dormia dentro dele começou a se remexer, inquieta.

Os blindados de Hong abriam caminho pela cidade branca com a mesma facilidade com que uma faca quente corta a manteiga. Haviam encontrado somente grupos dispersos de milicianos para enfrentá-los em alguns cruzamentos. Não eram rivais para as disciplinadas tropas do coronel, e foram eliminados pelos norte-coreanos com uma facilidade ofensiva. Esse não era seu problema. Seu maldito problema era que eles haviam se perdido. Aquela cidade estava sendo um labirinto no meio da noite. Nem sequer podiam parar para se orientar, porque de todos os lados saía o fogo de civis que atuavam como franco-atiradores. (O que aqueles civis não sabiam era que poucos minutos depois teriam que enfrentar uma ameaça muito pior, na forma de uma maré de não mortos.) Ao chegar a um cruzamento, o coronel Hong não pôde conter um grunhido de satisfação. Ao fundo de uma longa avenida deserta e flanqueada de casas que se abria à sua direita, via-se o mar. Amarrado no porto, como um gigantesco mamute adormecido, flutuava um enorme petroleiro com as luzes acesas e marinheiros passeando pelo convés. Havia localizado seu objetivo. Mas aquilo não era suficiente. Não mais.

— Kim — disse a seu tenente —, leve metade dos homens e assalte o porto. Capture esse navio intacto, com pelo menos um membro da tripulação que possa nos dizer aonde foram carregar petróleo. Depois, ligue os motores e fique pronto para zarpar assim que

chegarmos a bordo. Talvez tenhamos que abrir caminho à força, de modo que esteja com todo mundo preparado. — Sim, coronel — murmurou Kim, preocupado com a repentina responsabilidade que recaía sobre seus ombros. Evitando o olhar glacial do coronel, atreveu a formular a pergunta que queimava em sua boca: E o senhor, aonde vai, meu coronel? Hong segurou o frasco de Cladoxpan como se fosse uma joia extraordinária e mostrou-o a Kim.

— Eu vou procurar a origem disto. O coronel quase não podia conter a emoção em sua voz. — E, quando encontrar, seremos lembrados por toda a eternidade.

Nosso comboio avançava a toda a velocidade para o Muro interno. Ao chegar à ponte sul, que ligava Bluefont a Gulfport, distingui as torretas de vigilância. De uma delas, um forte foco de luz nos iluminou. Uma figura no alto dela se levantou com um megafone e disse alguma coisa. Suas palavras eram inaudíveis em meio ao rugido dos motores e às explosões que pontilhavam toda a cidade. Mas também não era preciso ser um gênio para adivinhar o que queria dizer. Da outra torre saiu uma rajada de metralhadora pesada, que repicou como granizo na blindagem de um dos dois veículos encouraçados que tínhamos. — Vamos atrás deles! rugiu Mendoza pelo rádio. O motorista do blindado, excitado, jogou seu veículo como um aríete contra a porta que separava os dois setores. Aquela não era uma porta reforçada, como a externa. O primeiro impacto fez que uma das dobradiças saltasse pelos ares, mas a segunda resistiu ao golpe. Nas torres, os milicianos, assustados, começaram a jogar granadas de mão. Uma delas entrou por um dos respiradouros do veículo, que explodiu como uma abóbora cheia de bombinhas de São João. A explosão arrancou totalmente a porta, que caiu no chão com um barulho escandaloso. De dentro do blindado saíam chamas e uma densa fumaça, que se enroscou na torre e deixou seus ocupantes sem visibilidade.

O pânico se instalou entre os milicianos. Acabavam de ver o comboio de Grapes passar a toda a velocidade na direção oposta, ouviam explosões e tiros na outra ponta da cidade e, como se não

bastasse, um enorme grupo de mais de duzentos hilotas armados e furiosos acabavam de derrubar a porta. De repente, todos aqueles homens sentiram a urgência de ir correndo para suas casas, para junto de suas famílias indefesas. Ignorando as ordens dos quatro Guardas Verdes que estavam no comando, saíram correndo em meio a uma desordem atropelada. Amparados pela confusão, atravessamos para Gulfport. Para os hilotas, era a primeira vez que passavam para aquele lado. Para mim, era o retorno à toca do leão.

Grapes se perguntou pela enésima vez aquela noite se estaria vivendo um pesadelo. O que havia começado como uma operação fácil estava se transformando em um desastre absoluto à medida que passavam os minutos. A limpeza do gueto havia sido um completo fiasco, e, além do mais, um grupo desconhecido estava arrasando o leste da cidade.

Perguntou-se o que mais poderia dar errado. Com um calafrio, percebeu que havia perdido o controle. Não estavam mais à frente.

Havia deixado uns cem homens posicionados no Muro interno, encarregados de vigiar os hilotas. Acreditava que as barbacãs da ponte e a surra que acabavam de lhes dar os manteriam tranquilos e confinados dentro do gueto até que ele pudesse cuidar do outro assunto. Contava com uma vantagem fundamental. Conhecia a cidade melhor que qualquer uma que já tivesse assaltado. E pretendia aproveitar aquele fator a seu favor. A Avenida da Redenção (chamada Avenida 4 de Julho até a chegada de Greene)

era um dos principais eixos da cidade. Grapes sabia que o grupo misterioso que explodira parte da refinaria teria que passar por ali forçosamente rumo ao centro da cidade. Seria um lugar perfeito para uma emboscada. Distribuiu os cerca de quatrocentos homens que ainda lhe restavam dos dois lados da ampla rua, escondidos atrás das cercas vivas e nos telhados das casas. Os moradores da avenida contemplaram, assustados, aqueles homens armados até os dentes e cobertos de fuligem e suor entrarem em suas salas para transformá-las em improvisados ninhos de

metralhadora. No meio da rua, espalharam algumas minas que haviam pegado apressadamente no depósito dos Sea Bees. Com tudo pronto, só restava esperar.

A coluna de Hong avançava a toda a velocidade pelas ruas de Gulfport, arrasando as frágeis tentativas de resistência que encontravam. Era uma manobra de blitz muito arriscada, mas Hong sentia o chamado do combate. Seus flancos estavam totalmente descobertos, de modo que o coreano havia decidido apostar tudo na velocidade. Bater como um raio, destruir o inimigo e sair antes de dar tempo aos outros de reagir. E, por ora, estava funcionando. Uma ampla avenida se abria diante deles. Ao fundo, distinguia-se um edifício maior, brilhantemente iluminado, com uma gigantesca bandeira branca com uma cruz verde estampada nela. Hong sentiu o sorriso se ampliar em seu rosto. Aquele devia ser seu objetivo.

Um zumbido distante pôs Grapes e seus milicianos em estado de alerta. O ariano levantou a cabeça acima da borda de seu Humvee escondido atrás de um roseiral para verificar a origem do som. Ao fundo da avenida surgia um blindado, encabeçando uma coluna. Na lateral, uma brilhante estrela vermelha desenhada, que à luz hesitante dos faróis parecia feita de sangue. O comboio se aproximava a toda a velocidade. Cinquenta metros, vinte, dez, cinco... E então, o primeiro blindado passou por cima de uma das minas da rua.

O BTR-60 de Hong se chacoalhou como uma caixa de fósforos quando o veículo que marchava à sua frente voou pelos ares em meio a uma cegante nuvem de fogo e pó. — Minas! — gritou o motorista aterrado, dando uma guinada no volante.

O BTR oscilou violentamente quando eles se desviaram dos restos ardentes do primeiro veículo a toda a velocidade. Nesse momento, outro blindado pisou em um explosivo e desapareceu no meio de uma enorme labareda. Restos humanos e ferros retorcidos saltaram ao céu em uma pirueta grotesca. Simultaneamente, uma violenta

rajada de tiros começou a picotar a lateral dos blindados. — É uma emboscada! gritou Hong. — Formem um círculo de proteção e respondam ao fogo! O coronel xingou a si mesmo por seu excesso de ímpeto. Não podiam avançar a toda a velocidade sem saber se diante deles havia um campo minado. A partir daquele ponto, teriam que abrir caminho a sangue e fogo.

O primeiro blindado voou pelos ares com um enorme estrondo. Os milicianos gritaram entusiasmados, principalmente quando um segundo blindado pisou em outro explosivo.

Matem-nos! — rugiu Grapes, sentindo sua confiança renascer. — Matem a todos!

O grupo do tenente Kim avançava sem dificuldades para o porto. A entrada era uma simples porta, escancarada. Os milicianos que deviam estar guardando-a haviam saído correndo assim que viram a caravana de blindados chegar. Os BTR passaram rugindo e ainda não haviam parado quando Kim e metade dos soldados já estavam pulando no cimento da esplanada do porto. O coreano contemplou o Ithaca durante alguns segundos, totalmente encantado com o tamanho do majestoso navio. Viu que havia três rampas de acesso ao navio. Rapidamente, dividiu seus homens em três grupos; com ele à frente do primeiro, assaltaram o petroleiro. Assim que pisou no convés, encontrou-se diante de um oficial ruivo, muito jovem, de expressão confusa. — Ei! Que estão fazendo aqui? Não podem... — O ruivo não pôde acabar a frase. Um tiro certo da Makarov de Kim atravessou seu peito, e o oficial caiu na ponte, morto antes de tocar o chão. Vamos! Vamos! Rápido! — instou Kim. Os tiros começaram a ser ouvidos por todo o navio, à medida que os pelotões coreanos iam entrando nas entranhas do Ithaca. O tenente não tinha mais remédio senão dividir seu grupo em pequenos esquadrões, se quisesse tomar o controle de todo o navio e de seus quilométricos corredores. Mas eles eram mais de cem, e contavam com o fator surpresa. Um punhado de marinheiros não podia ser páreo para eles. Algo quente e pesado passou zumbindo ao lado de sua orelha. Kim se agachou instintivamente, e uma segunda bala se incrustou

na mureta situada atrás de sua cabeça. O coreano levantou a vista e viu um homem gordo, de barba branca, apoiado em uma das muretas da ponte, vários 368 metros acima dele. O homem usava um casaco de capitão desabotoada e atirava com fúria homicida usando um fuzil de franco-atirador.

— Cuidado! — gritou o tenente, mas não pôde evitar que a próxima bala do atirador atravessasse a cabeça do soldado que estava ao seu lado. Pela escada, tenente!

— Um sargento lhe apontou uma escada de metal presa à lateral da superestrutura do Ithaca, que subia até a ponte. Kim saiu correndo, seguido por um grupo de soldados.

Enquanto subiam, os tiros do franco-atirador os iam seguindo, e de vez em quando um coreano caía, sangrando por um buraco que não estava ali um segundo antes. O tenente sentia seus pulmões prestes a explodir. O medo e a fúria serviam-lhe de combustível para vencer o último lance de degraus. O resto da escada estava coberto de corpos ensopados de sangue. Ao irromper na ponte, o atirador se voltou para ele com o fuzil nas mãos. Para uma distância tão curta, era uma arma muito grande, mas mesmo assim abriu fogo. A bala acertou o quadril de Kim, jogando-o na borda. O coreano se segurou como pôde enquanto o capitão lutava com o ferrolho da arma para colocar o projétil seguinte. Kim levantou sua pistola e atirou duas vezes. A primeira bala atingiu o capitão do navio no estômago, enquanto a segunda entrou em seu peito, bem debaixo da plaquinha que o identificava como "Cap. Birley". O homem se dobrou sobre si mesmo, soltando um gemido, e desabou no convés do navio.

Kim se aproximou, mancando. Subitamente, deu-se conta de que era o único sobrevivente de seu pequeno grupo. O capitão o olhava do chão, com uma expressão de ira brilhando como fogo em seus olhos. Maldito... amarelo murmurou, com os lábios tingidos de sangue. A seguir, inclinou a cabeça sobre o peito e parou de respirar.

Kim se certificou de que ele estava morto e olhou em volta. Estava bem na entrada da ponte de comando. Teria sido fantástico capturar

o capitão do navio vivo, mas tinha certeza de que naquela ponte, em algum lugar, deviam estar as cartas de navegação do navio, com a última rota ainda traçada.

O tenente começou a sentir uma sensação de euforia, apesar de estar ferido. Iam conseguir, depois de tudo. Seu olhar se desviou para o convés do navio. O tiroteio era muito forte na ilha traseira do petroleiro, mas toda a parte dianteira do navio parecia já estar sob seu controle. O tenente notou que o grupo de soldados que havia embarcado pela proa se dirigia-se até eles para ajudá-los a reduzir os marinheiros que ainda resistiam. De repente, pararam ao chegar a um alambrado no convés, estendido de lado a lado. Mesmo dali pôde notar a confusão de seus soldados, que se encontravam diante daquele obstáculo tão inesperado. O oficial no comando chacoalhou várias vezes o alambrado, mas estava muito bem preso. Então, tomou uma decisão. Kim observou, impotente, enquanto aquele oficial colocava uma carga explosiva na base do alambrado e rapidamente ordenava a seus homens que retrocedessem. Ia explodi-lo. — Nãããooooo! — gritou Kim, enquanto agitava os braços desesperadamente.

Mas era tarde demais. O Ithaca chegara a Gulfport carregado de petróleo até a tampa. De todos aqueles milhares de toneladas, metade, mais ou menos, ainda estava dentro do navio. O resto do espaço estava ocupado pelos gases do petróleo, altamente inflamáveis. Em circunstâncias normais, aquele espaço estaria cheio de gases inertes, mas o intercambiador de gases do navio estava avariado fazia meses, e não existiam peças de reposição em mais de mil quilômetros. A carga militar explodiu, arrancando um pedaço do alambrado. Porém, também estourou uma das tubulações de purga do tanque número três do Ithaca, cheia de gases de petróleo. O fogo atingiu o tanque apenas meio segundo após a explosão. Os gases, concentrados sob enorme pressão, acenderam-se como um fósforo, gerando em décimos de segundo uma temperatura de muitas dezenas de milhares de graus. E antes que o grito

desesperado de Kim se apagasse, o Ithaca voou pelos ares na explosão mais gigantesca que Gulfport já havia contemplado.

Grapes atirava com a fúria de um maníaco. Havia conseguido deter os sujeitos da caravana (que pareciam chineses, ou japoneses) atrás de sua linha de blindados, e, embora não houvessem conseguido reduzi-los, mantinham-nos cravados naquela posição. A contragosto, Grapes teve que reconhecer que os amarelos eram muito bons. Uma vez recuperados da surpresa, haviam recuado organizadamente e devolviam o fogo com disciplina e pontaria. Um oficial alto e macilento movia-se atrás deles, dando ordens apressadas. Grapes tentara atingi-lo em várias ocasiões, mas estava muito longe e nunca ficava no mesmo lugar por muito tempo. Os amarelos tentaram flanqueá-los, mas Grapes previra aquele movimento e preparara emboscadas similares nas ruas adjacentes. A luta na rua, suja e cruel, igualava as diferenças de experiência e formação entre os dois bandos. Em alguns lugares já se lutava com facas, baionetas e até com os punhos nus. Ninguém dava trégua. De repente, uma rajada de balas atingiu o guarda verde que estava ao seu lado. Um buquê de flores vermelhas se abriu em suas costas, e o ariano caiu morto no chão sem proferir nem um só lamento.

Grapes abriu os olhos, confuso. De onde caralho saíram esses tiros?, perguntou-se. Porém, teve que se jogar no chão para se esquivar de uma segunda rajada, que perfurou as janelas e as rodas de seu Humvee.

O ariano voltou a cabeça na outra direção. No fim de um beco, um grupo de homens com bracelete branco no antebraço direito abria fogo contra os confusos milicianos, presos inesperadamente entre dois fogos. Braceletes brancos. O sueco usava um bracelete igual. — São os Justos! gritou. São os malditos traidores! Atirem! Os milicianos se voltaram e abriram fogo contra os Justos, que tiveram que se refugiar apressadamente atrás da casa. Os coreanos, tão surpresos como os homens de Greene com aquela súbita aparição, não pensaram duas vezes e começaram a avançar, cobrindo-se e pulando, sempre atirando. De repente, uma coluna de veículos

variados chegou rugindo no fundo da avenida. Era uma estranha miscelânea de blindados, caminhões de lixo, de turismo e vans. Em todos eles, uma multidão de hilotas vociferantes preparava suas armas. Os coreanos, surpreendidos pelas costas, voltaram-se para enfrentar aquela nova ameaça. Um dos soldados apontou cuidadosamente um RPG-7 para um dos caminhões e abriu fogo. O foguete saiu com um assobio e avançou rumo a seu alvo serpeando a toda a velocidade, até acertar o radiador.

O caminhão voou pelos ares, e todos os tripulantes foram engolidos pela bola de fogo em que ele se transformou. Os demais veículos começaram a ziguezaguear, e os hilotas pularam apressadamente para se proteger e começar a atirar. O caos na avenida era total. No meio da escuridão, os quatro grupos se atacavam, sem saber ao certo quem estava diante deles. Hong contemplou, assustado, os recém-chegados abrirem fogo contra eles, mas também contra os que haviam organizado a emboscada, e alguns até contra o grupo que surgira pelo outro lado da rua, que, por sua vez, devolvia o fogo. Seus homens, por sua vez, abriam fogo contra qualquer um que se mexesse, fosse de um lado ou do outro de sua posição. Naquele tumulto, com pelotões correndo para todos os lados, era impossível saber quem era quem e onde estava cada um. — Kim! Kim! — gritou, chamando seu assistente. De repente, percebeu que o tenente não estava ali, mas que devia estar assaltando o petroleiro naquele momento. Hong soltou um palavrão. A situação estava se complicando rapidamente. Tinha que tirar seu grupo dali ou estariam perdidos. Quantos bandos há aqui?, perguntava-se, furioso, enquanto percorria suas linhas, cada vez mais magras. De que lado está cada um?

Dois segundos depois que o Ithaca explodiu, uma bola de fogo de quase quatrocentos metros de raio se derramou sobre o cais, atomizando imediatamente tudo o que se encontrava ali. O mar de fogo atravessou a rua e engoliu as casas situadas na primeira linha, que se incendiaram como se fossem de papel. O monstro continuou avançando, impulsionado por uma gigantesca onda expansiva que

havia reduzido todas as janelas de Gulfport a um monte de vidros quebrados. Um vento forte e ardente avançava à frente das chamas, arrancando os telhados e virando os carros estacionados na rua.

Quando a bola de fogo atingiu seu ponto máximo, começou a recuar sobre si mesma, deixando uma trilha de casas em chamas. A onda expansiva, por sua vez, continuou avançando, derrubando tudo o que encontrava em seu caminho.

Em quem diabos estamos atirando? gritei no ouvido de Mendoza, mas o mexicano me ignorou. Com um M4 nas mãos, abria fogo de forma constante, selecionando cuidadosamente seu alvo antes de atirar. Víktor se arrastou até onde eu estava, esquivando-se de um monte de vidros quebrados. Acima de nossa cabeça ouvia-se o estalo de dezenas de balas contra o caminhão, que estava ficando feito uma peneira. — Isto é uma loucura! — gritou o ucraniano para poder ser ouvido acima do estrondo das armas. Parece todos contra todos! Se ficarmos aqui muito mais tempo, vão nos matar! Nossos flancos estão descobertos! Temos que chegar até Greene! — respondi também gritando. — Se acabarmos com ele, metade dos milicianos cairá fora!

Esses aí não são milicianos! — Víktor apontou para uns soldados de uniforme estranho que estavam tomando de assalto uma das casas. — Pelo uniforme, parecem norte-coreanos! — Norte-coreanos? Você deve estar brincando! De onde saíram? — perguntei. Em resposta, o ucraniano deu de ombros, enquanto atirava em um grupo de vultos que se aproximava no meio da escuridão.

E, de repente, tudo parou. Primeiro foi uma luz tão intensa que nos deixou cegos. A seguir, um vulcão de fogo de proporções épicas subiu acima dos telhados, e um segundo depois o estrondo mais formidável que eu já ouvira em minha vida nos alcançou em meio a um furacão de vento ardente. A onda expansiva chegou com tal força que as casas ao lado da avenida balançaram e rangeram. Até o último veículo, exceto os blindados mais pesados, tombaram em

meio a uma chuva de pedaços de madeira e cimento que nos acertava como metralha. Fui jogado longe, junto com mais duzentas pessoas, que subitamente pararam de atirar, capturadas naquela voragem. Fui parar a quase cinco metros de distância, sobre um canteiro de violetas que amorteceu minha queda. Por um instante fiquei tonto, deitado de costas e vendo um monte de luzes coloridas orbitando sobre mim. Em meus ouvidos, um penetrante assobio. Levantei-me como pude, tonto, e descobri, aliviado, que ainda estava inteiro. À minha volta só se ouvia o crepitar dos incêndios e o barulho dos fragmentos de casas que caíam no chão depois de haver se elevado a centenas de metros de altura. Então, comecei a ouvir os gemidos dos feridos.

Pelo menos metade dos homens e mulheres que até um instante antes lutavam naquele pedaço de avenida jaziam mortos no chão, ou tão gravemente feridos que estavam além de qualquer possibilidade de salvação. Não muito longe de mim, um hilota contemplava com estupor um pedaço de cano que saía de seu estômago. O fragmento o havia acertado com a velocidade de uma flecha e o atravessara. Por todos os lados viam-se corpos lacerados pela explosão e pela metralha. — Viktor! Viktor!

— Estou aqui — disse o ucraniano, saindo, arrastando-se, de baixo de um pedaço de uralita. — Que diabos aconteceu? — Não faço ideia, mas isto aqui é o inferno respondi rapidamente. Todas as casas da rua estavam destruídas, e ao fundo, eu podia divisar um resplendor refletido no céu que só podia ser um incêndio. Um realmente grande. — O fogo vai devorar a cidade toda em um instante murmurou o ucraniano sacudindo sua roupa. De dentro das ruínas, os civis que habitavam as casas saíam correndo para a escuridão, tentando se pôr a salvo. Não tinham como saber que o Muro externo tinha várias brechas e que não havia nada entre eles e os não mortos.

— Temos que chegar à prefeitura! — Segurei meu amigo pelos ombros, com a angústia refletida na voz. — A fonte do Cladoxpan está ali! Se não conseguirmos, Lucía e eu estaremos condenados!

E todos os hilotas que ainda estão vivos! Víktor olhou para o outro lado das chamas com uma expressão aflita. Ao fundo, a prefeitura brilhava no meio dos incêndios, com o telhado destruído e todas as janelas quebradas. Não restava nem rastro da bandeira de Greene.

Vai ser a corrida de nossa vida — disse simplesmente, enquanto trocava o pente de seu AK-47. — Está preparado? Assenti, muito assustado, mas totalmente decidido.

— Vamos lá — grunhiu Pritchenko. Nos veremos do outro lado.

Grapes se levantou dos escombros com a fronte sem a pele. Um pedaço de metal retorcido havia passado a apenas uma polegada de sua cabeça. De seu ouvido direito corria um fio de sangue, consequência da ruptura de um tímpano. O ariano cambaleou enquanto avançava por entre as ruínas rumo ao lugar onde estava um minuto antes. Seu Humvee já não estava lá. Ou melhor, estava, mas a seis metros, embutido na sala de uma casa. De seus milicianos, nem sinal. A maior parte de seus homens havia se entrincheirado nas casas do lado direito da rua para montar a emboscada, e naquele momento todas aquelas casas eram uma pilha de escombros fumegantes coberta de chamas. Aqui e ali via-se algum miliciano aturdido, cambaleando entre as ruínas com uma expressão confusa no rosto. Sua força havia ficado despedaçada. Não lhe restava quase ninguém. Seu único consolo era que os outros grupos não pareciam estar muito melhor.

De repente, captou um movimento de soslaio. Havia duas pessoas subindo em um monte de veículos tombados. Teve que esfregar os olhos duas vezes para se certificar de que estava enxergando direito. — Não pode ser — disse a si mesmo. Mas ali estavam. Aquele maldito advogado e seu amigo soviético. O maldito advogado pentelho. De algum jeito, havia conseguido sobreviver no Deserto e voltar a Gulfport. E estava ali, mancando, a menos de trinta metros de onde ele estava.

Grapes sentiu a ira tornar a consumi-lo e esmagar o sentimento de derrota que o embargava. Aquele porco não ia rir dele. De jeito

nenhum. Tropeçou em um fuzil de assalto e Grapes o recolheu. Sem afastar o olhar dos dois homens, que já haviam atravessado as linhas dos amarelos e corriam para a prefeitura, Grapes apontou cuidadosamente e atirou. A arma não funcionou. Grapes apertou o gatilho freneticamente, até que percebeu que o ferrolho do M4 havia sido destruído pela explosão.

Frustrado, jogou a arma no chão. De repente, viu dois Verdes que se levantavam dos escombros.

— Ali! — Apontou freneticamente. Atrás deles! Os dois Verdes hesitaram um instante, mas logo tomaram posição e abriram fogo. Porém, aquele momento de dúvida foi suficiente para que a figura que estava à frente ficasse fora da linha de tiro. A segunda figura, que mancava visivelmente e andava muito mais devagar, não teve outra saída senão se proteger atrás de um carro tombado, enquanto as balas abriam buracos no cimento à sua volta.

Não deixem que escape! — rugiu Grapes a seus homens. — Eu cuido do outro!

E, pulando por cima de um monte de corpos caídos, saiu correndo atrás da figura que, na contraluz, se aproximava a toda a velocidade da prefeitura.

As balas assobiavam em volta da minha cabeça enquanto eu tentava me espremer mais e mais atrás daquele carro virado. Estávamos quase cruzando a última linha do arrasado campo de batalha quando abriram fogo contra nós. Só tive tempo de me jogar no chão, enquanto Víktor pulou para o outro lado de um pequeno muro de tijolos vermelhos que fechavam uma casa. Ali, ficava fora da linha de tiro daqueles que estavam atirando em nós.

O ucraniano olhou para mim e se preparou para pular em minha direção. — Vá! — gritei. Vá, caralho! Eu já o alcanço! Vi que Víktor hesitava. — Víktor, se um dos dois não ficar para deter esses sujeitos, vão acabar conosco antes de chegarmos ao fim da rua! Pritchenko olhou hesitante para os dois lados e meneou a cabeça.

Sabia que eu tinha razão. Tenha cuidado! — gritou, jogando-me os pentes de seu AK-47. — Volto logo! Aguarde aqui enquanto isso! Assenti, perguntando-me como diabos Víktor achava que eu ia aguentar ali mesmo que fosse por dez minutos, mas não disse nada. O tempo corria contra nós. As chamas já apareciam acima do telhado das casas vizinhas ao edifício da prefeitura. Pritchenko fez um gesto com a mão, como para dizer "Calma, tudo vai dar certo".

A seguir, saiu correndo em direção à prefeitura, e o perdi de vista.

A explosão esmagou Hong na lateral de seu blindado com tanta força que o coronel sentiu uma de suas costelas se quebrar. Conteve um grito de dor enquanto se levantava.

Dos cento e vinte homens de seu grupo com os quais havia partido para o ataque, só podia ver alguns, a maioria ferida demais para ter alguma utilidade. O coronel sentiu o gosto amargo do fracasso. Suspeitava qual era a origem daquela explosão e sabia o que isso significava. Havia falhado. Sua missão estava acabada.

Encostou-se no blindado com o olhar perdido. Nisso, sentiu um volume duro no bolso da jaqueta. Tirou-o e viu que era o pote de Cladoxpan daquele hilota. Nem tudo estava perdido. Não ainda. O coronel inspirou profundamente e pulou para o outro lado do veículo. Uma vez ali, saiu correndo para o edifício da prefeitura, que as primeiras chamas já começavam a lamber. Hong estava jogando sua última cartada.

Mendoza ouviu os tiros e olhou cautelosamente. A rua estava iluminada pelas chamas do incêndio que lançavam brilhos espectrais sobre dúzias de corpos esparramados por todos os lados. A luta havia acabado por completo, exceto por dois atiradores Verdes que faziam fogo cerrado contra um veículo tombado em uma esquina.

Eram os dois últimos Verdes. O resto estava morto ou havia fugido. Mendoza começou a sentir o sabor da vitória. A cidade branca ardia em chamas, e ele ainda estava vivo. A ira dos Justos havia triunfado. A vingança era quase completa. Só faltava aquele pequeno detalhe.

Tirando forças da fraqueza, o mexicano saiu correndo, disposto a acabar com aqueles filhos da mãe de uma vez por todas. E depois iria atrás de Greene.

Hong e Mendoza se viram praticamente ao mesmo tempo. O mexicano ficou surpreso ao ver o uniforme do coreano, mas não diminuiu o ritmo de sua corrida. Não sabia quem era aquele indivíduo, mas tinha certeza de que não era dos seus. Então, levantou sua pistola e começou a atirar enquanto avançava, esquivando-se dos corpos caídos.

Hong, por sua vez, apertou a mandíbula e acelerou o passo, sem atirar.

Mais perto. Tenho que chegar mais perto. Quando estavam a dez metros, a primeira bala de Mendoza atingiu o ombro do coronel. Hong cambaleou, mais surpreso que dolorido, mas não diminuiu o passo. Por sua vez, levantou sua Makarov e abriu fogo contra o mexicano três vezes, em rápida sucessão. A primeira bala passou muito alta, mas as outras duas se enterraram no peito do mexicano, que caiu para trás como um fardo. Seu corpo se convulsionou duas vezes e finalmente relaxou. O coronel parou, arfante, e deu uma olhada em sua ferida no ombro. Não era muito profunda, mas teria que tratá-la assim que tivesse oportunidade. Com a pistola ainda na mão, aproximou-se do cadáver do mexicano e deu-lhe um pontapé. Maldito filho da puta. Quase me mata. Hong afastou a vista do corpo e olhou para a prefeitura. A apenas cinquenta metros, um soldado com uma faixa verde no braço atirava em um carro virado. Ao seu lado, o corpo caído de seu colega mostrava que alguém devolvia o fogo com boa pontaria.

Hong decidiu deixá-los de lado. Que se matassem entre si, fossem quem fossem. Ele tinha coisa mais importante para fazer. De repente, ouviu um tilintar a seus pés.

Baixou o olhar e viu dois aros de metal rolando pelo chão. Uma mão ensanguentada segurava a perna de sua calça. Mas o quê... Carlos Gato Mendoza o olhava do chão, enquanto sua última vida escapava

pelos buracos de bala. Em seu peito descansavam duas granadas sem trava, de aspecto mortífero. Hong empalideceu, e em um ato reflexo tentou dar um passo atrás, mas Mendoza agarrou a perna de sua calça. — Filho da puta — murmurou o mexicano, cuspiendo bolhas de sangue pela boca, em seu último desafio.

As duas granadas explodiram quase ao mesmo tempo. E a labareda da explosão foi a última coisa que o coronel Hong viu; morreu sem soltar o pote que tinha na mão.

Os pés de Víktor fizeram o tapete de vidros quebrados que ocupava o antigo vestíbulo da prefeitura de Gulfport ranger. As cortinas flamejavam através das janelas quebradas, e o vento quente do incêndio já havia levado para dentro algumas brasas ardentes através das rachaduras da fachada. Pequenos fogos ardiam aqui e ali descontroladamente, ameaçando se unir e se transformar em um monstro em muito pouco tempo. Víktor jogou o AK no chão era inútil sem munição — e atravessou o vestíbulo com sua velha faca de combate na mão. Um transformador soltava faíscas, iluminando a sala com flashes irregulares. O ucraniano se perguntava por onde teria que começar a procurar. Aquele edifício era enorme, e ele quase não tinha tempo. Duas vigas de madeira do teto caíram com estrépito em um dos gabinetes adjacentes. Todo o edifício gemia e estalava, enquanto o vento quente do incêndio entrava, impregnando tudo com cheiro de fumaça. De repente, Pritchenko ouviu passos atrás de si. Ora, ora... No fim, você quase chegou antes de mim — disse sorrindo, voltando-se aliviado. — E isso porque eu mandei que me esperasse lá. As palavras morreram em sua boca, e seu sorriso desapareceu. Na porta da prefeitura, junto a uma boca de lobo, Grapes o observava, com o rosto coberto de sangue e uma expressão enlouquecida nos olhos. Na mão, o machado de bombeiro que havia tirado do suporte da parede.

— Pequeno filho da puta — grunhiu Grapes, avançando para o centro da sala —, anão soviético, porco. — Também estou feliz em vê-lo, Grapes — respondeu Víktor, inspirando profundamente. — Parece um tanto cansado, sabia? — Desde o primeiro momento

reconheci que você tinha colhões, claro que sim. — Grapes deu um risinho estridente e desafinado. — Você poderia ter feito grandes coisas aqui, comigo. Mulheres, poder, riqueza. Prosperar, caralho! O ucraniano trocou a faca de mão e se apoiou no balcão da recepção, como se aquilo não fosse com ele, mas sem perder de vista o ariano nem por um segundo. Grapes caminhava contornando o selo central no chão de mármore, aproximando-se lenta e imperceptivelmente de Víktor, sem parar de falar. — Você escolheu mal suas amizades, russo. — Deu uma risada de desprezo. A essa hora, seu amiguinho advogado já está morto e você está aqui, preso como um rato. Devia ter pensado melhor em qual lado escolher.

Víktor abriu a boca e bocejou exageradamente. — Acabou, ou tenho que continuar ouvindo seu estúpido papo furado por muito tempo? — disse observando a lâmina da faca.

Com um rugido, Grapes se jogou sobre Víktor. O líder dos Verdes tentara distraí-lo e se aproximar o máximo possível do ucraniano para não errar o golpe, mas Víktor Pritchenko era uma raposa velha. O machado afundou no balcão de madeira com um estalo seco, bem no lugar onde Prit estava um segundo antes. Grapes liberou a lâmina e partiu para novo ataque, agitando a arma como se fosse um viking. Víktor teve que se esquivar duas vezes, retrocedendo sem parar para a base da escada. Grapes desenhava enormes círculos mortais com o machado na frente dele. Cada vez que balançava a lâmina, ela cruzava o ar com um zumbido sinistro, meio encoberto pelos rugidos do ariano. Víktor, cada vez mais apressado, driblava-o no último instante e percebia, desesperado, que o espaço livre estava acabando. O ucraniano, armado apenas com sua faca, não podia nem se aproximar de Grapes.

Naquele momento, enquanto retrocedia de costas, tropeçou no primeiro degrau da escada que dava para o primeiro andar. O ucraniano balançou e teve que se segurar no corrimão de carvalho. Grapes viu sua oportunidade e desceu o machado no braço de Pritchenko. O ucraniano só teve tempo de se jogar de bruços no chão, meio segundo antes de o machado acertar o corrimão, em

uma explosão de farpas. Grapes grunhiu e liberou a lâmina, que havia ficado profundamente cravada. Aquela era a oportunidade que Víktor estava esperando. Com a rapidez de uma cobra, o pequeno ucraniano se levantou feito uma mola e cravou a lâmina de sua faca no antebraço de Grapes. O gigantão ariano deu um grito e retrocedeu instintivamente um passo. Aquele espaço era muito pequeno, mas mais que suficiente para um sujeito como Pritchenko. O ucraniano jogou o braço para a frente e enterrou a lâmina serrilhada de sua faca na virilha de Grapes. O ariano deu um uivo de dor e cambaleou para trás, furioso. Víktor, em vez de prosseguir no ataque, ficou em pé, expectante, em posição de guarda, com os olhos cravados no líder verde. Vou esquartejá-lo, filho da puta — arfou Grapes. Passou a mão pelo rosto. De repente, sua visão se borrou e ele sentiu muito frio. Sentiu algo pegajoso nas calças. Baixou o olhar e viu que estavam completamente ensopadas de sangue. — É a femoral — disse Víktor, com voz fria. — Está cortada. Você está se esvaziando por dentro, Grapes. Acabou. Não. Não pode ser. Não, não, não, não!! O ariano deu dois passos em direção a Víktor, mas suas pernas falharam e ele caiu de joelhos. Pritchenko aproximou-se dele com calma e o segurou pelo queixo. — Morrer esvaindo-se em sangue é uma morte indolor — disse, abaixando-se ao seu lado. — Pouco a pouco você vai adormecendo e, depois, simplesmente acabou. É um tratamento muito melhor do que o que você deu às centenas de vítimas dos trens. Por isso, quero lhe dar um presente de despedida antes que você vá.

Grapes abriu a boca, tentando dizer algo, mas, antes que pudesse articular a primeira palavra, Víktor cravou o punhal em seu estômago. O ariano soltou um grito de dor e seus olhos lacrimejaram. — Este é por você ser um filho da puta psicopata — disse Pritchenko, antes de tirar a faca e tornar a cravá-la, dessa vez nos genitais de Grapes. — E isto é da parte de Lúculo, filho da puta. Grapes desabou no chão feito um novelo, enquanto a poça de sangue ficava cada vez maior à sua volta. O ariano manteve o olhar fixo no rosto de Pritchenko, com uma expressão de ódio concentrado. Então, pouco a pouco, o brilho de seus olhos foi se

apagando, até que se extinguiu por completo. Víktor contemplou-o por alguns instantes, pensativo. Poucas vezes o ucraniano sentira prazer em matar, mas essa havia sido uma daquelas ocasiões especiais. Agachou-se sobre o corpo e usou os restos de sua camisa para limpar a lâmina da faca. Depois, levantou-se para continuar procurando o laboratório.

Nem sequer ouviu o tiro. A única coisa que sentiu foi uma pancada muito forte nas costas e depois calor, muito calor. De repente, seus braços começaram a pesar como chumbo, e suas pernas se transformaram em barras de manteiga derretida. Quis virar a cabeça enquanto caía para a frente, mas não conseguiu. O corpo de Pritchenko desabou no chão do vestíbulo como um carvalho cortado. Sua mão crispada arranhou algumas vezes o assoalho arruinado antes de se deter por completo. Do alto da escadaria, o reverendo Greene olhava para ele com olhos escuros, segurando seu Colt fumegante, enquanto uma sombra cada vez mais negra parecia ganhar vida às suas costas.

Eu havia pegado um. Mas o outro estava me aporrinhando. O sujeito já não atirava às cegas, reservava munição, esperando o momento de abrir fogo. Quando se ouviu a explosão das granadas, o Guarda Verde voltou a cabeça, surpreso. Agindo por instinto, levantei-me e atirei quase sem olhar. O AK estava no modo automático, e esvaziei metade do pente em seu peito. O verde caiu depois de fazer uma pirueta mortal, e por fim se fez silêncio naquele martirizado pedaço de rua. Olhei em volta. Não restava ninguém em pé. Só um monte de feridos que se lamentavam e tentavam se pôr a salvo. Aqueles que estavam em melhor estado se arrastavam lentamente, mas os mais graves contemplavam do chão, impotentes, o enorme incêndio que se aproximava a toda a velocidade, pronto para engoli-los vivos.

Não fiquei para ajudá-los. Teriam que se virar por seus próprios meios ou morrer tentando. Enquanto eu mancava com o tornozelo quebrado rumo ao edifício da prefeitura, tinha só uma coisa na cabeça. Precisávamos sair dali.

E. o tempo estava acabando. Subi os degraus da entrada do edifício cambaleando. Apoiado no batente da porta estava o cadáver decapitado de um homem, que havia sido jogado ali pela explosão. Sua roupa estava coberta de sangue, e era impossível adivinhar a que bando pertencia. Isso, àquela altura, já dava no mesmo. Ao entrar no vestíbulo, fiquei imóvel, paralisado ante a surpresa. Grapes jazia no chão, imóvel, no meio de uma enorme poça de sangue. E ao seu lado havia outro corpo, de bruços. Seu cabelo, porém, era inconfundível.

Não. Ah, não, por favor, ah, não, não pode ser... Caí de joelhos ao lado do corpo de Víktor e virei-o. Uma bala de alto calibre havia entrado pelas suas costas, entre as omoplatas, e saíra pelo outro lado. O ucraniano estava coberto de sangue e terrivelmente pálido. — Víktor! Víktor, fale comigo! Vamos, amigo, fale comigo! Eu estava tão angustiado que não conseguia pensar com clareza. Tirei a camisa pela cabeça e a rasguei para fazer um tampão para a ferida. O pano se encharcou completamente assim que o encostei no enorme buraco de bala. Era impossível conter a hemorragia. Eu não queria nem imaginar o estrago interno que o projétil devia ter causado. Víktor gemeu levemente e abriu os olhos. Seu olhar desfocado e apagado girou, tentando me localizar. Ver aquilo me deixou arrepiado. A pele do ucraniano estava terrivelmente fria, mas Prit nem sequer tremia. Era impressionante. — Vejo... que... chegou... finalmente. A voz de Pritchenko era um murmúrio que subia e descia de intensidade, como um rádio perdendo o sinal. — Demorou... muito.

— Víktor. — Minha voz soava estrangulada. Eu estava quase chorando. — Víktor, não morra, por favor. Não morra. Acho que... tenho que... — O ucraniano se dobrou, sacudido por uma tosse incontrolável. Sua saliva, manchada de sangue, escorreu por seu queixo e tingiu o bigode louro de um sinistro tom avermelhado. — Vocês têm... que viver... Lucía e você., façam isso... por mim. — Segurou minhas mãos com força e cravou seu olhar em mim. — Prometa... Prometa! Não consegui dizer nada, simplesmente

assenti. As lágrimas corriam soltas por minha face enquanto eu segurava o ucraniano com força.

Greene... está lá em cima. Pritchenko levou a mão ao buraco de seu peito e a levantou, coberta de sangue. — Foi ele... tenha cuidado... ok? — Outra tosse cavernosa o interrompeu. O ucraniano prosseguiu, com um fio de voz, esforçando-se para sorrir. — Eu... disse... que nos veríamos.., do outro lado.

O rosto de Pritchenko se contraiu em um ricto de dor. Víktor enrijeceu todo o seu corpo e de repente relaxou por completo, com uma expressão de paz no rosto. Estava morto.

Não sei quanto tempo fiquei de joelhos no meio daquele vestíbulo, embalando em meus braços o corpo de meu amigo. Sei que chorei, gritei e xinguei em voz alta. Sei que arrastei seu corpo até a rua, para evitar que seu sangue se misturasse com o de um miserável como Grapes. Sei que o deixei apoiado em um carro, com a pele terrivelmente pálida e o cabelo liso caindo nos olhos.

E também sei que, quando voltei para o edifício em chamas, ia dizendo a mim mesmo que Greene era um homem morto.

Os corredores da prefeitura haviam se transformado em um inferno. A explosão do Ithaca não deixara nem uma única janela intacta, e pelos vãos abertos haviam entrado enormes quantidades de fagulhas incandescentes, que ao cair sobre as montanhas de papel acumulado incendiavam-nas quase instantaneamente. Algumas partes do edifício já ardiam em chamas, com o incêndio fora de controle. O que durante um tempo muito breve havia sido meu gabinete se havia transformado em um caldeirão de fogo que estalava em ondas de calor. Dei as costas àquele corredor e corri para a ponte que ligava o edifício ao antigo banco, onde ficavam os laboratórios. A fumaça era cada vez mais densa, e eu não conseguia parar de tossir. Sentia a garganta áspera como uma lixa, e cada vez era mais difícil respirar. Porém, ao chegar à ponte senti uma rajada de ar fresco. As chamas ainda não haviam chegado ali, e pelas janelas quebradas entravam fortes correntes de ar. Cheguei

ao posto de controle onde um século antes os Guardas Verdes haviam feito a vigilância. No chão, ainda estava jogada a revista pornográfica que um deles havia folheado. Pisei nela ao passar e entrei no laboratório com cautela.

Ao entrar na primeira sala, tropecei num cadáver. Era de uma mulher de meia-idade, de jaleco, que havia levado dois tiros, um no coração e outro na testa. Tivera o azar de estar de plantão naquela maldita noite. Estilo execução da má fia, pensei. Quem havia feito aquilo sabia o que estava fazendo.

O corpo seguinte era o de Ballarini, o pesquisador-chefe. O italiano não estava de terno, e sim de pijama, com um casaco por cima. Sem dúvida, o tiroteio, ou a explosão do petroleiro, o havia tirado da cama, e ele havia corrido para seu precioso laboratório a fim de protegê-lo. Mas alguém o havia encontrado pelo caminho. O italiano exibia um tiro muito mais sujo e menos profissional que o outro corpo. Tinha um enorme buraco no estômago e um ricto de surpresa infinita no rosto, como se ainda não pudesse acreditar que estava morto. Um dos seus chinelos estava a quase um metro do corpo, com umas gotas de sangue secando na ponta. Engatilhei o AK e descí a escada que levava à antiga abóbada do banco. Dali de baixo chegava um ruído rítmico e metálico. A luz do teto piscou algumas vezes, e sua intensidade diminuiu. O edifício era alimentado por um gerador autônomo, que estava começando a falhar. Percorri os últimos metros em silêncio e cheguei à porta da câmara.

Greene estava ali com um Guarda Verde, um sujeito musculoso, com braços que pareciam um pernil, entretido em dar machadadas nos tanques de aço onde o Cladoxpan fermentava. Já havia derrubado todas as cubas, menos duas, e o chão estava coberto por um pequeno lago de medicamento que escorria, gorgolejando, por um ralo. Greene observava tudo com ar febril, segurando em uma das mãos sua pistola e na outra um balde de metal com uma das cepas do fungo. O reverendo pretendia destruir todos os fungos-mãe menos um. O seu.

Por fim, o ariano derrubou o tanque, que caiu no chão com um enorme estrondo metálico. O Cladoxpan se derramou em uma enorme onda que salpicou os dois homens quase até a cintura, antes de escorrer pelos ralos e pela porta. Aproveitei o rio que passava ao meu lado para mergulhar nele a mão em forma de concha e dar alguns goles ansiosos. O líquido desceu por minha garganta como se fosse fogo. Aquela era uma dose muito mais concentrada que a que eu havia experimentado até então. Senti um aumento de adrenalina tão brutal que por um instante fiquei tonto. Todos os cortes, hematomas e queimaduras que salpicavam meu corpo pararam de doer como em um passe de mágica. Eu tinha certeza de que, quando o efeito passasse, a dor voltaria em dobro, mas, enquanto isso, eu me sentia absolutamente maravilhoso. Levantei-me e parei no meio da porta. No início não me viram, ocupados no ataque ao último tanque. De repente, Grapes segurou seu joelho direito como se estivesse sentindo uma pontada de dor e se voltou com os olhos arregalados. — Você! — gritou. — Eu. — Foi minha seca resposta. A seguir, apontei para o Guarda Verde e abri fogo. O ariano tentou chegar à pistola (uma Beretta profissional com silenciador) que havia deixado em cima de uma prateleira. A primeira bala acertou sua perna e ele caiu no chão. A segunda bala partiu seu coração, e para ele tudo acabou. Voltei-me para Greene. O reverendo tremia (não sei se de medo ou de fúria), incapaz de afastar seu olhar de mim. Parecia estar vendo um fantasma. Apontava seu enorme Colt para mim, e sua mão tremia. Você é um monstro de Belzebu murmurava, com os olhos exorbitados e soltando faíscas. Havia perdido o chapéu Stetson e seu cabelo estava revirado. — Você é o Diabo, o Anticristo, uma ofensa aos olhos do Senhor! Chegou a hora de se juntar a Satanás para sempre! — E então apertou o gatilho de seu revólver. Nesse momento, o gerador falhou pela última vez, e as luzes se apagaram. Instintivamente, joguei-me no chão. A arma de Greene iluminou toda a sala escura com um labareda espectral, enquanto uma pesada cápsula de chumbo passava zunindo a poucos centímetros de minha cabeça. No chão e às cegas, abri fogo. A rajada do AK atingiu o reverendo no braço, e ele soltou o Colt com um grito de

dor. Agachou-se para pegá-lo, mas eu já havia me levantado e fui para cima dele com fúria homicida. Investi contra Greene com tanta força que o fiz cair de costas. As mãos do pregador arranhavam meu rosto, e ele dava mordidas furiosas no ar, tentando atingir meu pescoço.

— Você não pode me matar! Eu sou o Profeta! EU SOU O PROFETA! O balde de Cladoxpan com o fungo-mãe dentro estava bem ao nosso lado. Segurei Greene pelo colarinho e o levantei com a mesma facilidade com que uma gata sacode um filhote. — Não é você o Profeta — sussurrei em seu ouvido. — E nunca foi, maldito louco filho da puta.

Greene olhou para mim com uma expressão de terror genuíno nos olhos. Sua perna direita, que não havia parado de tremer e de se sacudir durante toda a luta, ficara repentinamente quieta. Parou de doer — murmurou, com um tom de incredulidade na voz. — Não pode ser... Isto sim é que vai doer, filho da puta! — E afundei sua cabeça dentro do caldeirão de estanho.

O reverendo se debateu violentamente, tentando erguer a cabeça até a superfície para poder respirar. Segurei-o com força enquanto o Cladoxpan borbulhava e se derramava pelas bordas do balde. Depois de um tempo, seu corpo parou de se sacudir e, finalmente, ficou imóvel. Caí no chão, arfando. Eu devia me sentir bem. Havia matado o homem que tinha me infectado, que havia acabado com Pritchenko e que tinha levado milhares de pessoas aquela orgia de dor e destruição. Porém, a única coisa que eu sentia era uma enorme vontade de fechar os olhos e descansar.

Um estrondo enorme soou acima de minha cabeça. Algo no andar superior acabava de cair. O ar estava muito quente e começava a cheirar a fumaça. Levantei-me com dificuldade e peguei o machado que o verde usara para arrebentar os tanques. Voltei para junto de Greene e levantei o machado acima de minha cabeça. Com um golpe seco, decapitei o reverendo. — Quero ver se você é capaz de voltar dos mortos, filho da puta murmurei.

Coloquei o fuzil a tiracolo e saí da abóbada com o balde em uma mão e a cabeça do reverendo na outra. O lado de fora estava cheio de pequenos focos de incêndios, e o calor era sufocante.

Subi as escadas e atravessei a toda a pressa o laboratório em chamas, em direção à saída. Tive que descer as escadas da prefeitura quase às cegas, devido à fumaça intensa. Quando finalmente consegui sair, tive que me apoiar um pouco em meus joelhos para vomitar. À minha volta, Gulfport inteira era lentamente engolida pelas chamas. Só o gueto de Bluefont, do outro lado do canal, parecia estar a salvo da fúria desatada pelo incêndio. Levantei a cabeça do reverendo e a pus à altura dos meus olhos. Seu rosto ficara congelado em uma expressão de fúria e sua boca estava aberta, mostrando os dentes velhos e gastos. Cuspi em seus olhos, e a seguir, pegando impulso, joguei a cabeça no inferno de fogo em que a prefeitura havia se transformado. A cabeça desapareceu naquela enorme pira. Um instante depois, uma fumaça negra e pegajosa se elevou acima das chamas, e ouviu-se um uivo desumano. Por um instante me pareceu ver aquela fumaça se contorcer e girar com vida própria. Então, o teto do vestíbulo, corroído pelo incêndio, ruiu com estrépito e tudo desapareceu em um oceano de fogo.

Pontevedra, Espanha.

Seis anos depois.

O 4 x 4 abria caminho lentamente por entre o mato que havia colonizado, o asfalto rachado. A maior parte das casas tinha um aspecto apagado e algumas estavam em estado de ruína iminente, mas, de resto, quase nada havia mudado. Enquanto avançávamos esmagando os montes de ossos podres e amarelentos que salpicavam a paisagem aqui e ali, eu não parava de apontar coisas para Lucía, com o entusiasmo de uma criança. Finalmente chegamos a uma ruazinha e virei à esquerda. No asfalto do cruzamento ainda se via uma marca de spray quase apagada que um soldado já morto

havia feito muitos anos antes, em plena evacuação. Parei o veículo e desliguei o motor, mas não consegui sair dele. Eram muitas recordações. — Era ali? — perguntou Lucía com doçura, pondo sua mão sobre a minha. A barriga de sua gravidez já era muito evidente.

Logo precisaríamos de um lugar definitivo onde nos assentar. Pelo menos, por um tempo. Assenti, emocionado. Minha casa. Eu havia voltado para casa.

— Já chegamos? — disse uma voz aguda no banco de trás. — Sim, Víktor, já chegamos — respondeu Lucía, voltando-se. — Mas espere papai abrir a porta antes de sair.

O pequeno Víktor nos observou com olhar travesso e assentiu. Era um menino de caráter tranquilo e vivo, e havia herdado os incríveis olhos verdes de sua mãe.

— Vamos morar aqui? perguntou de novo, franzindo o cenho. — Não gosto desta casa. É velha e está suja. Ri, e passei os dedos pelo cabelo de meu filho. Calma, há um monte de casas vazias — disse. — Vamos morar na que você mais gostar em toda a cidade, eu prometo. Mas primeiro papai quer ir pegar umas coisas lá dentro. Desci do carro e deixei Lucía verificando se nossa cepa de fungo-mãe tinha quantidade suficiente de água. Cuidar daquele estranho fungo havia se transformado em uma parte de nossa rotina diária fazia muito tempo. Andei até minha casa com o coração apertado de emoção. Quantos anos haviam se passado? Oito? Nove? Porém, eu era capaz de reconhecer até a última marca deixada na pintura. Mesmo o cheiro me era familiar. Estávamos de volta.

Ao meu lado passou uma pequena bola de pelo laranja. Lúculo já não se movimentava com a mesma velocidade de quando era mais jovem, mas ainda era capaz de dar uma boa corrida quando algo lhe interessava. O gato miou inquieto, agitando o pequeno toco que tinha no lugar do rabo, e olhou para mim inquisitivo. Você também se lembra deste lugar, hein, amigo? sussurrei acariciando-o.

Era o fim de uma viagem muito longa. Havíamos levado quase seis anos para chegar ali, desde o dia em que saímos das ruínas de Gulfport. Seis anos de viagem incessante, encontrando vários pequenos grupos ao longo do mundo, que pouco a pouco ia renascendo de suas cinzas.

O planeta ainda era um lugar perigoso. Embora já fizesse mais de quatro anos que ninguém via nem ouvia falar de um não morto, nem todos os grupos humanos que haviam sobrevivido eram amistosos ou pacíficos. Pouco a pouco, ia se instaurando de novo uma ordem social muito precária, mas que não era nem uma remota sombra do que havia sido o mundo antes do Apocalipse. A Segunda Idade Média, diziam alguns. Por outro lado, o TSJ ainda continuava correndo nas veias de muitos sobreviventes. Por algum motivo misterioso, embora Lucía e eu estivéssemos infectados, o pequeno Víktor parecia imune ao vírus. Ao que parecia, ao ser transmitido de mãe para filho, o TSJ sofria uma mutação e perdia toda a sua virulência. Em poucas gerações, não seria mais que uma má recordação. A porta continuava aberta, tal como a havia deixado anos atrás. Entrei com cuidado, seguindo Lúcuo, que como um raio correu para o quintal dos fundos, onde tantas boas horas havia passado. Minha casa estava um desastre. Uma família de raposas havia montado sua toca em minha sala e o piso de cima estava arruinado por causa das infiltrações de água. Os móveis cheiravam a umidade, e a tinta das paredes estava descascada, mas, ainda assim, eu estava feliz. Estava em casa.

Fui até o móvel da sala e abri a primeira gaveta de cima. Lá dentro, bem preservados dentro de um envelope plástico, estavam os álbuns de fotos de minha família.

Meu último vínculo com o passado. Lucía e Víktor entraram atrás de mim, de mãos dadas. Meu filho olhava tudo com curiosidade, mas com prudência. Sabia muito bem que uma casa em ruínas podia ser um lugar perigoso. As crianças do Novo Mundo tinham uns conhecimentos muito diferentes dos de antes do Apocalipse. O que vamos fazer agora, Manel? perguntou Lucía, apoiando sua cabeça

em meu ombro. — Para onde vamos? Não sei — respondi com sinceridade. — Mas não importa. Estávamos vivos. Havíamos sobrevivido à prova mais difícil da humanidade.

E dali em diante o mundo nos pertencia.